

The background of the book cover features a close-up, high-contrast photograph of a man's face and hand. The man has a beard and is wearing a dark suit, white shirt, and dark tie. He is holding a crumpled white piece of paper in his right hand. The image is dark and grainy, with a prominent spiderweb-like crack pattern on the right side. The title 'NA TEIA DA MÁFIA' is overlaid on the image.

NA TEIA DA MÁFIA

UM ROMANCE ESCRITO POR
LALA CAVINATO



NA T, EIA DA MAFIA

UM ROMANCE ESCRITO POR
LALA CAVINATO



LURIA BOOKS
EDITORA ONLINE

Produção Editorial	Luria Books
Capa	Lilly Desiggn
Preparação de texto	Cinthia A.P
Revisão Ortográfica	Patrícia Suellen
Diagramação	Cinthia A.P.

+18

LIVRO DIGITAL

1ª edição

CRIADO NO BRASIL

Copyright © 2023 by Lala Cavinato

Todos os direitos reservados a Luria Books e protegidos pela lei nº 9.610 de 1998.

Nenhuma parte desta obra pode ser utilizada ou reproduzida, sob qualquer forma ou por quaisquer meios existentes sem a autorização prévia e escrita da editora, salvo em breves citações, com a indicação da fonte.

A violação dos direitos autorais é crime passível de punição, conforme descrito no artigo 184 do Código Penal.

Esta é uma obra de ficção cujo intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora e qualquer semelhança com fatos reais é mera coincidência.

Texto revisado conforme o Novo Acordo Ortográfico



Direitos de publicação cedidos a Luria Books

luriabooks@icloud.com

@luria.books

SUMÁRIO

PRÓLOGO

01

02

03

04

05

06

07

08

09

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[47](#)

[47](#)

[48](#)

[49](#)

[50](#)

[51](#)

[52](#)

[53](#)

[54](#)

[55](#)

[56](#)

[57](#)

[58](#)

[59](#)

[60](#)

[61](#)

[62](#)

[63](#)

[64](#)

[EPÍLOGO](#)

[O LEGADO DE TIZIANO](#)

[A CONQUISTA DE LEONELLO](#)

[O RETORNO DE SIMONA](#)

[SUPERANDO TRAIÇÕES](#)

[REDES SOCIAIS DA AUTORA](#)

SINOPSE



*Orion Meirelles, era um homem agressivo que vivia em função do seu trabalho.
Ao longo dos anos, muitos tentaram derrubá-lo, porém, ninguém foi inteligente o suficiente
para, de fato, conseguir.*

*Mas algumas coisas estavam prestes a mudar, ainda mais depois que Isla Maria decidiu ir
trabalhar em sua casa com um propósito duvidoso, mudando os parâmetros de perigo que
ele conhecia.*

*Ódio, vingança, desejo e muitas reviravoltas fazem parte desse cenário excitante e
comovente.*

PRÓLOGO

Orion poderia dizer que aquele era mais um dia como outro qualquer em sua vida, mas a verdade era que, não somente seria um divisor importante, como também um marco em sua história.

Sabe aquele papo de que casamento era um momento especial? Bom, seus pensamentos quanto a esse assunto eram mais céticos e práticos.

Ele via o matrimônio como um acordo com múltiplos benefícios, não somente financeiros, já que a ideia de poder ter uma gostosa à sua disposição sempre que quisesse não lhe parecia algo ruim.

Sua vida sempre foi pautada em cálculos e projeções que o favorecessem, simples assim, sem qualquer sentimento de culpa pelos corpos deixados pelo caminho, e com seu casamento não seria diferente. Afinal, ser chefe da maior organização criminosa do Brasil não era como descrito nos livros de romance, nos quais o mocinho virava uma *gazele* apaixonada.

Com Orion, isso jamais iria acontecer.

O trabalho ocupava trinta horas do seu dia e mente, sem espaço para qualquer outra coisa. Além do mais, Orion Meirelles não possuía pontos fracos e obviamente não pretendia ter alguém que se tornasse um.

Cada passo que deu em sua vida foi extremamente ponderado e medido, desde que era apenas um menino de periferia. Cresceu

presenciando o tráfico dominar o local onde morava, sem qualquer proteção, já que os criminosos disseminavam o medo como forma de receber o respeito das pessoas.

Aquela fantasia de que os marginais protegiam a população era a porra de uma balela. Novamente, isso só acontecia em histórias inventadas por mentes romanescas e iludidas, pois a realidade era muito mais assombrosa.

Mesmo com pouca idade, ele já sabia que aquele era o caminho oposto ao do sucesso. Claro que essa palavra apresentava significados diferentes para cada um, todavia, para Orion, expressava poder, tanto para o bem de sua comunidade como para si próprio, uma vez que, em sua cabeça, um estava atrelado ao outro.

Quando tinha treze anos ele se mudou, juntamente com o irmão mais novo, para a casa onde sua mãe prestava serviços domésticos.

Naquela época, estavam em um momento muito difícil da vida e passando por dificuldades, tanto financeiras como no âmbito emocional devido à ausência de seu pai.

O maldito os tinha abandonado, deixando-os sem qualquer suporte. Todos passaram fome e por muitas outras situações deprimentes, até sua mãe começar a trabalhar em casas de família, visto que não tinha nenhuma outra habilidade para conseguir sustentar os filhos.

Nesse período, por mais que Orion tivesse tentado ajudar, não havia muito que pudesse fazer. Ele era apenas um garoto mirrado e Linda jamais permitiu que os filhos faltassem a aula, independentemente da circunstância.

Todavia, por alguns meses, foi por meio dos *bicos* de Orion que conseguiam almoçar e jantar, ainda que não fosse uma regra. O abandono e a necessidade forjaram muito de sua personalidade, mas quem a definiu de fato foi o novo patrão de sua mãe.

Roger apareceu em um momento crucial na vida deles. Linda, que fizera serviço de diarista em algumas casas, foi indicada a ele

para compor a equipe que cuidava de sua mansão, e conseguiu a vaga. Aquilo restaurou a fé de sua mãe e mudou o destino da família como eles nunca poderiam imaginar.

O velho senhor, dono de um patrimônio inimaginável, era sozinho na vida e um ótimo juiz de caráter – algo que existia mesmo entre foras da lei. Não demorou muito para ele enxergar o lado sombrio do filho mais velho de sua nova contratada e o inserir em um caminho sem volta.

Ele era chefe do Condão, uma poderosa organização criminosa, no entanto, o rapaz só teve conhecimento de tal informação após alguns anos morando naquela residência, afinal, embora Roger visse nele tudo o que procurava, era natural que quisesse ter certeza de que Orion era de confiança.

Após meses e meses ajudando em coisas que não entendia totalmente, enquanto era secretamente treinado, Orion foi inserido nos negócios por completo e não decepcionou. Seu “guru” costumava dizer que a melhor coisa que ele fez na vida foi levar Orion para dentro de seus negócios, pois devido às ideias inovadoras do arguto rapaz, em apenas cinco anos o Condão saiu da segunda posição e se tornou a maior máfia do Brasil.

Eles faziam de tudo um pouco: tráfico de armas, contrabando, prostituição, tráfico de influência, mas, principalmente, jogos de azar.

Diferente da maioria, Orion não se considerava uma vítima da sociedade ou do meio em que foi criado. Sempre foi consciente do que o cercava e inteligente o suficiente para agir e arcar com as consequências de seus atos. Compreendia que ir pelo caminho obscuro era como entrar em um túnel tenebroso, contudo, esse seu lado sempre falou mais alto.

Por ter crescido tanto em tão pouco tempo, o rapaz era invejado por muitos que queriam tomar seu lugar a qualquer custo. Após várias tentativas de assassinato, tornou-se perito em manter sua família, e a si mesmo, em segurança.

Desde seu nascimento, Orion foi um lutador, já que mesmo nascendo de seis meses e tendo que ficar mais de duzentos dias na UTI neonatal, superou as adversidades. Aquela foi a primeira batalha que vencera.

Devido à porta em que escolhera entrar e também ao que possuía dentro de si, considerava-se diferente, até mesmo daqueles que, como ele, optaram por seguir pelo lado obscuro.

Não era adepto a festas, brincadeiras, futebol ou *azaração*, coisas comuns entre os homens. Pelo contrário, contra todas as expectativas, apreciava mais estudar e, assim como Roger, era um exímio medidor de caráter, talvez por sempre ter sido muito mais de observar do que de participar.

Linda costumava dizer que ele poderia ter sido tudo o que quisesse, tamanha era sua inteligência e sagacidade. Completava proferindo que, aquele oxigênio que faltou quando ele nasceu, fora o responsável por sua excentricidade.

Orion nunca se escondeu de sua mãe, ele jamais mentia, independentemente do assunto, por outro lado, também não revelava detalhes de seu envolvimento com Roger e o que aquela união havia gerado com o passar dos anos.

Havia coisas que ele considerava desnecessário mencionar, já que sua própria mãe também se esquivava do assunto, justamente por desconfiar que o filho tivesse ido por um caminho que ela não gostaria. Por isso, essa pauta jamais era discutida entre eles.

Respeitava sua mãe e as crenças dela, por isso, ela aprendeu a fazer o mesmo.

— Ainda dá tempo de deixar isso de lado — afirmou Linda, afetuosa, enquanto ele arrumava a gravata.

— Deveria saber que jamais abandono...

— Uma ideia — completou ela, revirando os olhos. — Conheço o filho que tenho.

— Exatamente — sentenciou Orion com um sorriso de lado quase imperceptível. — Achei que gostasse dela — completou,

provocando-a.

— Por acaso sou eu que vou me casar?

Orion não respondeu, porém, parecia se divertir com aquela conversa. Ainda que não pudesse dizer o mesmo de Linda. O filho já tinha 34 anos, mas se preocupava como se ele ainda fosse uma criança.

— Você está sendo irracional — continuou ela.

Muito pelo contrário, veio a sua mente instantaneamente. Jamais tomou qualquer atitude em sua vida sem calculá-la em detalhes. Quando traçava um plano, passava boa parte do seu tempo escolhendo a melhor estratégia e o caminho menos perigoso.

Em sua vida pessoal não era diferente. Já sabia o que esperar daquele casamento e ele aconteceria por bem ou por mal.

— Desde nossa primeira, e última, briga, prometi não me meter em sua vida. Mas...

— Então mantenha sua promessa... — cortou Orion, sutil, mas incisivo.

— Casamento é algo sagrado — continuou Linda, persistente.

— Por que tanto sentimentalismo? É um contrato como qualquer outro — declarou, tranquilo e confiante, tendo total certeza do que estava prestes a fazer.

Olhando-se no espelho, Orion percebeu que seus olhos, que costumavam ser verdes, estavam mais escuros, dando um ar sombrio ao seu rosto.

Passou a mão pela barba, que começava a despontar por sua pele, e sentiu o metal de seu anel de ouro branco contornar o rosto quadrado e sério.

— Negócios, negócios e mais negócios. É só nisso que pensa?

— Sim — respondeu, sincero, virando-se para ficar cara a cara com a mãe. — Não sou como todo mundo. Não preciso de amor ou qualquer desses sentimentalismos irrelevantes. Está se preocupando à toa.

Linda se aproximou, erguendo a mão para acariciar seu rosto antes de falar:

— Se engana ao pensar que minha apreensão é direcionada a você. Minha preocupação está naquela moça inocente.

Orion riu, sem nenhum humor.

Respeitava imensamente a mãe, entretanto, não permitia que ninguém, interferisse em seus negócios. Então, antes que ela comesse a defender a *fulana* que logo se tornaria sua esposa, tratou de finalizar aquela conversa.

— Pois não deveria — respondeu, afastando-se —, de inocente ela não tem nem um fio de cabelo.

Subitamente, Calisto, seu braço direito, entrou no quarto, desanuviando o clima pesado.

— Chefe...

— Cinco minutos — informou Orion ao magricela tatuado, que se retirou rapidamente. — A senhora está deslumbrante — cortejou, mudando de assunto. — Não vamos fazer deste um dia ruim, afinal, é uma celebração. Certo?

— Cara de pau — retrucou ela, dando um tapinha em seu peitoral. — Esse assunto não acabou.

— Eu sou seu filho, não ela — declarou, pegando no braço da mãe e o enlaçando ao seu.

— Mas o que você está fazendo é...

— Mãe, chega! Nada do que a senhora disser me fará mudar de ideia, então não perca nosso tempo com argumentos irrelevantes.

Orion a conduziu pelo largo corredor da mansão, desceu pelas escadas de madeira maciça e seguiu até o hall. Ao passarem pela grande porta de entrada, viram sua *Ferrari 275 Spider* preta à espera.

— Vamos para a igreja com ela?

— Por que não?

— Claro — retrucou Linda —, por que não?

— Sinta-se privilegiada, pouquíssimas mulheres tiveram o prazer de se sentar aí — gracejou Orion, acomodando a mãe no banco do carona para, logo em seguida, dar a volta e entrar no lado do motorista.

Antes de fechar a porta, viu Nicolas acenar positivamente com a cabeça, confirmando que toda a sua segurança estava a postos e os acompanharia de perto, como de costume.

De sua casa até a igreja dava um pouco mais de vinte minutos e sua mãe não tocou naquele assunto incômodo outra vez, ao que ficou grato. Nada o faria mudar de ideia, não quando estava prestes a se tornar o homem mais poderoso da América.

Assim que chegaram, tratou aquela situação como se tivesse entrado em um de seus escritórios, para uma reunião corriqueira.

Orion não estava nervoso, sequer sentia algo dentro de si, apenas o desejo que aquilo acabasse para, finalmente, seu desejo de vingança e poder se concretizasse.

Posicionou-se no altar e aguardou, recebendo alguns poucos cumprimentos da meia dúzia de pessoas presente no local. Quando a marcha nupcial se iniciou a atenção foi toda para a pesada porta de madeira que se abriu lentamente, revelando Isla Maria. Seu semblante mostrava uma felicidade que contagiava a todos, tamanha era a carranca que a criada despontava e isso quase o fez rir, quase.

Mas então, antes que pudesse ter qualquer outro pensamento, tudo escureceu. A última coisa de que se lembrava era de um anjo caminhando em sua direção.

1

MESES ANTES...

Nunca, em tempo algum, um homem deteve tanta influência no Brasil quanto Orion Meirelles.

As eleições para governador do estado de São Paulo tinham acabado de acontecer e Hugo só ganhou por causa dos pauzinhos que se dignou a mexer para que o *engomadinho* ficasse na frente das câmeras, sorrindo e acenando.

Se seu eleitorado soubesse quem ele era de verdade, o resultado, decerto, teria sido outro.

No entanto, para Orion, sua índole não interessava, tudo o que importava era o que ganharia com aquilo. Nunca entrava em um negócio sem antes pensar muito bem e contabilizar os ônus futuros que cada aliança proporcionaria.

Era um homem calculista e extremamente inteligente, não entrava em um jogo para perder, essa palavra não existia em sua gramática. Por isso, antes de fechar qualquer negócio, usava sua balança dos riscos – como costumava chamar –, para definir o melhor caminho.

Fazia suas ponderações recluso consigo mesmo, até estar satisfeito com todas as possibilidades expostas.

Alguns o consideravam *caxias*, tamanho era seu rigor com que geria seus negócios, mas somente ele sabia que era igual – ou talvez pior, dependendo do ponto de vista –, em sua vida pessoal.

Apenas uma pessoa o conhecia bem o suficiente para saber que ele não havia chegado ao topo por sorte ou coincidência e essa pessoa era sua mãe.

Fazia alguns anos que ele a tinha levado para morar consigo e mesmo contra a vontade dela, Linda não teve muitas opções. Ela achava a casa dele grande demais, muito diferente do lugar em que sempre viveu. Porém, na mesma época descobriu um câncer e devido a isso, teve que abrir mão do orgulho e foi morar com ele.

Após meses de tratamento, foi mais fácil convencê-la a ficar. Isso não queria dizer que ela tivesse passado a concordar com o estilo de vida do filho ou com o que ele fazia para manter tudo aquilo, mas ela o amava e para não se indispor, combinaram de manter aquele assunto na gaveta, como sempre o fizeram.

Orion teve a quem puxar o senso crítico e inteligência apurada, pois Linda realmente era foda, e não assumia isso somente porque ela havia o gerado ou pelo respeito que, claramente, possuía por ela, mas porque era verdade.

Fora toda a força que precisou para criar dois meninos sozinha, sem ter o apoio sequer da própria família, pois ninguém gostava de Flávio, que de fato não valia nada e na primeira oportunidade que teve, fugiu com a vizinha.

Orion não ousava chamá-lo de pai, ele não merecia tal título. Para sua infelicidade, nunca tivera a oportunidade de o confrontar, visto que o miserável morava no Nordeste e fez o grande favor de nunca mais voltar.

Obviamente que o filho o acompanhava de longe e sabia que o vagabundo tinha mais de seis divórcios nas costas e se ele soubesse de todo dinheiro que Orion possuía, já teria ido atrás, todo arrependido. Mas nem Flávio, muito menos pessoas de bem daquele país conheciam sua identidade.

Orion detestava holofotes, mesmo entre seus pares, poucos sabiam sua fisionomia e fazia questão de manter daquela forma. Aquele foi mais um dos motivos para ir morar afastado do ferve de São Paulo.

Sua mansão ficava em Campos do Jordão, no Alto do Ipiranga. Possuía uma vista espetacular e privilegiada de diversos hectares de mata virgem, além, obviamente, do clima ameno e fresco que tanto apreciava.

Depois da corrida que fazia toda manhã, de domingo a domingo, Orion se trancou em seu dormitório e foi tomar banho.

Seu quarto não era como outro qualquer, possuía um conceito aberto e um deck de madeira, onde ficava uma banheira redonda, já cheia de água quente, onde entrou e ficou encarando a bela vista. Os jatos da hidromassagem colidiam com sua pele, deixando um rastro quente e relaxante.

Naquele momento, um breve filme passou em sua cabeça. Viu o quanto sua trajetória foi longa e tortuosa, afinal, não existia fórmula mágica para o sucesso, cabia a cada um descobrir como fazê-lo com seus próprios, e únicos, ingredientes.

Mesmo que fosse imensamente grato a Roger por ajudá-lo naquele caminho, Orion sabia que tinha transformado o Condão em uma organização muito mais respeitada e conhecida.

Multiplicou ganhos e parceiros, derrubou barreiras continentais, além da influência que exercia dentro da política e no meio empresarial.

Após a morte de seu padrinho, vítima de um infarto fulminante, Orion que herdou tudo, como previsto, assumiu o controle total dos negócios e ainda que já tivesse nessa função nos últimos anos, o início foi desafiador, mas com o passar dos anos, acabou colocando tudo nos eixos.

Sentiu muito mais a morte de Roger do que o abandono por parte de seu progenitor, visto que seu padrinho o recebeu como o filho que nunca havia tido.

Orion sentia um afeto mútuo e verdadeiro pelo homem que lhe mostrou o caminho das pedras, sem nunca mentir ou fantasiar a situação que estavam envolvidos. Por esse motivo, cresceu um sentimento de admiração genuíno, pois eles pensavam e encaravam a vida de forma muito parecida.

Era curioso pensar que um *estranho* tivesse tomado todo esse respeito ao mesmo tempo em que seu próprio sangue poderia morrer atropelado sem que um mísero lamento passasse por sua cabeça.

— Som, *Stand by me* — ordenou Orion, encostando a cabeça e fechando os olhos ao ouvir os primeiros acordes da música dos anos 1960 soarem.

Ele costumava dizer que havia nascido na geração errada, pois seus gostos musicais eram compatíveis com seu interior ancião. Mas a verdade era que tinha se acostumado com as músicas que seu padrinho ouvia e, por isso, devia a ele aquele bom gosto, uma vez que, antes dele, seus tímpanos eram atacados pelos funks que costumavam ouvir na periferia.

Desde então, nenhuma música dos anos 2000 para frente era do seu agrado, preferia as antigas que falavam de sentimentos verdadeiros. Isso não queria dizer que simpatizava com o sentido das letras ou mesmo que acreditava nelas.

Assim era Orion. Excêntrico à sua maneira e completamente cético no amor.

Não era à toa que ainda não havia uma aliança no anelar esquerdo. Não suportava nenhum tipo de dominação ou controle. Considerava-se um espírito livre e mesmo que firmasse compromisso futuramente, seria guiado do seu jeito e com propósitos muito bem definidos.

Ainda assim não estava em seus planos próximos – ou futuros –, entrar em um matrimônio.

Quase todos os homens poderosos do submundo eram casados – mesmo que por conveniência –, e isso era claramente um ponto negativo, já que uma mulher indefesa era a opção número um para inimigos concretizarem uma vingança certa.

Por esse e muitos outros motivos, Orion preferia a solidão, pois já estava habituado a conviver consigo mesmo.

Ainda de olhos fechados, ouviu, ao longe, seu celular apitar denunciando o recebimento de uma mensagem, porém, ainda

estava imerso na água quente, ouvindo as músicas preferidas tocando, uma atrás da outra.

Após vinte minutos, sentiu-se satisfeito e saiu da banheira.

Com uma toalha enrolada na cintura, marchou até a pia e desembacou o espelho suado com a mão para poder dar uma acertada na barba.

Orion não podia reclamar de sua aparência, era um homem vaidoso e sabia que sua altura, os músculos marcados e o belo par de olhos verdes chamavam a atenção, tanto de mulheres quanto de homens.

Não foram poucas às vezes que sua mãe insistiu para que seguisse a carreira de modelo, mas era óbvio que aquele mundo não era para ele. Preferia se destacar por seus feitos a uma beleza que tinha tempo contado para acabar.

Ele não tinha nada contra, visto que seu irmão mais novo, Taurus, havia seguido o conselho e se tornado um modelo famoso em Milão. O que coincidiu perfeitamente com a vida que levava, porque quanto menos pessoas com quem se importasse estivessem ao seu redor, melhor...

O bom era que, diferente dele, seu irmão ainda usava o sobrenome do progenitor de ambos, de modo que não havia como associá-los.

Ele sentia saudade, mas aquela era sua filosofia de vida, infinitos contatos, muitas pessoas conhecidas, porém, somente duas detinham seu apreço verdadeiro: Linda e Taurus.

O restante não o importava.

Quando terminou de fazer sua higiene, penteou os cabelos castanhos para o lado, domando-os com um pouco de gel, e caminhou até o closet, onde escolheu um entre seus muitos ternos escuros.

Quando já estava pronto, foi ver quem tinha resolvido incomodá-lo às seis da manhã, mas se arrependeu no instante em que leu o nome Caetana.

Ela costumava chamá-lo de namorado, mesmo sem nunca terem oficializado nada. Não podia negar que era cômodo ter uma gostosa esquentando sua cama de vez em quando, especialmente uma que fazia todas as suas vontades.

Contudo, não estava a fim de falar com ela.

Depois de ignorá-la, saiu de seu quarto e subiu um lance de escadas até seu escritório.

A primeira coisa que fez foi preparar um expresso na cafeteira, o qual tomou apreciando a vista.

Ele jamais se cansaria de encarar a imensidão de vales e árvores que tinha à sua disposição. Sempre que se colocava em frente a uma das janelas de sua casa, sentia que havia feito a escolha certa ao se mudar para aquela cidade, pois tudo aquilo trazia certo acalento e segurança.

Ao terminar, foi para frente do computador conferir os números de sua nova casa noturna, em Santa Catarina, seu projeto mais caro e ambicioso.

Ergueu um prédio comercial com trezentos metros de altura em Balneário Camboriú, deixando os cinco últimos andares da enorme torre para sua casa noturna que, em menos de um mês de inauguração, estava batendo recorde de faturamento.

Mas o que de fato lhe proporcionava um rendimento além do inimaginável, era o cassino que ocupava três dos cinco andares.

Milionários dos mais variados tipos iam se divertir e acabavam deixando escrituras de mansões, carros importados e heranças em nome de uma coisa chamada vício.

Apesar de ser seu trabalho, Orion não gostava de nenhum tipo de dependência, pois sabia que era um caminho sem volta para a ruína. E mesmo que tivesse como clientes políticos, juízes, grandes empresários e até mesmo policiais federais, não se deixava deslumbrar por ter pessoas tão importantes frequentando seus estabelecimentos. Em sua cabeça, nenhum deles era seu amigo, mesmo que mantivesse alguns em sua folha de pagamento mensal.

Uma batida à porta o fez voltar à realidade.

— Senhor — disse uma voz masculina do outro lado.

— Entre, Calisto — ordenou, deixando o computador de lado.

— O jato particular que alugamos já está aguardando. Assim que quiser, podemos seguir viagem.

— Devo terminar o balanço em uma hora — informou.

Calisto era um homem exótico e cheio de tatuagens espalhadas pelo corpo, nem mesmo seu rosto havia sido poupado.

Orion nunca tinha visto o homem sorrir, e, assim como ele próprio, seu braço direito não ficava distribuindo gentilezas, o que para ele não fazia qualquer diferença, desde que continuasse desempenhando sua função com maestria.

Calisto fazia parte da *herança* de Roger, visto que já trabalhava com seu padrinho antes mesmo do rapaz chegar à vida dele. Como se davam muito bem, manteve-o como seu braço direito e, desde então, a parceria estava funcionando de forma satisfatória.

— Certo — respondeu e saiu, fechando a porta atrás de si.

Novamente só, Orion voltou sua atenção para a tela.

Conforme planejado, passou mais de uma hora ali dedicado a não deixar passar um mísero número de seus cálculos. Quando ficou satisfeito, desligou o notebook e saiu do escritório, trancando a porta.

Desceu os dois lances de escadas com tranquilidade. Tinha aprendido a ser silencioso, mas o piso de madeira do térreo denunciou sua chegada à Linda, que estava na sala de estar.

— Vi passarem com uma mala — disse ela, despretensiosa, colocando o livro que estava lendo em cima da mesa de apoio. — Quando volta?

— Amanhã à noite. Se precisar... — respondeu, aproximando-se da mãe.

— Eu sei — interrompeu com um sorriso no rosto, levantando-se. — Que Deus o acompanhe, meu filho.

Linda o puxou para baixo e depositou um beijo em sua testa.

Orion acenou levemente com a cabeça e se foi.

— O esquema de segurança está a postos? — inquiriu ele para Calisto antes de entrar em um enorme SUV preto.

Se já era um homem precavido, quando o assunto era segurança, sua atenção se multiplicava por mil, ainda mais quando Linda estava no meio.

Ausentava-se apenas quando era estritamente necessário, o que acontecia, pelo menos, uma vez por mês por conta de seus negócios. Mas quando o fazia, aquela casa ficava mais protegida que uma prisão de segurança máxima.

— Sim. Aquele que sempre fazemos quando você se ausenta — respondeu Calisto.

— E o Nicolas, onde está?

— Aqui — contrapôs o jovem, aparecendo em sua visão.

Eles dois se conheceram quando Orion ainda morava na comunidade e quando teve autonomia para tanto, fez questão de chamá-lo para fazer parte da organização, quando Roger ainda estava vivo.

Apesar de tímido e reservado, Nicolas era devotado e possuía sua total confiança, assim como Calisto, e o considerava seu braço esquerdo.

— Quero você aqui pessoalmente com Linda.

— Claro — concordou, encarando-o com seriedade.

— Logo estaremos de volta, mas não hesite em ligar caso aconteça algo — declarou, entrando no automóvel sendo seguido por Calisto e Alberto, seu chefe da segurança.

Em vinte minutos, estavam no aeroporto particular. Após passarem por todos os trâmites, seguiram para o jato. Próxima parada: Itália.

2

Pela janela da aeronave, Orion observava sua terra ficando cada vez menor.

Como voar não era sua atividade preferida, mantinha-se entretido o caminho inteiro.

Embora o avião não fosse seu, ele o conhecia muito bem, pois fazia questão de alugar o mesmo todas as vezes que precisava viajar. Culpa de seu zelo acentuado, apesar de alguns dizerem que era por ser metódico demais.

Embora a quantidade de dígitos em sua conta fosse bem elevada, mantinha seus pés no chão sempre que possível, sem ostentação, talvez por sua origem. O fato era que preferia investir em coisas realmente úteis, portanto, ter um avião que usaria uma vez por mês não se enquadrava nisso.

Ele não se importava em saber que *fulano* tinha isso ou aquilo e ele não. Sabia que os Pellegrini^[1] possuíam uma frota inteira, mas isso não o instigava a fazer o mesmo, não havia competição com relação àquilo.

A verdade era que Orion estava se fodendo para quem quer que fosse. Deixava as pessoas pensarem e falarem o que quisessem porque, no final, o que de fato importava eram os resultados que via em seu balanço diário e, principalmente, nas contas divididas em paraísos fiscal.

A única coisa que fez questão de ter foi uma pista para facilitar sua vida e não perder tempo em trânsito, já que cada minuto era precioso.

Aproveitava essas viagens para fechar novos negócios ou alianças. E quando as duas coisas aconteciam em simultâneo, melhor ainda.

Depois de uma bela tempestade e muita turbulência, o avião finalmente aterrissou.

Sem perder tempo, foi direto para o hotel se preparar para um evento que aconteceria naquela noite.

Arrumou-se como de costume, com seu terno preto, o cabelo bem alinhado e perfumado na medida certa. Quando deu a hora, saiu com Calisto em seu encalço rumo à festa para a qual iria como convidado de honra.

Há alguns meses havia estreitado os laços com a Itália, o que gerou benefícios satisfatórios para ambos os lados, e pretendia manter daquela forma, expandindo sua influência e mercado.

Aproveitou cada minuto daquela noite cultuando alguns laços já feitos e firmando outros novos. Somente por aquilo, a viagem já tinha valido a pena.

— Espero que esteja aproveitado a festa — declarou o anfitrião em um inglês impecável.

— Certamente, está tudo perfeito — respondeu Orion, bebericando sua água com gás e limão.

— Também não é adepto do álcool? — inquiriu o desconfiado italiano, olhando para seu copo.

— Na verdade, não.

Leonello Pellegrini^[2] acenou com a cabeça em agrado e um silêncio confortável pairou por alguns segundos enquanto ambos se encaravam. Afinal, apesar de os negócios de ambos estarem em expansão, ainda eram dois mafiosos poderosos.

— Pelo jeito, temos mais em comum do que imaginamos.

O chefe da máfia italiana era conhecido por seu potencial altamente cruel. Nos bastidores do submundo corriam boatos do que ele passara para chegar onde estava, e mesmo que as histórias de vida dos dois fossem distintas, havia certa familiaridade em seus caminhos tortuosos.

— Espero que sim — contrapôs Leonello.

Eram dois homens importantes e perigosos, então era natural pairar um clima tenso e desconfiado no ar, uma vez que pessoas como eles não costumavam sair distribuindo confiança para qualquer um.

Mas já era quinta vez que se encontravam no último ano e cada vez mais Orion sentia que Leonello seria sua aliança perfeita na Europa.

— Papai — disse uma voz feminina e aveludada.

Ao olhar para o lado, viu uma garota se aproximar.

— Esta é minha filha mais velha, Bella. Querida, este é um parceiro de negócios, Orion Meirelles, ele veio do Brasil.

— Prazer — cumprimentou, contido, acenando a cabeça.

Ela, em contrapartida, se aproximou e lhe deu um beijo na bochecha.

Orion ficou petrificado, pois no meio em que viviam, qualquer olhar bobo para a esposa ou filha dos chefes, poderia significar uma desavença imediata ou até morte.

— O quê? — indagou Bella. — Não é assim que se cumprimentam no Brasil?

Leonello encarou a filha, transbordando raiva, e Orion de imediato soube que aquela era uma briga na qual não estava a fim de se envolver.

— Com licença — apressou-se em dizer, afastando-se, enquanto ouvia o anfitrião ralar com a filha.

Orion não era cego e Bella realmente fazia jus ao nome que carregava, apesar da pouca idade – ela deveria ter dezoito, no

máximo —, era uma linda mulher, mas cheia de personalidade. E pela forma como o encarou, estava louca para arrumar confusão.

Mas não com ele.

Quando parte dos convidados começou a se despedir, Orion fez o mesmo e retornou ao hotel; queria descansar, já que na manhã seguinte participaria de duas reuniões antes de voltar ao Brasil.

Ao entrar em seu quarto, ficou irado ao ver Bella sentada em sua cama, usando apenas um roupão de seda preto.

— Puta merda — xingou em português. — O que faz aqui? — perguntou, daquela vez em inglês.

— Não é óbvio? — respondeu à pergunta com outra, enquanto se levantava e caminhava em sua direção.

— Pode parar — ordenou o brasileiro com as mãos erguidas, mesmo que a calça não conseguisse disfarçar a ereção que se fez presente só de saber a intenção da garota ao aparecer ali.

Bella era filha do *Don* italiano mais cruel de que já se ouviu falar e Orion era racional demais para deixar o tesão falar mais alto.

— Vamos ser sinceros? — começou ela. — Tenho meus motivos para estar aqui e sendo um homem inteligente, já deve ter adivinhado. — Quando ele apenas levantou uma sobrancelha, ela prosseguiu, exasperada: — Vamos lá, não será sacrifício algum — disse a abusada, passando a mão por seu peitoral.

Orion se abaixou ligeiramente e disse ao seu ouvido:

— Realmente, não seria sacrifício algum te foder a noite toda.

Bella continuou a passar os dedos delicados por seu corpo, até chegar à altura de seu pau, que saltava visivelmente.

— Mas você escolheu o cara errado para provocar seu pai — afirmou, agarrando firmemente o punho dela com a intenção de fazê-la parar. — Não permito que o prazer se sobreponha aos meus interesses e, por isso, não vou arruinar meu bom relacionamento com Leonello por causa de uma boceta.

— Nossa! — exclamou ela, falsamente ofendida. — Bom, é uma pena... Porque consigo ver o quanto está se esforçando para me rejeitar.

Orion, ainda com o punho dela preso, puxou o pequeno corpo para si e continuou:

— O sucesso requer renúncias. Alberto! — gritou, sem deixar de encará-la nos olhos.

— Sim — respondeu o segurança de quase dois metros de altura, entrando no quarto rapidamente, mal disfarçando o espanto de ver uma mulher ali.

— Leve-a embora sem que ninguém veja — ordenou, virando-lhe as costas. — Antes de sair, vista alguma coisa, e se chegar aos ouvidos do seu pai que fiz algo com você, eu mesmo a mato.

Parecendo se divertir, ela vestiu um pesado sobretudo.

— Orion Meirelles, você é um homem espetacular — assumiu ela, encarando-o. — Gostaria de ter sido apresentada a você antes ter me apaixonado por um babaca — prosseguiu, terminando de amarrar a faixa do sobretudo. Então, aproximou-se e lhe deu um beijo na bochecha —, mas eu amei te conhecer.

Assim que o problema saiu de seu quarto, pôde respirar fundo, torcendo para que ninguém a tivesse visto ali.

Por sorte, não precisaria se satisfazer apenas com seus pensamentos, uma vez que havia marcado um encontro.

Em menos de vinte minutos, uma linda morena entrou em seu quarto.

— Adorei o convite — disse a moça que ele havia conhecido na festa mais cedo.

Após Alberto ter feito uma rápida varredura na vida da mulher e não encontrado nada relevante, fez um discreto convite para uma noite sem compromisso, mas repleta de prazer.

E assim foi.

Não importava que jamais a veria novamente. Orion aproveitou cada segundo da madrugada, esquecendo-se do incidente com

Bella. Quando estava entre quatro paredes com uma mulher – ou várias –, seu lado comedido ficava um pouco de lado e não parava enquanto não estivesse saciado por completo.

— Foi uma experiência maravilhosa — deleitou-se a moça, quando ele voltou ao quarto, após tomar banho.

Haviam passado a noite toda acordados, aproveitando os prazeres da carne.

— Não sabia que vocês, brasileiros, eram tão bons em... Você sabe, satisfazer uma mulher.

— Agora já sabe — rebateu, começando a se vestir, gesto que ela imitou.

— Você poderia me passar seu...

— Você é ótima — elogiou —, mas como eu disse, sem compromisso.

Ela riu docemente, pegando a bolsa de cima da mesa.

— Tudo bem, quem sabe o destino faça o trabalho dele e nos coloque no mesmo caminho mais uma vez.

— Quem sabe...

Deixando a ideia no ar, ele se aproximou e depositou um beijo ardente nos lábios da linda morena à guisa de despedida.

— Se mudar de ideia... — disse a jovem de modo despretensioso, deixando um pedaço de papel com o número do celular sobre a mesa antes de sair.

Assim que ela fechou a porta, Orion terminou de se arrumar.

Depois de fechar a mala, guardou o laptop na bolsa de couro e colocou o aparelho celular no bolso, ignorando as várias ligações e mensagens que viu na tela inicial.

Revigorado, dirigiu-se ao elevador, pensando que não havia nada melhor para começar o dia, do que passar a noite fazendo sexo de boa qualidade.

3

Em vez de ir direto para São Paulo, Orion ordenou que o avião pousasse em Florianópolis. De lá, pegaria um carro rumo à Balneário Camboriú a fim de visitar sua mais nova casa noturna.

Devido a um problema na aeronave, acabaram demorando mais que o usual, afinal, imprevistos faziam parte do dia a dia e mesmo que isso o deixasse irritado, aproveitava para ocupar seu tempo com algo útil, ou seja, trabalhando.

Ainda que tivesse acompanhado de perto cada tijolo erguido, algumas visitas surpresas sempre caíam bem.

Cloud, como a batizou, era seu maior empreendimento e a mais nova *menina de seus olhos*. Quando Orion começou a colocar suas ideias megalomaníacas em prática, enfrentou homens muito ruins e só conseguiu vencer devido à sua persistência e discrição.

Nunca foi adepto a redes sociais, tecnologia inútil ou ostentação; considerava que tudo isso colocava a pessoa em foco, desencadeando inveja e uma curiosidade desnecessária.

Quando se falava em máfia, a primeira coisa que vinha à cabeça da maioria das pessoas era um bando de homens muito bem arrumados, influentes e desumanos, o que não deixava de ser uma verdade. Porém, a mente dessas mesmas pessoas sempre vagava para além das fronteiras continentais.

No Brasil, as organizações criminosas não eram conhecidas como máfia, pelo menos não da forma como era lá fora. Esse título

ficava para os italianos com a Cosa Nostra, os russos com a Bratva ou até mesmo os japoneses com a Yakuza.

Orion achava que isso acontecia porque seu país não possuía um nome realmente forte, um homem poderoso e dominante o suficiente para atuar em diversos segmentos, diante disso, batalhou para ser esse nome e não ficou satisfeito enquanto seu objetivo não fosse alcançado.

Apesar de tudo isso, a verdade era que Orion não se importava com rótulos. Mesmo que o mafioso brasileiro fosse associado a um traficante qualquer, usuário de drogas ou até mesmo um bandidinho “comum”, para ele, ter chegado ao patamar em que se encontrava lhe gerava uma enorme satisfação, um sentimento célebre, difícil de explicar.

Orion não tinha a necessidade de mentir para si mesmo – ou para os outros. Ele era aquilo, sem títulos ou falsidades.

Entrou no submundo sabendo dos ônus e bônus. Enriqueceu através dele e ponto final.

Cada pessoa era responsável por suas escolhas e Orion tinha plena concepção das suas. No início, ele se sentiu como uma grande peça de metal sendo içada por um ímã gigante para dentro do submundo, ao ver que não tinha para onde fugir, desistiu de lutar e simplesmente aceitou fazer aquilo que sabia de melhor: liderar.

A justiça seria feita no dia do seu juízo final – se era que isso existia.

— Senhor — chamou Calisto, enquanto o carro seguia rumo à cidade conhecida por seus grandes arranha-céus. — Quer ir direto ou descansar antes?

Orion verificou o relógio, constatando que já passava da meia-noite.

— Iremos direto. O horário vai ser perfeito para vermos como está o funcionamento.

O tatuado acenou com a cabeça e passou a ordem a Alberto e ao motorista.

— Como foi a reunião? Acabou que não deu nem tempo para conversarmos.

Além de seu braço direito, Orion considerava Calisto como família. Ele estava vinte quatro horas à disposição, mesmo quando era ordenado a descansar, além de ter sido também o homem de confiança de Roger.

Ele não havia formado uma família e já até ouvira boatos de que o tatuado era homossexual. Para Orion, ele poderia gostar de homem, mulher ou cavalos, sua preferência não interferia em absolutamente nada, o que realmente importava era que exercesse o cargo que ocupava com responsabilidade e lealdade.

— Ótimo — respondeu de pronto. — Leonello é um homem sério, nossa aliança está cada vez mais forte.

— A filha parece ser bem difícil...

— Abusada — completou Orion, lembrando-se da fedelha atrevida.

— Pelo que ouvi dizer, o pai não a deixa namorar, mas a danada tem um namorado secreto... — explicou Calisto.

Orion riu internamente pensando que foi o que ele havia refletindo quando a viu em seu quarto de hotel. Somente uma jovem rebelde querendo que o pai fizesse suas vontades.

— Descobriu isso com ele?

— Não — retrucou o tatuado, carrancudo. — Ela não parava de falar sobre isso quando fui levá-la em casa, naquela madrugada. A menina é um livro aberto.

— Problema do Leonello — acrescentou Orion.

— Eu admiro a história dele — observou o outro homem. — Dizem que não foi nada fácil no começo.

— Nunca é, cada um tem a cruz que consegue carregar — concluiu no instante em que chegaram ao Cloud.

Dirigiram-se ao estacionamento localizado no subsolo e o motorista parou em frente a um elevador veicular, oculto para quem não conhecia sua existência.

Orion abriu sua janela e após a identificação ocular o liberar, entraram e levaram cerca de dois minutos para subir todos aqueles andares.

Chegando lá, pararam o carro em uma das cinco vagas reservadas para Orion. Ele desceu, acompanhado de Calisto, Alberto e mais um segurança, sem perder tempo.

— Vou direto para a cobertura e não quero ser anunciado. Podem circular à vontade — completou.

Ele sabia que não tinha como alguém subir sem ser identificado ou liberado por um dos cem seguranças que estavam espalhados em cada metro quadrado, então estaria seguro.

Do saguão onde estava, viu uma movimentação de pessoas querendo entrar na boate.

Assim que o segurança dali o avistou, liberou sua entrada e abriu a porta, acenando discretamente.

Orion caminhou pelo local escuro, observando as pessoas interagirem, beberem e se divertirem.

O salão tinha um conceito aberto e decoração luxuosa, com pequenas mesas de mármore negro espalhadas pelo salão e um enorme balcão no fundo, onde ficava o bar.

No andar de cima, com vista privilegiada, ficava o palco do DJ, assim como dez camarotes VIPs.

Depois de trinta minutos inspecionando aquele pavimento, encaminhou-se para os três últimos andares do edifício, onde o dinheiro de fato rodava.

Já no cassino, cruzou com alguns clientes exclusivos, todos fiéis e que adoravam apostar alto, pois além de satisfazer o ego deles, gostavam também de mostrar como eram afortunados para terceiros.

Homens mesquinhos e imaturos, porém, justamente por conta disso o deixava cada dia mais rico.

Após conversar com alguns deles, foi direto para a área reservada, onde somente Orion tinha acesso.

Sentou-se no sofá de couro preto, de onde conseguia vislumbrar toda a cidade – já que estavam no último andar –, e pediu uma água com gás e limão.

Direcionou seu olhar para o terraço. Lá havia uma piscina com borda infinita, toda iluminada com luz de LED azul, mas o que prendeu sua atenção foi uma linda loira com uma taça de champanhe na mão.

Ela estava extremamente sexy, com um vestido vermelho justo e os cabelos loiros soltos lançados conforme o vento orquestrava. De repente a mulher se virou e o encarou, como se sentisse que estava sendo observada.

Orion não era um animal, ele conseguia controlar bem seus anseios, mas aquela mulher fazia algo se acender dentro de si, como uma ligação instantânea. Mas assim que se levantou para ir até ela, foi abordado por Caetana, o que lhe causou estranheza e irritação.

— O que faz aqui?

— Como assim, amor? Sou sua namorada, não posso aparecer para te ver?

— Mesmo que fosse minha namorada, coisa que não é, não tinha o direito de aparecer assim. Nunca te dei a liberdade de ir e vir sempre que quisesse em meus estabelecimentos.

Orion estava em pé, de frente para Caetana, que mantinha a cabeça erguida, esforçando-se para encará-lo nos olhos.

— Então para esquentar sua cama eu sou boa, mas para sair em público não?

Ele respirou fundo, fazendo suas narinas inflarem, sinal de que ela estava conseguindo tirá-lo do eixo.

— Desculpe — pediu, rapidamente, percebendo a merda que havia falado. — Estava com saudades. Achei que me ligaria quando chegasse de viagem.

— Não sou obrigado a dar satisfação da minha vida.

— Eu sei, eu sei — concordou a moça de pronto. — Eu só... Sinto sua falta. Podemos esquecer esse rompante ridículo que tive e começar de novo?

Orion olhou para o terraço, no entanto, a loira não estava mais lá.

— Desculpe — pediu mais uma vez. — Quem sabe não posso compensá-lo de outra forma — disparou a safada em seu ouvido, acariciando suas bolas.

Caetana era uma mulher com personalidade forte e, na maioria das vezes, respeitava os limites que Orion dispunha. Mesmo que ela cismasse em acreditar que tinham um relacionamento, ele estava se fodendo para isso, porque já havia mencionado várias vezes que aquilo não era um namoro e ela não era criança para que fosse obrigado a repetir inúmeras vezes.

Ainda mantinha esse envolvimento porque tinha que admitir que ela era fogo na cama.

Nunca havia ficado com alguém que o deixasse tão maluco de tesão. A mulher sabia o que estava fazendo. Conhecía cada parte de seu corpo e onde possuía mais sensibilidade para gozar com vontade.

Ela era uma maluca, porém, uma maluca inocente que não oferecia riscos reais e se caso isso um dia mudasse, não pensaria duas vezes em fazê-la desaparecer de sua vida.

— Vamos, meu dengo... — disse, manhosa. — Sei que quer e eu já estou prontinha pra você.

— Não me chame assim — ordenou, grosseiro, invadindo o vestido dela e enfiando o dedo dentro da boceta molhada, uma vez que Caetana estava já sem calcinha. — Puta safada — sussurrou.

Orion esticou o braço até uma das paredes e acionou um botão que deixava os vidros da redoma em que estavam opacos, impossibilitando que vissem o interior.

Pegou-a pelo braço com força e a beijou.

Levantou o vestido curto dela e a virou de costas. Tirou um preservativo do bolso, abaixou a calça junto com a boxer e o desenrolou por sua extensão.

— Nossa, que saudade — resmungou a moça, apoiando as mãos no sofá e empinando a bunda, ansiosa por ser fodida.

Orion meteu sem dó, de uma vez só, então grudou as mãos nos quadris arredondados e começou a socar forte e fundo como Caetana amava. Ele enfiava e depois se afastava apenas o suficiente para meter de novo e de novo, ditando em ritmo frenético, enquanto a filha da puta gemia seu nome.

As peles batiam uma na outra, deixando uma sinfonia erótica no ar e fazendo suas bolas ficarem cada vez mais pesadas.

— Vou gozar — anunciou Caetana, quando ele levou uma das mãos até a boceta dela e massageou o clitóris túrgido. — Isso, delícia, aí...

Assim que gozou, ela caiu ofegante no sofá.

Orion a encarou e meneou a cabeça negativamente, chamando-a com o dedo.

— Ainda não.

Com um sorriso malicioso, ela se sentou no sofá, ainda com o vestido todo erguido, e puxou seu quadril.

Depois de jogar o preservativo longe, o engoliu profundo. Orion sentiu a cabeça do seu pau encostar na garganta dela, ainda assim ela não parava.

Segurou os cabelos cor de ferrugem no alto, enrolando-os com uma mão, ditando o ritmo que a cabeça dela ia e voltava, proporcionando a si mesmo um tesão foda demais.

Caetana fazia tudo aquilo o encarando e mesmo que os olhos estivessem lacrimejando, era notório que estava adorando vê-lo daquele jeito.

Depois de alguns minutos, ele não suportou mais e gozou no fundo da garganta dela, fazendo-a engolir cada gota do seu sêmen.

Assim que retirou seu pau, a maliciosa o encarou e limpou uma gota que havia escorrido no canto da boca e chupou, sorrindo.

— Você é tudo o que uma mulher deseja — disse ela, soando apaixonada.

Em seguida, tirou um pacote de lenço umedecido da bolsa e ofereceu e ele, que pegou prontamente. Após se higienizar, Orion ajeitou o terno e quando olhou, ela já estava arrumada, como se não tivessem feito absolutamente nada.

— Fiquei sabendo da festa — disse ela, despretensiosa.

— Não será uma festa — argumentou Orion, sabendo exatamente do que ela estava falando. — Será uma pequena reunião.

— Reunião em um aniversário se chama festa — contrapôs, sorrindo. — Será que eu poderia ir?

Orion a encarou, sério.

— Sabe que tenho minhas fontes... Por favor, é seu aniversário, queria estar junto.

Ele andou até a parede e acionou mais uma vez o botão, deixando os vidros translúcidos novamente.

— Irá como amiga — concretizou ele, encarando-a. — Esquece essa história de namorada de uma vez.

— Juro — prometeu, pendurando-se em seu pescoço.

Orion a afastou, caminhando para fora da sala com o olhar vitorioso dela ainda em cima de si.

— Meu consentimento com sua presença em meu aniversário não quer dizer nada, pelo menos não da forma como está imaginando. Espero que não esteja vendo algo que, na verdade, não existe — despejou o balde de água fria em Caetana antes de virar as costas e ir embora.

4

Os dez dias que se passaram não foram o suficiente para concluir algumas pendências que tinham ficado pelo caminho e Orion estava decidido a resolvê-las naquela tarde de domingo.

De tantos dias úteis para se dedicar, escolheu justo aquele quente e ensolarado para esse fim. Certamente perderia toda vitamina D enfurnado em seu escritório até o anoitecer, mas esse era um detalhe que não se importava.

Um de seus contêineres havia sido roubado e isso lhe tomou a maioria dos dias que se passaram, sendo assim, foi difícil se dedicar a outra coisa. Ao menos conseguiu chegar ao maldito corajoso que ousou roubá-lo.

No Brasil havia alguns homens metidos a espertos e audazes o suficiente para afrontá-lo, o que era uma estupidez sem tamanho. Qualquer um que estivesse dentro do submundo sabia de sua fama e o que seus negócios abrangiam.

Orion não mostrava as caras ou fazia questão de se autointitular como mafioso, assassino ou traficante, ainda assim, seu modo de trabalhar elevava sua fama a níveis estratosféricos. Como o ladrão que roubou sua mercadoria, naquele momento estava acertando as contas dele com o diabo sem alguns membros em seu corpo.

Afinal, não conseguia uma fama de cruel proporcionando uma morte rápida e indolor aos inimigos.

Para ser sincero consigo mesmo, matar pessoas não era sua parte preferida. Porém, entendia a importância, por isso fazia questão de estar à frente a cada tomada de decisão, sem terceirizar um serviço que era seu por honra.

Em contrapartida, sua vocação estava dentro do seu crânio com ideias geniais que revolucionavam o submundo e sua capacidade de glorificar qualquer negócio que entrava.

Sua mente era tão audaz, que conseguira o inimaginável: que o Condão fornecesse algumas armas para o exército brasileiro.

A escala de seus negócios estava muito além do que todos poderiam imaginar.

Mesmo com toda sua fama de mau e gerindo negócios multimilionários dentro da legalidade – e principalmente, ilegalidade –, sua mãe era a única pessoa a convencê-lo a concordar com a maldita festa que ela estava organizando para seu aniversário.

Linda era uma mulher muito mística e extremamente devota à astrologia – o que era nítido pelo nome que havia dado aos filhos –, mas por qual motivo isso era relevante? Porque ela cismou que aquele ano era o ano de Orion.

Aquele que mudaria sua vida.

Se ele acreditava nisso? Obviamente não.

Ele fazia o estilo mais pragmático e científico, jamais acreditou nem mesmo em horóscopo, todavia, Linda foi tão insistente que acabou cedendo. Por fim, pensou que uma confraternização não seria tão ruim.

Não comemorava seu aniversário desde... Orion nem ao menos se lembrava dessa informação.

De qualquer forma, os preparativos estavam a todo vapor no andar de baixo, enquanto colocava sua locomotiva nos trilhos novamente.

Em seu meio era assim, jamais havia dias monótonos. Sempre possuía coisas novas e desafiadoras para resolver em meio à *confusão organizada* que era sua vida.

— Orion, meu filho — chamou sua mãe do outro lado da porta.

— Entre — autorizou, após apertar um botão que a destrancava, localizado sob o tampo da mesa.

Sua mãe adentrou e, como sempre, parecia radiante.

Seus vestidos coloridos sempre transmitiam aquilo que ela realmente era, uma mulher para frente e radiante. Os cabelos loiros, na altura do ombro, estavam sempre soltos com pequenas mechas presas com presilhas também avivadas e brilhantes.

Não existia nada naquela mulher que transmitisse tristeza ou sobriedade, claramente seu oposto, mas de forma surpreendente Orion gostava da vida que ela trazia para aquela casa. Pois somente ela tinha essa capacidade.

— Você está o dia todo aqui. Que tal jantarmos? — inquiriu ela, esboçando um sorriso radiante e com as mãos no ombro.

— Preciso de mais uma hora.

— Nós nos vemos lá embaixo em sessenta minutos então — decretou a senhora gordinha, virando as costas.

— Dona Linda — chamou antes que ela saísse. — Já disse que não quero exageros, certo? — quis garantir.

— Fiquei até ofendida.

— Não estou brincando.

— Eu segui a lista — começou Linda a se defender. — Mandei os convites somente para quem estava lá e a decoração... Bem, é parecida com você, minimalista.

— Ótimo. Desço em uma hora — repetiu, dando fim a conversa.

Assim que Linda saiu, Calisto entrou em seguida. Ficou acertando informações e alguns pagamentos com seu braço direito, o que o fez terminar o trabalho em quarenta minutos ao invés de sessenta.

— Quero que ligue para o fornecedor na Índia, diga que a carga foi recuperada. Temos que deixar claro que somos um cliente

seguro para eles.

— Já fiz essa ligação — adiantou-se.

— Como está a movimentação depois da morte do Fagundes?

— Ninguém está surpreso com o fato de ele ter morrido, mas sim como aconteceu... Quem estava em cima do muro, já escolheu um lado e posso adiantar que não ficou ninguém do outro.

— É excelente que o objetivo tenha sido atingido — declarou, recostando o corpo truculento na cadeira de couro preto alisando um de seus anéis de ouro branco —, ainda assim quero que mude as rotas e reforce a segurança.

— Deixe comigo.

— Esses dias foram tão caóticos que nem ao menos perguntei como ficaram as coisas por aqui na minha ausência. O que Nicolas lhe passou?

— Sem novidades — respondeu de pronto Calisto. — Ele falou que foi uma tranquilidade só. Sua mãe não sai muito, o que facilita o trabalho deles — concluiu com um sorriso amarelo, mostrando um dente de ouro no incisivo central esquerdo.

Calisto cruzou as pernas finas e emendou:

— Somente um doente se arriscaria a entrar aqui por qualquer motivo e mesmo que isso aconteça, ele morre antes de sentir o cheiro das rosas do jardim.

— Para isso que investi tanto dinheiro na segurança — afirmou, levantando-se. — Qualquer coisa estarei lá embaixo com Linda — finalizou, indicando a porta com a mão para que Calisto também saísse. Já que não confiava cegamente nem mesmo em sua sombra.

Desceu as escadas e se sentou à ponta da grande mesa de madeira rústica.

Toda sua casa era lindamente decorada de uma forma selvagem, mas, ao mesmo tempo, conceitual. A madeira predominava em cada metro quadrado da casa de três andares,

deixando um conceito atual, entretanto, muito aconchegante e familiar.

Não possuía lustres de cristal, pinturas milionárias penduradas nas paredes. Apenas algumas fotografias de família que Linda fez questão de colocar e alguns objetos decorativos como, por exemplo, flores e abajures em pedestal.

Parecia que estavam em uma fazenda e era exatamente essa a intenção de Orion.

A residência combinava com a perfeição do visual que os cercava, cheia de árvores e animais silvestres. Contudo, por dentro da carcaça rude que sua casa apresentava, escondia um equipamento de segurança de última geração que Orion não poupou patrimônio para instalar.

— Está atrasado.

— Três minutos — constatou, olhando para seu relógio de pulso. — Desde quando é tão ansiosa?

— Não sou, quero conversar com você.

Orion a encarou e esperou que iniciasse a conversa.

— Vi que colocou Caetana na lista.

Ele sabia! Lá estava Linda, mais uma vez implicando com a mulher. Não que Caetana fosse um anjo de candura, mas ele realmente não entendia de onde vinha tamanha animosidade, ainda mais vindo de sua mãe, a pessoa com o melhor coração que já havia conhecido.

— Não adianta respirar fundo — repreendeu a mulher mais velha. — Não gosto dela — finalizou, colocando na boca um pedaço de pão com tomate e rúcula.

— Não se importa com o restante dos convidados que são a nata do submundo no Brasil, mas com Caetana sim? — perguntou, ironicamente. — Não entendo.

— Não quero saber de seu trabalho ou quem são aqueles homens, mas sei que essa moça não será uma boa pessoa para você.

— Quem disse? Os astros?

— Pare de brincar — repreendeu, séria.

— Está bem — concordou Orion, cruzando as pernas. — Entendo que não goste dela, mas Caetana será minha convidada, a não ser que me dê um motivo concreto para que decline de meu convite.

Os dois ficaram em silêncio.

— Como imaginei — prosseguiu ele, tomando um gole da sua água com gás já disposta no copo. — Não se preocupe, sei me cuidar e ela não passa de uma garota louca por atenção.

— Por quê? Por que está com essa moça, meu filho?

— Sexo — respondeu, sincero.

— Sexo por sexo você pode ter com uma mulher mais... apropriada. Apesar de minimizar o coito, ele é um momento de troca de energia, não tudo sobre prazer também é...

Ele a encarou profundamente de novo, esperando que ela entendesse que não queria entrar no papo de coito e energia. Capaz de enjoar sem nem mesmo ter jantado.

— Está bem — disse ela, vencida —, não quer me ouvir, vá fundo, depois vou dizer na sua cara: eu te avisei.

Orion riu, porque somente sua mãe tinha o dom de fazê-lo sorrir.

— Podemos comer em paz? — inquiriu, assim que a cozinheira entrou com as travessas.

— Ah, outra coisa... Contratarei uma ajudante.

— Ajudante? Para quem?

— Para mim, ué. Estou velha e quero companhia, posso?

— Claro — respondeu, divertido. — Como quiser. Só não me apareça aqui com outra velha mística porque não irei aguentar — caçoou e, logo em seguida, foi chutado na canela por debaixo da mesa.

5

Música ambiente, iluminação dourada e diversos garçons carregando bandejas com champanhe e uísque, foi assim que as pessoas espalhadas pela área social de sua casa foram recebidas.

Linda tinha razão, os lírios naturais espalhados aqui e ali deram um charme a mais na decoração. Apesar de minimalista, ficou tudo muito aconchegante.

Na lista de convidados havia oitenta e cinco nomes. Apenas seus conhecidos mais chegados e os principais parceiros de negócios estavam lá. A ideia era ter uma noite agradável e intimista.

E ainda que sua mãe tentasse fugir de tudo que se relacionava a seu trabalho, ali estava ela, interagindo com pessoas do seu mundo, sem ter a real noção do que cada um daqueles nomes significava. Gostando ou não, ela teve que aprender a conviver com certas coisas.

Linda era uma mulher sensível que cobria o umbigo quando recebia pessoas em casa. Orion sempre revirava os olhos quando ela vinha com um esparadrapo para fazer o mesmo com o seu, não apenas por considerar uma besteira das grandes, mas porque já previa como seria para tirar.

De qualquer modo, apesar desse lado esotérico, ela sabia disfarçar e tratava a todos com muita educação.

Ao menos em relação a isso, Orion ficava tranquilo, pois apesar de ser a mulher mais transparente do mundo, conseguia

camuflar certas coisas como ninguém.

— Orion — chamou, discretamente.

— Com licença — disse aos dois homens com quem estava conversando. — Sim — respondeu, voltando-se para a mãe.

— Vamos começar a servir os doces, tudo bem?

— Quem está no comando é você.

— Está bem — concordou. — Isla, querida — chamou uma jovem que passava.

Uma mulher esbelta, com curvas na medida certa, com aproximadamente 1,70 e com os olhos verdes mais marcantes e revoltos que já tinha visto, se aproximou com altivez.

Ao contrário do que era frequente em sua vida, a serviçal não abaixou a cabeça quando o encarou, sequer demonstrava receio em sua presença e Orion não negou que isso o incomodou.

Ele era o tipo de homem discreto, mas que gostava de observar o efeito que despertava nas pessoas e por algum motivo, com a tal Isla, não aconteceu.

— Pois não, dona Linda — respondeu, aproximando-se devagar.

Ela usava roupas escuras e discretas, os cabelos presos em um coque e sua maquiagem era quase imperceptível, ainda assim, os olhos envoltos por cílios negros e longos, chamavam a atenção.

Nunca a tinha visto por lá, então imaginou que se tratava de alguém do buffet contratado para servi-los naquela noite.

— Peça para o Alfredo começar a preparação dos doces.

— Pode deixar, senhora. Podemos distribuir o que sobrou dos salgados para os funcionários? — perguntou, ainda sem encará-lo novamente.

Algo no tom de voz daquela mulher o incomodou. Havia uma certa arrogância e até mesmo uma pitada de provocação, como se quisesse desafiá-lo de alguma forma. Ao olhar para Linda, viu-a com

o mesmo semblante e achou estranho que ela não tivesse percebido a picardia vinda de sua funcionária.

— Não pode — intrometeu-se Orion, irritado por estar sendo completamente ignorado pela esnobe. — Armazene o que sobrar em caixas, amanhã cuidarei disso.

— Mas, meu filho... — reclamou a mãe, enquanto ele e a desconhecida se encaravam.

Depois de alguns segundos daquele duelo mudo, virou as costas, dando o assunto por encerrado.

Ele tinha alguns defeitos difíceis de controlar, mas o pior deles era não suportar a arrogância alheia, por mais irônico que fosse, uma vez que continha essa mesma característica em demasia. Talvez por isso odiasse tanto nos outros, bastava ter que conviver com a sua 24 horas por dia.

Orion era um homem enigmático, aguerrido e muitas vezes mal compreendido, no entanto, uma coisa era certa, não fazia questão de agradar quem quer que fosse e quando entrava em uma disputa de egos, jamais perdia.

Já Linda, sentia-se levemente mortificada pelo que havia ocorrido, mas o conhecia bem demais para saber que se o contrariasse, seria pior.

— Não ligue para ele e é bom até se acostumar, porque meu filho não é fácil — declarou, descontraída. — É por isso que pago aquele adicional de insalubridade... — finalizou, rindo da própria brincadeira.

— Como já disse, não me magoo fácil — tranquilizou a moça. — Vou pedir para os rapazes separarem os salgados nas caixas e começar a dispor os doces. Com licença.

— Vá, minha filha, e se caso encontrar com Orion novamente, apenas ignore, está bem? No fundo, ele tem um bom coração.

Mesmo desacreditada, Isla Maria assentiu e virou as costas, indo rumo à cozinha.

Ela de fato não se importava com cara feia, já tinha visto algumas durante sua vida e isso nunca a assustou.

Na realidade, quem deveria se acostumar com sua presença naquela casa era ele, pois Linda já assinara seu contrato e carteira de trabalho. Além do mais, a senhora havia deixado bem claro que o filho era um homem difícil, talvez por isso não tivesse quase ninguém na fila para a entrevista. E se fosse colocar na ponta do lápis, bem, ela também não era nenhuma flor-de-lótus.

Iria se manter focada no trabalho e se esforçaria para ser uma boa dama de companhia para a velha hippie.

Isla ria sempre que se lembrava da imagem que fizera da senhora em sua cabeça, pois não tinha absolutamente nada de semelhante com o cachorro sarnento do filho. Mas não se deixava enganar pelas aparências, afinal, ela sabia que por trás da fachada colorida e brincalhona, Linda era uma mulher podre por dentro.

— Vocês podem colocar o que sobrou das entradas e *finger food* nas caixas pretas e começar a oferecer os doces aos convidados — orientou assim que entrou na cozinha.

— É para já — respondeu o senhor mais velho e, junto com ele, os outros funcionários começaram fazer o que lhes foi ordenado.

Como não conseguia ficar parada, Isla também colocou a mão na massa e em menos de dez minutos as comidas salgadas estavam guardadas, enquanto os doces, dispostos nas bandejas de prata.

Tudo saiu exatamente como planejado e se fosse para definir em uma palavra como havia sido a festa, ela diria que um sucesso.

Comida era de primeira, música excelente, local maravilhoso e pessoas educadas. Para quem tinha dinheiro, era muito fácil fazer um evento como aquele.

No fim da noite, restavam apenas os empregados, limpando e organizando para que a casa voltasse a ter o mesmo ar aconchegante de antes. E isso ela tinha que admitir, que lugar maravilhoso.

Apesar do dinheiro que os Meirelles possuíam, a residência tinha jeito de lar. Não era como as que se via nas novelas e revistas, com uma decoração caríssima, cheia de cristais para todo lado, tudo lindo, mas inútil no dia a dia.

Ali não. Era realmente um lar onde poderia sentir aquela atmosfera de *casa*, mesmo que os moradores fossem pessoas detestáveis.

— Finalizamos — declarou uma das moças que estava cuidando da organização.

Já passava das quatro da manhã e os funcionários não pararam enquanto não estava tudo limpo e cheiroso. Exatamente como era antes de toda festa.

— Ficou muito bom, excelente trabalho, pessoal — elogiou Isla.

Quando todos foram embora, Isla se sentiu aliviada por poder fazer o mesmo que seus colegas, descansar.

Depois de tomar um banho quente no banheiro destinado aos funcionários, vestiu uma roupa fresca, pois naquela noite fazia um calor do inferno.

Voltou para a cozinha e pegou o celular na intenção de chamar um táxi.

Ela obviamente morava longe dali, em um apartamento modesto e próximo ao centro da cidade. Seria mais cômodo dormir no trabalho, mas não ousava trocar seu cantinho por um quarto naquela mansão, mesmo que fosse mais lindo ou até mais aconchegante.

Para seu azar, o carro demoraria mais de trinta minutos para chegar, então se sentou numa banqueta e continuou mexendo em seu aparelho para poder se distrair. Abriu a aba de um grupo, composto por suas duas melhores amigas, Helena e Joana, e viu que possuía mais de cem mensagens não lidas, mas estava com tanto sono, que os olhos ardiam, por isso desistiu de ler qualquer coisa àquela hora e o guardou na bolsa mais uma vez.

Deixaria para ler as baixarias que elas provavelmente mandaram no dia seguinte.

— Preciso que troque os lençóis da minha cama — disse uma voz grossa da porta da cozinha.

Isla o encarou sem acreditar que aquilo realmente estava acontecendo e antes que pudesse refutá-lo, Orion se adiantou:

— Segundo andar, última porta do corredor.

Em choque, ela continuou sentada por mais alguns segundos enquanto a ficha caía.

Eram quatro da manhã, seu horário já havia terminado há muito tempo e estava um bagaço do tanto que trabalhou e aquele idiota queria que ela fosse trocar os lençóis dele?

Era possível que ele não fora comunicado de que a escravidão já havia sido abolida?!

Foi com esses pensamentos – e outros muito piores –, que subiu, afinal, não queria ser mandada embora com poucos dias de contratada, entretanto, teria que rever algumas coisas com dona hippie.

— Com licença — falou Isla, entrando de forma cautelosa ao ouvir barulho de chuveiro ao fundo.

O quarto estava arrumado, porém, havia uma mancha de vinho no lençol branco, que ela poderia apostar ser mais caro que um rim – não o dela, pois talvez as pedras que tinha o desvalorizavam um pouco.

Deixando seus devaneios de lado, começou a removê-los, tentando fazer isso antes que alguém aparecesse.

Não teve sorte.

— Quem é você, vagabunda? — Ouviu uma esganiçada gritar.

Quando virou o rosto para trás, viu a personificação da Barbie ruiva com uma dose considerável de embriaguez.

Suspirando fundo, Isla Maria continuou a fazer seu serviço, torcendo para que a bruaca desmaiasse e a deixasse terminar de

trocar o lençol em paz, não estava a fim de perder o táxi por causa daquele ser inconveniente.

— Ai, que delícia — declarou a mulher, deitando-se na cama sem lençol, totalmente nua.

Isla revirou os olhos, pois quando desejou que a ruiva desmaiasse, esperava que fosse no chão duro e frio, mas não, tinha que ser inoportuna e lhe atrapalhar deitando na porra da cama antes que a forrasse com lençóis limpos. Endireitou-se e ficou observando, enquanto a mulher adormecia igual uma pedra, sem saber ao certo o que fazer.

Dar um chute na idiota até que rolasse ao chão parecia a melhor das ideias, já que ainda não sabia fazer pessoas levitarem. Optou por dar meia-volta e ir embora do cômodo, desesperada para sair do covil do lobo o quanto antes.

No fundo, estava dando graças a Deus, pois assim que a doida se deitou, o chuveiro fora desligado, indicando que o desalmado logo retornaria ao quarto.

Mas enquanto Isla ainda pensava no que fazer, Orion apareceu completamente molhado, somente com uma toalha enrolada na cintura, tão baixa que chegava a ser atentado ao pudor encará-lo.

Diante dessa cena inusitada, ela petrificou.

— É para trocar o lençol, deixa que eu seco meu próprio corpo.

Isla riu, nervosa, mas muito nervosa mesmo, porque se Orion foi capaz de fazer uma piada – mesmo que de um jeito torto –, dava para imaginar o ridículo que ela estava passando naquele momento.

— Sua namorada está me impossibilitando de terminar o trabalho — resolveu abrir a boca, fingindo não entender o que ele havia acabado de proferir.

Orion encarou Caetana jogada na cama e fez uma careta, reprovando o que via.

Começou a se aproximar de Isla com um olhar diferente e isso fez um frio percorrer sua espinha de imediato.

— O que uma jovem como você faz aqui neste serviço? —
inquiriu ele bem próximo.

Calma, Isla, apenas fale o que tanto você ensaiou, pensou,
respirando fundo.

— O que toda jovem quer, experiência e dinheiro.

Ele acenou com a cabeça, mas não parecia convencido.

— Tenho sonhos — completou ela, encarando-o.

— Apenas faça seu trabalho. Nada a mais ou menos que isso,
assim ficará longe de problemas — aconselhou, no entanto, Isla
sentiu mais como uma ameaça.

Orion umedeceu os lábios com a língua e levou a mão ao
queixo, parecendo intrigado.

— Fui claro?

Isla acenou com a cabeça, positivamente, e disse:

— Espero suprir as expectativas, estou aqui apenas para
agregar.

Foi a vez de ele mover a cabeça em concordância, mas junto
com esse gesto percorreu o olhar por todo seu corpo,
descaradamente.

Isla ficou desconfortável e deu um passo para trás.

Foi uma atitude instintiva, como um cordeiro que estava
tentando se esquivar do lobo e Orion pareceu gostar de ver aquele
ponto fraco.

— Pode ir, sei onde fica a ala dos empregados, se eu precisar
de seus serviços, seja ela qual for, volto a lhe chamar.

— Boa noite — despediu-se Isla, rapidamente, sem olhar para
trás.

Saiu da casa quase que correndo para não ser chamada mais
uma vez.

Por sorte o táxi já estava a aguardando.

Passou o trajeto inteiro rogando praga em Orion, suspeitando
que aquele era apenas o começo de seu martírio.

6

Assim que abriu os olhos, Isla se arrependeu amargamente do que havia feito na noite anterior. Era nítido que seu chefe tinha pegado ranço dela logo de cara.

Aquela também fora a primeira vez que ela viu o cara e pôde notar que ele era tudo aquilo de que ouvia falar nos bastidores, ou até pior.

Precisaria contar com a sorte, e se tudo desse certo, teria que guardar a língua dentro da boca e torcer para se encontrarem o mínimo possível, talvez assim conseguisse se manter empregada pelo tempo que necessitava.

Isla costumava se dar bem nos locais onde trabalhava, mas virava uma pessoa completamente distinta quando estava cansada em excesso, com sono acumulado, e aquela outra personalidade era muito mais rebelde.

Quatro da manhã era praticamente a hora que seu despertador soava todas as manhãs, então, sem condições de ficar trabalhando igual a uma doida, muito além de seu horário.

Talvez, depois que tomasse uma bronca – isso sendo bem otimista –, ela se lembrasse de conversar com sua patroa sobre o assunto. Todos tinham seus defeitos e o de Isla Maria era esse. Seu pai costumava dizer: deixa essa menina dormir, senão ela vira o *Taz Mania*.

Sorriu com as lembranças que começaram a brotar em sua cabeça.

Com vinte e três anos, ela morava sozinha em um apartamento deixado por seus pais após a morte deles, que ocorreu alguns anos antes.

Apesar de ter um tio, não eram próximos e não fazia questão de estar em contato. Ele era um homem de posses, mas nunca o considerou um ser humano bom, logo, preferia viver de forma modesta, mas com muita tranquilidade e boas recordações para aquecer seu coração.

Sua rotina era simples. Isla adorava sua própria companhia, afinal, foi obrigada a aprender a se virar sozinha após ficar órfã. Com o passar do tempo, criou seus próprios hábitos e manias como maratonar séries, frequentar a academia do seu prédio e cozinhar.

Essas pequenas coisas agregaram para que ela pudesse seguir com sua vida e mesmo que suas amigas fossem presentes, Helena e Joana também tinham suas vidas para tocar, assim como ela mesma. Contudo, sempre que possível estavam juntas para fofocar, rir ou apenas fazerem campanhas umas às outras.

Isla gostava de ter sua rotina regrada, mas, ao mesmo tempo, saber que possuía liberdade de mudar se assim quisesse.

Passava várias noites acordada, pois ela simplesmente não era capaz de apertar o botão de desligar da televisão e ir dormir como alguém normal. Ao invés disso, apertava o que sinalizava *próximo capítulo* e assim ela terminava uma série em tempo recorde.

Esse era seu lado impulsivo e difícil de domar. Porque quando ele queria alguma coisa, aquela Isla Maria que foi criada com todo amor e carinho sumia, dando lugar a uma pirada sem limites.

Mas se tinha algo que a mantinha focada, era quando dava sua palavra em algo.

Independentemente de onde estivesse trabalhando, esforçava-se para dar seu melhor mesmo que sua vida pessoal estivesse tumultuada e naquela manhã, logo após a festa, ainda que sem

qualquer vontade, tomou um banho rápido e saiu de casa sem fazer seu desjejum, pois gostaria de ter a oportunidade de conversar com a hippie antes que aquele a quem ela chamava de filho enchesse a cabeça dela com uma história distorcida.

O trabalho na casa dos Meirelles era algo que Isla já almejava há muito tempo. Todos na cidade os conheciam e eram famosos por pagarem muito bem seus empregados, mesmo que ninguém conversasse sobre aquela misteriosa família.

Estava à espreita aguardando uma vaga, e quando ela surgiu, foi a primeira da fila.

Seus pais lhe deram uma boa educação. Isla havia cursado faculdade de administração, feito vários cursos extracurriculares e de línguas. Falava inglês e italiano fluentemente, algo que, com certeza, fez a diferença ao tentar aquela vaga.

Assim que conseguiu, não pensou muito, apenas largou seu antigo emprego em uma empresa local para tentar a sorte na mansão dos Meirelles.

Muitos poderiam pensar, mas por quê? Por que uma mulher formada, com um cargo administrativo estável largaria tudo para virar dama de companhia?

Bem, Isla tinha suas ambições e não era mulher de desistir fácil de um objetivo, por isso se submeteria à algumas situações por um bem maior.

Ao chegar à esquina de sua casa, parou na loja do senhor Manoel, torcendo para que ele tenha cumprido o prazo e arrumado sua moto, Isla não aguentava mais pagar táxi para se locomover.

A mansão ficava no topo do morro mais alto da cidade, por isso seria bom ter sua *menina* novamente.

— Bom dia, linda jovem — falou o senhor, todo sujo de graxa, limpando as mãos nas calças. — Ocorreu um imprevisto, terei que ficar mais uma semana com a sua moto.

Manoel se aproximou da porta da oficina, mostrando-se compadecido, visto a cara que Isla fizera inconscientemente.

— É brincadeira — despejou, rindo, enquanto ela soltava uma lufada de ar, aliviada. — Meu lema é trabalhar com responsabilidade e...

— Pontualidade — falaram juntos e riram.

— Isso aí — concordou o homem mais velho. — Bom... Era o cabeçote, estava com defeito, e sabe o que acontece quando essa belezinha não funciona direito?

— Faz minha moto quebrar, eu gastar um dinheirão com táxi e o senhor feliz por ter que consertá-la.

— Basicamente — respondeu com um sorriso mais largo. — E, aí? Terminou aquela série que me falou semana passada?

— Com certeza.

— Mas já?

— Levei uma semana para finalizar Grey's Anatomy — ponderou com um sorriso travesso —, daí o senhor já consegue ter um panorama como não deixo nada para depois.

— Minha filha... Acho que você precisa de um namorado, pensando bem, meu filho...

— Vou indo, então, já estou atrasada — cortou Isla, sem querer ser muito grosseira, caminhando até sua moto. — De noite passo aqui para acertar, tudo bem? Prepara aquele café bem forte, quem sabe assim eu não desmaio com o valor — caçoou, colocando o capacete e, em seguida, acelerando rumo ao trabalho sem dar chance alguma para o senhor rebater.

O caminho até lá – assim como em quase todos de sua amada Campos do Jordão –, era um espetáculo à parte. Ela não se cansava de admirar as belezas naturais.

Havia somente uma coisa ruim: época de temporada, quando a cidade ficava lotada de turistas que só deixavam o trânsito caótico e os preços das coisas lá em cima.

Mesmo estando de moto, gastava muito tempo para chegar onde desejava, fora o frio que passava em cima daquela máquina de duas rodas. Por isso, sempre que era alta temporada, mudava

seu horário de deslocamento para não ficar tão irritada com naqueles dois ou três meses infernais.

Com os pensamentos longe, o caminho pareceu ter encurtado, pois quando viu, estava chegando ao seu destino.

Depois de vencer a burocracia pela qual passava todos os dias antes de entrar na mansão, o coração acelerou pela dúvida de não saber se continuaria no emprego.

Todos os dias que sua moto estacionava diante dos portões de ferro fundido, seu coração acelerava, pois Isla temia que Orion aparecesse e descobrisse sobre sua farsa. Sua cabeça já tinha imaginado diversos jeitos que ele poderia matá-la, pois certamente era isso que faria se descobrisse que ela havia adulterado seu sobrenome.

Mesmo que tivesse tentado fazer tudo certinho e sem rastros, tudo que vinha deles era imprevisível.

Seu subconsciente a obrigava a manter a compostura, principalmente naquele dia pós-festa.

Andou até a entrada de funcionários e saiu à procura de Linda. Em menos de cinco minutos a encontrou no jardim, observando as flores.

Como de costume, portava um de seus vestidos largos e coloridos, meio brega, em sua humilde opinião, mas a cara dela.

Ela tinha grandes e expressivos olhos escuros, o que fazia Isla deduzir Orion havia puxado ao pai.

— Com licença...

— Ah, bom dia, Isla, sente-se aqui comigo — pediu, gentilmente.

Toda vez que ouvia uma gentileza saindo da boca daquela mulher pensava que ela era de fato uma puta atriz. Contudo, Linda não conseguia enganá-la, Isla estava esperta com aquela família.

— Dona Linda, eu...

A senhora ergueu a mão com a palma estendida.

— Adoro esse jardim, fui eu mesma que o planejei. Acho que a casa fica mais harmônica e traz um ar mais enérgico, eu diria. Não acha?

— Claro — respondeu, tentando encontrar algum sentido nas palavras dela.

— Essa energia não é palpável, como uma coisa que se acha entre as flores, é algo que sentimos.

— Hmm.

Isla não sabia o que dizer. Nunca foi religiosa, jamais acreditou nas coisas às quais Linda costumava se referir. Pelo contrário, considerava-se pragmática, talvez até um pouco cética, entretanto, não queria transparecer isso de forma tão óbvia porque sua chefe ainda não precisava saber o quanto os desprezava.

— Sabe... — continuou a senhora, levantando-se —, sinto que estamos começando algo formidável aqui.

Ficaram alguns segundos se encarando, em silêncio absoluto, até que a patroa voltou a falar:

— Então, vamos trabalhar ou vai ficar aqui a manhã inteira?

E, mais uma vez, Isla ficou sem entender as falas e atitudes daquela mulher. Mas uma coisa ela precisava controlar em si mesma: o enjoo que sentia toda vez que estava no mesmo ambiente com qualquer um dos Meirelles.



— Aqui está a ficha que me pediu — disse Nicolas para Orion.

Eram onze da manhã, o dia ainda estava preguiçoso devido à festa do dia anterior, mas não para ele. A primeira coisa que fez ao acordar foi pedir para seu segundo homem de confiança puxar a ficha completa da abusada que Linda havia contratado.

Ele e a mãe tiveram uma discussão logo cedo sobre o assunto, o que não deu em nada, pois ela se recusava a mandar a empregada embora.

E mesmo sabendo que, como dono da casa, se quisesse, a atrevida estaria fora no mesmo minuto, acabou deixando de lado, pois a mãe demonstrou realmente gostar da garota.

Linda fazia coisas sem sentido e costumava defender pessoas que mal conhecia, tudo isso pela *intuição* que dizia sentir.

O assunto se estendeu além da nova criada, pois, aparentemente, sua mãe quis incendiar a casa acendendo mais de dez incensos de uma vez às cinco da manhã enquanto rezava em voz alta. O cenário era idêntico ao de uma clínica psiquiátrica!

Ao ser censurada, justificou-se dizendo que era para mandar embora todas as energias negativas que os convidados haviam deixado.

Mesmo não acreditando, o filho a deixava fazer o que queria. Era isso ou acabar tendo uma otite, tamanha era a falação que ouvia.

— Isla Maria — pensou alto, lendo o dossiê sobre a vida dela.

Não levou dez minutos para terminar, já que a vida da coitada não tinha nada de interessante.

Ao levantar a cabeça, viu que o rapaz já havia saído. Mas seu momento de paz acabou no instante seguinte, quando a porta foi escancarada.

— Orion meu bem — falou Caetana, entrando de forma espalhafatosa. Nem parecia a mulher embriagada da noite anterior.

Furioso, Orion saiu do quarto da noite passada, logo após a empregada babona se retirar, deixando Caetana jogada nua na cama e optou por dormir em seu escritório.

Foi uma cena patética e lamentável!

— Por que me deixou sozinha? — questionou, manhosa.

— Primeiro, não entre sem bater, segundo, você estava em um estado deplorável. Quer beber? Foda-se, mas não vá depois ao o

meu quarto agindo como se fôssemos um casal, achando que vai dormir de conchinha comigo.

— Desculpe, acho que exagerei um pouco.

Ele a encarou, sem paciência para aquele tipo de papo.

— É por esse, e outros motivos, que não queria sua presença. Só não a expulsei porque teria que chamar um guincho para isso, mas agora que acordou, pode ir, estou trabalhando.

— Só queria saber o que aquela vaca estava fazendo no nos... no seu quarto.

Sem qualquer paciência, Orion começou a mexer em seu computador, ignorando-a.

— Isso não te interessa. Agora vá procurar o que fazer, Caetana, antes que me irrite ainda mais.

— Mas...

— Eu disse para ir! — falou mais enfático e voltou a atenção para o computador.

O dia já havia começado agitado, cheio de um jeito ruim, orações em voz alta, e para completar, Caetana enchendo a porra do saco, pensou, ao vê-la ir embora por sua visão periférica.

7

Linda agia como se fosse a dona do mundo, isso apenas mostrava que a fruta não caía longe do pé.

Isla se irritava com as conversas e frases aleatórias que a hippie jogava em sua cara, como se, no fundo, soubesse exatamente o que a garota fazia dentro daquela casa e estivesse se divertindo com isso.

A interpretação de *espírito elevado* a estava irritando de tal forma, que Isla tinha dificuldade em mascarar seus verdadeiros sentimentos.

Afinal, por mais que se esforçasse, não conseguia ser como aquela gente mentirosa, que vivia uma vida suja e repleta de fingimento.

O que Linda poderia saber da vida de sua nova empregada? Ela não era ninguém e jamais seria, porque para gerar um homem como Orion, coisa boa ela também não poderia ser.

Isla trabalhava muito sua cabeça para não ser tomada e acabar sucumbindo à ira. Uma vingança não poderia ser executada com passionalidade, colocando seus piores sentimentos diante da locomotiva.

Sempre que sentia que estava em um daqueles momentos do pico raivoso, afastava-se para conseguir alguns minutos de reflexão, esse tempo a ajudava a colocar a cabeça para funcionar como deveria outra vez.

Era justamente aquilo que estava fazendo naquele momento.

Respirava o ar puro do jardim, aproveitando o sol que aparecia e sumia, conforme as nuvens se moviam.

Depois de uma manhã caótica, ainda reflexo da festa do dia anterior, Isla se permitiu uns minutos já que nem mesmo havia almoçado, quando ouviu uma voz masculina dizer:

— Quero isso em minha mesa em uma hora.

Sem pensar muito, esgueirou-se por entre as plantas com o intuito de descobrir onde e com quem Orion falava.

Após olhar ao redor, viu-o parado perto do penhasco, de costas, com o telefone na orelha.

Aquele rapaz, Nicolas, que estava sempre junto com ele, fazia-lhe companhia. Por algum motivo, Isla simpatizava mais com ele do que com o Calisto, aquele carrancudo tatuado.

Mesmo assim, não se deixava enganar por um rostinho bonitinho, uma vez que o próprio Diabo tinha a beleza de um deus grego.

— Bom, sua falta de compromisso apenas comprovará sua incompetência e se vocês não conseguem cumprir prazos, não servem para trabalhar comigo.

De onde estava, Nicolas olhava a tudo com atenção, e era sempre dessa forma que o via: observando muito e falando pouco.

— Meu tempo é precioso demais para perdê-lo ouvindo desculpas — declarou, desligando e guardando o aparelho no bolso.

— Não irão entregar? — inquiriu o rapaz, interessado.

— Pediram mais tempo, mas acontece que não temos.

— Então, o que iremos fazer? — quis saber, aparentando preocupação.

O clima entre eles estava tenso, pois, claramente, estavam diante de algum grande problema e Isla estava cada vez mais interessada naquele assunto. Porque qualquer migalha em suas mãos era como um banquete.

— Já tinha notado que eles não fariam a entrega — prosseguiu Orion, tranquilo —, por isso, na semana passada eu me antecipei e encomendei dos russos.

Nicolas arregalou os olhos.

— Fique tranquilo — declarou Orion, batendo duas vezes nas costas do jovem. — Está tudo sob controle.

— Se o senhor diz, então acredito — afirmou Nicolas.

— Paga pau — Isla sussurrou, revirando os olhos ainda toda esticada para espiá-los.

— Vá dizer ao Calisto que à tarde iremos ao galpão resolver a pendência da manhã — emendou Orion. — Diga que ele vai nos acompanhar.

— Galpão? — repetiu Isla, curiosa.

Deve ser lá que eles guardam mercadorias ilícitas, matam pessoas e sei lá mais o quê.

Ela tinha que dar um jeito de descobrir onde ficava aquele tal galpão. Talvez fosse exatamente o que precisava para o seu dossiê.

Mas como faria isso?

Não poderia segui-los, visto que eram muitos e logo a notariam.

Teria que usar a cabeça e pensar em uma estratégia para descobrir uma forma de conseguir o endereço.

Quem sabe Nicolas... Não, o menino lambia as bolas de Orion, jamais seria capaz de falar qualquer coisa, inclusive, mal se ouvia a voz dele, quiçá para falar sobre os negócios do patrão.

Isla pensou que talvez fosse mais fácil fazer Calisto falar algo do que o rapaz, porém, só de pensar naquele escroto já vinha em sua cabeça a forma como ele a encarava e a bile subia pela garganta. Não, o tatuado estava fora de cogitação, o preço que ela teria que pagar seria alto demais.

Por outro lado, para um plano ter êxito, requereria sacrifícios de todos os lados.

Ela iria pensar em um modo para conseguir o que queria, ainda tinha...

— Mudou de função? — uma voz familiar perguntou.

Isla se virou lentamente, captando ar para os pulmões e agradecendo por ter saído do meio dos arbustos.

Não permitia que fosse tirada do sério. Orion era seu patrão e não poderia perder aquele emprego, não enquanto aquele demônio não pagasse pelo que fez.

Encarou-o nos olhos, projetando a imagem dele desprovido daquela arrogância, imundo e jogado em uma cela inóspita. Sua imaginação conseguia idealizar aquele momento como algo iminente, e isso a confortou e fortaleceu.

— Estava tomando um ar.

— Tomando um ar? — repetiu ele, incrédulo, ostentando um sorrindo irônico.

A praia dele era rebaixá-la e fazer de tudo para que se sentisse um lixo.

Contudo, Orion jamais conseguiria virar aquele jogo, porque ali, o único ser repugnante era ele mesmo; no entanto, o momento de esfregar tudo isso na cara do nojento à sua frente estava mais próximo do que ele poderia supor.

— Ainda bem que te encontrei. — A voz de Linda soou, vindo da lateral da casa.

Era quem faltava para completar o circo, pensou.

— Sei que está na hora do seu almoço, mas queria tanto a sua ajuda.

— Está esperando o quê? — Orion esbravejou quando Isla, sem se conter, direcionou um riso debochado a ele.

Linda encarou o filho com os olhos arregalados, porém, se absteve de proferir o que estava na ponta da língua.

Aqueles dois eram farinha do mesmo saco, pensou Isla ao ver a mulher se calar ante a grosseria do filho e a imagem de Orion

jogado na sarjeta tinha ficado ainda melhor quando juntou Linda no pacote.

— Não tem problema — disse, aumentando o sorriso —, não gosto mesmo de ficar sem ter o que fazer.

Orion se aproximou dela, ignorando por completo a presença da mãe, e disse:

— Não? Engraçado porque eu jurava que tinha uma rata me espionando alguns minutos atrás. Isso não me parece coisa de quem não gosta de ficar à toa.

Isla gelou.

Como o desgraçado a tinha visto?

— Está vendo? — continuou ele com o tom de voz ameno. — Nenhuma máscara é boa o suficiente. Você não está lidando com um idiota. Ponha-se no lugar a que pertence, que é o de criada, e não teremos problema.

— Eu... — a garota começou, mas ele virou as costas e se foi.

— Orion? — chamou sua mãe.

Isla não tinha certeza se sua patroa havia ou não escutado o que o filho tinha falado, por isso acabou tentando remediar a situação.

— Vim tomar um ar, não estava...

— Fique tranquila — acalmou Linda.

E lá estava a maldita lhe direcionando um sorriso beatífico e compreensivo, como se soubesse de cada coisa que sua imaginação desenhava.

Aquela situação era muito incômoda para Isla, pois ao mesmo tempo em que achava tudo uma besteira, tinha um lado seu que temia que Linda, de fato, desconfiasse de seu plano, o que desencadeava uma raiva maior ainda da mulher.

Se ela realmente soubesse de algo, por que ainda estava ali, sorrindo para sua cara?

Estava fazendo papel de otária?

Não, refletiu Isla mentalmente. Jamais permitiria que seus pensamentos a levassem para aquele caminho.

Colocou em sua cabeça – pela milésima vez –, que ninguém sabia de nada e seguiu adiante.

— Vamos? — indagou Linda, caminhando à sua frente e focando sua energia no que importava: conquistar a confiança da patroa e se infiltrar cada vez mais na família maldita que arruinou a sua.

8

Após uma semana do último conflito, Isla ainda estava se adaptando ao seu novo trabalho, que era fazer de tudo um pouco.

Ajudava Linda a organizar armários, documentos, preparar festas, mesmo que raramente, também a acompanhava em algum lugar que quisesse ir e – sua mais nova empreitada –, supervisionava a limpeza que os funcionários faziam em todos os cômodos da casa.

Com pouco tempo de trabalho, sua patroa conseguiu notar o quanto era apaixonada por organização e limpeza. Já tinha ouvido de algumas pessoas que possuía TOC^[3], mas nem ligava. Era possível que tivesse mesmo e estava tudo bem.

O fato era que, ver as coisas arrumadas lhe transmitia paz, juntando isso com sua vocação natural para liderança, logo se tornou uma espécie de governanta da casa.

Era muito doido pensar que há alguns meses estava em um escritório de contabilidade, com uma rotina monótona e massacrante, para virar uma faz-tudo dentro da casa dos Meirelles. O sonho de muitos naquela cidade.

Se seus pais estivessem vivos, abominariam tal atitude e diriam que tudo era uma grande estupidez de sua parte. Mas a verdade era que Isla possuía um objetivo na vida e estando ali, chegaria muito mais rápido a ele.

A vantagem era que, diferente de seu emprego anterior, seus dias na mansão eram diversificados. Estava em constante movimento, o que a ajudava a não cair na rotina. Coisa para fazer dentro não faltava e Isla Maria adorava ser útil.

Mas o mais importante, sentia-se feliz por estar traçando o caminho que idealizou.

Conforme Linda a conhecia, sua liberdade crescia dentro da casa, o que lhe permitia trabalhar com mais tranquilidade, sem ter alguém em seu encalço o dia todo.

Isla era uma jovem sociável e comunicativa, mas não queria misturar as coisas. Ali era seu trabalho e a última coisa que desejava era criar qualquer vínculo afetivo com os Meirelles.

O fato de ser órfã, não a fazia implorar por amor e atenção onde quer que passasse. Sem modéstia, sabia que, devido a seu sorriso fácil, simpatia e coração enorme, era muito querida por todos que a conheciam.

Poderia não ter pai nem mãe, porém, possuía amigas maravilhosas e, é claro, a si mesma. Com o tempo aprendeu que era suficiente para ser feliz.

Mas quando o assunto era a família Meirelles, todas suas qualidades eram viradas do avesso. Tudo isso porque Isla tinha um motivo bem plausível: Orion havia matado seus pais à sangue-frio e ela não deixaria por menos.

Os atos dele a fizeram abandonar seus sonhos de uma menina e virar uma mulher vingativa que tinha apenas um propósito em mente: acabar com aquela família.

Por causa disso, Linda Meirelles, que havia gerado o maior filho da puta do mundo, jamais teria seu afeto.

Quando entrava naquela casa todos os dias, tinha que se transformar em outra Isla.

A menina risonha ficava para trás. Abriu mão de muitas coisas na sua vida para estar ali, sendo a principal delas sua tranquilidade, pois ela não tinha mais paz.

Seus movimentos eram calculados somente pensando no dia em que vingaria seus pais.

Isla levou muito tempo para colocar em prática seu plano.

Teve que aprender a ser um pouco de tudo: hacker, espiã, mentirosa, fora da lei e muitas outras coisas para que Orion pagasse pelo que fez.

— Isla querida — chamou Linda, enquanto conferia o estoque na despensa.

— Sim — respondeu com um sorriso forçado nos lábios.

Por sorte, não encontrou Orion nem uma vez pela casa. Aliás, desde que havia começado a trabalhar ali, podia contar nos dedos de uma mão às vezes que se cruzaram.

Por um lado, ficava aliviada, pois mesmo que Isla não fosse medrosa e permanecesse focada em seu objetivo, Orion era um homem muito perturbador. Conseguia desestabilizá-la somente com o olhar e torcia para que jamais tivesse transparecido tal sentimento.

Sentia uma mistura de receio, raiva e vontade de matá-lo tão forte, que preferia nunca o encarar nos olhos.

Mas claro que isso era muito bem camuflado e quando ele descobrisse seu objetivo, seria tarde demais.

— Será que pode dar uma olhadinha no quarto de hóspedes depois? — inquiriu a senhora, tirando aqueles pensamentos repetitivos de sua cabeça. — Receberei uma amiga e quero que tudo esteja perfeito.

— Farei agora mesmo.

— Pode terminar o que está fazendo...

— Eu já terminei. Darei a lista para Teodora e já subo para organizar o quarto.

Teodora era a cozinheira e funcionária mais antiga da casa. Isla sabia que poderia tirar algumas informações dela, porém, logo encontrou uma barreira no caminho: a senhora era a coisa mais fofa e amorosa de todo o mundo.

Ela lembrava muito sua própria mãe e foi impossível separar as coisas com ela, ainda assim, de modo muito sutil, tentaria conseguir informações relevantes.

— Se precisar de qualquer coisa, estarei no quarto de meditação.

— Está bem — respondeu, caminhando rumo ao andar superior.

Antes de alcançar as escadas, encontrou com a segunda pessoa mais desagradável que já conheceu em sua vida, a mulher que foi indicada como Caetana Mendes.

Aquela biscate ruiva tinha o poder de tirá-la do sério, igual ou mais que Orion.

O olhar de desprezo que ela lhe direcionou já seria o suficiente para levar uns belos tapas ou ter a cara esfregada no asfalto quente. Infelizmente, não podia executar as coisas que sua imaginação idealizava. Mas quando aquilo tudo acabasse, ficaria feliz em realizar aquele sonho.

— Ei — chamou a bruaca.

Isla respirou fundo e a encarou.

— O banheiro do meu quarto está um nojo. Vá limpar!

— Eu não...

— Shhh, você não é paga para debater comigo, apenas vá limpar — disse, altiva como sempre.

Tinha que admitir que ela usava roupas impecáveis, porém, muito sexy para seu gosto. Muito curtas, decotadas e justas... Por mais que soubesse que Orion era um babaca de marca maior, achava que, ao menos, ele teria mais discernimento para escolher uma namorada.

— Estou ocupada no momento — conseguiu dizer, já se virando para subir. — A moça que é responsável pela faxina, está na sala, se quiser seu banheiro limpo, fale com ela. Com licença.

— Eu não a quero — contestou Caetana, ainda com um sorrisinho sarcástico no rosto. — Mandeí você ir.

Naquele momento Isla já estava vermelha, prestes a se esquecer do motivo por que estava se submetendo àquela situação. Então respirou fundo para conseguir colocar a cabeça no lugar e se voltou totalmente para a mulher.

— Sei que meu trabalho é impecável — começou mais cínica que a ruiva vagabunda —, e que deseja imensamente meus serviços, porém, como eu já disse, não estou disponível. Vou terminar de fazer o que Linda me ordenou e quando acabar, se estiver com um tempinho sobrando, penso no seu caso.

Sem dar tempo para Caetana falar mais alguma coisa, subiu as escadas, deixando para trás inúmeros xingamentos, muitos dos quais nem ao menos era familiarizada.

Estava com receio de que a louca fosse atrás e a puxasse pelo cabelo? Sim, mas a satisfação de lhe virar as costas foi mais tentadora.

Até aquele momento não sabia de fato qual era o tamanho da influência de Caetana sobre Orion, então preferia observar mais que agir. Contudo, algo em seu interior dizia que aquela rixa estava apenas começando.

Que o santo protetor da paciência lhe guardasse dentro daquela casa.

— Não quero saber o que o Fábio disse ou deixou de dizer — esbravejou Orion, irritado, ao telefone, com Calisto e Alberto, seu chefe da segurança, o observando —, essas ameaças não me atingem.

Ficou alguns segundos em silêncio, ouvindo o que a pessoa do outro lado da linha falava.

O clima estava denso, pois o tal Fábio era chefe de uma facção criminosa de São Paulo, na comunidade onde Orion havia crescido. Eles se conheciam desde sempre, o que deixava a situação mais espessa e inflada, uma vez que o tal chefe jamais

aceitou que o menino que ele viu crescer tivesse se tornado maior do que ele, maior do que todos no Brasil.

Mas numa coisa eram compatíveis: no tamanho do ego e da ambição.

— Veja bem, Daniel — Orion voltou a se pronunciar, virando sua cadeira para a parede de vidro com vista para o vale —, se o Fábio quer saber sobre os meus negócios, ele que venha falar comigo, ao invés de enviar um mediador. Independentemente dos rumos que tomamos, eu te conheço desde menino e te respeito, mas se seu chefe não tem nem a coragem de me ligar, algo está errado.

O silêncio voltou a reinar por mais vinte segundos.

— Me responda uma coisa, se aparecesse uma oportunidade daquelas para vocês, será que ele iria recuar somente por causa da possibilidade de afetar os meus negócios? — inquiriu, cruzando as pernas e esperando uma resposta. — Exatamente, nem eu. Então, diga ao Fábio que só discutirei negócios com ele.

Após Orion desligar, virou a cadeira novamente a fim de ficar frente a frente com Calisto e Alberto.

— Onde paramos? — indagou.

— Esse Fábio é um cuzão — observou Calisto. — Não mudou nada. Não entendo como ainda é chefe da Godoi.

— Ele usa a força — garantiu Alberto. — O cara mata até a sombra para se manter no poder.

— Outro ponto contraditório... Como pode ser assim e ter medo de conversar com o chefe? — questionou Calisto, apontando para Orion.

— Fábio sempre viu que eu não me contentaria com a realidade em que cresci, mas nunca imaginou que eu me tornaria uma ameaça direta.

— Na verdade, foi o único entre vários que não tentou te matar — lembrou seu chefe da segurança.

— Por receio — acrescentou Calisto. — Ele não é completamente burro, apenas morre de medo do senhor e é um covarde, caso contrário, teria ligado ao invés de mandar o Daniel.

— Daniel é um bom menino — observou Orion. — Eu já o chamei para trabalhar no meu time, mas ele não quis vir, achou que estaria traindo seu chefe, o que não deixa de ser uma verdade. O caso é que o Fábio acha que, antes de fazer qualquer negócio, eu devo pensar se irá afetar os negócios dele, talvez por me conhecer a tanto tempo, mas já estou começando a perder minha paciência com aquele velho estúpido.

— Ele deve estar espumando — ressaltou Alberto, rindo.

— Existe um motivo para o Alessandro ter vindo bater *na* minha porta, não acham?

— Com certeza — concordou seu braço direito.

— É verdade que o cara é o líder dos caminhoneiros do Brasil? — quis saber o chefe de segurança, curioso.

— Sim, ninguém da classe faz nada sem passar por ele antes. Os caras estão fartos da violência nas estradas desse país e já que os governantes não agem, precisaram recorrer ao outro lado da moeda. Irônico, não?

— Como faremos isso? — indagou Calisto.

— Vou pensar em alguma coisa e, a partir daí, quero ver quem será louco de roubar cargas nesse país.

— É por causa disso que Fábio está louco — declarou Alberto. — É ele quem ordena esses roubos. Óbvio que não todos, mas, com certeza, a maioria é de autoria dele. Resumindo, o faturamento da Godoi cairá significativamente.

— Isso não é problema meu — reiterou Orion, levantando-se.

Calisto e Alberto riram, cientes de que nada seria um empecilho para que a mente de seu chefe maquinasse uma forma genial de dominar aquele setor.

Tudo que caía em suas mãos se tornava uma oportunidade de crescimento, multiplicando a fama e fortuna que já possuía,

portanto, Fábio não passaria de um pequeno cascalho em seu caminho.

— Vamos voltar ao que estávamos resolvendo antes de Daniel me ligar? Até porque, ele é prioridade no momento — Orion mudou de assunto, apoiando uma das mãos no vidro. — Alberto, quer me explicar como a segurança do Cloud foi penetrada?

— No balanço mensal descobrimos que dois cartões não bateram com o fechamento. Como o senhor sabe, para entrar na boate a pessoa precisa colocar o nome na lista uma semana antes, para dar tempo de a nossa equipe fazer a checagem, estando tudo certo, mandamos um cartão individual para ela. Acontece que o número de pessoas que passaram por lá no último mês não bateu com o de cartões enviados.

— Duas pessoas entraram lá sem um dos nossos cartões? — inquiriu Calisto.

— Ou a mesma pessoa entrou duas vezes — concluiu Orion, mais para si mesmo do que para Alberto.

— É uma possibilidade. Mas a equipe do Sul está trabalhando para resolver esse detalhe.

— Detalhe? — repetiu ele, encarando seu chefe de segurança sem nenhum vestígio de humor. — Acha que essa falha gigantesca pode ser considerada a porra de um detalhe? Se você realmente acredita nisso, pode ir embora daqui, pois não serve para trabalhar comigo.

— Não, chefe, me desculpe, não foi minha intenção minimizar o problema.

— Mas foi exatamente o que fez — declarou, aproximando-se. — Eu não admito erros, em especial quando eles custam a minha segurança ou dos meus estabelecimentos. Não quero saber se encontraram um ou cinco intrusos, quero a ficha completa na minha mesa, porque caso contrário todos estarão na rua.

Alberto estava com os olhos arregalados, enquanto Calisto o encarava, pois já conhecia Orion o suficiente para saber que sua irritação não tinha chegado nem a cinco por cento de seu potencial.

— Agora pode ir e só retorne com os nomes — comandou, virando-se de costas e indo se sentar novamente em sua cadeira. — Calisto, pode ir também, mas fique de olho na movimentação de Fábio, mesmo achando que não seria capaz de me confrontar, prefiro não dar brecha.

— Sim, senhor — disseram juntos e saíram.

Orion verificou o relógio de pulso e deu aquele dia por encerrado. Desligou o computador e saiu de seu escritório, descendo as escadas para o segundo andar somente quando ouviu a fechadura eletrônica trancar a porta.

Ao passar por um dos quartos, já no andar de baixo, ouviu alguém resmungando. Parou e viu Isla Maria borrifando um perfume na roupa de cama.

Não dava para entender o que ela falava, só se ouvia balbucios, mas caretas que fazia davam um ar patético à cena.

— Está com algum problema? — inquiriu, fazendo a moça jogar o frasco que estava na mão longe.

— Cacete — disse ela, involuntariamente, levando a mão no peito. — Que susto!

— Se não estivesse tão distraída, falando sozinha, notaria a minha presença.

— Estava apenas...

— Não importa — interrompeu, grosseiro. — Acho que já está tarde, pode ir embora.

Tinha algo nela que o incomodava e aquela sensação não estava passando com o tempo, como ele achou que aconteceria, visto que a garota já estava em sua casa há várias semanas.

Seu sexto sentido estava querendo lhe dizer alguma coisa, mas Orion não compreendia claramente do que se tratava, porém, a chance de ser algo de cunho sexual era bem grande, por isso as ignorou. Não tinha tempo para fantasiar com uma empregada quando tinha mulheres do tipo de Caetana aos seus pés.

Era uma massagem a seu ego observar como ela passou a reagir sempre que estavam próximos e sozinhos, talvez por isso um ímã sempre o içava para provocá-la.

— Irei assim que finalizar o serviço que me foi ordenado — respondeu à altura, virando-lhe as costas.

Ele entrou no quarto e virou-a de frente, deixando-os cara a cara.

A jovem até se esforçava para aparentar força e indiferença, mas depois do episódio do quarto em que ela o viu sem camisa, a pobrezinha falhava miseravelmente e era óbvio que Orion não perdia a oportunidade quando ela caía em seu colo.

— Quem determina a hora que meus funcionários vão embora sou eu e estou mandando você ir agora.

— Assim que finalizar — repetiu, orgulhosa, virando-lhe novamente as costas.

Orion a pegou pelos braços e a ergueu de modo que seu rosto ficasse bem próximo ao dela. Havia uma raiva latente em suas feições pela forma como fora tratado por aquela empregada petulante.

Mas ele faria questão de colocar aquela abusada no lugar que ela merecia, mas não sem antes provar o sabor dos lábios rosados e carnudos.

Agarrou o pescoço de Isla e tomou sua boca em um beijo insano, da maneira como queria ter feito aquele dia da festa, mas que conseguiu controlar.

Instintivamente, ela se colocou na ponta dos pés e correspondeu ao beijo. Vendo aquilo, Orion agarrou a cintura dela com a mão livre, mas antes que pudesse colar ainda mais seus corpos, Isla se afastou e o encarou com olhos arregalados.

Mas ao invés de sair correndo, aproximou-se novamente e desferiu um tapa no rosto do patrão.

— Nunca mais faça isso. Não sou uma prostituta — despejou ela, indignada.

— Se eu achasse que fosse, você já estaria na minha cama; mas caso repense, saiba que eu pago bem — disse ele em tom sério.

Talvez ter a criada como uma prostituta fixa não fosse uma má ideia, afinal, ela estaria sempre à disposição e parecia dar para o gasto.

Isla arregalou ainda mais os olhos e despejou, incrédula:

— Você acha que o mundo gira em torno do seu umbigo, não é? — Isla tremia de nervoso. — Pois saiba que está enganado, eu não iria para a cama com você nem se fosse o último homem do mundo ou por todo dinheiro que o Elon Musk possui.

Com essas palavras, virou-lhe as costas e saiu andando.

— Aí é o banheiro — falou ele, parecendo se divertir ao vê-la abrindo a porta errada.

— Idiota! — xingou, finalmente saindo do quarto e sumindo de suas vistas.

9

— Você está bem, minha filha? — inquiriu Linda, encontrando-a na cozinha.

Depois do que aconteceu no quarto de hóspedes, Isla estava com vontade de sair correndo daquela casa sem dar satisfação para ninguém, mas seu senso crítico conseguiu freá-la, alegando que se fizesse aquilo, sua patroa desconfiaria de que algo de errado havia acontecido.

Por isso, respirou fundo e parou.

— Não, tudo bem, lembrei que tenho um compromisso agora de noite e estou um pouco atrasada — disse a primeira mentira que veio à sua mente —, mas o quarto está pronto, somente aconselho a colocar alguns sais de banho, pode ser que a visita queira usufruir da banheira e também as toalhas que a Geisa colocou naquele banheiro estão manchadas, já tirei, mas...

— Pode deixar — respondeu, sorrindo —, eu mesma coloco um jogo novo. Seu horário já acabou há algum tempo, então pode... Ei, tem certeza de que está tudo bem? Seu olho esquerdo está tremendo.

— Eu tenho ceratocone — falou outra asneira mentirosa, uma vez que apenas ouvira falar daquela doença, mas sequer sabia quais eram os sintomas, só queria fugir de lá e contava com a ignorância de Linda para sair ilesa. — Bom, até amanhã.

Deu-lhe as costas e se mandou daquela casa maldita.

Colocou o capacete, subiu em sua moto, mas ao invés de seguir o caminho de casa, foi para um lugar que seu pai tinha o costume de levá-la.

Era um morro onde havia um restaurante abandonado. A construção estava em frangalhos, o visual, no entanto, era magnífico.

O terreno era privado e cercado, mas Isla entrava pela fresta do portão que já tinha visto dias melhores.

Seguiu até um deck de madeira, passando pelo interior do estabelecimento abandonado que ficava a um passo do precipício e não tinha qualquer proteção.

Isla se sentou na ponta do abismo, ainda nervosa e com o coração acelerado.

Respirou fundo e fechou os olhos, deixando a brisa fria cobrir seu rosto.

— Eu sinto muito, estou sentindo um asco enorme por ter encostado minha boca na dele — disse em voz alta, visualizando os rostos de seus amados pais. — Não desistirei dessa vingança. Não deixarei nada me distrair. Aquele maldito vai pagar pelo que fez com vocês.

Abriu os olhos quando sentiu um pequeno galho, trazido pelo vento, bater em seu rosto.

— Eu odeio Orion e o amaldiçoo por todos os dias de sua vida. Ele pagará muito caro por ter tirado vocês de mim, mais do que ele poderia pagar em uma vida.

Isla olhou para o vale, iluminado apenas pela luz da lua. Só de estar ali já conseguiu se acalmar, seu coração voltou a bater em compasso e a respiração se normalizou.

Como conseguiria olhar na cara dele depois do beijo?

Será que o cão sarnento fez aquilo com o intuito de manipulá-la? Ou apenas por se considerar a última bolacha do pacote? Não seria estranho, afinal, ele nunca deveria ter escutado um não na vida.

Mas Isla estava lá para provar que nem todas as garotas se jogavam aos seus pés. Mostraria que sua beleza e masculinidade não tinham qualquer efeito sobre ela, por isso decidiu que iria fingir que nada havia acontecido.

Era a melhor forma de encarar a situação, mostrando a Orion que aquilo não tinha significado absolutamente nada, exceto intensificar a raiva que sentia, mas ele não precisava saber disso.

Sim! Estava decidido... Seu plano continuaria, mas seria melhor que aquela corna ruiva não aparecesse mais na sua frente, porque a coisa mais branda que Isla faria seria jogar na cara de Caetana os chifres que a megera possuía na cabeça. Seria no mínimo divertido.

Está vendo? Sempre se pode tirar algum proveito, mesmo em uma situação desastrosa.

Mais calma, levantou-se e disse:

— Adoro vir aqui conversar com vocês. Nunca se esqueçam do quanto eu os amo.

Mesmo depois de mortos, seus pais lhe davam alento e carinho nas horas em que ela estava perdida. Amor de pais era realmente uma coisa que transcendia a vida e Isla acreditava fielmente nisso, pois sentia a presença deles naquele deck velho e manco.

Isla deu meia-volta, subiu em sua moto e dirigiu rumo à loja do senhor Manuel a fim de pagar o que devia, só então iria descansar.

Ao chegar em casa, tomou um banho e depois uma vitamina, pois não estava com fome.

Sentou em seu sofá com o copo na mão e mais calma, obrigou-se a se distrair com alguma besteira. Talvez um daqueles programas de auditório em que tem briga de família ou alguma revelação bombástica ao vivo, desse modo serviria para Isla ter a ilusão de que seus problemas não fossem tão ruins.

Mas, infelizmente, não encontrou nada. Não se faziam mais televisão como antigamente.

Por sorte, Helena ligou no exato momento que desligou o televisor. Ficaram por uma hora conversando amenidades que a fizeram e desanuviar um pouco seu mau humor. Parecia que suas amigas tinham sexto sentido e sabiam exatamente quando estava precisando de uma distração.

Já no quarto, após finalizar a chamada, tomou um remédio para poder dormir melhor e desmaiou.

Quando o celular despertou na manhã seguinte, sentia-se renovada e pronta para enfrentar mais um dia na casa dos Meirelles.

Assim que chegou, Teodora foi a primeira pessoa que viu, o que acalmou seu coração.

— Oi, minha linda — disse a senhora, abraçando-a. — Você está melhor? Saiu daqui tão aflita ontem.

— Estou sim. Como eu disse, lembrei de um...

Teodora começou a rir e segurou sua bochecha.

— Tudo bem, querida, não precisa dizer se não quiser, mas mentir é feio — declarou, dando-lhe as costas e voltando a mexer nas panelas.

— Já disse que a senhora se parece com a minha mãe? Até na forma de falar — comentou, saudosista.

— Fico feliz que estamos evoluindo e começando a ser sinceras — despejou, sorrindo docemente. — Não sei o que aconteceu na sua vida, mas você já mora em meu coração, de verdade.

— E a senhora no meu — respondeu, depositando um beijo na bochecha da cozinheira gorducha. — Agora vou trabalhar.

Isla foi até o grande cômodo “pertencente” aos funcionários, onde eles descansavam e deixavam seus pertences. Guardou sua bolsa e capacete em uma das colmeias, depois se sentou no sofá para tirar as botas, as quais também guardou.

Feito isso, pegou o vestido preto e o scarpin de salto baixo e quadrado que faziam parte de seu uniforme e foi se trocar no

banheiro adjacente. Como já havia passado uma maquiagem simples antes de sair, apenas ajeitou os cabelos e foi em busca de Linda, como fazia toda manhã.

Encontrou-a na sala, lendo um livro.

Do nada, sua imaginação voou e se imaginou com um castiçal na mão, acertando a mulher na cabeça. Tinha certeza de que iria se sentir plena ao vê-lo sofrer pela amada mãe, exatamente como acontecia com ela.

Mas o que tinha em sua cabeça?, pensou sacudindo-a e levando os pensamentos sombrios para longe, afinal, não era uma assassina, por mais raiva que sentisse, ela se vingaria de outra forma.

Respirou fundo, desenhou um sorriso no rosto e disse:

— Bom dia, dona Linda.

— Olá, Isla — respondeu, fechando o livro e a encarando. — Como se sente hoje?

— Muito bem, obrigada.

— Excelente! — exclamou, mas continuou analisando-a.

Quando Linda a encarava daquela forma, até sentia receio de que ela pudesse ler sua mente. Poderia parecer besteira, mas Isla tinha a sensação de que ela sempre sabia de tudo e apenas fingia demência para manipular a todos.

A verdade era que acreditava que a hippie seria plenamente capaz de fazer algum trabalho a fim de conseguir poderes sobrenaturais.

Sério isso? Sua cabeça começou com aquelas alucinações de novo.

Aquela casa a estava deixando maluca mesmo.

— Tudo bem, querida? — inquiriu Linda, ao notar que a garota parecia catatônica.

Mal sabia ela que Isla pensava estar em frente a uma aberração.

— Claro, vamos lá? — rebateu com um sorriso.

Ainda desconfiada, Linda assentiu e a acompanhou.

O dia foi repleto de trabalho e – graças ao bom Deus –, não viu o maldito nem a cachorra ruiva pela casa.

Às vezes conseguia até se esquecer de seu verdadeiro objetivo e mesmo não estando bem-intencionada, trabalhava dando seu melhor e até que gostava de suas funções.

A cada dia elas evoluíam e subia no degrau de confiança de Linda.

Entretanto, precisava agilizar as coisas para poder se ver livre dos Meirelles o quanto antes.

Quando a tarde caiu, o céu escureceu em questão de segundos. Uma chuva das mais *nervosas* certamente começaria a cair a qualquer momento e moto com pista molhada era uma péssima combinação, ainda mais porque a mansão ficava no maior vale da cidade.

Começou a ficar irrequieta, com medo de ficar presa ali, mas como o destino não estava para brincadeira, foi exatamente o que aconteceu.

A noite começou a chegar, mas a chuva não parecia prestes a dar trégua.

Seu horário de trabalho já havia terminado há duas horas e ficou sentada na varanda dos fundos. Já tinha até desistido de ir embora de moto, mas seria impossível conseguir um táxi com aquele dilúvio.

Linda havia ido para o quarto ainda de tarde, pois estava com enxaqueca, se não fosse por isso, ela certamente teria oferecido um dos funcionários para levá-la embora. Saco!

Em meio às tentativas de bolar algum jeito de ir para casa, viu a picape de Orion estacionar.

O homem desceu da porta do motorista e seguiu para os fundos da casa, sendo seguido por aquele homem estranho cheio de tatuagens.

Mas o que fez seu cenho franzir foi a rosa branca que Calisto carregava na mão.

Por que aquele bronco andava com um rosa por aí?

Era estranho, para não dizer bizarro.

Orion então disse algumas palavras para ele e o tatuado seguiu para a casa em anexo, já o miserável começou a ir em sua direção, como se não estivesse caindo o mundo sobre sua cabeça.

Foi impossível não notar como o terno molhado moldava seus músculos ridículos... Exibido.

Continuou sentada na escada, que dava para cozinha, mas, por conta da escuridão, ele ainda não tinha notado sua presença, porém, assim que foi acobertado pelo forro de madeira, encarou-a.

— O que está fazendo aqui? — inquiriu ele, desdenhoso como sempre.

— Esperando a chuva passar.

— Seria bom ter uma carona, não é? — comentou, tirando o excesso de água dos cabelos.

— Seria — respondeu Isla, fingindo não se importar, mas desejando ardentemente que ele disponibilizasse o motorista.

Mesmo que não esperasse ouvir alguma gentileza daquele homem, já mantinha seu escudo erguido, afinal, nunca sabia o que viria dele.

— Pena que todos os funcionários estão ocupados. Bom divertimento vendo a chuva cair a noite toda — declarou, entrando em casa.

— Idiota! — praguejou sozinha.

Mas Isla também tinha algumas cartas na manga e resolveu usá-las.

Entrou na cozinha e se deparou com Teodora que terminava de organizar o cômodo.

— A senhora não descansa? — inquiriu, verdadeiramente indignada.

— Aqui é minha casa, meu amor, gosto de cuidar dela.

— Posso te fazer uma pergunta?

— Claro — respondeu a mulher, colocando o pano de prato de lado e se sentando.

Isla a imitou e inquiriu:

— Por que gosta tanto deles?

Teodora a encarou com olhos semicerrados.

— Por que não gostaria? Eles me tiraram da pobreza extrema, de um marido agressivo e de uma casa caindo aos pedaços. Hoje eu tenho um salário digno, posso ajudar meus familiares do Nordeste, pois não gasto nada do que recebo, já que aqui tenho casa, comida e roupa lavada — despejou, sincera. — Sou grata a dona Linda, mas, principalmente, ao Orion, pois se não fosse ele, ainda estaria naquela situação.

Isla se calou, pensativa.

— Agora me responda você: por que tanto ódio dentro desse coração?

— Não é isso...

— Claro que é, eu sinto. Acha que Linda também não sente? — perguntou de maneira retórica com um sorriso que não alcançava os olhos. — Aquela mulher é a pessoa mais sensível que já conheci. Ela simplesmente sabe.

— Não é que os odeie, apenas não os conheço o suficiente.

— Nem a mim, certo? Ainda assim, me trata diferente. Parece que, comigo, você é você, entende?

— É diferente — disse sem encontrar mais desculpas. — Enfim, você sabe onde o Cássio está?

Isla perguntou aquilo para mudar o foco de Teodora, pois tinha se arrependido de tocar naquele assunto no instante em que o colocou para fora.

Esperava, sinceramente, que Teodora estivesse equivocada, principalmente relacionado a Linda, afinal, por que ela manteria

alguém em quem não confiava dentro da própria casa?

Isso era pensamento para outro dia.

Seu objetivo naquele momento era chegar à sua casinha ainda aquela noite e para isso usaria seu charme. Cássio, o motorista, já havia lhe cortejado, então nada mais justo que usar isso a seu favor.

— Está na sala dos funcionários, por quê?

— Será que se eu pedir ele me leva em casa? Está chovendo tanto, tenho medo de ir de moto.

— Certamente sim, não sem a permissão do senhor Meirelles, claro — declarou ela, levantando-se —, mas tenho certeza de que ele não se importará. Bom, agora eu vou me deitar, meu bem. Boa sorte.

Não se importará meu ovo, pensou, irada.

Isla caminhou até o cômodo onde os funcionários descansavam e encontrou o rapaz deitado no sofá, assistindo televisão.

Isla se aproximou e se sentou ao seu lado.

— Cássio, querido, será que você poderia me dar uma carona? — disse ela com sua voz mais manipuladora. — Está uma chuva...

— Ô, lindinha, eu vou adorar, o senhor Meirelles liberou?

— Uhum — respondeu sem pensar.

— Então, vamos.

Ele se levantou, ajeitou a gravata e pegou as chaves no bolso.

Isla Maria o seguiu, mas no caminho até o carro algo lhe dizia que aquilo não iria acabar bem, pois, além da mentira que inventou, estava batendo de frente com seu chefe. Qual a chance de aquilo acabar bem?

Mesmo temerosa, se calou e entrou no carro.

O motorista insinuou cantadas baratas o caminho inteiro e a governanta já estava farta, mas decidiu ignorá-lo, afinal, o homem havia lhe tirado daquela maldita torre.

Assim que chegaram em sua rua, o celular de Cássio tocou.

Na mesma hora Isla imaginou que fosse Orion ligando e um gelo tomou seu corpo.

— É o chefe... Pois não, senhor — falou ele, atendendo ao celular. — Sim, estou... Mas...

Cássio a encarou, parecendo decepcionado.

Merda!

— Estou a caminho, me perdoe, senhor, eu não sabia.

— Desculpe — disse ela assim que o rapaz desligou.

— Ele ficou uma fera, Isla. Por que mentiu? Sabe que posso me prejudicar com isso?

— Eu assumo a responsabilidade — falou, arrependida. — Agi por impulso.

— Não — declarou assim que Cássio parou o carro em frente ao prédio dela. — Vou com você. A responsabilidade é minha.

— Você fica, é melhor, acredite quando eu digo que não é legal vê-lo com raiva.

— Mas...

— Vá para casa. Já lidei com o senhor Meirelles bravo antes, seguro mais essa.

— Tem certeza?

— Claro — disse com um sorriso sincero. — Nós nos vemos amanhã, dona encrenca.

Isla saiu do carro, mas ficou a noite toda acordada remoendo o que havia feito.

Sua cabeça estava trabalhando tanto para não ser subjugada por Orion, que agiu sem pensar e, com isso, podendo prejudicar alguém que não tinha nada a ver com a história.

Consertaria aquela situação por Cássio, nem que tivesse que se rebaixar e pedir perdão de joelhos. Mesmo achando que o alvo estava em suas costas, ela se certificaria de que não sobrasse para o motorista.

No dia seguinte entraria na toca do leão, mas seria muito mais cautelosa, ou pelo menos tentaria conter a Isla Maria imediatista e raivosa que tinha dentro de si.

10

— Bom dia, meu filho, como está? — indagou Linda, após Orion liberar sua entrada no escritório.

O relógio não marcava nem seis da manhã e ele já estava trabalhando desde às quatro, traçando um projeto.

Na realidade, há um tempo havia passado por sua cabeça a ideia de comandar aquele o mercado bruto dos caminhoneiros, no entanto, acabou não dando segmento na época porque tinha outros projetos na dianteira. Mas, naquele momento, estava focado e faria acontecer de qualquer jeito.

Montou um esquema gigantesco. Suas anotações já formavam uma pilha considerável de folhas e as ideias não paravam de pipocar em sua cabeça. Era sempre assim, se fosse para entrar em um negócio, Orion não aceitava menos que a perfeição.

A ideia primária era basicamente essa: cada caminhoneiro que quisesse entrar no projeto ganharia um GPS oculto e de última geração instalado no caminhão, câmeras de segurança que lhes dariam uma visão de 360° do veículo e um botão de emergência para quando o motorista estivesse em perigo.

Haveria uma central munida com tecnologia de ponta e pessoas trabalhando 24h na proteção de cada um deles.

Tudo ainda estava no papel e Orion sabia que, no mundo real, certas coisas demandavam tempo para que se tornassem uma realidade, mas não para ele que tinha duas coisas imprescindíveis

para acelerar o processo de qualquer planejamento: dinheiro e influência.

Com essa combinação, tudo poderia ser conseguido com muito mais presteza.

— Orion, está me escutando? — perguntou sua mãe, enquanto seu pensamento vagava.

— O que disse?

— Perguntei sobre o Cássio...

— Ah, sim. Mandei-o embora ontem de noite — afirmou, tranquilamente.

— Não gosto de me meter em suas coisas, mas o que aconteceu pra você fazer isso? Ele é um bom rapaz, estava conosco há três anos.

— Tive meus motivos — declarou Orion, mexendo em seus papéis.

— Está bem. Você sabe o que faz.

Ele continuou organizando a papelada e mesmo sentindo que a mãe estava com a língua coçando para dizer algo a mais, não se importou, afinal, quem dava a palavra final era ele.

— Quer tomar café? — convidou Orion, levantando-se.

— Claro — respondeu Linda, acompanhando-o. — O que é isso em seu rosto? — inquiriu, apontando para um corte no supercílio.

Aconteceu um verdadeiro dilúvio na noite anterior, como não acontecia há anos. Mas, coincidentemente, Alberto havia encontrado alguém que poderia saber algo sobre o intruso da Cloud.

A princípio, Orion conversou de maneira civilizada em busca das respostas que procurava, mas mesmo após duas horas de *conversa* no seu galpão que ficava na parte posterior do terreno da sua casa, o homem nada respondeu, não era a pessoa certa.

E como ele tinha certeza? O rapaz que ficou sob seu domínio por algumas horas não era do seu mundo e não tinha nenhuma

resistência à dor.

Orion até que pegou leve, o suspeito ficou, no máximo, com alguns dedos quebrados, nada que não tivesse volta.

Com isso, voltaram à estaca zero e Alberto possuía pouco tempo para resolver o problema, caso contrário, todos os funcionários seriam demitidos sem dó, já que não admitia erros graves como aquele.

— Trabalho — foi vago novamente, mas sem mentir.

Ter equimoses, escoriações, cortes e cicatrizes espalhados pelo corpo fazia parte do mundo em que vivia e ela sabia disso, porém, preferia fingir ignorância.

— Minha funcionária, Isla Maria, está se saindo muito bem — disse Linda como quem não quer nada, enquanto desciam as escadas rumo à sala de jantar.

— Ótimo para ela.

— Se quiser, ela pode organizar seu escritório.

— Não — respondeu, à medida que se aproximavam da mesa repleta de delícias.

— Ela é tão...

— Não — repetiu, mais incisivo. — Eu mesmo organizo minhas coisas.

— Por que não gosta dela? — perguntou ao se sentar

Orion encarou a mãe enquanto servia café em sua xícara.

— Como chegou a essa conclusão?

— Eu simplesmente sei — constatou a mulher, certa do que falava.

— Está equivocada. Ela é apenas mais uma empregada entre tantas e não faço diferença entre elas — afirmou, tomando um gole do líquido quente.

— Deveria ver como ela encarou a Caetana... — disse Linda sem dar muita importância.

— Como é? — inquiriu, olhando-a de cenho franzido.

— Teve um dia que mandei Isla verificar a acomodação de hóspedes para fazer um pente fino, mas Caetana a encontrou antes de subir as escadas e escutei como sua namorada a tratou, mas ao invés de abaixar a cabeça, a menina reagiu — finalizou, orgulhosa.

— O que ouviu exatamente?

— Sua namorada soberba mandando a garota ir limpar o banheiro.

— E ela se recusou? — indagou Orion.

— Sim e em alto estilo — concluiu, sorrindo. — Não me meti, porque Isla foi perfeita, não precisou de nenhuma intervenção.

— Então, assunto resolvido.

— Mas... — quis prolongar o papo, contudo, Orion a cortou.

— Quando sua amiga chega?

— Amanhã — retrucou Linda, pegando uma tapioca. — Mas ela ficará menos que o combinado, apenas dois dias.

— Ótimo, porque no fim de semana viajaremos para Santa Catarina.

— Para quê? — estranhou a mulher.

— Preciso ir à empresa assinar alguns documentos.

— Não entendo por que eu tenho que ir junto.

— Irei trocar o sistema de segurança da mansão, então é mais seguro que venha comigo na viagem.

— Claro, mas a Isla vem comigo.

Orion riu, sarcasticamente.

— Sem chance.

— Então eu não vou — rebateu a mulher mais velha, parecendo uma criança birrenta de três anos.

— Pare de ser infantil, dona Linda, sabe que sua segurança é minha prioridade.

— Ou ela vai, ou nada feito.

— É o que veremos... — concluiu Orion, levantando-se. — Tenha um bom dia, minha mãe.

Já estava próximo às escadas quando seu celular tocou. Viu o nome de Hugo, governador de São Paulo, no display e atendeu.

— Sim...

— *Bom dia, Orion* — saudou o homem do outro lado da linha.
— *Pode falar?*

— A que devo a honra? — farpeou ele.

— *Irei direto ao ponto. Chegou aos meus ouvidos que você dará início a um projeto magnífico e ambicioso, devo admitir.*

— Isso não é ir direto ao ponto — cortou Orion, sem paciência para puxação de saco.

— *Eu, como governador do estado, posso contribuir muito para esse projeto e acredito que uma aliança comigo traria muitos benefícios.*

Ele tinha uma boa ideia do que Hugo queria. Como os urubus, que chamávamos de políticos, não deixavam passar nada, aquele certamente já estava contando com uma fatia daquela pizza.

O que ele parecia ter esquecido era que fora Orion quem o colocara lá, mas o lembraria daquele detalhe, deixando claro que se não cumprisse seu papel, o tiraria sem dó.

— Admira-me receber essa ligação. Acho que já me conhece o suficiente para saber que não faço negócio com gente da sua laia. Não há lugar para sanguessugas em meus negócios.

Ele ainda estava parado no primeiro degrau da escada, encarando o dia cinzento pela janela.

— *Que falta de tato, meu amigo. Você sabe que posso contribuir em vários sentidos, assim como posso fazer o contrário, mesmo que esta não seja a minha vontade.*

Após soltar um riso seco, desprovido de humor, Orion disse, irônico:

— Essa é uma escolha que cabe somente a você, meu *amigo*. Mas devo lembrá-lo de que sua bunda só está sentada nesta cadeira por eu quis, então o aconselho a abaixar sua bola e repensar, porque basta um pequeno chute meu e você sairá daí voando pela janela.

Com essas palavras, desligou o telefone.

Era comum as pessoas chegarem à cargos importantes e se esquecerem de como haviam conseguido chegar até lá, visto que existia uma coisa chamada ego do esquecimento.

Foi o próprio Orion quem o rotulou com aquele nome, pois o poder subia à cabeça e os cegava, levando aqueles miseráveis a acreditar que eram mais poderosos do que ele.

Ledo engano!

— Abusado de merda — resmungou, caminhando rumo à cozinha.

— Bom dia, senhor Meirelles — saudou.

— Bom dia — respondeu Teodora, a quem ele tinha um grande apreço. — O que o senhor deseja para o almoço?

— Me surpreenda — disse, pegando uma maçã da fruteira —, tenho certeza de que estará uma delícia.

— Ah, obrigada — respondeu, afetiva, sorrindo.

— Bom dia, Te — cumprimentou Isla, entrando pela porta dos fundos com um sorriso enorme.

Quando os olhos dela o alcançaram, aquele sorriso morreu, assim como o humor leve que permeava a conversa que estava tendo com Teodora momentos atrás.

A cozinheira encarou um, depois o outro, então disse, sem jeito:

— Vou até a despensa. — E saiu de fininho.

— Eu gostaria de dar uma palavrinha com o senhor — começou a governanta, enrubescida, e Orion tinha certeza de que era de raiva por estar tendo que se rebaixar. — Por favor, não puna

o Cássio, ele só me levou ontem porque eu menti, a culpa não foi dele.

— Eu sei — respondeu, tranquilamente, enquanto abria a geladeira a fim de pegar uma vitamina já pronta.

Isla ergueu as sobrancelhas, desconfiada daquela tranquilidade.

— Então não irá brigar com ele por minha culpa?

— Não.

— Que bom, me desculpe por isso, não irá se repetir.

— Sem problemas.

Ela respirou aliviada. Mas quando ele fechou a porta da geladeira e a encarou, soube que havia mais.

— Não houve nenhuma briga quando o mandei embora — afirmou, propositalmente sereno, sabendo que a deixaria desnorteada.

— O quê? Como... Oh, por favor, não faça isso.

— Já está feito, Cássio está no olho da rua — assegurou, ainda tranquilo.

No instante seguinte a fisionomia dele mudou por completo, assim como a dela.

De uma mulher humilde, desculpando-se por seu delito, para uma leoa cuspiendo fogo.

— Que isso sirva de lição para você.

— Ele tem família para sustentar, e a culpa foi minha. Eu que menti e o convenci dizendo que o senhor havia autorizado — disse, sendo tomada pela culpa e desespero.

Orion realmente não se importava, jamais deixou que qualquer sentimentalismo barato o influenciasse em suas tomadas de decisão.

— Se não está satisfeita — começou a fala em tom ameno —, é só ir embora também.

Isla parecia atônita, o que era ótimo, visto que deveria se lembrar, dia após dia, de quem era aquele homem.

Orion se aproximou e segurou seu queixo sem delicadeza alguma.

— Não queira medir força comigo, menina. Você jamais será capaz de me enfrentar, e agora que viu em primeira mão um por cento do que sou capaz, acho melhor manter essa boca fechada e os ouvidos abertos somente para escutar o que ordeno você a fazer — concluiu, virando-lhe as costas e saindo por onde havia entrado.
— E vá trabalhar ao invés de se ridicularizar dessa forma.

11

Sozinha na cozinha, Isla Maria sentia seu interior ferver de ódio.

Como uma pessoa poderia ser tão ruim e miserável a ponto de mandar um inocente embora?

Orion tinha todos os defeitos do mundo, mas era um homem inteligente que calculou toda aquela ação nos mínimos detalhes. Cássio foi mandado embora com o único objetivo, o de atingi-la.

Ele parecia não possuir um lado humano e mesmo que Isla soubesse que parte daquilo era sua responsabilidade, já que tinha provocado o maldito, jamais conjecturou que terminaria com a demissão do motorista.

Mas tudo o que se desenrolou ajudou seu coração – e cabeça –, a compreender, ainda mais, com quem estava lidando.

Uma coisa era estar em casa, lendo sobre o homem mais poderoso do país e criando táticas para chegar até ele, outra muito diferente era conviver e superar os obstáculos que surgiam todos os dias.

Isla entendeu que Orion não era homem de joguinhos e ela assumia que havia sido uma tola quando resolveu provocá-lo abertamente.

Culpava aquele maldito beijo, foi isso que a deixou momentaneamente cega.

De qualquer forma, se ela queria desistir, aquele era o momento de abandonar o barco e todos os seus planos. Mas como ela poderia fazer isso quando vingar a morte das duas pessoas que mais amava foi o que norteou toda a sua vida?

Sua consciência racional – e emocional –, não a deixava simplesmente partir e esquecer.

Orion era seu alvo e nada mudaria aquilo, mesmo sabendo que sua vida estava em perigo.

Aquele homem era poderoso e tinha parte do mundo nas mãos, mas não era possível que não fosse capaz de encontrar uma mísera brecha em meio a tamanho poder.

Ele fazia o que queria, a hora que queria e não existia a palavra impossível em seu vocabulário. Isso apenas aumentava sua raiva, pois não era justo um homem tão ruim ter tanto domínio, inclusive sobre ela.

Tudo aquilo a desanimou e irritou na mesma medida e, sem que percebesse, uma lágrima escorreu por seu rosto. Dentro daquela pequena gota havia uma quantidade tão grande de raiva e amargura, que nem mesmo Isla conseguia medir. Mas ficar se fazendo de vítima não resolveria seus problemas, por isso levantou a cabeça, limpou o rosto e seguiu para mais um dia de trabalho, com a certeza de que estava no caminho certo, sabendo que, daquela vez, não deixaria nada desviar seu foco.

O ego não era um bom comandante e aprendeu aquilo da pior forma.

— Bom dia, Isla — disse Linda, entrando na cozinha e a despertando de seu monólogo interior.

— Bom dia — cumprimentou com um sorriso amarelo no rosto, tentando camuflar o frangalho que estava por dentro. — Dona Linda, eu gostaria de lhe pedir um favor — disse, sentando-se e sendo acompanhada pela patroa. — Cometi um erro e queria que se a senhora intercedesse.

— O que aconteceu?

Isla achava que Linda não tinha o poder de recontratar Cássio, porém, todos ali sabiam que a mulher sentada à sua frente era a única a quem aquele monstro dava atenção e respeitava – ou pelo menos o que ele entendia dessa palavra.

Ela tinha que tentar, pois conviver com aquele peso seria demais.

— O Cássio foi mandado embora por minha culpa.

— Sim — respondeu Linda, compadecida.

— A senhora está sabendo? — questionou Isla, surpresa.

— Não dos detalhes, mas não necessito deles. Eu o conheço desde menino e você, bem, sinto que posso confiar, que é uma pessoa boa — afirmou, fazendo seu coração diminuir de tanto remorso. — Não posso recontratá-lo, acho que sabe disso, mas também tenho meus contatos e ele já está contratado em outra empresa.

Isla respirou fundo, aliviada.

— Quer um conselho de uma mãe que conhece seu filho como ninguém? Faça o que tem que fazer — recomendou, levantando-se.

Aquela mulher realmente parecia conseguir ler seus pensamentos. Mas se isso fosse verdade, não lhe daria aquele conselho, não quando ele poderia prejudicá-la tanto.

Isla se infiltrou naquela casa com apenas um objetivo, acabar com o filho dela e nada a faria mudar de ideia, então apenas sorriu em resposta.

— Ah! Outra coisa — declarou, virando-se novamente para Isla. — Nós faremos uma viagem.

— Claro, só me avisar a data que organizo tudo para a senhora e...

— Não, querida, acho que não entendeu. Você irá junto — finalizou com um sorriso e, em seguida, saiu da cozinha.

Como assim? pensou, assombrada.

Será que aquele plural envolvia Orion também?

Deus do céu...

Por um lado, era uma oportunidade maravilhosa para tentar se infiltrar nos assuntos dele, por outro, poderia ser um tiro no pé, porque sempre que estavam juntos, era como se juntassem fogo e gasolina.

Teria que encontrar uma forma de não deixar sua raiva comandar suas ações e ser mais humilde, ou pelo menos era o que ele deveria achar.

Se ele confiasse em Isla, tudo ficaria mais fácil, ela poderia angariar provas que precisava juntar contra ele mais rápido, diminuindo o tempo de convivência com aquele inescrupuloso e sua mãe.

Não era uma matadora ou coisa do gênero, seu objetivo era apenas um: vê-lo apodrecer na cadeia, resultado da pilha de provas que ela entregaria à Polícia Federal.

Isla já possuía algumas coisas, contudo, eram muito poucas perto da quantidade que sua mente casta conseguia imaginar. Quem sabe essa viagem não fosse a oportunidade perfeita para aumentar as evidências de seu arsenal.

— Cozinha liberada? — brincou Teodora, entrando novamente no cômodo.

— Ela é sua.

— Ótimo, vou fazer um risoto de queijo com funghi. Você gosta?

— Meu prato preferido — revelou com brilho no olhar.

— Mesmo? É do patrão também.

— Olha só, temos uma coisa em comum, jamais achei que isso existiria — ironizou, revirando os olhos.

— Pois acho justamente o oposto.

— Como assim? — inquiriu, curiosa e com uma pitada de fúria.

— Não fique brava, minha filha, é só a visão de uma velha que mais observa do que fala — declarou, carinhosa, pegando alguns

ingredientes na geladeira. — Bom, a convidada da senhora Meirelles já chegou?

— Ainda não.

— Sabe até quando ela fica? Preciso organizar as refeições.

— Não exatamente, mas acho que poucos dias. Assim que souber eu te informo. Agora preciso ir até o escritório do Sr. Meirelles, vou aproveitar que ele saiu.

— Vai limpar lá? — indagou Teodora, surpresa.

— Na verdade, vou organizar algumas coisas que Linda pediu. Por que o espanto?

— Nunca ninguém limpa aquele cômodo.

— Ah, bacana, agora fiquei mais tranquila — brincou, um pouco apreensiva.

— Se ela pediu, sabe o que está fazendo. Vá, minha filha.

Isla subiu os dois lances de escadas e encontrou o escritório já aberto.

Iniciou seu trabalho repondo bebidas na pequena geladeira. O fato de não encontrar nenhuma bebida alcoólica chamou sua atenção, mas resolveu não perder seu tempo pensando naquilo e partiu para o banheiro.

Trocou as toalhas, repôs alguns produtos que estavam faltando no armário e retirou o lixo.

Assim que finalizou, foi para a parte que mais lhe interessava: a mesa.

Ela ficava na frente da parede de vidro e tinha formato de meia-lua. Precisava admitir novamente que o infeliz possuía muito bom gosto para as coisas, pois tudo naquela casa era lindo.

Começou a passar um pano na superfície com uma mão e com a outra tentou abrir cada uma das gavetas, porém, obviamente, nenhuma estava destrancada. Por que achou que estaria?

Não havia um mísero papel em cima daquela enorme tábua de madeira maciça, apenas duas canetas milimetricamente

organizadas e dois computadores, um PC e um notebook, desligados.

Isla não se atreveria a tentar ligar nenhum deles, pois obviamente não saberia a senha, por isso teria que ser resiliente, tinha fé de que tudo aconteceria em seu devido tempo.

Permaneceu mais vinte minutos fazendo seu trabalho e quando finalizou, espirrou um aromatizador de lavanda no ambiente, dando seu toque final.

Quando virou as costas para ir embora, adivinha quem estava na porta a encarando? Sim, a mulher do Diabo, Caetana.

Aquela biscate não iria sossegar enquanto Isla não estivesse no olho da rua, mas ela era mais inteligente e não cairia em seus truques. Mais uma vez precisaria ter paciência porque não cair naquelas provocações era muito difícil.

— Que sujeira é essa? — disse a ruiva, olhando para o chão de madeira polido e brilhante.

Ela não respondeu, apenas encarou o chão limpíssimo sem saber do que aquela louca estava falando.

— Não está vendo?

— Não — respondeu por fim, apenas para não começar uma briga.

— Aqui — declarou, jogando todo o café da xícara que segurava no chão. — É cega ou só se faz? Limpa isso antes que meu amor chegue e veja o escritório dele imundo porque uma serviçal incompetente não fez seu serviço.

— Caetana, o que faz aqui? — inquireu Linda. — O que está acontecendo?

— Oh, oi, dona Linda. A empregada não me viu entrar e acabou fazendo essa lambança — mentiu, descaradamente. — Me desculpe, querida — disse, encarando Isla falsamente pesarosa.

— Poxa, então tenho certeza de que não se importará em limpar, não é? Uma convidada minha chegou e preciso muito da ajuda de Isla — falou Linda.

Se ela não estivesse enganada, a hippie tinha acabado de ser bem irônica com a “nora”. Era possível que Teodora estivesse certa? Linda realmente sabia das coisas?

Está bem, talvez a mulher tivesse ganhado um ponto, mas ainda a detestava.

— Vamos? — chamou Linda.

Isla passou por Caetana, mas antes de sair, estendeu-lhe um pano de chão.

— Vai precisar — finalizou, piscando e saindo do cômodo.

Ela não precisava ser vidente para saber que a ruiva estava espumando de raiva e que aquela batalha ainda teria muitos rounds.

— Oi, meu filho — saudou Linda quando saíram porta afora.

Assim que ele pisou no último degrau que dava acesso ao terceiro andar, questionou:

— O que está fazendo aqui?

Isla achou que a pergunta fosse para ela, e quando foi abrir a boca para retrucar notou que os olhos de Orion encaravam Caetana.

— Oi, amor, vim te visitar — disse ela, aproximando-se.

— Entre — ordenou ele, mal encarando a ruiva — Quanto a vocês, conversaremos depois — disse olhando para a mãe e, em seguida, para Isla.

Seu coração congelou e voltou a bater no instante seguinte.

Por que aquele maldito tinha que ter uma força tão poderosa sobre ela?

Era incontrollável e patético a ponto de se sentir uma mosca prestes a ser esmagada a qualquer momento.

— Venha, querida, não ligue. Com ele eu me entendo depois — tranquilizou-a Linda, puxando-a escada abaixo.

Após ser apresentada à visitante, Isla organizou suas roupas no quarto e a acomodou, explicando a rotina da casa.

A patroa já deveria ter feito aquilo, mas algo lhe dizia que sua demanda ocorreu apenas como um pretexto para tirá-la das garras de Caetana. Ou era apenas seu lado carente indicando algo que não existia?

O que interessava era que havia se livrado daquela idiota.

No fim do dia, permitiu-se sentar um pouco na área externa para tomar um café, já que a própria Linda havia permitido, então não viu mal algum.

O dia estava frio e chuvoso, perfeito para aquela bebida quente e relaxante.

Ficou sentada observando as árvores enquanto a chuva fina colidia com a água da piscina.

— Quer um croissant? — perguntou Orion, cáustico.

Ele estava acompanhado por Nicolas e quatro outros homens mal-encarados que a olhavam como se estivesse cometendo o maior crime do mundo.

Irônico, não?

— Vão — ordenou ele, sem tirar os olhos dela. — Vou logo em seguida.

— Sua mãe...

— Minha mãe está sempre te protegendo, não é?

— O que posso dizer? Eu gosto dela e acho que é recíproco.

— Sabe, Isla Maria — começou ele com aquela voz rouca e sexy.

Orion disse seu nome poucas vezes, mas em todas elas sempre soava como uma música letal aos seus ouvidos, pois algo lhe dizia que poderia se perder imensamente caso se deixasse levar pela sensualidade que emanava dele.

— Eu sinto cheiro de coisa ruim a quilômetros de distância. Será que esse cheiro está vindo de você?

— Não, senhor Meirelles, sou pobre, mas só uso perfume importado.

Ele a encarou sem qualquer divertimento no olhar, a boca cinzelada em uma linha fina.

— Seu senso de humor é péssimo.

— Temos mais coisas em comum do que eu poderia imaginar — respondeu, atrevida.

Ela já estava em pé, a poucos metros dele, a cabeça estava erguida para encará-lo nos olhos e, apenas naquele instante, se deu conta o quanto a cor deles era similar aos seus.

Nunca havia reparado que ele possuía olhos verdes, muito provavelmente devido à raiva que lhe ofuscava a razão.

Mas as roupas negras e o cabelo impecavelmente arrumado eram como a marca registrada de Orion.

O desgraçado sabia que era bonito, entretanto, Isla também não precisava de modéstia e tinha conhecimento de seus próprios atributos. Era um duelo de titãs, pois se ele não estava disposto a ceder, ela também não o faria.

— Essa viagem será como um teste para você — declarou ele, mudando de assunto. — Que fique claro que fui completamente contra uma serviçal nos acompanhar, só que minha mãe faz questão e não vou contrariá-la. Todavia, você entrará muda, sairá calada, mas, principalmente — disse, aproximando-se —, ficará cega para algumas coisas que possivelmente verá. Estamos entendidos?

— Sim.

Ele estava bem próximo, encarando sua boca, e o que era um assunto tenso e ameaçador, transformou-se em algo sensual.

Sua intimidade começou a dar sinal de vida, ao passo que o magnetismo daquele olhar a mantinha ali, estática, como se curtisse o contato.

— Ótimo — disse Orion, passando a língua no lábio inferior como se estivesse degustando algo. Após isso, segurou em seus cabelos longos e lisos, que estavam presos no alto da cabeça em um rabo, e puxou para perto.

— Espero mesmo que seja uma boa menina — finalizou com aquela frase de duplo sentido e a tirando daquela bolha ao empurrá-la para sair da frente.

Ainda entorpecida, ela o viu seguir em direção ao local que seus capangas haviam ido.

Que porra foi aquela?

Aquilo serviu apenas para mostrar como Isla estava se perdendo.

Sentir tesão por seu algoz era o fim do mundo para ela. Precisava se controlar, manter a língua dentro da boca.

— Ah! — discorreu ele, virando-se novamente. — Caetana é a mulher com quem fodo quase toda noite, então, mais respeito com ela, fui claro? Se ela mandar, apenas obedeça de cabeça baixa, como uma boa empregada.

12

Sentada na varanda do restaurante abandonado, Isla mal respirava, tentando ouvir algum conselho de seus pais.

Era possível aquele ser o caminho certo? Era possível que aquele destino miserável era o que seus pais almejavam para ela?

A resposta não era difícil de enxergar, mas ela não conseguia mais voltar. A partir do instante que entrou na casa dos Meirelles a porta do retorno se fechou para nunca mais abrir, e ela sabia disso.

Orion era esperto e manipulador, mas Isla também possuía seus predicados e conforme os dias se passavam, o motivo de querer vê-lo apodrecer na cadeia ficava mais pessoal.

Ser humilhada constantemente apenas fazia seu ódio por aquelas pessoas fermentarem, mas lidar com esse sentimento era o mais difícil em sua opinião.

Por mais que ela tivesse estudado tudo que podia sobre aquela família, era muito diferente conviver com eles todos os dias e controlar seus sentimentos.

Sorrir quando, na verdade, gostaria de chorar, dizer palavras agradáveis quando seu interior gritava ou até mesmo engolir humilhações quando seu real desejo era cuspir palavras de ódio.

Estava difícil. Muito mais do que poderia supor. Contudo, Isla não iria hastear a bandeira branca. Por mais que tivesse seus momentos de dúvidas, seus pensamentos sempre levavam até os

rostos de seus pais, somada ao desrespeito a que era submetida, suas indecisões secavam.

Por isso, ergueu-se – literalmente –, e colocou o capacete rumo a mais um dia, porém, seria diferente, visto que passaria dois dias junto com Linda e Orion em uma viagem.

Que Deus a protegesse e ajudasse a se manter calada.

— Coragem, Isla, dará tudo certo — incentivou a si mesma subindo na moto.

O dia nem mesmo havia amanhecido. O relógio apontava cinco da manhã.

O sol ainda estava envergonhado, mas estava certa de que, logo mais, começaria a brilhar.

Antes de sair de casa, separou uma pequena mochila com algumas roupas e itens de higiene, já que ficariam poucos dias fora. Como não tinha ideia de que horas o avião partiria, preferiu chegar cedo à casa dos Meirelles.

Assim que passou pelos portões do inferno – era assim que Isla os enxergava –, respirou fundo, incorporando aquela funcionária engolidora de sapos, que estava com seu objetivo cada dia mais palpável.

— Bom dia, minha querida, quer tomar um café? Sente-se, eu te sirvo, fiz coisinhas maravilhosas — desembestou a falar Teodora assim que adentrou na cozinha.

— Uau, que ânimo essa hora — brincou, sentando-se.

Acomodou sua mochila em uma das cadeiras sobressalentes e se serviu de uma xícara de café quando seu celular vibrou dentro da bolsa.

Alcançou-a novamente e retirou o aparelho do bolso lateral.

— Madrugou? — atendeu Isla.

— *Ei! Esqueceu que tem uma amiga, estrupício?* — rezingou Joana, sua amiga de longa data.

— Fala, canceriana dramática. Me ligou antes das seis para dramatizar? Isso que é honrar a fama — disse, sorrindo.

— *Ha! Ha! Ha! Não vi a menor graça. Bom, liguei porque tenho um convite irrecusável.*

— Não posso!

— *Ah! Vá à merda. Nem ouviu o que é.*

— Estou indo viajar a trabalho, volto só domingo à noite — afirmou Isla, bebericando o café maravilhoso de Teodora.

— *Viagem de trabalho? Hmm, que chique!*

— Pois é.

— *Mas vai perder a festa do Pedro.*

— Nossa, que pena — fingiu tristeza.

— *Poderia pelo menos fingir melhor. Não nos vemos há mais de um mês, o que está acontecendo com você?* — inquiriu Joana, claramente chateada.

— Desculpe, amiga — começou Isla, diminuindo o tom de voz —, você tem razão, assim que eu voltar a gente combina alguma coisa sem falta. Pra compensar, vou trazer um presente para você da minha viagem. O que acha?

— *Querendo me comprar?*

— Hmm... Sim!

— *Amei, aceito* — disse sua amiga, imediatamente, rindo do outro lado da linha. — *Se cuida, e se não me ligar na segunda apareço na porta da sua casa com a polícia. Sabe que tenho uns contatinhos quentes, né?*

— Também te amo — declarou, desligando o aparelho em seguida.

Assim que o guardou novamente, viu Teodora parada ao seu lado, estendendo-lhe um pequeno papel que tinha caído de sua bolsa. Era o extrato da sua conta que havia tirado no dia anterior.

Teodora estava em choque e não era para menos, visto que quase nenhuma pessoa assalariada como ela teria mais de dois

milhões de reais na conta.

Na verdade, aquele dinheiro estava ali somente de passagem, pois havia retirado de um investimento para colocar em outro melhor.

— Obrigada — falou Isla, puxando o pequeno papel da mão da cozinheira.

Ela achou melhor não comentar sobre o assunto, até porque não poderia explicá-lo. O que ela iria dizer? Que seus pais eram ricos e haviam deixado aquela quantia como herança?

Por mais que essa fosse a verdade, não justificaria o fato de Isla se submeter àquele trabalho. Preferia manter o silêncio a ter que mentir para Teodora. Omitir pesava menos em sua consciência.

— Bom dia. — Linda apareceu na cozinha carregando um incenso aceso e espalhando o aroma pelo ambiente. — Pronto, Isla?

Que coisa irritante aquele cheiro forte logo cedo!

— Bom dia, senhora Meirelles.

— Me chame de Linda — pediu, balançando os braços, parecendo uma maluca. — Pode pegar suas coisas porque nós já vamos.

— Boa viagem — desejou a cozinheira com um sorriso.

Isla se levantou, colocou sua mochila nas costas, depositou a xícara vazia na pia e deu um beijo em Teodora.

— Juízo, minha filha. Que Deus a acompanhe.

— Obrigada — agradeceu, sincera. — O café estava uma delícia, como sempre — elogiou antes de sair.

Linda terminou de espalhar a coisa fedida e caminhou para fora.

Isla a seguiu e entrou no mesmo carro, vendo Orion entrar no da frente, com Nicolas e Calisto.

Foram seguidas por mais quatro veículos até chegarem a um aeroporto que nunca tinha visto em sua vida, e olha que Isla

conhecia bem sua cidade.

Anotou mentalmente aquela informação, pois decerto lhe seria útil.

Os carros pararam na pista de pouso e muitos homens desceram, todos atentos a cada centímetro de terra que os cercavam.

— Vamos — incentivou Linda, puxando-a pelo braço para subir no avião. — Sente-se onde quiser, fique à vontade. Vou me sentar aqui — disse, apontando para uma das poltronas beges, grandes e confortáveis da aeronave.

Olhou ao redor e se sentou na primeira poltrona em que bateu o olho, um pouco mais para o fundo, pois sempre que tinha oportunidade, preferia manter distância de daquelas pessoas.

Isla se acomodou e ficou observando o que acontecia do lado de fora.

Alguns homens carregavam uma enorme mangueira, que ela logo deduziu ser do combustível, enquanto outro fechava uma pequena comporta logo abaixo de onde Isla estava sentada. Também observou Nicolas entrar em um dos carros pretos e ir embora.

Ele sempre ficava para trás, aparentemente cuidando das coisas na ausência de Orion, por isso não estranhou que tivesse dado meia-volta assim que seu patrão estava entregue.

Mandou os pensamentos relacionados ao *baba-ovo* para longe e focou na viagem que estava prestes a fazer. Isla estava tranquila, não tinha medo de voar, ela só esperava que Linda não tirasse um incenso da bolsa e o acendesse no meio do caminho. Apesar de que, nada vindo da hippie maluca a surpreenderia.

De repente o clima, que estava relativamente tranquilo, transformou-se quando Orion adentrou na aeronave. Para variar, ele estava de terno preto e usava óculos escuros. Um metido nojento!

Voltou a encarar sua janela, ignorando-o e tentando se distrair com os funcionários que trabalhavam ao lado de fora, porém, não

havia mais nenhum e passou a observar a aeronave.

Tudo ali dentro parecia exclusivo. Havia dois conjuntos com quatro poltronas distantes umas das outras, com uma mesa entre elas, onde um grupo de pessoas poderia conversar ou fazer uma reunião. Também havia dois outros pares, um na parte da frente e um na parte de trás, que era a que ela ocupara, dando um total de doze assentos.

Isla torceu para que Orion fosse lá na frente ou até mesmo junto com o comandante, não interessava, contanto que ficasse o mais longe possível. Contudo, era óbvio ele não perderia a oportunidade de aporrinhá-la, então, de modo arrogante, caminhou até o fundo e se sentou ao seu lado.

Por que, Deus? Por que ele foi cismar comigo?, pensou Isla.

Seu objetivo de ser como um fantasma naquela casa não estava saindo como planejou e isso era péssimo para os seus planos.

— Dia maravilhoso para uma viagem, não acha? — disse ele, olhando para a janela.

Ela fez o mesmo e se assustou ao ver que o tempo tinha virado e o sol que Isla acreditou que logo daria as caras, sumiu por inteiro, dando lugar a dezenas de nuvens escuras.

Para completar, um relâmpago apareceu no céu, precedendo um trovejar ensurdecedor.

Isla nada respondeu. Continuou a olhar para frente, mas totalmente incomodada com a presença de Orion a seu lado.

Naquele dia, em especial, ela não estava com seu tradicional vestido preto e sapatos altos.

Permitiu-se usar uma calça vermelha de alfaiataria e uma camisa branca com detalhes bordados na gola. Nos pés, optou por um tênis todo branco que deu um visual mais despojado ao look.

Ela gostava muito de moda e adorava se vestir bem, no entanto, na casa dos Meirelles havia um padrão, mas como não

estava lá, resolveu ousar, mostrando um pouco da sua personalidade em suas vestimentas.

— Cadê seu uniforme? — inquiriu ele, como se estivesse lendo seus pensamentos.

— Fui liberada da utilização dele nesta viagem.

— Por quem? Você aqui obedece às minhas ordens. Vá agora.

— Orion. — Uma esganiçada soou.

Isla olhou em direção à frente do avião e viu a ruiva enraivecida indo em sua direção.

Era só o que faltava para dar início a um show de horrores!

— Não — disse ele, altivo, levantando-se antes que ela pudesse alcançá-los. — Saia daqui.

— Podemos conversar?

— Não.

— Por favor — implorou, com os dentes trincados, visivelmente envergonhada.

Isla virou o rosto para a janela, sem querer testemunhar aquela situação constrangedora, mas não poderia mentir dizendo que não estava adorando ver o jeito que Orion tratava aquela lambisgoia!

— Por que está sentado ao lado da empregada?

— Calisto! — Orion chamou, fingindo não tê-la escutado.

O braço direito do mafioso apareceu em seu campo de visão e, sem que Orion precisasse dizer algo, dois seguranças entraram logo atrás e a retiraram.

— Sua vagabunda — xingou Caetana, encarando-a.

Assim que eles passaram pela poltrona de Linda carregando a megera, a mulher se levantou e fez um sinal místico esquisito com as mãos.

Isla teve que admitir que foi bem engraçado.

Para completar, seu instinto falou mais alto quando piscou para Caetana antes que esta fosse completamente expulsa do local e isso foi o suficiente para que a louca gritasse ainda mais.

— Imagina nós três pelados em uma cama? — Orion falou do nada, pegando-a de surpresa. — Qual o seu preço?

Isla respirou fundo, refreando a imensa vontade de agredi-lo.

— Ou ainda é virgem? Se for, pago o dobro.

— Não falo sobre minha vida pessoal com qualquer um.

— Não? Achei que por você ser qualquer uma, não se importasse.

Isla inspirou profundamente mais uma vez, sentindo suas bochechas pegarem fogo.

— Vamos lá, criada, todo mundo tem seu preço. Não precisa fingir que está ofendida, somos adultos.

— Não estou — mentiu, cerrando os dentes.

— Ótimo, assim facilita as coisas — declarou Orion, cruzando as pernas. — Pago duzentos reais. O que acha?

— Nossa — exclamou, irada —, nem saberia o que fazer com tanto dinheiro.

Sua respiração acelerou e a culpa era da adrenalina que começou a correr por suas veias, proveniente da raiva que estava sentindo.

Filho da puta, maldito!

— Caetana é fogo entre quatro paredes, você não irá se arrepender.

— Posso imaginar — respondeu, vermelha de ódio, mas controlando sua fúria —, uma vez que ela deve precisar compensar a *sua* falta de habilidade.

Para quem estivesse os observando, parecia um diálogo normal, mas somente eles sabiam o tornado de emoções que trocavam naquele momento.

Sem que Isla esperasse, Orion se curvou sobre ela, pegou as duas alças do cinto de segurança dela e o apertou sem qualquer delicadeza. Mas em vez de se afastar, manteve o rosto rente ao dele, permitindo que o cheiro amadeirado invadissem suas narinas.

Petrificada, ela não sabia o que o que fazer, ao contrário de Orion, que parecia ter plenos poderes de seus atos, a contar pelos movimentos calculados que fez antes de apoiar um dos braços em seu tronco, impedindo-a de se mover, e com a mão livre abriu sua calça.

Isla continuava embasbacada, sem reação, completamente desacreditada do que estava acontecendo.

— Você vai implorar para que eu te foda — disse ele em seu ouvido com a voz rouca —, e de graça, porque minha oferta anterior já não está mais válida.

Então os dedos dele escorregaram até sua boceta e Isla foi transportada para outro planeta, onde o que imperava era a vergonha, uma vez que, para seu total vexame, estava molhada.

O instinto animal que morava dentro de si fora ativado, impedindo-a de protestar, por mais que seu lado racional gritasse dentro de sua cabeça, mandando-a se levantar e correr enquanto era tempo.

O problema era que Isla já estava dentro de um labirinto, totalmente perdida e, para piorar, gostando da sensação.

— Vou te foder com meus dedos — anunciou ele, fazendo-a sentir o hálito quente e mentolado em seu ouvido. — Se não quiser é só mover o quadril para trás e tirá-lo. É você quem controla.

Óbvio que seu corpo estúpido afundou mais ainda na cadeira, fazendo os dedos dele escorregarem em direção à sua intimidade por completo.

Ele começou a masturbá-la sem dó, bruto como só ele poderia ser.

Isla estava se segurando para não emitir som algum e torcendo para que estivesse oculta atrás dos enormes assentos.

Quando ele acelerou, sentiu que estava próxima de seu fim, mas então ele beliscou seu clitóris e uma sensação inédita surgiu e a afundou ainda mais na depravação.

Tudo que ela queria era que ele a fodesse de verdade. Seu nível de excitação era tão alto, que nem se importava que fosse ali, na frente de todo mundo.

Então Orion tirou os dedos e os chupou, lambendo todos os resquícios de seus fluidos.

— Vou te deixar com o benefício da dúvida.

Com essas palavras, o vagabundo, miserável, maldito se levantou, deixando-a em um estado lamentável e transbordando de aversão por si mesma.

13

— Dormi o voo inteiro, acredita? — começou a falar Linda, despreocupada, quando já estavam dentro do carro, rumo ao hotel. — Foi o chá que fiz antes de sair, coloquei todas as ervas da minha horta, funcionou, dormi igual à Bela Adormecida.

Isla estava pensativa, encarando a paisagem pela janela.

Nunca havia se sentido tão insignificante na vida como naquele momento, além, claro, da vergonha.

Como poderia encarar Orion depois de tudo que aconteceu no avião?

— Isla querida, você está bem?

— Não — respondeu, ríspida. — Quero dizer, só fiquei um pouco nervosa com a viagem, nunca havia pegado tanta chuva em um voo, preciso descansar um pouquinho.

Mentir já fazia parte da sua rotina, então não sentia qualquer remorso, ainda mais quando era para aquela família maldita.

Sua vontade, na verdade, era ficar longe de tudo e todos. O restaurante abandonado naquele momento parecia o lugar ideal para estar, porém, estava longe e teria que arrumar outra forma de colocar sua cabeça no lugar, mas como faria isso?

Ficar dois dias grudada com Linda e Orion não era nada atraente. Se tivesse escolha, voltaria para casa e se reconectaria com si mesma para assim, retomar seu plano.

Contudo, a vida não era justa e isso foi algo que aprendeu a duras penas, então ser resiliente era seu mantra diário.

— Que bom que ficaremos no mesmo quarto. Meu rito matinal a ajudará a descansar, garanto — comentou a patroa.

Mesmo quarto? Realmente a vida estava caprichando nos acontecimentos.

Isla respondeu apenas com um sorriso forçado.

— Alberto querido — chamou Linda, olhando para o banco da frente. Um senhor alto e grisalho virou o rosto, encarando-a.

— Senhora — respondeu ele, solícito.

— Orion seguirá para o hotel também?

— Não, senhora.

— Sabe se ele irá voltar tarde?

— Não sei, mas posso informar que a senhora deseja falar com ele quando retornar ao hotel.

— Não tem necessidade, meu filho. Orion é um homem tão ocupado e não desejo estar a par de nada relacionado ao trabalho dele.

Era a primeira vez que ouviu Linda comentar algo relacionado aos negócios do filho.

Isla não sabia se a doidinha tinha conhecimento real de tudo o que Orion representava para o país ou da influência que ele exercia.

Para desbancá-lo, ela teria que juntar muitas provas contundentes, pois só assim teria uma chance de conseguir vingança. Sua ideia era fazer um dossiê vultoso e encaminhar para a grande imprensa.

Por mais que ele fosse um homem poderoso e tivesse muitas pessoas em suas mãos, certamente alguém teria coragem suficiente para publicar e uma vez na internet, seria o fim de Orion.

Não tinha como a justiça abrir mão de julgá-lo. Obviamente, Isla sabia que ele tinha chances de escapar, pois era um rato astuto, no entanto, era a única bala restante em seu revólver.

Ela gostaria de ser fria o suficiente para matá-lo com suas próprias mãos, todavia, apesar de a sua carcaça dura, era mais mole que uma gelatina por dentro.

Seus pais a criaram com todo amor e carinho. Apesar de terem ensinado valores preciosos, ela sentia que viveu a maior parte de sua vida em uma redoma e foi conhecer o lado externo, somente após a morte deles.

A fortuna que havia herdado não enchia seus olhos. Trocaria mil vezes aquele valor para ter Nívia e Luiz de volta, porém, mais uma vez ela retornava naquela famosa frase de que a vida não era justa e todos tinham apenas dois caminhos: sentar e se lamentar ou correr atrás daquilo que te fazia feliz, compreendendo que ela tinha altos e baixos.

No momento em que decidiu vingar a morte deles, deixou de lado sua vida pessoal e projetos importantes que estava trabalhando havia alguns anos. Tudo para que aquele sentimento acrimonioso saísse de dentro de si.

E por mais que ele crescesse, ao invés de diminuir, ela sabia que seu momento chegaria.

— Pode escolher a cama que quiser — disse Linda, ao entrar no quarto do hotel.

Isla era uma mulher viajada, conhecia muitos países e por mais que em certos momentos fingisse ignorância, conhecia tudo de bom que o dinheiro poderia proporcionar.

Inclusive hotéis de luxo fizeram parte da sua vida desde que nascera, mas tinha que admitir que nem mesmo o que havia ficado em Paris, o melhor de seu repertório, chegava perto daquele em Balneário Camboriú, no litoral de Santa Catarina.

Era de um luxo até desnecessário em sua opinião, porém, não se espantava com Orion e sua mania de grandeza.

— Gosto da janela — disse Isla, colocando sua mochila na cama ao lado da sacada.

O quarto era imenso, até um piano de cauda compunha o espaço.

Ela duvidava que alguém algum dia já tinha pressionado alguma tecla daquele instrumento e aquele pensamento a levou de volta à infância quando seu pai lhe ensinou a tocar piano.

Era um hábito que não havia perdido e era a única coisa de grande valor dentro do seu próprio apartamento, o restante assemelhava-se à casa de uma assalariada classe média.

— Ótimo.

Linda já tratou de abrir sua mala e retirar um porta incenso, acomodando-o na mesa no centro do quarto. Retirou uma pequena caixa e acomodou a substância aromática no local específico, acendendo logo em seguida.

Isla respirou fundo desejando que aqueles dois dias passassem muito depressa.

— Esse é para acalmar — começou. — Lavanda com capim-limão fará o serviço enquanto descansa. Vou tomar um banho enquanto isso, depois podemos ir à boutique de uma amiga que fica próximo ao hotel, lá tem tantas coisas lindas, tenho certeza de que vai amar.

— Assim que sair do banho eu também tomarei um e podemos ir.

— Pode descansar que o meu irá demorar — disse, agitando os sais de banho que havia trazido. — Eu mesma que fiz com as...

— Ervas da horta — completou Isla, sorrindo.

— Exato! O dia que souber identificar cada aroma, meu trabalho com você estará concluído — caçoou, despindo-se ali, no meio do quarto, sem pudor algum.

— Sou um pouco ruim para essas coisas — disse a primeira coisa que veio à sua cabeça enquanto arrumava suas roupas, tudo para que seu olhar fugisse de Linda pelada no meio do quarto.

— Não se subestime, linda Isla — disse, enquanto caminhava para o banheiro e fechou a porta.

Acabou rindo sozinha e antes que pudesse pensar em achar aquela hippie engraçada, tratou de se deitar e fechar os olhos, mas a única coisa que passava em sua mente era o momento que tivera no avião com Orion.

Somente a lembrança fazia surgir uma palpitação dolorida no meio de suas pernas.

Ela já tivera seus parceiros e não havia pudor em relação ao sexo. Essa foi sempre uma pauta aberta com seus pais, o que foi ótimo, pois aprendeu desde adolescente que era um ato natural e gostoso entre adultos.

Mas até Isla descobrir seus gostos e preferências, passou por alguns caminhos que a ensinaram a se conhecer melhor.

E o que ela havia demorado anos para entender e desvendar em seu próprio corpo, o desgraçado tinha feito em questão de segundos sem nunca ter tentado.

— Uma qualidade o diabo tinha que ter — resmungou sozinha, deitada e de olhos fechados. — Mas por que logo essa? — questionou, indignada. — Poderia ser cozinhar, gostar de dançar ou até mesmo de crianças...

Continuou a refletir sozinha enquanto um pensamento levava a outro, mas todos terminavam em Orion.

Aquele homem estava virando sua verdadeira obsessão, talvez isso não fosse muito saudável para o que pretendia fazer com eles, principalmente, para si mesma.

— Por favor, não sei do que o senhor está falando — implorou o pequeno homem com cara de nerd, ajoelhado na frente de Orion.

Orion, Alberto e mais quatro seguranças estavam em um dos andares à prova de som de seu edifício, todos assistiam ao espetáculo sem pronunciar uma palavra.

— Não mesmo? — inquiriu, dando uma joelhada no rosto do garoto, fazendo-o cair para trás. — Não é isso que minha intuição

diz, além, é claro, de termos rastreado o ID do seu computador. Você mais que qualquer outra pessoa, sabe o quanto essa prova é contundente.

A equipe de Alberto havia chegado até Guilherme após uma minuciosa varredura feita no sistema da boate. Depois de muito trabalho, conseguiram chegar até o maldito intruso que estava vendendo convites falsos para sua boate.

Ao menos, conseguiram pegá-lo a tempo de não vender mais nenhum, porém, os dois cartões comercializados ainda intrigavam Orion.

— Por favor — implorou com a mão no nariz que jorrava sangue.

— Então os quatrocentos mil que entraram na sua conta, foram ganhos fazendo bico em lojas que consertam computadores? — questionou ele, aproximando-se mais uma vez e apontando uma arma na cabeça dele.

— Está bem... Fui eu — gritou, exasperado.

Orion se abaixou e pressionou o cano na testa do infeliz.

— Isso eu já sei, não subestime a minha inteligência. O que eu quero é nomes, aparência, endereço e tudo mais que souber.

— Vendi para o mesmo homem — continuou a desembuchar, desesperado. — Não vi o rosto dele, foi tudo por computador e Correios. Tenha misericórdia de mim, senhor, sou apenas um hacker...

— Um hacker que conseguiu invadir meu sistema de segurança, e só por causa disso você já merecia morrer, mas em vez disso, a partir de hoje, seu projeto de vida será encontrar esse homem, pois já que fez o impossível uma vez, fará a segunda e sem chance para erros, ouviu bem?

— Tudo que o senhor quiser.

Orion se levantou, ainda com a pistola apontada para a cabeça do infeliz, só para vê-lo se mijando de medo.

— Mas isso não quer dizer que sua atitude não terá consequência — declarou, desviando a mira e atirando na perna do rapaz. — Isso é para garantir que passará dia e noite sentado, até encontrar quem deseje.

Guilherme rolou no chão, gritando de dor, enquanto Orion ia embora tranquilamente.

— Mande alguém limpar essa bagunça e garanta que tudo o que falei aqui aconteça — dispôs ele, alocando sua pistola no coldre e saindo do cômodo.

14

— Devo admitir que a loja da sua amiga realmente tem coisas maravilhosas — consentiu Isla, assim que chegaram do passeio.

Já era quase a hora do jantar, pois acabaram ficando a tarde toda andando pelas redondezas do hotel.

Precisava admitir que tinha sido agradável e lhe rendeu algumas risadas. A verdade era que estava se surpreendendo com Linda e a forma como ela levava a vida. O que lhe causava asco algumas horas atrás, naquele momento, apenas a divertia.

Mas também entendia que deveria ser fácil encarar tudo com tanta leveza quando não se tinha dificuldade alguma no caminho.

E Isla não dizia aquilo somente pelo fato de a mulher mais velha ser rica, porque realmente achava que isso não levava felicidade a ninguém – e ela tinha propriedade para afirmar isso, visto que se enquadrava naquele nicho. Mas a forma como Linda enxergava a vida no geral.

Tudo que saía da boca dela parecia fácil e prático, como se as pessoas que dificultassem as coisas e em certo aspecto, Isla até concordava. Contudo, muitas vezes a vida não dava escolhas simples e as decisões sempre causavam consequências desastrosas.

Ela esperava que suas escolhas não entrassem nessa estatística, pois tudo que estava fazendo era em nome do amor que sentia por seus pais.

— Eu te falei — vangloriou-se Linda assim que entraram no elevador privativo. — Está muito cansada para jantarmos? Essa velha gostaria da sua companhia.

— Podemos jantar sim, estou faminta — declarou, apoiando o corpo no espelho.

A porta já estava se fechando quando um braço grande e forte a impediu.

Nos primeiros segundos ela não vira o rosto de ninguém, no entanto, tinha absoluta certeza de que era de Orion porque era somente ele estar em um raio de cem metros que seu corpo proclamava a presença dele.

— Oi, meu filho. Bom te ver.

— Onde estava? — inquiriu, entrando no elevador sem nem mesmo olhar na sua cara. Crédito idiota! — A próxima vez que não me atender a trancarei no quarto.

— Tomou aquele chá que deixei no seu quarto? Está estressado demais, assim você vai enfartar antes de me dar netos — disse a mulher. — Estávamos apenas comprando algumas coisas e não é como se já não tivesse seguranças o suficiente, sou velha e talvez com princípio de surdez.

Orion estava de costas para Isla e Linda ao lado do filho, também de costas.

Mesmo sem ter respondido as coisas que a mãe disse, ele virou o rosto por cima dos ombros e a encarou de canto de olho. Durou apenas alguns segundos, porém, o suficiente para sentir as pernas gelarem.

Aproveitou sua visão privilegiada e o escanceou sem que ninguém notasse.

Sua intenção era encontrar qualquer coisa relevante e estava com sorte, pois conseguiu notar um volume no cóx da cintura através da camisa preta justa.

Com certeza é uma arma, pensou.

Isla sabia que ele era um homem perigoso e que, certamente, deveria ter uma dúzia daquelas, porém, ver tão de perto era uma sensação diferente, como se fosse a mocinha e ele o vilão prestes a atacá-la.

Pensando bem, de certo modo, não era mentira.

Aquele elevador estava demorando mais que o normal e Isla estava começando a sentir um calor estranho. Sua visão estava começando a ficar turva e a única coisa que pensou era não desmaiar ali no elevador com Orion presente.

Talvez por saber que tinha uma arma tão perto de si, Isla teve uma crise de consciência e mais uma vez pensou que estava metendo os pés pelas mãos ao se envolver com pessoas tão perigosas.

Ali se deu conta de que era apenas um pequeno peixinho envolto de um mar de tubarões.

Colocou as duas sacolas que carregava no chão e começou a se abanar, rezando para aquela merda abrir logo.

Orion deve ter notado sua movimentação, pois a encarou mais uma vez por cima dos ombros, mas não lhe deu atenção alguma. Se ele percebeu que ela estava passando mal, fingiu que não viu e Isla não sabia se achava isso bom ou ruim, já que teve apenas mais uma confirmação do quão babaca aquele homem era.

Quando finalmente as portas se abriram, Orion saiu primeiro e ele disse algo para Linda, todavia, Isla não foi capaz de assimilar, só caminhou a passos largos rumo ao quarto.

Entrou direto para o banheiro e trancou a porta.

Naquele momento torceu para que Linda tivesse bom senso e...

— Isla, você está bem? Aconteceu alguma coisa? Ah! Deve ter sido aquele sorvete que tomamos e que te deu dor de barriga, né? Pode ficar à vontade, vou ligar meu Reiki no volume alto, assim te deixa mais confortável caso precise, você sabe, né?!

Com as mãos apoiadas na bancada de pedra, revirou os olhos.

Sentia-se sufocada com tantas farsas e mentiras.

Aquela não era ela. Gostaria de poder arrancar a máscara e as amarras que a mantinham presa e ser a Isla Maria divertida, engraçada e descontraída.

Nos últimos meses adotou uma personalidade distinta em nome de uma vingança, mas ela valeria a pena? A verdade era que começava a acreditar que talvez aquela personalidade obscura que adotou estava transformando-a em algo ruim.

Levantou a cabeça, olhando seu reflexo no espelho no mesmo instante que ouviu a música começar a soar ao lado de fora. O aroma de um dos incensos de baunilha com gerânio chegou até suas narinas e riu com seu próprio pensamento, desde quando virou sommelier em coisas esotéricas?

Linda não estava sendo uma boa influência!

— Era só o que me faltava — afirmou para si mesma, ao retirar as roupas e ligar o chuveiro.

Aquela tarde descontraída serviu até mesmo para deixar de lado a raiva que estava sentindo de si mesma por ter permitido que o diabo a tocasse tão intimamente.

Porém, como diria sua própria mãe: *bola para frente, porque já que não poderia mudar o passado, faria de tudo para não cometer a mesma falha no futuro.*

Terminou de se banhar e seguiu rumo ao closet para se trocar.

Não tinha levado muitas opções, então vestiu um vestido justo de tricô roxo, com mangas longas e bufantes, já que o clima da noite estava mais ameno.

Caminhou novamente até o banheiro e fez seu ritual de cremes, maquiagem leve e hidratante no corpo.

Isla sempre foi uma mulher que apreciava se cuidar e, por isso, jamais deixava de levar seu kit sobrevivência, como costumava chamar, para onde quer que fosse.

Nos pés, optou por um mocassim preto tratorado e a bolsa da mesma cor.

Retornou ao quarto e Linda também já estava pronta, essa era a vantagem de ter dois banheiros na suíte presidencial.

— Nossa, você está linda — elogiou a mulher. — Está melhor? Providenciei um chá para você — declarou, esticando uma xícara.

— Obrigada — agradeceu, pegando o objeto e levando até a boca.

— Delícia, né? — quis confirmar assim que notou que o chá a agradou.

— Sim, muito bom.

— É de capim-limão, ervas da índia, camomila e maracujá.

— Quando passou a se interessar por esse mundo esotérico? — atreveu-se a perguntar querendo saber tudo da vida deles, afinal, teria que começar por algum lugar, não é mesmo?

Era a primeira vez que Isla perguntava algo pessoal para Linda.

Queria começar a criar um vínculo mais afetivo com a hippie, quem sabe assim ela virasse sua confidente. Contudo, tinha que admitir que aquela foi uma pergunta que realmente tinha curiosidade na resposta.

— Desde que me entendo por gente — respondeu ela, sorrindo. — É um mundo mágico e lindo. O nome dos meus filhos...

Opa, espera. Filhos no plural?

Isla ficou embasbacada e mal conseguiu disfarçar.

— Sim, Orion tem um irmão — declarou, como se tivesse lido sua mente. — Taurus se refere ao seu signo homônimo, touro, evidentemente. E Orion é uma constelação, mas também está presente na mitologia grega. Nela se diz que ele era o melhor dos caçadores e após sua morte, Zeus o colocou nas estrelas. Bonito não? Acho fascinante.

— Estou surpresa, nunca ouvi ninguém comentar sobre Taurus.

— Meu caçula não mora no Brasil. Quem sabe um dia não possa conhecê-lo, ele também é um amorzinho.

Também?, pensou, irônica. Certamente não estava se referindo ao Orion.

— Agora vamos jantar? — inquiriu Linda, levantando-se da cama.

— Vamos sim — confirmou ela, colocando a xícara em cima da mesa e caminhando até a porta.

— Orion já deve estar nos esperando.

Isla congelou. Como assim? O que havia perdido?

— Espero que não se importe — disse Linda, tomando a frente com um sorriso no rosto.

Que ótimo!

Chegaram ao restaurante do hotel e ele realmente já as aguardava. Estava sentado, olhando a imensidão do mar quando se acomodaram.

— Boa noite, querido, estamos morrendo de fome... Já pediu?

— Somente as entradas — declarou ele, encarando-a sentar.

— Achei que era um jantar em família — provocou, redirecionando o olhar para Linda.

— E é — respondeu, feliz.

— Sou obrigado a contestar, visto que a empregada não faz parte de nosso círculo familiar.

— O que é isso, meu filho? — perguntou Linda, surpresa.

Isla se levantou, pois não estava com saco para aguentar grosserias naquela noite. Mas Linda a imitou.

— Então, iremos a outro lugar.

Com o cenho franzido, ela encarou sua empregadora, chocada por vê-la bater de frente com o filho por sua causa.

Orion respirou fundo e apertou os lábios em desgosto.

— Sente-se — ordenou ele para a mãe.

— Ótimo, foi o que pensei — afirmou, rindo, e se sentou, depois puxou Isla pelo vestido para que a imitasse.

— O que quer beber, querida? Acompanha-me em um vinho?

— Sim, claro — retrucou, ainda desconfortável.

— Vinho? — inquiriu o mal-humorado. — Acha bom misturar álcool com aquele tanto de remédio?

— Uma vez no mês não tem problema algum. Vou até a adega escolher.

Isla se levantou antes e disse, querendo uma brecha para respirar:

— Pode deixar que eu escolho.

Por mais que sentisse um ímã gigante os aproximando, Isla se esforçava para superar a física e manter-se segura, o que significava, longe o maior tempo possível de Orion.

— Onde fica sua adega? — inquiriu ela para um dos garçons.

— Final deste corredor à direita.

— Obrigada.

Seguiu no sentido que o senhor orientou e avistou uma enorme adega toda de vidro escuro com milhares de rótulos. Maravilhosa!

Isla era amante da bebida e uma ótima conhecedora. Já havia feito cursos e milhares de degustações em suas viagens, por isso sabia bem o que estava fazendo.

— Precisa de ajuda? — declarou um jovem rapaz vestido em um terno elegante.

— Na verdade, não, mas obrigada.

— Tem certeza? Vejo que gosta de vinhos portugueses — declarou, observando que ela olhava para a prateleira daquele país. — Mas temos esse da Itália que é excelente — continuou a falar, enquanto pegava um Barolo nas mãos.

Apesar de ser um vinho maravilhoso e tradicional, ela particularmente gostava dos mais intensos.

— Esse faz mais meu estilo — afirmou, pegando um Château Durfort Vivens. — Um Cabernet intenso, com frutas poderosas e muito requintado. Difícil de achar, não?

— Pelo jeito estou na frente de uma boa conhecedora.

— Modéstia parte, sou boa mesmo — caçoou, fazendo o jovem rapaz rir.

— Gostaria de rir também — declarou Orion, assim que entrou no recinto, deixando o clima denso em segundos.

Era sempre assim. Ele chegava trazendo toda aquela nuvem densa e sinistra consigo, acabando com qualquer conversa agradável e clima descontraído.

— Com licença, senhor — disse o rapaz de cabeça baixa, sumindo amedrontado igual fumaça.

— Uma dama de companhia sommelier em vinho? Acho que esse detalhe me passou batido na sua ficha.

— É mais um hobby.

— Interessante porque não se vê muita gente com esse tipo de passatempo — afirmou, aproximando-se.

Isla foi dando passos para trás, tentando não transparecer que estava apreensiva.

— Tem medo de mim?

— Teria motivos?

— Muitos. — Orion foi sincero, à medida que apoiava o braço em uma das prateleiras, prensando-a na parede. — Você não tem nem ideia do quanto.

— Desculpe te desapontar, mas não o considero assustador. No máximo... — Fez uma pausa, pensando na palavra que usaria.

— Rude? Egocêntrico? Sisudo? Peculiar? — perguntava ele, ao passo que o rosto se aproximava lentamente do dela. — Sim, sou tudo isso e muito mais, inclusive pertinaz. Sabe o que isso significa?

— Que você é inconveniente?

— É um ponto de vista.

O rosto dele estava tão próximo que sentia aquele já conhecido hálito mentolado mesclado com o aroma do perfume.

— O que você quer comigo? — perguntou, mal conseguindo respirar, completamente intimidada pela presença imponente e arrematadora daquele homem.

— Te foder!

Isla arregalou os olhos, impactada com as palavras sinceras de Orion.

— Tenho certeza de que existem mil mulheres aos seus pés, inclusive Caetana, por que logo eu? Não faço seu estilo e não tenho interesse — mentiu na cara dura. — Pare de me perseguir!

Orion moveu os lábios, parecendo que ia sorrir, mas congelou no meio do caminho.

— Também acho que não faz — concordou, olhando-a se cima a baixo —, mas meu pau discorda.

Isla olhou instintivamente para baixo, encarando o pau enorme e duro de Orion através da calça.

Putá que pariu!

— Mas vou te confessar minha melhor qualidade, paciência — afirmou sem tirar os olhos do dela. — Sei esperar o momento exato para cada fato discorrer e assim como eu, você sabe que terminará na minha cama. Sabe por quê?

— Porque você é mimado, acostumado a ter tudo a hora que quer, mas já te adianto que comigo...

Orion colocou a mão sobre a boca de Isla, fazendo-a se calar.

— Eu tenho mesmo tudo o que quero a hora que quero — asseverou, dando ênfase em cada palavra enquanto tirava a mão apoiada da prateleira e percorria seu corpo —, mas isso é uma conversa para outro momento. Inclusive, você somente não está em minha cama neste segundo, porque não quero, já que aposto um dedo da minha mão que sua boceta está encharcada.

Ela abriu a boca para responder, mas desistiu, pois a verdade era que Isla se surpreendia cada dia mais com o jeito chulo e egocêntrico daquele babaca, deixando-a momentaneamente congelada e sem reação alguma.

Seria um bom momento para ela levar um tapa da cara e acordar daquele pesadelo, mas, infelizmente, era muito real.

— Não pode me contrariar, não é mesmo, criadinha? — ironizou, com um sorriso altivo e virou as costas.

Isla mais uma vez havia sido levada para um mundo paralelo onde não se reconhecia.

Ainda estava tentando entender o que aconteceu quando Orion parou antes de sair e disse:

— Outra coisa, para você é senhor Meirelles, garota insolente.

15

— Que demora, minha filha — disse Linda assim que retornou à mesa. — Orion pediu desculpa, mas teve que se ausentar... Coisas de trabalho, sabe como é, né?

Isla se sentou, ainda ligeiramente aturdida e respondeu:

— Sem problemas.

A desculpa que estava com dor de cabeça chegou até sua língua, mas resolveu engoli-las. Não queria dar bandeira, por isso Isla permaneceu o jantar todo com a tagarela da Linda.

Aquela mulher tinha um repertório interminável, o que serviu ao menos para manter sua cabeça cheia.

Após finalizarem o jantar, Isla não estava com sono, preferiu dar uma volta nas dependências do hotel, enquanto Linda optou por ir ao quarto meditar.

Chegou até a piscina e se sentou em uma das cadeiras dispostas, tentando apenas relaxar, sem pensar em nada.

Sua vida já estava virada de cabeça para baixo e seus neurônios faltavam fritar tamanha eram suas preocupações, por isso, permitiu-se apenas pensar em coisas boas enquanto encarava aquela maravilhosa piscina de borda infinita com o oceano de fundo.

A vista trouxe-lhe uma paz imediata. Uma sensação boa, como se tudo ao seu redor estivesse exatamente como deveria ser.

— Boa noite. — Ouviu uma voz masculina proferir em sua direção.

Por alguns milésimos de segundos, pensou que poderia até ser Orion, mas ele jamais chagaria cumprimentando com tanta educação como aquele estranho fez.

Quando se virou, observou um lindo rapaz se aproximar, no entanto, ficou furiosa consigo mesma, pois sentiu uma pequena frustração se formar.

— Boa noite — limitou-se a responder para não parecer rude.

Ele estava de roupas despojadas e chinelos, mas ainda assim, por algum motivo, exalava luxo.

Possuía cabelos compridos, preso em um coque samurai e os olhos azuis, que se assemelhavam a uma continuação perfeita da piscina.

Em resumo: um homem maravilhoso.

— O que uma linda mulher faz sozinha por aqui nessa hora?
— galanteou ele com um sorriso sincero.

Os olhos do rapaz encararam suas mãos, provavelmente em busca de uma aliança e quando não a encontrou, disse, estendendo a mão:

— A propósito, me chamo Cassiano.

— Isla — apresentou-se também esticando sua mão em cumprimento.

— Então, Isla, o que faz por aqui sozinha? Esperando por alguém?

— Na verdade, não, estou apenas curtindo a paisagem.

— Ela merece nossa atenção, não é mesmo? Sempre que venho a cidade eu me hospedo neste hotel.

— Sim — concordou, desviando o olhar de Cassiano e focando no mar.

— O que acha de tomar um drink comigo? — perguntou direto.

Se fosse em outra circunstância talvez até Isla aceitasse, mas ela não estava no *mood* paquera, mesmo que Cassiano fosse um homão, teria que declinar do convite.

— Desculpe, mas...

— Ela está em serviço — atravessou aquela velha voz grossa que lhe dava um arrepio na espinha.

Isla se virou, já estreitando o olhar, enquanto o rapaz fez o mesmo.

— Sabe de uma coisa, Cassiano — começou ela, levantando-se —, eu aceito.

Orion não desgrudava os olhos do homem, como se fosse um oponente, e antes que ele pudesse voltar atrás no convite, Isla o pegou pelo braço e o arrastou, todavia, não puderam prosseguir, já que seu chefe grudou a mão no braço de Cassiano.

Ela notou que o aperto estava forte e começou a sentir pena do coitado.

— Saia daqui — ordenou o maldito mandão.

— Acho que vocês precisam conversar — amenizou o homem de olhos azuis, tentando se esquivar, mas Orion não desgrudava do braço dele.

— Solte o rapaz — pediu Isla, nervosa.

— Saia de uma vez, samurai de merda.

Cassiano sumiu das suas vistas tão rápido que pensou que talvez ele fosse corredor de maratona profissional.

— O que foi isso?

— Você está nesta viagem em serviço — disse, ríspido. — Devo lembrar que seu trabalho aqui é ficar com Linda e não se prostituir.

— Sabe de uma coisa? — inquiriu com um misto de indignação e raiva. — Não sou escrava, essa hora já não é mais para eu estar trabalhando, por isso, acho que tenho o direito de

fazer o que quiser e isso inclui me divertir ou sair com quem bem entender.

— Sabe de uma coisa? — repetiu, irônico, aproximando-se. — A banda toca da minha forma, não dá sua.

Os olhos verdes de Orion estavam mais para castanhos naquele momento. Mesmo com a pouca iluminação e com os cílios negros fazendo sombra, Isla conseguia ver a raiva transbordar.

— Você não é Deus. Não pode controlar tudo e todos — disse, sincera, encarando-o nos olhos.

— Mas para sua alegria, você eu posso.

Isla sentia o perfume dele adentrar por suas narinas, pois estavam tão próximos que era capaz até mesmo de sentir o toque macio da camisa preta que ele vestia por seu braço.

Parecia que estavam dentro de uma sala, apertados, tamanha era a fobia que começou a crescer dentro de si.

— O fato de você pagar meu salário, não lhe dá certos direitos — tentou argumentar. — Não vi em nenhum lugar em meu contrato de trabalho que não poderia sair com quem eu quisesse em minhas folgas. Na verdade, caberia até uma indenização, pois você prejudicou um possível relacionamento.

Orion cerrou os dentes e a pegou pelo braço e mesmo que, notoriamente, estivesse se controlando para não usar a força, Isla sentia o apertão, mas estava tão embriagada naquele jogo que sequer sentia de fato alguma dor.

— Com aquele samurai de merda? — zombou.

— Com quem mais seria? — jogou mais lenha naquela fogueira.

— Não tem ninguém aqui neste hotel que esteja à sua altura.

— Concordo, não é só porque vocês têm muito dinheiro que significa serem boas pessoas, pelo contrário, por isso prefiro até homens mais simples, mas que, ao menos, sejam honestos.

Orion riu.

Foi a primeira vez que viu os dentes dele, mas não era um sorriso amigável e sim algo mais funéreo.

— Se você acredita nisso, já é o suficiente, não é mesmo?

A mão dele ainda estava grudada em seu braço e os olhos colados no seu, contudo, a atmosfera mudou quando ele a soltou e sem aviso prévio enrolou o mesmo membro em sua cintura.

Isla não recuou, ela até desejou, mas sentia que suas forças haviam se esvaído de seu corpo.

— Honestidade é uma palavra com múltiplos sentidos. Depende somente da pessoa que está proferindo. Para mim, por exemplo, ser honesto é ter honra e responsabilidade, já para você é o mesmo que ser fraco e medroso, assim como o samurai que não pensou duas vezes em sair correndo daqui — falou ele, próximo ao seu rosto. — É com esse tipo de homem que você vai para cama? Que faz você gritar de prazer? Que faz você revirar os olhos enquanto te chupam?

— Está enganado.

— Estou mesmo? — inquiriu, à medida que levantava seu vestido e arrastava sua calcinha para o lado.

— Orion — gemeu Isla, ao passo que apoiava o corpo no parapeito da sacada.

— Está vendo como não estou enganado? Você gosta de homens como eu, que sabem exatamente o que querem.

Ele enfiou dois dedos em seu interior e retirou, repetindo o movimento tantas vezes que foi incapaz de contar.

A única coisa que saía de sua boca eram gemidos fracos e deleitosos.

Naquele momento não existia inimigo, vingança ou ego. Certamente, ela se arrependeria no futuro, mas seu corpo fincou raiz e se recusou a ir para qualquer lugar.

Era a sensação mais foda do mundo ser masturbada em um local público com Orion sussurrando em seu ouvido como ele era foda ou que a boceta dela estava deliciosamente escorregadia.

— Não vejo a hora de te foder — proferiu em certo momento.

Ela estava de olhos fechados, ainda com o corpo apoiado no metal e se fosse fazer o que realmente ela gostaria, estaria naquele chão nua, imploraria para que ele a fodesse ali mesmo.

— Você também quer? — perguntou ele, metendo mais um dedo na brincadeira. — Vamos, responde — incentivou enquanto intensificava os movimentos.

Isla não queria responder.

Na verdade, não desejava nada além de continuar sentindo aquele prazer.

— Você quer? — repetiu, cerrando os dentes, ao modo que enfiava os três dedos bem fundo.

— Sim, sim...

Isla concordaria com qualquer coisa naquele momento. Tudo o que ele quisesse ou falasse... Esse era o nível da situação que aquele homem a deixava.

— Ótimo — concordou, satisfeito, cheirando seu pescoço sem que a máquina que ele chamava de mão, parasse de trabalhar. — Ainda vou provar sua boceta, sentir ela apertar minha língua enquanto você goza bem gostoso.

Como ela iria responder aquilo?

Estava imersa em luxúria que sua mente vagou longe, idealizando tudo o que ele falava.

— O dia que meu pau entrar aqui — continuou, apertando os três dedos dentro de si e pressionando seu clitóris com o dedão —, jamais outro irá te satisfazer, então que tal encher meus dedos com seu gozo? Estou louco para ver sua cara quando o êxtase chegar.

— Orion — resmungou alto quando suas pernas amoleceram e ele a amparou para não cair no chão.

— Foi melhor que imaginei — disse, colocando-a deitada em uma das espreguiçadeiras. — Boa noite, Isla, o prazer também foi meu.

Com essas palavras, Orion a deixou sozinha e totalmente desprovida de amor-próprio.

Demorou alguns minutos para que seu raciocínio lógico voltasse, mas quando o fez, tratou de correr para o quarto tentar dormir e esquecer o fiasco de autocontrole que ela possuía.

No dia seguinte, por sorte divina, não viu Orion, portanto, focou sua atenção em ser uma boa funcionária, fazendo as vontades da anciã.

Cada vez que pensava nas últimas vezes que ficaram sozinhos, Isla entrava em pânico. Era possível que estivesse perdendo o controle?

Ficou tão submersa em sua vingança que não transava há meses, talvez fosse esse o problema, ou pelo menos era o que sua mente criativa repetia com frequência.

Ela o adiava e não tinha lugar para outro tipo de sentimento dentro de si, pois ele era grande demais, do tamanho da presunção do maldito.

— Não estou entendendo sua ligação, Leonello — afirmou Orion da mesa de trabalho que havia montado no quarto do hotel.

O relógio não marcava nem seis da manhã e ele já estava trabalhando.

— *Eu sei o que minha filha fez em sua última visita. Essa menina me envergonha* — falou, aparentando desespero. — *Quem sabe não estou pagando pelo que já fiz, não é?*

— Não precisava ter me ligado para isso, está esquecido.

— *Já tive sua idade e sei e deve ter sido complicado colocar uma jovem bonita como ela em seu devido lugar.*

— Os negócios vêm sempre em primeiro lugar, junto com a minha honra.

— *Você é um homem de valor. Não costumo reconhecer qualidades em outras pessoas, mas sou obrigado a admitir.*

— Qualquer parceiro que se preze, teria feito igual.

— *Exatamente, mas não fazem e como forma de agradecimento queria estreitar ainda mais nossos negócios.*

— O que sugere? — perguntou, interessado, pensando que uma recusa de sexo com uma gostosa havia gerado bons frutos.

— *O que acha de abrir uma filial de Cloud na Itália? Estou a par de seus números e eles são impressionantes.*

— E suas boates?

— *São focadas em outro segmento. Minha ideia é abrir uma filial quase que idêntica, acho que seria uma porta para nossos negócios. O que me diz?*

— Acho uma ideia interessante. Expandir nossos negócios e aliar interesses — respondeu Orion recostando na cadeira, observando o mar lá do alto.

— *Ótimo, quando quiser pode voltar à minha terra e encontraremos juntos o lugar ideal para subir o prédio. Até te convidaria para ficar hospedado na minha casa, porém, por motivos óbvios acho um hotel a melhor opção.*

— Sem problemas — respondeu, sorrindo discretamente. — Bom falar com você, Leonello, manteremos contato.

Orion desligou a ligação emendando outra.

— Alberto — disse sem dar tempo para seu chefe da segurança o saudar. — Como estão as coisas com Guilherme?

— *Tudo certo, senhor, estou garantindo que não saia da frente do computador enquanto não descobrir o que queremos.*

— E a instalação do novo equipamento de segurança em minha casa?

— *Atrasou um pouco, mas amanhã cedo tudo estará pronto.*

— Assim espero, pois não adiarei mais meu retorno. Qualquer novidade me comunique — disse e finalizou mais uma chamada.

Correu o dedo por seus contatos e foi a vez de Calisto ser agraciado com sua ligação.

— *Senhor?*

— Como está a movimentação de Hugo?

— *Até o momento ele não tem agido de forma estranha. Por enquanto, tudo está na mesma, mas o Fábio parece desesperado. Corre boatos de que está metendo os pés pelas mãos dentro da Godoi.*

— Claro que está — afirmou Orion, sabendo que Fábio não passava de um ladrãozinho de merda que deu sorte de comandar uma facção como aquela.

— *Mas estou de olho, bem de perto.*

— Continue — incentivou ele. — O carregamento chegou seguro?

— *Estou aqui no porto esperando. O navio está atracando, assim que tiver uma posição da mercadoria, te comunico.*

— Fique atento, esse é nosso produto mais valioso, não aceito falhas.

— *Pode deixar, senhor.*

Orion havia comprado um armamento de Israel que era superior ao do exército americano. Mas obviamente aquele carregamento valioso não ficaria em seu país. Ele já tinha destino certo, a França.

Não era de sua alçada saber o que exatamente os franceses fariam com aquele tipo de armamento, porém, Orion estava sempre atento para alinhar negócios e interesses.

— Ligia — falou Orion assim que sua gerente da casa noturna atendeu, pois não estava disposto a dar descanso para seu aparelho celular.

— *Senhor Meirelles.*

— Alguma intercorrência?

— *Nenhuma, as pessoas ainda estão chegando, mas com o nosso sistema, acredito que não teremos mais problemas.*

— É o que espero.

— *Quer que eu arrume sua área VIP?*

— Não irei hoje.

— *Tudo bem, se caso mudar de ideia, estou à disposição, senhor.*

— Sei disso — declarou, desligando o aparelho.

Orion se levantou e decidiu que era o momento de dar uma pausa.

Ele até tinha um apartamento magnífico disponível em seu prédio, onde ficava a Cloud, porém, também estava passando por mudanças no sistema de segurança, por isso foi forçado a se hospedar no hotel e esse pensamento o fez se recordar da noite anterior.

Aquela garota estava causando alguns instantes de divertimento no mundo sério e sombrio em que vivia.

Ela se assemelhava a uma coelhinha acuada; por outro lado, era uma putinha louca para dar aquela boceta melada. E Orion apreciava esse jogo.

O gosto dela ainda vinha fresco em sua memória. A lembrança o fez passar a língua nos lábios em busca de algum resquício daquele sabor.

Ela estava doida para que Orion a fodesse de todos os jeitos e ele, como o homem paciente que era, esperaria o momento em que a *empregadinha* clamaria para ter seu pau dentro dela.

Quem sabe depois disso ele não a mandasse embora, porque a coelhinha não iria servir para mais nada e Linda que arrumasse outra dama de companhia.

Fazia tempo que não tinha esse tesão de brincar de gato e rato com uma mulher, mesmo que tivesse chamado o próprio pau de idiota por escolher justo uma ninfeta, rendeu-se, pois tinha que

admitir que ela dava para o gasto. E ninguém melhor que uma jovem inocente para foder e descartar.

Mas o fato de ela conhecer vinhos realmente o pegou de surpresa. Nem mesmo Caetana, que era de uma família com um alto poder aquisitivo, sabia metade das coisas que ela falou para o garçom dentro daquela adega.

Assim que seus pensamentos foram levados até a ruiva, arrependeu-se no mesmo momento porque sua cabeça começou a latejar tamanha era a dor de cabeça que ela estava lhe causando.

Adentrou no banheiro pensando que aquela mulher estava totalmente desequilibrada e nem mesmo o sexo incrível compensava as crises dos últimos dias.

Orion não possuía a menor paciência para cenas como aquela que Caetana protagonizou no avião e a hora de dar um basta havia chegado.

A primeira coisa que fez, logo após ela ter invadido a aeronave, foi proibir a mulher de entrar em qualquer estabelecimento de sua propriedade. Todos seus funcionários foram comunicados.

Assim que voltasse, a colocaria no lugar onde nunca deveria ter saído, de uma foda casual e insignificante, pois ele não era homem de se submeter a uma mulher. Sua paciência já tinha atingido o limite.

Infelizmente, ela havia confundido as coisas e por mais que reconhecesse que parte da culpa era sua por ter permitido certas liberdades, o sexo não cobria mais os constantes aborrecimentos.

Mas Caetana ficaria para outro momento, porque Orion desejava apenas relaxar naquela banheira gigante enquanto as duas massagistas tântricas não chegavam.

16

Segunda-feira, o dia odiado quase que de maneira unânime pelas pessoas era o preferido de Orion.

Ele não se importava de ser distinto dos demais, na verdade, acreditava ser seu ponto forte. Enquanto as pessoas levavam suas vidas pacatas e sem emoção, ele saía da zona de conforto constantemente em busca de coisas inovadoras e que lhe rendessem frutos.

Desde menino não conseguia se encaixar em grupo nenhum e sempre viu isso com bons olhos, pois queria dizer que certamente seria um destaque, por isso trabalhou – e continuaria –, tanto para estar nas listas dos positivos ao invés dos negativos.

Orion possuía muitas empresas em diversos segmentos por todo país e mesmo que todas servissem para lavar seu dinheiro, algumas delas lhe geravam bons lucros, mesmo não sendo seu foco inicial. Por isso, seu nome aparecia no topo dos homens mais ricos e influentes do Brasil.

Ainda assim, prezava por sua vida privada longe dos olhos alheios.

Jamais dera uma entrevista ou deu asas a qualquer burburinho que envolvesse seu nome. Não tinha interesse nem ao menos em ler as fofocas inúteis que saíam na mídia.

Seu objetivo não era, nem de longe, ser famoso, já que achava tudo aquilo uma chatice.

Não que fosse adepto a frequentar shoppings ou qualquer ambiente cheio de pessoas, no entanto, prezava por sua liberdade ao contrário de Taurus que optou por estar debaixo dos holofotes por meio da profissão que havia escolhido para si.

Ele e o irmão não tinham semelhança alguma, porém, se gostavam e se respeitavam muito, mesmo que não se falassem com a frequência que gostaria.

Orion preferia dessa forma, justamente para não envolver o irmão em seus negócios ilícitos. Inclusive, Taurus era uma das únicas pessoas que sabia de tudo sobre sua vida, por isso seu irmão mais novo escolheu morar fora do país e seguir outra profissão.

Foi tudo muito bem conversado e Orion o entendeu, dando subsídio para que ele recomeçasse a vida longe da família.

A carreira dele de modelo estava indo muito bem e o rapaz fazia questão de se manter, já que ganhava muito bem, o que deixava Orion tranquilo, pois mesmo que fosse irresponsável quando o assunto era sua vida amorosa, Taurus era cuidadoso quando o assunto era dinheiro.

Ainda que sua mãe sentisse falta do caçula, já que as visitas não passavam de duas por ano, aprenderam a conviver com essa realidade. No fundo, apesar de nunca ter sido esclarecido o real motivo da mudança, ela desconfiava que tinha a ver com os negócios do filho mais velho.

— Como está sua vida? — perguntou ele ao irmão do outro lado da linha.

— *Trabalhando muito, transando bastante e a conta somando zeros o suficiente para viver minha vida como gosto* — caçoou o caçula. — *E você?*

— Caminhando.

— *Caminhando?* — repetiu, zombeteiro. — *O que isso quer dizer? Do jeito que te conheço, certamente trabalha de domingo a domingo sem tempo para dar uma aliviadinha nas bolas. Estou errado?*

— Quero saber quando virá para o Brasil — desconversou ele.

— *Estava pensando em tirar uns dias no fim do ano. Passar as festas aí, o que acha?*

— Acho ótimo. Se quiser posso mandar o jato te buscar.

— *Se me visse agora saberia que estou revirando os olhos. Pode deixar que eu mesmo pago minhas viagens, essa síndrome de irmão mais velho já está na hora de acabar.*

— Não deixe a fama subir para sua cabeça. Essa vida é muito superficial e passageira.

— *Modéstia parte me viro muito bem com essa questão. Aprendi bastante desde que vim morar aqui. Mas agora me fala, como está dona Linda?*

— Sem mudanças, apenas incensos, chás, astrologia e misticismo, ou seja, melhor impossível.

Taurus gargalhou do outro lado da linha, sabendo que o irmão dizia a mais pura verdade.

— *Essa nossa mãe é uma figura* — afirmou, ainda rindo. — *Sinto falta de vocês.*

— Nós também. Você sabe que a porta da minha casa estará sempre aberta, caso decida voltar.

— *Eu sei disso e já me vi tentado a voltar, mas agora existe muita coisa em jogo, afinal, finquei raízes aqui, não é tão fácil quanto parece.*

— Só é difícil se você acreditar que é. Sua carreira está consolidada aí, então pode trazê-la junto. Só não me diz que essa dúvida tem a ver com algum rabo de saia.

— *Claro que não!* — afirmou Taurus, convicto. — *Já me viu apaixonado por alguém?*

Em relação aos assuntos do coração, os irmãos foram moldados da mesma forma.

Nenhum dos dois havia apresentado ninguém para Linda como namorada e sequer tinham se apaixonado de verdade em algum

momento da vida. Tudo não passava de casos passageiros ou sexo sem compromisso.

— Não — respondeu Orion, recostando as costas na cadeira de seu escritório com um leve sorriso nos lábios.

— *Eu volto o dia que você se casar com uma gostosa que tenha uma irmã. O que acha?*

— Foi muito bom conversar com você, meu irmão, mas o trabalho me chama. Manteremos contato, está bem?

— *Tudo bem, toquei no assunto proibido* — brincou Taurus. — *Mande um beijo para dona Linda e não diga nada sobre o fim do ano, quero fazer uma surpresa.*

— Está certo. Até mais.

Orion desligou a chamada e deixou o aparelho repousando em sua mesa.

Por sorte, o sistema de segurança novo havia sido instalado sem mais imprevistos, portanto, tinha retornado à Campos do Jordão bem cedo.

Na realidade, ele voltou antes em um voo que saiu do estado de Santa Catarina antes das quatro da manhã, pois queria ver com seus próprios olhos o novo carregamento que Calisto havia recebido na noite anterior, antes que fosse despachado para a Europa.

Sua mãe e a governanta de estimação ainda não haviam chegado, já que o avião delas sairia depois das dez da manhã e ainda eram nove.

Além disso, teria privacidade para conversar com Caetana sozinho, sem correr o risco de sua mãe – ou outra abelhuda – ouvir.

A ruiva deveria chegar em sua casa a qualquer momento, sem ter a mínima noção que não seria para uma rodada de sexo, como certamente ela estava supondo, e sim para Orion colocá-la em sua posição de origem, de onde jamais deveria tê-la tirado.

— *Senhor* — falou um dos seguranças pelo sistema de comunicação que fora instalado em sua sala.

— Sim — respondeu, apertando o botão para que o homem o escutasse do outro lado.

— *Dona Caetana está no portão.*

— Deixe-a entrar, mas quero que venha acompanhada.

— *Entendido.*

Após três minutos, ela entrou em sua sala, parecendo indignada.

— Com licença — falou seu homem, ao fechar a porta do escritório.

— O que foi isso? Por que fui barrada?

— Porque eu mandei.

— Por que fez isso, Orion? — quis saber com uma voz tristonha.

— Você tem passado dos limites constantemente e sabe o quanto detesto esse tipo de coisa — começou a falar, sem se levantar —, isso aqui para mim — levantou os braços, apontando entre eles —, é uma perda de tempo sem igual.

— Ainda não estou te compreendendo — Caetana fingiu desentendimento, aproximando-se da mesa e apoiando o corpo nela.

— Não gosto de relacionamentos ou qualquer coisa que me faça supor que estou em um e a partir do instante que você invade meu avião, se achando no direito de se intrometer em minha vida dessa forma, cavou a própria cova.

— Está terminando comigo?

— Terminando o quê? — indagou Orion. — Te chamei aqui para dizer olhando em seus olhos que está proibida de entrar na minha casa ou qualquer outro estabelecimento de minha propriedade, ou as consequências serão enormes. Fui claro ou preciso que eu seja mais específico?

— Orion — começou Caetana, sentando-se. — Eu gosto de você. Desculpa-me se fiz parecer algo que não é do seu agrado,

prometo que me controlarei daqui em diante. Eu sei onde estou na pirâmide da sua vida e estou bem com isso, porque tenho a certeza de que futuramente isso possa mudar.

— Não vai. Estou te afirmando com todas as letras. Não quero um relacionamento, nem mesmo algo parecido. O que eu lhe ofereço é sexo quando eu desejar, nada mais que isso.

— Tudo bem, aceito.

— Não. Você não compreendeu o que estou dizendo. Isso já havia sido esclarecido e por algum motivo que criou em sua cabeça, você mudou as regras do jogo. Não lhe darei mais uma chance.

— Faremos o seguinte, u não durmo mais aqui, aceito nunca mais te mandar mensagem ou ligar. Somente sexo e tchau. Se quiser pode ser até em minha casa, mas só não me afasta de você e da química que possuímos.

Caetana, por sua vez, era uma mulher inteligente.

Ela sabia que Orion não gostava que implorasse por qualquer coisa, então optou por um caminho mais racional, ao invés do coração, mas por dentro ela estava a ponto de explodir de tanto gritar, morrendo de medo de nunca mais vê-lo em sua vida.

Estava contando com sua passividade em lidar com aquele chute na bunda para que ele voltasse atrás na decisão.

Ele poderia não admitir, no entanto, eles tinham sim algo mágico e único, com o tempo ele veria isso.

— Já terminei o que gostaria de falar — disse ele, voltando a atenção para o computador.

— Apenas pense sobre o assunto — disse ela, levantando-se entendendo que era a hora de tirar seu time de campo. — Eu mudei, Orion, depois do que aconteceu naquele avião. Sei que sou mais que aquilo, espero que veja isso. Porém, não queria desperdiçar nossa química.

Ela saiu do escritório com a esperança de que suas palavras fossem atendidas.

Orion era um homem poderoso demais para se importar com meras formalidades. Além de ter desejos lascivos que somente ela conhecia muito bem, então contava que em certo momento ele cederia.

Contudo, redobraria sua atenção, porque Caetana sabia que mais uma pisada fora da linha seria excluída para sempre da vida de seu amor. A primeira coisa a fazer era tomar cuidado com seu ciúme excessivo.

Teria que arrumar uma forma de colocar aquela empregadinha intrometida na rua, pois seu alerta sempre soava alto quando ela aparecia.

Por mais que achasse que Orion jamais se interessaria por aquela suburbana infeliz, ver os dois sentados um ao lado do outro naquele dia dentro do avião fez com que enlouquecesse.

Por que estavam tão próximos?

Com certeza estava querendo seduzir o chefe e esse pensamento fez Caetana rir, caminhando para fora da mansão.

Um homem grandioso como ele, nunca olharia para uma mosquinha feita a empregada e mesmo que estivesse errada e Orion se interessasse por ela, não passaria de uma noite de sexo, porque aquela ninfeta inexperiente nunca daria conta de um homem como aquele.

Somente Caetana era capaz de satisfazê-lo e ela daria um jeito de Isla Maria entender isso e se colocar no lugar dela, lá na copa, lavando pratos ou não se chamava Caetana Fagundes.

17

Isla estava cansada da viagem, mas fez questão de ajudar Linda com a organização das suas coisas, afinal, era para isso que estava ali.

No fim das contas, o voo delas atrasou por um problema técnico e chegaram à mansão dos Meirelles depois das cinco da tarde.

Perderam praticamente o dia todo naquela enrolação, mas o importante era que estavam em casa e não via a hora de deitar em sua cama, sentir o cheiro do seu travesseiro e o barulhinho do Netflix conectando.

— Pode ir embora, minha filha, eu me viro aqui, você deve estar cansada.

— Acredita que aquele chá me deu um gás? — descontraíu Isla, tirando as últimas peças de roupa de Linda da pequena mala.

— Claro que sim, é uma mistura de chá-preto com gengibre. Levanta até defunto.

— Tenho certeza de que sim — concordou, rindo.

— Obrigada por ter ido comigo nessa viagem — começou Linda, encarando-a. — Foi importante.

— O prazer foi meu, dona Meirelles.

— Já mandei não me chamar assim — retrucou, ofendida.

— Tudo bem, Linda — proferiu, pouco envergonhada. — Bom, terminei. Agora eu vou mesmo, mas amanhã cedo estarei aqui.

— Não precisarei de seus serviços amanhã, pensei que uma folga devido ao seu esforço do fim de semana seria bom.

— Claro que não!

— Não foi uma pergunta — disse a mulher, carinhosa. — Vá descansar e volte quarta-feira com as energias renovadas. Ah! Tomei a liberdade de colocar um incenso em sua bolsa, acenda e descanse. Também coloquei uma misturinha de chá — finalizou, piscando.

Isla riu e se despediu, saindo do quarto logo em seguida.

Infelizmente aquilo que mais temia estava acontecendo. A hippie se infiltrou de mansinho em sua vida e não poderia mais dizer que a odiava. Merda! Como havia deixado isso acontecer?

Sua missão era simples, entrar naquela casa, angariar o maior número de informações que fosse possível, jogar a merda no ventilador, ver Orion no fundo do poço e voltar a ser a Isla que costumava ser.

O seu maior empecilho? Seu coração mole e burro!

Na verdade, se fosse colocar na balança e recapitular tudo o que já havia conseguido dentro da casa dos Meirelles, dava vontade de sentar e chorar porque o homem não dava um ponto sem nó.

Era muito difícil conseguir alguma coisa, pois não imaginou que Orion fosse tão metódico e cuidadoso. Afinal, o que ela pensou? Que chegaria lá e fosse encontrar o computador ligado, copiasse todas as informações comprometedoras em um pen drive e pronto? Vingança feita!

A realidade era muito mais dura e complicada que a ficção.

Além de ter conseguido pouca coisa, ainda estava emocionalmente apegada a Teodora e indo pelo mesmo caminho com Linda. Por isso, no fim, achou bom ficar um dia em casa longe daquela família infectada.

Seu pensamento lógico não queria nem mencionar Orion na sua trágica trajetória de vingança, porque esse sim era o pior em todos os aspectos.

— Já vai, meu amor? — questionou Teodora assim que chegou à cozinha.

— Sim, esse fim de semana foi agitado.

— Imagino, descanse — falou, depositando um beijo em sua testa. — Pegue, leve um pedacinho de bolo e um lanchinho que fiz rapidinho para você — disse, estendendo dois potes de vidro.

— Ah! Te, você não existe.

Assim que saiu da casa e caminhou até a garagem, onde deixava sua moto, avistou Orion na academia se exercitando. De onde estava ele não conseguia enxergá-la, então aproveitou esta vantagem e o encarou por alguns minutos.

Milagrosamente ele estava sozinho, então passou por sua cabeça ir até aquela pequena casa misteriosa que Orion mantinha nos fundos do terreno.

Isla precisava se arriscar, afinal, era para isso que estava lá, certo?

Largou sua mochila ao lado da sua moto e voltou, esgueirando-se para ninguém a visse. Passou pela academia, onde Orion continuava a se exercitar com um fone sem fio na orelha e foi assim até chegar à pequena casa emblemática.

Contornou-a por completo, mas não viu uma janela acessível à sua altura, todas estavam a mais de três metros do chão.

A porta obviamente estava trancada, porém, alguns respingos de sangue chamaram a sua atenção. Isla sabia que Orion era um homem perigoso, mas cada vez que cavava aquele buraco, descobria que era um pouco pior do que idealizou.

Casa de jogos, prostituição, armas... Tudo isso ela sabia que fazia parte dos negócios escusos do maldito, mas, além de tudo, era um assassino? Os indícios diziam que sim e isso a deixou um pouco apavorada.

— Perdida? — perguntou uma voz masculina.

Ao se virar, viu o homem alto e mal-encarado, cheio de tatuagens, afrontá-la.

— Na verdade, ouvi um barulho quando estava indo embora, mas acho que me enganei — contou primeira mentira que conseguiu providenciar.

— Hmm — disse ele ainda de braços cruzados, mas ela não tinha muita certeza de que ele havia caído na mentira.

— Já estava indo — falou Isla, sem jeito, amedrontada por Calisto.

Ele se aproximou dela e disse:

— Essa área da casa não é para você, nunca mais venha para cá se não quiser ver coisas que não lhe interessam.

— Eu não sabia.

— Agora sabe — afirmou, ainda bem próximo.

Ele desviou os olhos para seus seios, descaradamente, sorrindo logo em seguida.

Isla quase vomitou ao ver malícia nos olhos do maldito.

— Vá — ordenou ele —, a não ser que prefira...

— Tchau — adiantou-se, desaparecendo da frente de Calisto o mais rápido possível.

Subiu na moto e dirigiu rumo à sua casa o mais rápido que conseguiu.

Chegando em seu lar, entrou direto no banho, porque mesmo que ele não a tivesse tocado, sentiu que precisava se livrar do olhar nojento daquele homem sobre si.

Com a água escorrendo em seu corpo, despejou algumas lágrimas. As dúvidas não paravam de germinar em sua cabeça e àquela altura, não tinha mais certeza de nada.

Seu celular começou a tocar, tirando-o de seus devaneios. Por isso desligou o chuveiro e enrolou uma toalha em seu corpo.

Era Joana, revirou os olhos já pensando que não havia se lembrado de ligar para a amiga como prometera.

— *Não vou falar nada.*

— Que bom — falou Isla, disfarçando seu péssimo estado de espírito. — Acredite, cheguei agora do trabalho. Que tal uma pizza e vinho *no 0800*?

— *Opa, isso sim é uma forma de se desculpar. Estou aí em quinze minutos.*

— Ótimo, vou colocar o vinho para resfriar.

— *Beijos* — despediu Joana, desligando a chamada.

Contava com a animação e carinho da sua amiga para se recarregar.

Joana não sabia de seu plano *maligno*, mas talvez fosse um bom momento para conversar com alguém para dividir seus problemas.

Estava precisando de uma opinião diferente, quem sabe ela de fora não pudesse lhe dar um conselho inteligente, já que Isla sentia-se completamente perdida.

O que era assustador, porque quando começou seu planejamento estava sem dúvida alguma, mas quando começou a colocá-lo em prática, tudo mudou. Algumas coisas saíram do controle, outras aconteceram sem que esperasse, contudo, a pior era saber que Orion era muito mais perigoso que ela imaginava, e isso a fez levantar uma suspeita bizarra em sua cabeça, o que seus pais tinham com aquele maldito a ponto de serem assassinados?

Jamais desconfiou deles e somente por essa suposição sentia raiva de si mesma, porém, seu lado racional não parava de martelar essa questão em sua cabeça.

Experimentava a dor de sentir o mundo desmoronar e não poder fazer nada porque seu maior medo era descobrir algo que jamais sua casta imaginação pôde supor contra Nívia e Luiz.

Orion era um monstro e isso já era de seu conhecimento, mas seus pais? Não poderia ser.

Eram tantas sensações dentro de si que era difícil nomear cada uma delas. Mas se fosse nomeá-las, certamente diria que o medo era o maior de todas.

Medo pelo que poderia descobrir de seus pais. Medo por se envolver emocionalmente com Linda. Medo por seu desejo inexplicável e vergonhoso por Orion e, por fim, por sua vida, afinal, havia se metido na frente do homem mais poderoso do país e se ele descobrisse isso, seria apenas mais um cadáver naquele cemitério clandestino.

Que Deus a ajudasse naquela encruzilhada, porque era um caminho sem volta.

18

— Sempre arrasando no vinho — observou Joana, degustando a bebida que Isla havia servido.

— Na verdade, esse foi sorte, nunca tinha provado, estava na promoção e comprei uma caixa — objetou, enquanto terminava de comer o último pedaço de pizza.

— Hm, ótimo, se tem uma caixa, vou levar um para tomar com o Ricardo.

— Ricardo? É esse o da vez? — perguntou ela aos risos, erguendo as duas pernas na cadeira e abraçando-as.

— Estou apaixonada.

— Pela trigésima vez somente neste ano.

— O que posso fazer? Tenho muito amor para dar.

— Além de outras coisas — completou Isla, desencadeando uma crise de riso nas duas.

— Meu amor engloba tudo que tem direito — falou Joana, após alguns segundos. — Pior que eu me apaixono mesmo por cada um, mas sempre me canso em menos de um mês.

— Você é carente demais, não consegue ficar dois dias sozinha.

— Tem razão — concordou rindo mais um pouco. — Acho que vou marcar um psicólogo pra mim, talvez seja algo na minha infância — completou, pensativa, mas rindo logo em seguida.

A pizza já havia acabado assim como a primeira garrafa de vinho que estava prestes a ser finalizada. Era sempre assim quando se reuniam, o tempo passava depressa e a conversa se estendia madrugada adentro.

Eram amigas desde a primeira infância. Estudaram juntas durante todo período escolar e permaneciam unidas nos momentos bons, assim como nos difíceis.

Mas Helena estava em uma viagem a trabalho, por isso não pôde estar com elas naquele momento.

— Quando nossa fotógrafa linda volta? — inquiriu Isla.

— Acho que semana que vem. Ela está fotografando para uma grife lá na Europa. Nossa amiga está chique.

— Que ótimo. Fico feliz por ela estar bem, sempre foi a mais reservada entre nós — comentou Isla, finalizando o líquido da sua taça.

— E a mais responsável — concluiu Joana.

— Em uma escala, diria que ela vem em primeiro, eu em segundo e você por último, obviamente.

— Sou obrigada a concordar. Fazer o quê? Sou leonina com ascendente em Áries, mas minha vida amorosa está em câncer, com certeza.

— Ah, não! — afirmou Isla, erguendo as mãos. — Não começa com esse papo esotérico, porque eu não aguento mais isso.

Joana ficou com uma feição de quem não havia entendido nada.

— Isla Maria — começou sua amiga, encarando-a. — Você está a noite inteira me enrolando e eu estou apenas te filmando. Vai me contar o que está acontecendo ou terei que esperar Helena voltar de viagem?

— Que tal esperarmos? Assim falo uma vez só.

Joana gargalhou de uma maneira forçada.

— Nem fodendo. Foi apenas um modo de dizer, óbvio que você vai me contar agora, não saio da sua casa sem saber de tudo. A não ser que me queira acampada aqui até semana que vem.

Apesar de Isla confiar em suas amigas, nenhuma delas sabia sobre seus planos ou nada que envolvia Orion.

O máximo que tinham conhecimento era que havia pedido demissão do antigo emprego para trabalhar na casa dos Meirelles e como era uma família muito conhecida, não acharam muito curioso, visto que todos queriam uma vaga naquela casa.

Mas já fazia um tempo que ela estava querendo revelar tudo às suas amigas. Precisava extravasar aquela história e ouvir opiniões de terceiros, pois realmente se sentia um pouco perdida naquele momento.

E ninguém melhor que suas irmãs de coração para poder aconselhá-la.

Foi muito difícil manter aquele assunto tão importante para ela camuflado de suas irmãs, mas o que Isla poderia fazer? Ela sabia que precisava de tempo de um bom vinho para contar aquela história maluca e complexa para suas amigas.

— Antes de começar, quero dizer que essa história não é brincadeira e envolve assuntos muito sérios e perigosos, podendo até ter seu nome envolvido caso te conte. Por isso te pergunto, tem certeza de que quer saber?

— Isso é uma piada? — questionou sua amiga, rindo.

— Não, Joana — respondeu, séria.

— Está bem, consegui me deixar preocupada. Claro que quero saber, você não está bem e quero poder te ajudar.

— Assim que meus pais morreram...

— Calma aí, isso tem a ver com a morte de seus pais?

— Vai me deixar falar ou me interromper a cada segundo?

Joana fez um zíper com a boca, calando-a.

— Continuando, assim que meus pais morreram, descobri que eles foram mortos por uma pessoa, então comecei a investigá-la, me dedicando em cada pesquisa — começou Isla, ajeitando-se na cadeira. — Acabei me deparando com coisas grandes e perigosas, mesmo assim decidi me vingar.

— Desculpe, não consigo ficar quieta. Do que está falando, Isla? Você está investigando a morte de seus pais por conta? Mas o delegado não falou que...

— Não foi um assalto — afirmou, convicta. — Eles foram mortos por Orion Meirelles.

— Calma aí — disse, agitada, levantando-se. — Você está trabalhando na casa do homem que matou seus pais para se vingar? Que porra de ideia idiota é essa?

— Calma, Joana — tranquilizou, também se levantando. — Vamos para a sala.

Isla foi à frente e se sentou no sofá, esperando a amiga fazer o mesmo.

— Sério, Isla, essa é a coisa mais estúpida que ouvi em toda minha vida. Por que está arriscando sua vida deste jeito? Se o cara matou seus pais pode fazer igual com você. Por acaso isso não passou por sua cabeça?

— Toda hora.

— Então, o que ainda faz lá?

— Por meus pais, Joana. Eles foram mortos à sangue-frio por aquele maldito.

— E como pode ter tanta certeza disso? Afinal, todo mundo sabe que aquela família é podre de rica, mas daí ser assassina, é um salto enorme.

— Meu tio, Duarte, irmão do meu pai, me mostrou as filmagens da rodovia daquele dia e que Orion deu um jeito de apagar antes de chegar às autoridades. O desgraçado os matou sem dó — revelou com lágrimas nos olhos. — Não posso deixar isso passar em branco

como se nunca tivesse visto. Eu vi, senti raiva, desespero, tristeza e um vazio enorme.

Joana estava perplexa pelas coisas que saíam de sua boca, como era de se esperar, ainda assim Isla não parou de detalhar cada parte naquela nojeira toda.

— Você sabe que nunca fui muito próxima do meu tio, mas quando meus pais morreram foi natural que nos aproximássemos um pouco. Eu estava desolada, querendo achar o culpado a todo custo, foi quando ele acabou me mostrando a gravação.

— Como seu tio foi capaz de fazer isso enquanto ainda os enterrava? — inquiriu, indignada.

— Duarte apenas atendeu ao meu pedido, um tempo depois acabei ouvindo ele conversar com algumas pessoas...

— O quê? — quis saber Joana, curiosa.

— Ele falava o quanto meus pais fariam falta, principalmente Luiz, o irmão dele; disse também que gostaria de bolar um plano para se vingar e naquele momento eu soube em meu íntimo que teria que ser eu.

— Desculpe ser a portadora dessa notícia, mas seu íntimo é burro — observou a fisioterapeuta, ainda chocada.

— É aquele maldito que não tem escrúpulos nenhum. Foi ele que matou duas pessoas inocentes. Eu tinha que fazer isso, por isso conversei com meu tio, naquela mesma noite, e disse que eu me vingaria.

— E ele concordou com essa ideia insana?

— Claro que não. Ficou dias tentando me convencer do contrário, se propôs até fazer isso em meu lugar, mas tinha que ser eu, entende? Jamais conseguiria seguir em frente sem colocar um ponto final nisso.

— Ainda não acredito que ele deixou você se arriscar desse jeito — analisou, descrente.

— Ele não sabe do meu plano, apenas disse que eu iria me vingar e exigi que ninguém se metesse nisso, afinal, era um assunto

meu e de mais ninguém — revelou Isla.

Claro que contando a história para outra pessoa era mais fácil e simples de resumir, mas a verdade era que aquela época não foi fácil para ela.

Duarte ficou no seu pé por dias tentando persuadi-la no intuito que desistisse de uma vez daquela ideia maluca, mas ela simplesmente o ignorou.

Logo um amigo de Duarte entrou em contato com ela dizendo que tinha ouvido a conversa deles e se compadecido por sua solidão, acabou passando determinadas informações para Isla. Informações essas que facilitaram o início de tudo, quando o plano ainda estava no início.

Entretanto, Isla não permitiu que Duarte se envolvesse em nada, por isso se afastou novamente do tio, mudando até seu número para que ele não ligasse com tanta frequência.

— Não vou desistir — afirmou Isla, convicta e emotiva. — Não posso, entende?

— Oh, minha amiga — falou Joana, sentando-se ao seu lado e a abraçando. — Desculpe por isso, mas você se vingar sozinha é muito perigoso. Entregue essas filmagens para a polícia.

— Descobri coisas inacreditáveis desse homem. Ele manda no país, Joana, e não é exagero meu quando te digo. Isso porque, provavelmente, não descobri nem um terço das coisas que ele é envolvido. Orion tem o sistema nas mãos dele, inclusive delegado, políticos e sabe-se lá quem mais.

— Mais um motivo para pular fora — insistiu sua amiga, afastando-se, mas sem largar da sua mão.

— Minha ideia é angariar provas, o máximo que consegui.

— Por que acha que desta forma daria certo se você mesma falou que o cara é o *pica das galáxias*? — quis saber Joana, curiosa, porém, preocupada.

— Não entregarei para polícia — afirmou, convencida de seu plano. — Lembra-se do João?

— Não, calma aí — respondeu, erguendo os braços em descrédito com o olho arregalado. — Vai jogar a merda toda no ventilador? Aí sim que você será uma mulher morta!

— Não entende? É a única forma de fazer alguma justiça. Quando as pessoas souberem quem Orion é, as autoridades terão que fazer alguma coisa. A pressão popular é decisiva nesse caso, por isso preciso do maior número de provas, as mais cabeludas, só assim haverá mobilização.

— João sabe disso?

— Não — respondeu, prendendo os cabelos em um rabo de cavalo. — Ainda não, mas saberá no momento certo.

— Pior que se ele soubesse, tenho certeza de que te incentivaria — falou sua amiga, indignada. — O cara faz tudo por um furo quente, não sei como pôde namorar aquele escroto.

— Porque ele era muito bom de cama — afirmou com um leve sorriso.

— Não muda de assunto, porque nem mesmo sexo irá me distrair. Preciso te convencer a desistir dessa ideia maluca. Helena, cadê você, minha filha? Seria a pessoa ideal para isso, sou meio tonta e não sou boa com conselhos.

— Só que a história ainda não terminou — continuou Isla, recebendo um olhar amedrontado de Joana. — Estou trabalhando, na verdade, para a mãe dele e entrei lá com aquela raiva em meu coração, mas acho que a velha conseguiu me dobrar e quando tem sentimento envolvido tudo fica mais difícil.

— Ótimo.

— Oi? — quis saber Isla, embravecida. — Como assim ótimo?

— Quem sabe você não desista disso tudo. Olha, eu não posso falar que te entendo, porque meus pais não foram assassinados à sangue-frio, mas arriscar sua vida não irá adiantar, tenho certeza de que não é isso que seus pais iriam querer para você. Fala sério, Isla, você é uma mulher linda, rica, inteligente, engraçada, agradável, toca piano, entende de vinho, viajada...

Esqueci-me de alguma coisa? — indagou com as sobrancelhas erguidas.

— Ainda não terminou — admitiu Isla, envergonhada.

— Aff, Isla, meu coração não aguenta, sério — afirmou sua amiga, com a mão no peito e de olhos fechados.

— Não sei nem como dizer.

— Deu para ele? — chutou Joana, rindo.

Mas Isla não viu graça na piada e permaneceu séria.

— Hãh? — questionou sua amiga, assombrada. — Acertei? Por favor, diz que não.

— Não.

— Ufa — respondeu, aliviada.

— Não exatamente.

— Puta que pariu, Isla, fala de uma vez, antes que eu enfarte.

— Ele é um homem intimidador, impossível não assumir que é um deus grego na terra, você sabe, né? Já o viu e me entende.

— Devo admitir — assumiu Joana.

— Então, por algum motivo, que eu ainda não sei, ele cismou comigo. Não sei se gosta daquele jogo de gato e rato ou se só quer me comer... Sei lá, amiga, o fato é que sempre que estamos no mesmo ambiente o clima incendeia. Não sei te explicar exatamente.

Joana ficou imóvel e pela primeira vez não disse uma palavra, então Isla continuou falando:

— Ele me despreza, com aquele ego do tamanho da porra do planeta, em contrapartida, fica marcando presença. Isso que ainda nem mencionei Caetana, a namorada esnobe que morre de ciúme de mim. A mulher é uma *vagaba*, você iria amar dar umas porradas nela, porque até mesmo eu tenho essa vontade.

— Não sei nem o que te dizer — falou Joana por fim. — Novamente, Helena, cadê você quando mais preciso? — gritou, olhando para cima. — Eu sou total emoção e se estivesse no seu lugar já teria aberto as pernas, me conheço e isso é um fato, mas

não posso falar para você fazer isso. O cara é um assassino filho da puta, Isla!

— Eu sei — concordou, desolada. — Entende minha situação?

— Você gosta dele?

— Claro que não — negou de pronto, levantando-se inquieta. — Ele só me dá tesão. E mesmo assim me sinto culpada, porque essa sensação é tão forte quanto a vontade que tenho de matá-lo.

Joana a encarou por alguns segundos, como se a estivesse examinando.

— Não me olhe assim.

— Assim como? — quis saber Joana. — Posso resumir?

Isla fez um gesto com as mãos, dando passagem para que o furacão Joana passasse.

— Você resolveu ser a Robin Hood do século vinte e um, mas fracassou ao se apegar à mãe do seu algoz e se apaixonar pelo bandido. Um resumo rápido de uma história complexa. Esqueci de algo?

— Vá à merda — xingou Isla, jogando uma almofada na amiga. — Não estou apaixonada por ninguém, não sou você que se apaixona toda semana por um cara diferente. Mas isso não importa, existem coisas mais importantes em jogo.

— Depois do meu resumo, darei minhas considerações — falou sua amiga, ignorando o que tinha falado. — Desiste desse plano arriscado e perigoso. Você é uma agulhinha nesse palheiro enorme. Vá viver sua vida, transe com quem tiver vontade e o que tiver que ser será. Já diria um pensador desconhecido: não planeje vingança, planeje viagens.

— Não posso, amiga, meus pais...

— Deixe seus pais descansarem em paz — interrompeu Joana. — Desculpe levantar essa lebre, mas já passou por sua cabeça o motivo pelo qual eles foram assassinados justo por Orion?

— Não sei — foi sincera na resposta, porém, permaneceu reflexiva, afinal, ela mesma já havia se feito essa pergunta.

— Pois é, existem coisas que apenas devem ficar no lugar em que estão. Mexer em um vespeiro pode te machucar — falou, ao se levantar e caminhar até Isla. — Amiga, como eu já disse, não sou boa com conselhos, mas neste caso, acho que está bem claro que você está se arriscando em uma história que não sei exatamente se deseja mesmo encarar. Seus pais eram maravilhosos, fique apenas com essas lembranças.

— Eu queria — assumiu, emocionada, segurando nas mãos de Joana —, mas eu entrei em um caminho sem volta, não dá mais para voltar e nada me fará desistir de ver Orion no fundo do poço.

19

Estar entre os homens mais influentes de seu país tinha um preço alto a se pagar.

Orion não tinha muito tempo sobressalente em seu dia, o pouco que possuía dedicava-se ao treinamento do corpo e da mente, já que precisava estar em forma em todos os quesitos.

Apreciava muito praticar musculação e taekwondo. Assim, conseguia trabalhar tudo de uma vez só. Esforçava-se para conseguir treinar, ao menos, cinco vezes na semana.

Não era à toa que possuía a musculatura em dia, assim como sua saúde mental.

A liberação de endorfina o auxiliava extravasar e filtrar coisas que mereciam ou não sua atenção imediata. Em resumo, dava-lhe um raciocínio mais crítico, ponderado e assertivo, coisas que eram fundamentais em seu trabalho.

Orion não podia afirmar que nunca tinha cometido um erro em seus negócios, pois era pretensão demais, contudo, afirmava com convicção que eram tão insignificantes que cabiam na palma de sua mão.

Talvez algumas decisões precipitadas tenham causado mortes errôneas, mas tudo fazia parte daquele jogo perigoso e mortal que se aventurava desde muito jovem.

Aquilo era vida real, se você errasse não tinha chance para uma nova tentativa. Uma vida perdida era simplesmente mais uma

entre tantas e muitos estavam apenas lutando para não entrarem naquela estatística mortuária.

Existiam os peões e poucos reis dentro do submundo. Em seu caso, não tinha pretensão alguma em assumir que tinha apenas um rei, ele mesmo. E ainda que houvesse alguma hierarquia entre o restante, Orion era soberano, quem comandava aquele jogo sujo.

Para chegar ao topo, escalou o Monte Everest sem oxigênio. Aprendeu com seus erros e levou muita pancada da vida, até que entendesse como tudo funcionava.

Assim era o jogo da vida real. Arriscado, difícil, mas, extremamente, viciante e Orion era um filho da puta torpe em poder. Um homem que nunca sentia saciedade.

— Bom dia, senhor — saudou Calisto assim que Orion liberou sua entrada no escritório onde trabalhava.

Para variar, o relógio não marcava nem seis da manhã e ele já estava atento em seus negócios. Muitos lobos estavam à espreita esperando um deslize para tomar o que era seu.

— E o hacker? — foi direto ao assunto.

— Descobriu uma coisa, aliás, para quem foi o cartão que ele vendeu — falou Calisto, jogando uma dúzia de fotos em sua mesa. — Está aí.

Orion pegou-as nas mãos e passou uma por uma.

— Reconhece? — quis saber seu braço direito.

— Eu a vi por lá — declarou ele, recordando-se da linda loira com vestido vermelho justo que viu no deck da Cloud.

Era impossível esquecê-la! Era a mulher loira de vestido vermelho.

— E para quem foi a outra? — perguntou Orion, querendo saber para quem havia sido vendido o outro cartão, visto que faltava um.

— Para a própria. Às duas vezes.

Orion franziu o cenho, repassando as fotos em sua mão e encarando-as.

— Será uma riquinha louca querendo chamar a atenção do senhor, ou tem algo a mais?

— Claro que tem — afirmou ele, intrigado. — Manda continuar as buscas, quero saber quem é essa mulher.

— Sim, senhor — falou, ao recolher as fotos e dar meia-volta. — Ah! Acho que o senhor deveria saber que peguei sua governanta rondando o galpão dos fundos.

Orion ergueu o olhar para Calisto esperando mais alguma informação.

— Ela inventou uma história qualquer quando perguntei o que fazia lá.

— Mais alguma coisa? — indagou ele, ainda encarando seu braço direito.

— Caetana esteve aqui ontem de tarde, mas estava à procura de sua mãe.

— Linda que a chamou?

— Pelo jeito sim, ficaram conversando por pouco tempo e ela foi embora — declarou Calisto.

— Está bem — disse, querendo ficar só. — Qualquer coisa me comunique e após o almoço iremos até o galpão em Santo Antônio do Pinhal.

— Sim, senhor — respondeu, retirando-se do cômodo.

Como se não bastassem seus problemas nos negócios, ainda tinha uma criada abusada e uma mãe suspeita com quem se preocupar.

Assim que voltou a atenção para o computador, viu Nicolas pedir permissão para entrar.

— Senhor — começou o jovem, aproximando-se.

— Alguma notícia de Silas? — antecipou-se a perguntar.

Orion sabia que seu funcionário havia passado mal na noite anterior, o que era uma coincidência e tanto, visto que ele era a pessoa que provava toda comida antes que ele ou sua mãe a colocassem na boca.

Passou a noite preocupado, porque seu sexto sentido o alertou que aquilo estava longe de ser o acaso.

— A perícia confirmou veneno na comida. Por sorte, Silas somente provou uma quantidade irrisória, pois sentiu o cheiro diferente antes.

Ele se levantou da cadeira, irrequieto, e caminhou até a parede de vidro.

— Merda — xingou, dando um soco na parede.

— Teodora disse que mudou o fornecedor da salada essa semana, mas não tem como termos certeza — prosseguiu o jovem, ponderado.

— Quero que instale câmeras em casa cômodo desta casa. Fale para Teodora ir pessoalmente comprar a comida, pois nela eu confio. Também desejo que você fique mais presente aqui.

— Estou à disposição. Se o senhor achar conveniente, posso ficar aqui por um tempo.

— Faça isso — concordou Orion, virando-se e encarando Nicolas.

— Hoje mesmo.

— Mais uma coisa, essa já é a segunda vez que coisas desse tipo acontecem, então sugiro que você, Calisto e Alberto fechem o cerco, pois tem alguém empenhado em me ver morto e não quero ver funcionário meu morrendo por incompetência de vocês.

— Faremos isso, senhor.

Nicolas se retirou do cômodo e Orion mergulhou novamente em seu trabalho.

Terminou de conferir alguns levantamentos e saiu de seu escritório após, em média, duas horas.

Desceu as escadas e encontrou Linda sentada na varanda do quarto dela, tomando alguma coisa que suspeitou ser um chá.

— Dona Linda...

— Oi, meu filho, sente-se — pediu, indicando a cadeira ao lado dela.

— Posso saber o que Caetana veio fazer aqui? — foi direto ao assunto.

— Claro, porque se fosse segredo teria me encontrado em outro lugar — foi sincera a senhora. — Gostaria apenas de conversar algumas coisas. Por que está tão interessado?

— Talvez porque você saiba que não gosto que se intrometam em minha vida pessoal.

— Se te conforta, não era diretamente sobre você.

— Ah, não? — questionou, cruzando os braços. — Então era sobre quem?

— Isla — afirmou, tranquilamente, levando a xícara à boca.

— O que sua criada tem a ver com Caetana?

— Fiquei sabendo.

— Já começou errado — cortou Orion. — Diga tudo, com nomes inclusive. Não gosto de saber nada pela metade.

— Como você já sabe, eu presenciei sua namorada maltratando Isla, por sinal é esse o nome dela e não criada. Enfim, ontem pela manhã Teodora me contou que ela ficou nervosa ao receber uma mensagem e depois de muita insistência acabou admitindo que foi de Caetana.

Orion respirou fundo, sem paciência alguma para picuinhas femininas.

— Claro que entrei no assunto com Isla, mas ela não me contou, por isso fui obrigada a chamar Caetana aqui.

— Por que toma as dores dessa criatura?

— Já disse...

— Apenas responda — cortou sua mãe, intrigado.

— Gosto dela. Sinto a Karen quando ela está comigo.

Ele revirou os olhos, respirando fundo novamente.

— Mãe, a Karen nem ao menos chegou a nascer. Você a perdeu quando estava de quatro meses. Como pode senti-la em uma pessoa tão aleatória?

— Sentimento não se explica, meu filho, a gente simplesmente sente — descreveu Linda, comovida. — Bom, Caetana assumiu que realmente havia mandado uma mensagem para Isla, porém, disse que foi antes de uma tal conversa que vocês tiveram.

— E?

— Em resumo, falou que tirou o time de campo — concluiu, sorridente.

— Olhe, Linda, não sei o porquê colocou essa menina debaixo das suas asas desta forma, nunca a vi assim com ninguém, mas sinceramente? Não me importa, não dou a mínima para ela. Desejo apenas que ninguém se intrometa em minha vida particular. Com Caetana eu me resolvo e mantenha sua criada — disse a última palavra com ênfase —, vigiada, porque de inocente ela não tem nada.

Ele se levantou e depositou um beijo na testa de sua mãe, caminhando para fora do cômodo.

— Orion — chamou ela, fazendo-o se virar. — Sua vida dará uma reviravolta, esteja preparado — concluiu, carinhosa.

Ao sair do quarto de sua mãe, sem se importar com a última frase que ouvira, pegou o celular no bolso e discou o número de Calisto.

— *Senhor.*

— Dê meu número ao Guilherme, preciso falar com ele — disse Orion, descendo as escadas.

— *Eu posso...*

— Não — repreendeu de pronto. — Eu quero falar com ele.

— *Sim, senhor, entrarei em contato com ele.*

Desligou a chamada e guardou o celular no bolso.

Assim que chegou ao hall viu duas pequenas caixas em cima da mesa central de madeira.

Aproximou-se e notou que as duas eram para sua mãe. Olhou o destinatário e viu que pertencia a uma empresa de incensos que ela tinha costume de adquirir, porém, sua intuição o fez pegar um canivete para abri-las.

A primeira continha os mais variados tipos de incensos. Deixou-a de lado e abriu a segunda.

Não ficou surpreso ao ver que não se tratava de uma entrega para sua mãe. Alguém apenas deve ter usado aquele pretexto para que o pequeno pacote passasse por sua segurança.

Tirou uma carta de dentro dela e achou patético ao ler o conteúdo.

“Ninguém é tão sábio a ponto de deter o conhecimento de tudo neste mundo. Esteja alerta, porque se você mexe em um vespeiro, a probabilidade de sair lesionado é alta.”

Ele quase conseguiu rir ao ler aquele bilhete patético, porém, iria mandar para análise somente para não ter maiores problemas. Quem sabe não conseguiria uma digital e mesmo sabendo que a probabilidade era baixa, seguiria o protocolo do mesmo jeito.

Orion já tinha alguns possíveis suspeitos o que o incomodava não era o fato de quererem matá-lo, pois isso, em sua *profissão*, era natural. O que realmente lhe deixava fora do eixo era essa pessoa ter acesso livre à sua própria casa.

Mas ele não era homem de se esconder como a porra de um covarde. Faria questão de descobrir o desgraçado por trás de tudo aquilo e o mandaria para o inferno da *melhor* forma possível, porque com Orion era assim, se a pessoa fosse idiota o suficiente para escolher ser seu inimigo, teria que arcar com as consequências e estar preparado para uma morte lenta e dolorosa.

20

Havia se passado um pouco mais de uma semana e, por sorte, Isla não tinha mais visto Orion. O que era maravilhoso para seu raciocínio lógico, pois somente assim conseguia manter o foco no plano, sem deixar que nada desviasse sua atenção.

Obviamente não quis perguntar a ninguém, porém, deduziu que ele estivesse viajando.

Por isso, ela chegou à conclusão de que tudo fluía melhor quando Orion estava ausente.

Depois da mensagem ridícula que recebeu de Caetana, há dias, e a estranha desconfiança de Linda, como se fosse uma vidente, o assunto havia morrido como se nunca tivesse existido.

Isla tinha a sensação de que aquela hippie realmente sabia das coisas como Teodora havia confidenciado certa vez, no entanto, preferia ignorar aquele alerta porque tinha muito trabalho a fazer e não podia se dar ao luxo de se preocupar com isso.

Caetana e o ciúme doentio que sentia de Orion era uma perda de tempo e se Isla não estivesse focada em seu plano, poderia rir do tanto que achava aquela situação patética.

Ficava impressionada como Orion aguentava aquela mulher, mais um motivo para considerá-lo completamente... Espera um pouco, eles bem que se mereciam! Por que ainda perdia tempo pensando naqueles dois?

Que fossem para o inferno juntos.

Somente ficou espantada de a mulher perder o tempo dela para enviar uma mensagem. Isso queria dizer apenas uma coisa, que Caetana estava mesmo desesperada, o que deixou o ego de Isla um tanto quanto inflado.

Mas deixou aquilo tudo de lado, porque perder tempo pensando na lambisgoia não iria somar em absolutamente nada em seu objetivo.

— *Isla, está aí?* — inquiriu Saulo, um jovem que dominava a arte da computação com quem mantinha contato.

Ela não gostava de gastar dinheiro com bobagens, afinal, apesar de ter sua herança investida lhe rendendo um valor mensal razoável, Isla sabia que tudo era finito.

Por isso não queria gastar muito dinheiro com hacker, além de, obviamente, não conhecer um tão bom quanto via em filmes e séries. Ela não fazia parte daquele mundo, então tudo o que estava conseguindo era mérito de seu suor e, muitas vezes, sorte.

Conseguiu o contato de Saulo através de um ex-colega de seu antigo emprego com a desculpa de que precisava de alguém para arrumar seu computador e lá estava a sorte lhe sorrindo quando descobriu que ele era bom em descobrir – invadir –, algumas coisas na internet.

Quase tudo o que possuía era por conta das descobertas de Saulo, porém, o jovem também possuía suas limitações e não ia tão longe quanto ela gostaria.

— Sim, desculpa — disse voltando para si, deixando sua imaginação de lado. — Alguma novidade?

— *Na verdade, sim.*

Fazia um tempo que Isla não tinha contato com Saulo.

O combinado era ele entrar em contato se descobrisse algo a mais, ou se ela quisesse uma coisa específica. O que não acontecia há algum tempo.

Por isso se animou quando viu o nome dele na tela de seu celular.

Sorte que era domingo e estava de bobeira em casa, evitando assim algum tipo de situação embaraçosa na casa dos Meirelles.

— Então, diga — incentivou, ansiosa.

— *Sabe o número que você me passou?*

Saulo se referia ao telefone de Caetana, porque na semana em que a megera havia lhe mandado uma mensagem, ao invés de respondê-la ou entrar naquele jogo ridículo, anotou o número da louca e passou para o aprendiz de hacker – como Isla costumava chamá-lo.

Esperava conseguir algum tipo de informação. Qualquer coisa que fosse relevante, já que ela não tinha ideia se a ruiva sabia das atividades de Orion ou não.

— Conseguiu o quê?

— *Uma coisa interessante, mas estou me sentindo um bandido por invadir o celular dela, então só olha o e-mail que te mandei* — falou o rapaz, ponderado.

— Já invadiu outros, ué — disse Isla, sem entender a crise de honestidade que bateu em Saulo —, um a mais ou a menos não faz diferença.

— *Shhh* — pediu Saulo.

— Está bem, este mês te darei uma gratificação. Ok? Vou abrir meu e-mail.

— *Qualquer coisa me liga. Conto com essa tal gratificação para ajudar a bancar minha faculdade, hein? Beijinhos, fofa* — despediu ele, encerrando a chamada.

Isla foi correndo até a sala para abrir o tal e-mail.

Assim que as imagens foram carregando e começou a ler todo o conteúdo, pensou que aquela mulher era inocente demais ou extremamente burra. Mas Isla ficava com a segunda opção.

Imprimiu tudo o que recebeu e saiu de casa como um raio.

Subiu em sua moto e acelerou sem pensar muito, apenas seguiu seu instinto porque se fosse parar para ponderar o que

estava fazendo, certamente seu lado racional – e inteligente –, a impediria.

Parou em frente uma bela casa e tocou a campainha.

Não era uma mansão como a de Orion, nem tão bem equipada, porém, foi barrada assim que chegou.

Até conseguir ficar frente a frente com Caetana, demorou mais de dez minutos. Tempo suficiente para aquele seu lado inteligente quase a obrigar sair de lá, enquanto ainda era tempo, mas se recusou a escutá-lo. Iria até o fim.

— Como ousa vir até minha casa? — perguntou Caetana na parte interna da residência, encarando-a.

— Quero entrar.

A ruiva começou a gargalhar, apoiada na enorme porta de madeira.

— Não? — disse Isla, dissimulada. — Está bem, vou até Orion mostrar algumas conversas suas com — deu uma pausa, pegou as impressões e procurou por algo —, o Dengo. Particularmente acredito que ele vá adorar.

— O quê? — gritou a mulher, correndo em sua direção com o rosto transtornado. — Como sabe disso?

— Não vim aqui dizer como descobri de seu casinho e sim me beneficiar com essa informação.

Caetana abriu o portão e despontou para fora, certificando-se de que ninguém as escutava.

— Eu sabia que você era uma vagabunda aproveitadora.

— Não é hora de me xingar — disse Isla, debochada, mostrando parte do dossiê que possuía. — Acho prudente melhorar seu palavreado comigo.

Caetana respirou fundo, obrigando-se a suavizar as feições que demonstrava.

— O que você quer? — perguntou de uma vez depois de alguns segundos.

— Ao contrário do que você imagina, eu quero apenas informações.

— Que tipo de informações? — perguntou a ruiva, ríspida, de cenho franzido.

— Todas que possuir em relação ao Orion. Aquilo que você achar relevante ou não. Tudo é tudo.

— Por que isso?

— Não é do seu interesse — retrucou Isla, aproximando-se. — Isso aqui está muito bem guardado e você sabe que Orion não iria gostar de saber que você está tendo um caso com o governador, tramando coisas pelas costas dele.

— Eu só fiz isso porque...

— Não me interessa, Caetana, o fato é que está feito e você, a partir de hoje, fará tudo o que eu mandar.

— Isla, você não tem noção do que acontecerá comigo, se ele descobrir. Nem mesmo você iria desejar isso.

— Talvez não mesmo, mas se eu consegui isso — falou, levantando os papéis —, acha que ele não conseguiria? Bom, para o nosso bem, sugiro que arrume outra forma de se comunicar com Hugo.

— Orion não é quem você pensa.

— Isso realmente não me interessa — afirmou Isla, querendo apressar a conversa.

— Eu o amo — revelou a mulher com lágrimas nos olhos. — Sei que não deveria, mas...

— Suas lágrimas não me comovem e esse jogo duplo que está fazendo não me importa, mas você, melhor do que eu, deveria saber o quanto a posição em que se colocou é perigosa, agora arque com as consequências — finalizou, subindo em sua moto. — Não preciso dizer que isso fica entre nós, nem mesmo sua sombra deverá saber. Fico no aguardo das informações que te pedi, vagabunda.

Com isso, Isla acelerou para longe com seu coração fazendo uma algazarra dentro do peito. Jamais havia chantageado alguém, mas assim que bateu seus olhos naquela conversa, foi à primeira coisa que pensou.

Caetana era próxima, mais do que qualquer outra mulher. Tinha acesso ao quarto dele, escritório e tudo sem chamar atenção. Ninguém melhor que ela para ser sua fonte.

Isla não sabia o que levou Caetana a se envolver justamente com Hugo, no entanto, isso não era da sua conta.

Já tinha ouvido rumores pela casa do envolvimento de Orion com o governador, porém, pelo que pôde absorver, era um relacionamento estritamente profissional.

A única coisa que importava era usar toda aquela merda a seu favor torcendo para nada dar errado, caso contrário ela também estaria em maus lençóis.

Voltou para casa com uma sensação estranha, sentindo-se impura. Justamente no momento que parecia que as coisas começariam a acontecer, seu lado puritano estava mais uma vez reivindicando ser ouvido.

Ignorou a si mesma com apenas um foco na cabeça, ver Orion na sarjeta, nem que isso significasse a própria ruína, pois aquela história estava cada dia mais no âmbito pessoal de Isla.

Terminou o dia tocando um pouco de piano, desejando que aquele ato servisse como um anestésico, além de conectá-la com seus pais.

Talvez eles tivessem vergonha das coisas que Isla estava fazendo, mas a justificativa de vingar a morte deles superava aquele sentimento que amassava seu peito dia após dia.

Ainda que a culpa apertasse seu pescoço, sufocando-a cada dia mais, Isla não era mulher de desistir de nada, por isso seguiria em frente de cabeça erguida e estava disposta a fazer o que fosse necessário para ter êxito, quem sabe dessa forma, a maldade saísse de dentro de si de uma vez e pudesse voltar a ser aquela velha Isla, que sentia uma imensa falta.

21

Isla estava ansiosa em descobrir o que aconteceria naquela semana que estava iniciando, pois cada dia dentro daquela casa era uma novela diferente.

Ao colocar seu pé na casa dos Meirelles, naquela segunda de manhã, foi recepcionada por Teodora. A capacidade da mulher em ser incrivelmente acolhedora, ainda a deixava incrédula, ainda mais pelo fato de a cozinheira ter o poder de fazê-la se esquecer do que havia se tornado.

Por diversas vezes, perguntava-se quais dos milhares de funcionários que trabalhavam lá, realmente, sabiam quem era Orion. Era possível que todos compactuassem com as coisas ruins e ilegais que o cão era envolvido? Ou somente Calisto e Nicolas tinham esse conhecimento?

Sentada na cozinha tomando um café, ela refletia sozinha com seus pensamentos.

Isla gostaria de acreditar que ninguém tinha a real magnitude dos fatos, porém, seu raciocínio lógico dizia que era impossível, principalmente Teodora com tantos anos de casa não saber que Orion era o chefe de uma organização criminosa.

A cozinheira já deveria ter ouvido e visto coisas que jamais seriam compartilhadas, porque apesar de realmente sentir que a cozinheira nutria sentimentos sinceros por Isla, também tinha

conhecimento de que a sua fidelidade à família Meirelles vinha em primeiro lugar.

No fundo de seu peito tinha receio em decepcioná-la, já que a verdade sobre suas intenções não tardaria a chegar. Vivia em um conflito interno, mas, no fim, seu sentimento de vingança sempre acabava prevalecendo.

— Por que chegou tão cedo, meu amor? — inquiriu Teodora, tirando-lhe de seus devaneios. — O sol nem mesmo deu o ar da graça — completou, rindo.

— Tive até que fazer um expresso porque alguém ainda não tinha feito seu fabuloso café — brincou.

— Vou fazer já, tome mais uma xícara, café nunca é demais.

— Como foi o fim de semana por aqui? — inquiriu, mudando o foco como quem não quer nada.

— Tudo bem, sem muitas novidades.

— Hm — respondeu, decepcionada, finalizando o expresso.

Teodora era uma mulher tão discreta que Isla tinha que se esforçar para tirar alguma informação dela, mas o pior era saber que tinha que fazer aquilo de uma forma sutil para não levantar suspeitas.

— Acho que Caetana caiu em si — comentou, despretensiosa. — Afinal, ela sumiu.

— Deus é bom — afirmou, colocando a água fervente no coador de café.

— Faz tempo que eles estão juntos?

Teodora se virou e a encarou, demorando alguns segundos para responder:

— Não sei ao certo, sou tão ruim com datas.

— Fico pensando como o senhor Meirelles consegue suportá-la — continuou Isla na sua tentativa de conseguir qualquer migalha.

— Cada um sabe o que compensa para si, não é mesmo? Se ainda estão juntos, é porque agregam algo de bom um para o outro.

— Claro — concordou, pegando um biscoito amanteigado de dentro de um recipiente de vidro em cima da mesa. — Tem visto ela por aqui?

— Quanto interesse — analisou Teodora, avaliando-a. — Sabe, minha menina, não tenha receio — disse, fechando a garrafa térmica e a depositando em uma bandeja. — Tudo o que fazemos será cobrado em algum momento, meu conselho é que você permaneça ao lado de pessoas que gostam de você verdadeiramente, como Linda, por exemplo. Fique longe de Caetana.

— Tem razão. — Isla anuiu mais uma vez, então desistiu de arrancar qualquer coisa dela.

— Posso te dar outro conselho? — inquiriu, aproximando-se com a bandeja nas mãos, curvando-se um pouco em sua direção. — Orion é um homem complicado, mas maravilhoso, assim como você é uma jovem esperta, bela e misteriosa, o que eu considero uma combinação arriscada. Acho mais ajuizado você manter certa distância. Entende o que digo? Para o seu próprio bem — finalizou, ajeitando a postura. — E a resposta para o que você quer saber é sim, Caetana esteve aqui esse fim de semana.

Dizendo isso, saiu da cozinha levando a bandeja para a sala de jantar, cuja mesa já estava montada para o café da manhã.

Teodora estava entendendo tudo errado.

Certamente deveria estar pensando que Isla era uma tola apaixonada pelo patrão e por mais que quisesse gritar aos sete ventos que não era nada daquilo, engoliu seu orgulho e deixou que ela pensasse o que quisesse. Afinal, não lhe interessava, ou pelo menos não deveria.

Somente a ideia de alguém achar que seria capaz de desenvolver sentimentos por aquele maldito lhe dava ânsia de vômito, no entanto, engolir alguns sapos ao longo daquela caminhada fazia parte do processo.

Deixando esse assunto de lado por alguns instantes, levantou-se a fim de mergulhar sua cabeça no trabalho, mesmo que

estivesse algumas horas adiantada.

Isla colocou sua xícara na pia e ao se virar, encarou Caetana em carne e osso na sua frente.

— Bom dia — apressou-se em dizer Isla, encarnando a fingida.

A ruiva não respondeu apenas a encarava com aquele mesmo olhar de ódio que viu no rosto dela na noite anterior.

Não poderia nem julgá-la, afinal, Isla estava chantageando a mulher e ninguém gostava de ficar submissa à alguém, principalmente quando essa pessoa era a *empregadinha*, como ela gostava de chamá-la.

— Deseja algo? — inquiriu ela, dissimulada.

— Muitas coisas, mas infelizmente não posso realizar — declarou a ruiva, reforçando o nó do roupão.

Decerto a madrugada foi longa, pois estava com olheiras e com o cabelo levemente desganhado.

A maldita deveria ter um *piriquita* de ouro para Orion não deixar de fodê-la, como ele gostava de dizer, mesmo depois das coisas que ela fez. Ainda que ele não soubesse o quão desgraçada a ruiva era, jamais imaginou que ele fosse se submeter a uma mulher daquela forma.

Tudo por um sexo bom? Era tão bom assim?

— Que pena — respondeu Isla com a cabeça erguida, cruzando os braços. — Nem tudo o que queremos, conseguimos, não é?

— Isso sou obrigada a concordar com você — disse Caetana, aproximando-se —, porque você jamais terá a atenção de Orion como você deseja, mesmo que secretamente. Olha para mim — pediu, abrindo os braços. — Você pode até ter a situação em suas mãos, porém, jamais terá o desejo sexual dele, como eu tenho.

Isla queria pegar naquela cabeleira ruiva e arrancar fio a fio, mas se controlou.

— Não me importo com o que você pensa, vadia — falou, chegando mais próxima de Caetana. — A única coisa que me

interessa é você fazer o que mando e ser gentil. Sim, se você destratar qualquer funcionário dentro dessa casa, sua máscara irá cair, aliás, eu mesma irei arrancar.

— E você vai junto comigo.

— O que eu tenho a perder? Nada — falou, convicta. — Já você... Então, pense muito bem, Caetana. Sua vidinha medíocre está em minhas mãos.

No instante em que Isla se afastou com um sorriso vitorioso nos lábios, Orion entrou na cozinha.

Certamente sentiu o clima pesado entre elas, porém, não disse nada. Apenas as encarou por alguns segundos, talvez esperando alguém se manifestar.

— Teodora se esqueceu de colocar o adoçante na mesa — falou Caetana, caminhando até o objeto e o pegando. — Vamos tomar café? — inquiriu, aproximando-se de Orion.

— Eu disse para você ir embora — falou ele com a voz contida. — Não quero relação fora das quatro paredes do meu quarto, ainda não fui claro?

Isla fingiu que não estava ouvindo, mas, no fundo, amava a dura que Caetana recebia.

Aquela mocreia merecia ser colocada no lugar dela, porque Isla sabia muito bem seu lugar naquela pirâmide. Não tinha pretensão alguma com Orion, porque mesmo que seu lado sexual o reivindicasse, o racional detestava e o queria o mais longe possível.

— É que eu pensei...

— Pensou errado — continuou ele, diminuindo o tom de voz. — O acordo foi esse. Sexo e nada mais, isso não inclui perambular pela minha casa ou ficar de conversinha com os serviçais.

Caetana falou algumas palavras que Isla não conseguiu escutar e caminhou para fora do cômodo, deixando-os a sós.

Orion se aproximou, encarando-a nos olhos, e seu corpo inteiro se enrijeceu, mas Isla não abaixou a cabeça, não daria esse gostinho ao maldito.

— O que eu já te falei? Acha que não estou vendo você rastejando sorradeira pela casa? Não confunda o fato de eu ter te fodido algumas vezes com certas liberdade.

— Entendido, senhor Meirelles.

— Enquanto você está levando a farinha, eu já comprei toda a fornada — declarou o homem bem próximo.

Com certeza ele acabara de sair do banho, pois era possível sentir o frescor que emanava dele.

— Apenas faço meu trabalho — mentiu sem desviar o olhar.

— É o que vamos ver. Só não se esqueça de que você pode pagar caro por qualquer deslize — finalizou, escaneando todo seu corpo, parando descaradamente em seu decote.

Em um ato atrevido, Isla pegou no queixo de Orion e o ergueu.

— Meus olhos estão aqui. Ser sua funcionária não lhe dá direitos extras sobre mim — replicou provocativa.

Ser atrevida fazia parte de seu plano.

Ela já havia notado que Orion gostava de ser duelado, principalmente quando envolvia aquele ego enorme que tinha dentro de si.

— Criada — debochou ele, empurrando-a até a parede e prendendo-a com as mãos acima de sua cabeça. — Eu faço o que quero, a hora que quero. Isto inclui qualquer serviço que sua pessoa possa me fornecer. Não está contente? Sua carta de dispensa está pronta, é só passar em meu escritório para assinar e sumir de minha casa. Então nunca mais — continuou ele aproximando o rosto cada vez mais, enquanto ela pressionava sua cabeça na parede —, me prive de qualquer coisa, porque você não é ninguém para fazer isso.

— Você não pode...

Isla interrompeu o que dizia quando ele enfiou uma mão dentro de sua calça.

— Está vendo isso? — perguntou, sentindo sua boceta molhada. — É a única coisa verdadeira que seu corpo diz. De resto, para mim, não passa de mentiras.

Orion perdeu alguns segundos com a mão lá, acariciando-a, até o instante que beliscou seu clitóris, daquele mesmo jeito que tinha feito no avião, fazendo um gemido incontável escapar da sua boca.

— Vai ter um dia em que não vai conseguir mais gemer, porque meu pau vai estar enterrado nessa boca maldita, mas até lá — ponderou, retirando a mão —, é melhor mantê-la bem fechada, sabendo que seu lugar nessa casa é aqui.

A vida havia lhe dado vários limões bem azedos para chupar, e ainda a obrigou a ficar quieta. Contudo, usando as armas que possuía, escolheu usar as frutas para fazer um suco bem doce.

Um dia, Isla iria se lembrar de todas as humilhações e o faria pagar por cada uma delas, porém, naquele momento, a única coisa que ela desejava era fugir para bem longe daquele miserável. Onde a desonra não poderia acompanhá-la.

Viu-o sair da cozinha enquanto continuou lá parada com o rosto pegando fogo tamanho era seu ódio. Mas pela primeira vez aquele sentimento todo deprimente não era direcionado a ele e sim a ela mesma.

Não poderia permitir mais que ele invadisse sua intimidade quando bem entendesse.

Aquele corpo não pertencia a Orion e por mais que ele pensasse diferente, não iria mais permitir, pois sempre que ele chegasse perto ela se lembraria daquele exato momento que estava vivendo, parada na cozinha enquanto as lágrimas da fúria queimavam sua pele.

22

Quem sabe Orion não tenha encontrado um passatempo espirituoso, somente para variar um pouco do seu verdadeiro eu.

Não provocava Isla de forma premeditada. Quando estavam no mesmo ambiente a coisa simplesmente acontecia, pois toda ação gerava uma reação e, ainda que não soubesse ao certo o motivo, com ela tudo era mais intenso.

Não mentia em uma palavra que saía de sua boca e não era homem de encobrir seus anseios. Óbvio que enxergava a mulher por baixo daquela feição mal-encarada que sempre a acompanhava.

Isla era uma mulher gostosa e somente um cego não reparava nos seios volumosos, bunda empinada e pele sedosa.

Algo nela o intrigava, em contrapartida, deixava tudo ainda mais deleitoso. Orion desejava um dia descobrir tudo que ela escondia.

Já havia notado que era somente ele chegar a qualquer ambiente que ela estivesse que a garota mudava completamente, tanto sua fisionomia como os trejeitos. E mesmo que não se importasse em saber o motivo, aquilo acabava alimentando seu ego, pois algo dentro de si insistia que tinha a ver com desejo.

E por mais que tivesse a certeza de que não era somente isso, ele ignorava, já que não se importava com ela ou com seus sentimentos.

Para ele, era apenas diversão. Porque, por mais que ela demonstrasse que o odiava, seu corpo mostrava o oposto e Orion adorava esfregar isso na cara de Isla sempre que tinha uma oportunidade.

Vê-la entregue – mesmo que por poucos segundos –, e contrariando a si mesma, era excepcional. Seu poder de persuasão ainda estava afiado.

— Orion — chamou sua mãe quando ainda subia as escadas.

Já havia tomado café da manhã e pretendia se dedicar ao trabalho, uma vez que já tinha perdido muito tempo.

Geralmente era acostumado a começar antes das seis e o relógio já marcava sete.

— Sim — respondeu, virando-se.

— Queria um minuto. Tem?

— Tudo bem — concordou, dando passagem para que Linda entrasse em seu escritório.

— Gostaria da sua permissão para uma coisa.

— O que seria? — inquiriu, sentando-se em sua poltrona.

— Você sabe que terei que fazer aquela cirurgia no útero, não sabe? Então, acho que seria bom Isla vir morar aqui por um tempo.

— Fora de cogitação — respondeu de imediato. — A única que mora aqui é Teodora.

— Ela ficará em um dos quartos de hóspedes. Eu vou precisar...

— Contratamos uma equipe de enfermagem inteira se você quiser, mas a criada não ficará aqui!

— Ela não ficará à sua disposição — cutucou Linda. — Sua mãe irá precisar de alguém e não quero pessoas desconhecidas me auxiliando tão intimamente. Se ela não vir para cá, eu irei para casa dela.

— Pare de ser infantil — disse Orion. — Essa casa é minha e gostaria de poder escolher quem dorme aqui ou não.

— Pois é minha também — declarou sua mãe, levantando-se. — Você é meu filho e dei meu sangue para você e seu irmão, será que posso escolher quem cuida de mim quando estou debilitada?

Orion a encarou, espantado. Nunca tinha visto sua mãe irritada, não até aquele momento.

— Eu falo sério quando digo que essa mulher está fazendo sua cabeça. Abre seu olho, Linda.

— Meu filho — retomou a falar mais calma, sentando-se. — Já disse que gosto dela e se fosse para levar em consideração de quem gostamos ou não para dormir nessa casa, você não traria Caetana novamente. Você se lembra de quando se mudou para cá? Eu não quis vir, você insistiu, para não dizer que fui obrigada, disse que também seria meu lar e assim que é, assim que me sinto, porém, também gostaria que meus sentimentos fossem levados em consideração.

Orion riu, pois não existia ninguém mais manipuladora que Linda.

— Não abre esse sorriso para mim — completou, carinhosa. — Aquela mulher suga toda a energia positiva que me esforço para preencher essa casa.

— Concordo.

Linda estreitou o olhar, repreendendo-o.

— Você sabe que falo da Caetana e não de Isla, não é?

— Discordamos nesse ponto e em muitos outros, para ser sincero — discorreu Orion, ligando o computador.

— Achei que depois do episódio do avião, você não veria mais ela.

— Eu também, mas fazer o quê? Quando encontramos alguém tão boa de cama quanto ela, não a desperdiço — disse sem pudor.

— Quer uma ajuda? Posso angariar umas candidatas — Linda entrou na brincadeira.

O assunto sexo sempre foi conversado livremente desde que eram menores.

Não existia pudor, pois Linda sempre os incentivou a contar tudo um para o outro, então cresceram como se fosse mais um tópico natural, como qualquer outro.

— Dispenso — declinou Orion, recostando na cadeira. — Acabou?

— Sim — concluiu, levantando-se. — Daqui a uma semana é minha cirurgia, Isla virá e ficará o quanto eu achar necessário, estarei debilitada demais. Que Deus tenha piedade da sua mãe — declarou, dissimulada.

Orion respirou fundo.

Mais uma vez sua mãe conseguiu dobrá-lo. Aquela mulher tinha talento e mesmo que não soubesse o intuito de tudo aquilo, não o agradava nem um pouco tê-la rodando sua casa dia e noite.

— Com licença — disse Calisto entrando, aproveitando que Linda não tinha fechado a porta.

— Bom dia — disse sua mãe, saudando-o.

— Bom dia, senhora Meirelles, temos uma situação.

— Bom, estou indo — declarou Linda, ao sair do escritório.

— Descobriu de onde veio o pacote que recebi? — inquiriu, focando sua atenção na tela do computador.

— Não temos novidade sobre isso, mas estamos trabalhando.

— Na hora certeza descobrirei — declarou, tranquilo. — Um rato não fica escondido por muito tempo.

— Tenho certeza de que sim, mas o que me trouxe aqui é outra coisa — disse seu braço direito, apreensivo.

— O quê? — quis saber, encarando Calisto.

— Guilherme foi assassinado.

— Mas ele não estava sendo vigiado? — perguntou Orion começando a se zangar.

— Estava. Os seguranças não viram nenhuma movimentação fora do comum no apartamento, até um deles fazer a ronda diária, como de costume, mas ele já estava morto.

Orion rodou na cadeira e encarou a paisagem pela parede de vidro que possuía atrás de si. Mas ele não enxergava as árvores, usava-a como subterfúgio para raciocinar direito.

— Tinha descoberto algo? — investigou ainda de costas.

— Não sabemos.

— Leve o computador dele para nossos hackers.

— Então, alguém os levou — informou Calisto, ponderado.

Ele riu sem humor.

— Claro que sim — afirmou, respirando fundo. — Quero todos que faziam a segurança dele aqui.

— Sim, senhor — respondeu Calisto, saindo de seu escritório.

Sentiu seu celular vibrar no bolso de sua calça, mas resolveu ignorar, todavia, a pessoa estava decidida em não desistir.

— O quê? — atendendo sem humor algum após alguns minutos.

— *Momento ruim?* — indagou Geraldo, seu colega de longa data.

— Claro que não — falou, recuperando um pouco da compostura.

O homem mais velho o acompanhou durante toda sua vida. Esteve ao seu lado nos momentos bons e nos ruins também.

Por mais que acreditasse que amizades verdadeiras não existissem dentro do submundo, Orion confiava em Geraldo. Ou pelo menos do seu jeito, mantendo sempre um pé atrás.

Ele era primo de Roger e, por incrível que pudesse parecer, não tinha ligação alguma com aquele mundo.

Geraldo comandava uma concessionária e ainda que soubesse de toda atividade que o primo e Orion eram envolvidos, sabia muito bem manter a descrição, mesmo sendo totalmente contra a vida que levavam.

— *Está sumido, como você está?*

— Tudo sob controle, que tal marcarmos um jantar? Faz tempo que não nos encontramos.

— *Só me avisar quando e onde. Chegou um carro aqui na loja que me lembrei de você, é a sua cara.*

— Querendo me fazer gastar dinheiro? — caçoou Orion.

— *Claro, afinal, para que serve os amigos ricos se não para ajudar nos negócios do outro?*

— Tem razão. Eu ia mesmo te ligar esses dias. Está com algum blindado no showroom?

— *Tenho uma BMW azul, seminova.*

— Perfeito, separa pra mim. Aumentei o número de meus homens e precisava de mais um automóvel.

— *Ela está um brinco, nem parece que é blindada de tão rápida.*

— Confio em seu julgamento, afinal, você nunca errou.

— Liguei para saber como estava e acabei vendendo um carro — declarou Geraldo, rindo. — Não foi intencional.

— Sei disso, eu que aproveitei o ensejo — retrucou, achando graça do homem mais velho ter ficado sem jeito. — Estou um pouco enrolado nos negócios, mas assim que ficar mais tranquilo vamos combinar nosso jantar.

— *Perfeito!*

— Mandarei o Nicolas na concessionária, só me passa o valor que já te transfiro.

— *Não quer ver pri...*

— Ei — disse em tom de alerta. — Não começa, passa o valor, já disse que confio em seu julgamento.

— *Até mais, Orion, se cuida* — finalizou a chamada Geraldo aos risos.

Assim que colocou o aparelho na mesa, ele vibrou com uma ligação de Nicolas.

— *Senhor...*

— Estou escutando.

— *Estou ligando para avisar que a reunião anual vai ser antecipada.*

— E por qual motivo?

— *Acredito que o negócio com os caminhoneiros repercutiu.*

— Não era segredo — declarou Orion, tranquilo.

Aquela reunião era composta somente pela nata do país. Ministros, políticos, federais e empresários dos mais variados ramos.

Cada um em seu nicho, discutindo formas de falarem a mesma língua, para que não houvesse um colapso ou guerra generalizada.

Fazia alguns anos que Orion era o líder de todos. Assim, comandava e tentava colocar aqueles homens sedentos por poder na linha.

Era como uma reunião amigável, sem grandes imposições. O intuito era apenas manter todos tranquilos, porque mesmo com essa tentativa civilizada, cada um seguia o que queria, mesmo sabendo das consequências.

— *Que tal nos antecipar e lançar um comunicado com a data?*

— sugeriu Nicolas.

— Cuide disso então.

— *Sim, senhor. Vou dar uma sondada nos ânimos e marco quando sentir que é a hora.*

— Mantenha-me informado. Temos que marcar o quanto antes. As coisas estão esquentando e preciso resfriar antes da bomba estourar.

— *Pode deixar comigo.*

Orion tinha olhos em cada canto, por isso sabia que aquela movimentação estava sendo orquestrada por Hugo e Fábio.

Restava saber se estavam juntos ou trabalhavam individualizados. Mas por sua experiência, poderia afirmar que eles encontraram algo em comum e juntaram forças.

Uma força, na verdade, imaginária, mas os deixaria descobrir isso por conta.

— Nicolas, mais uma coisa — falou Orion. — Vá até a loja de Geraldo e traga o carro que comprei. Ele sabe qual é.

— *Preciso levar dinheiro?*

— Não, farei uma transferência, apenas o traga.

— *Sim, senhor* — rebateu, finalizando a chamada.

Orion tinha apenas que esperar as coisas acontecerem, pois parecia que tudo à sua volta estava entrando em colapso.

23

— *Sério que você está sugerindo isso?* — disse Joana ao telefone. — *Liguei para ter a certeza de que você ainda está viva, mas se continuar com essas ideias, logo terei que planejar seu enterro. Não sei mais lidar com você, amiga, vou lavar as minhas mãos e deixar que Helena tente colocar juízo na sua cabeça.*

— Me admira você não ter gostado dessa ideia já que envolve sexo — declarou Isla sentada em seu sofá, comendo um macarrão enquanto conversava no viva-voz com a sua amiga.

— *O assunto está sério, vou aproveitar que Helena voltou e vamos aí tomar uma taça de vinho com você.*

— Está maluca? Amanhã eu trabalho.

— *Abre a porta em* — disse, dando uma pausa, como se estivesse calculando —, *vinete minutos.*

— Você não estava de plantão? — quis saber ela querendo evitar a visita das amigas.

— *Estava na madrugada, cheguei agora de manhã, mas não tem problema, sempre chego ligada no 220v.*

— Vá descansar — sugeriu Isla, tentando de qualquer jeito se livrar do sermão.

— *Isso é o que você desejaria, né? Mas não. Tchau, até daqui a pouco!*

Isla finalizou a chamada, voltando sua atenção para a comida, já que suas amigas não a obedeceriam de qualquer jeito.

A ideia de se envolver sexualmente com Orion era tão ruim assim?

Tudo bem, Isla sabia dos riscos, mas ela não iria fazer isso pensando em si mesma e suas vontades, mas sim ponderando que elevando o nível de intimidade, pudesse conseguir informações privilegiadas.

Porque se fosse pesar sua vontade pessoal e íntima, obviamente ela escolheria ficar o mais longe possível daquele verme, mas já que ele estava interessado, por que não tirar proveito? Não era só ele que tinha esse direito, porém, Orion não precisaria ficar sabendo.

Ainda estava em dúvida se teria estômago para transar com ele, ou até mesmo deixar transparecer seu real sentimento?

Isla foi obrigada a rir com o próprio pensamento, visto que era óbvio – baseado nas poucas experiências que já tiveram –, que não teria empecilho em finalmente transar com ele.

Bom, ela tinha milhares de perguntas sem respostas e teria apenas uma forma de solucioná-las, arriscando-se.

As chances de dar errado eram altas, por outro lado, poderia ser a galinha dos ovos de ouro. Aquela oportunidade que Isla esperou por tanto tempo.

Orion era um troglodita e Isla sabia disso, porém, sexo era apenas sexo. Não estava falando em relacionamento, sentimentalismos ou qualquer vínculo. Seriam apenas dois adultos saciando seus desejos.

Em seu caso, tentando abrir portas para seu objetivo. Para ele? Mais uma no catálogo gigantesco que o babaca colecionava.

Mas tudo deveria ser bem planejado.

Continuaria com aquele jogo, pois viu que Orion gostava daquilo, então o plano era: continuar exatamente da forma como estava e deixar a coisa rolar.

— Ai, merda — xingou assustando-se com o interfone.

Encarou o relógio e percebeu que passou os últimos trinta minutos supondo, planejando e imaginando seus próximos passos.

O tempo passou muito rápido, ou Isla que estava animada em demasia com a mais nova – e brilhante –, ideia.

— Vai — disse Joana, sua amiga de baixa estatura e de cabelos loiros com coque no alto da cabeça, entrando sem cerimônia. — Ela é toda sua, boa sorte em tentar colocar juízo naquela cabeça — completou dando passagem para Helena.

— Ai que saudades — falou Isla, abraçando a amiga fotógrafa, a mais nova de todas. — Como foi a viagem?

— Fora um idiota galanteador com quem briguei, nada de novo — respondeu, sorrindo. — A maioria dos famosos são assim mesmo, se acham a última bolacha do pacote, mas aquele babaca teve o que mereceu na minha mão.

— Coitado dele — declarou Joana rindo.

— Coitado o caralho — retrucou Helena, nervosa.

As duas a encararam, assustadas, pela forma rude como a amiga respondeu, visto que sempre foi a mais paciente e ponderada das três.

— Bom, vamos ao assunto do momento? — sugeriu Joana, sentando-se no sofá e deixando o rompante de fúria da amiga de lado. — Vamos ser objetivas aqui? Não vejo a hora de ver você esculachar com a Isla.

Helena sorriu imitando as amigas e se sentando no sofá.

— Onde você foi se meter, hein, amiga? — manifestou-se a mais jovem das três.

Evidentemente as duas tiveram tempo de sobra para fofocarem e Joana atualizou Helena sobre tudo o que Isla estava passando, sem deixar nem um mísero detalhe de fora.

— Isla, você é a mulher mais inteligente que conheço.

— Essa doeu — cortou Joana, ofendida.

— Continuando, não vim aqui te pedir para desistir.

Isla sorriu, vitoriosa, olhando para Joana, que disse:

— Assim você não está ajudando.

— A lebre precisa ser avisada que o leão quer matá-la? — questionou a fotógrafa.

— Sabia que ela ia falar alguma coisa inteligente — disse a fisioterapeuta com orgulho — Eu respondo essa, não!

— Você sabe que as chances de isso dar errado é maior do que você quer assumir. Está disposta a arriscar tudo que seus pais construíram e jogar no lixo por vingança? E não pense que estou subestimando seus sentimentos, mas não tem como isso dar certo.

— Já está feito — afirmou Isla, colocando os pés no sofá.

— Nada que não possa voltar atrás. Ir para cama com ele é dar um tiro no próprio pé, amiga. Não faça isso porque a implicação será desastrosa.

— Meu Deus, quanto exagero — falou ela, revirando os olhos.

— Não, você não entendeu o que eu disse — falou Helena, encarando-a nos olhos. — Você, Isla Maria, vai sair destroçada disso e, no fundo, sabe que faz sentido o que digo, senão você não estaria nem cogitando ir para cama com ele. Isso se você estiver viva quando isso acabar.

— Um a zero — sussurrou Joana, sorrindo aplaudindo.

— Eu sei o que vocês estão pensando e não, eu não estou apaixonada por Orion — afirmou, convencida. — Aquele crápula matou meus pais, jamais seria capaz de sentir algo, além de asco. Acreditem em mim, tesão é uma coisa, amor é outra completamente distinta.

— Não são tão distantes como você diz — corrigiu Joana. — Está bem, quer transar com ele? Vá fundo, faça o que tiver que fazer e quando isso der errado, estaremos aqui por você.

Isla revirou os olhos.

— Ninguém tem acesso àquele quarto dele, se eu não me submeter a isso, jamais terei oportunidade de entrar lá e procurar por algo. Essa é a chance que eu estava esperando e se ele quer transar comigo, por que não aproveitar isso?

— Poderia listar, no mínimo, duzentos motivos plausíveis, mas prefiro me abster — falou a loira.

— Gente, ele acha que me tem na mão, que sou uma empregada que o venera, preciso aproveitar essa ingenuidade enquanto ela ainda existe — tentou justificar Isla, usando todas suas armas de persuasão.

— E o que você irá procurar exatamente?

— Não sei, Leninha, qualquer coisa que possa me ajudar a alcançar meu objetivo o mais rápido possível.

— E se você...

— Gostar? — intrometeu-se Joana, cortando sua amiga Helena.

As duas amigas a encararam esperando uma resposta.

— Sei que isso pode acontecer, mas é só sexo, gente, pelo amor de Deus — afirmou, indignada, acenando com as mãos. — Já fui para cama com alguns homens e nem por isso me apaixonei por eles.

— É diferente. Orion é diferente — afirmou Helena.

— É apenas mais um, meninas — insistiu Isla, já ficando um pouco irritada. — Vocês estão preocupadas demais. Estão colocando-o exatamente no patamar que ele quer ser visto, mas não comigo.

— Jura? — começou Joana —, meu bem, se o cara já quase te fez gozar sussurrando coisas em seu ouvido, imagina o que não faz na cama? Eu te conheço, pode não ser tonta que se apaixona por todo mundo como eu, mas não tem santo que te livre de um *amor de pica*.

Foi impossível que as três não caíssem na gargalhada.

Então, Isla aproveitou que o clima estava mais ameno e as atualizou sobre sua situação com Caetana, que havia invertido completamente.

— Sério, você está muito mafiosa — disse Joana, achando tudo aquilo excitante. — É contraditório achar isso legal?

— Evidente — censurou Helena, em tom de repreensão. — Você está indo muito longe e a cada dia vai ficar mais difícil de contornar tudo isso. Afinal, pelo que sei, ele não é do tipo que deixa barato.

— Gente, ele é mortal como eu e vocês. Têm falhas como qualquer pessoa e é nisso que preciso focar. Assim que eu descobrir o ponto fraco do miserável, fica mais fácil.

— Então, até lá, goza e aproveita. Já que está na chuva, se lambuza e coloca aquela lambisgoia para lambar seu chão — sugeriu Joana, animada.

— Você não vai desistir, não é? — quis confirmar sua amiga mais nova, dando-se por vencida.

— Não — respondeu ela com a maior das certezas.

— Então, vou dar um conselho mesmo contra minha própria vontade — articulou Helena, respirando fundo. — Não seja filha da puta com Caetana, ela tem que ser sua aliada e não rival. Afinal, a mulher pode te ajudar, não é? Então junte forças e não queira medir forças.

Joana encarou a amiga com espanto nos olhos e disse:

— Podemos formar uma máfia, o que acham? Isla pode ser a cabeça, você o equilíbrio e eu só surfo na onda de vocês duas mesmo.

Novamente as três caíram na gargalhada.

— Já pensei nisso — expressou-se Isla, voltando ao assunto de Caetana. — Mas aquela mulher é fogo, nosso santo não bate, não adianta.

— Talvez isso aconteça por conta da invejinha, já que ela tem Orion a hora que quer? — insinuou Joana como quem não quer

nada recebendo uma almofadada em resposta.

— Vá à merda. Isso não tem nada a ver. A imaginação de vocês está fértil demais. Vou pegar o vinho para que essa prosa mude de rumo.

Isla se levantou, mas antes de deixar a sala ouviu Joana dizer:

— Tem sim, dor de cotovelo.

Orion sabia mexer em algumas coisas relacionadas ao computador.

Não se autointitulava hacker, porém, o básico ele aprendeu a fazer, assim não precisava ficar dependendo de alguém para tudo que precisasse. Fazia suas invasões e pesquisas em seu tempo ocioso em busca de retaliação, emboscada ou algo do tipo.

Naquele meio da semana, seu sexto sentido resolveu colocar uma pulga atrás da sua orelha, então entrou no celular de Fábio, já que o de Hugo era muito mais complexo.

Para sua – não –, surpresa, havia uma conversa com um número privado, combinando de se encontrar aquela mesma madrugada nos fundos de um restaurante no centro de São Paulo.

Aquilo era, no mínimo, muito suspeito.

Obviamente eles usavam codinomes e siglas para quase tudo que falavam, porém, Orion não era amador e, por isso, tinha certeza de que aquela reunião tinha seu nome envolvido.

Não perdeu tempo, comunicou Calisto, separou meia dúzia de homens e seguiram para a capital.

Tinha tempo de sobra, mas preferiu garantir e que bom que o fez, porque pegaram um acidente na serra e perderam duas horas por lá. Esse era o lado ruim de morar afastado, ainda assim não trocava seu refúgio por aquela loucura da selva de pedra.

Chegou ao endereço um pouco antes e ficou à espreita, esperando o momento certo e bingo! Viu Fábio chegar primeiro, logo

em seguida o governador do estado entrou no estabelecimento.

Por mais que estivesse de boné e óculos – uma tentativa patética de se camuflar –, Orion o reconheceu.

Ingressou por outra entrada, já que a principal tinha segurança dos dois homens e ordenou que os seus ficassem ao lado de fora, porém, em alerta.

Não queria comer o prato cru, por isso, sua intenção, a princípio, era entender do que se tratava.

Logo encontrou a sala que ambos estavam. Por sorte o local permanecia vazio e em um completo silêncio.

Fábio e Hugo já estavam entretidos em uma conversa.

— ... *Tu num* pode fechar com ele, eu que te ajudei a se eleger — falou Fábio.

— Uma mão lava a outra, também já fiz e faço muito por você.

— Para de ser *luva de pelica*, isso vai prejudicar *nóis*. Tanto eu quanto tu, meu irmão.

Poderia passar o tempo que fosse, Fábio jamais abandonaria o jeito errado de falar, bem como as gírias.

— Eu sei, mas não é desta forma que se faz as coisas — apaziguou Hugo, ponderado.

— Não mesmo — disse Orion, ao entrar no cômodo, pegando os dois de surpresa.

Fábio tirou a pistola da cintura, assustado, e apontou para Orion.

— Porra, mano — xingou o traficante, medíocre.

— Presta atenção no que vou dizer — disse ele, aproximando-se, enquanto Fábio guardava a arma na cintura novamente. — Não tente medir forças comigo porque você só tem a perder. Ser meu aliado é mais inteligente e te manterá vivo.

Orion saiu da frente de Fábio e caminhou até o governador.

— E enquanto a você, eu posso estalar meus dedos e acabar com sua reputação com apenas um clique. Ao contrário do que esse

energúmeno disse — falou, apontando para Fábio. — Você entrou por minha causa e nunca se esqueça de que você está como governador por isso. Tudo acaba, porém, pode ser uma jornada longa, rumo à Brasília, ou uma morte na praia. A escolha está em suas mãos.

Orion se afastou, encarando os dois idiotas, e disse:

— Nos meus negócios têm lugar para todo mundo que quer trabalhar e ser meu aliado, só não tem espaço para espertinhos que querem me passar para trás. Esse é o primeiro aviso, no segundo não serei tão razoável e explicativo.

— Não é nada disso que está pensando — negou Hugo, tentando manter a pose. — Está equivocado.

— Mesmo? — quis saber ele.

— Sim, não é nada pessoal com *tu* — falou o idiota do Fábio.

— Vou falar uma coisa para vocês dois, eu não brinco em serviço e nunca alguém que ameaçou a mim, meus negócios e minha família, saiu com vida dessa brincadeira. Então acho melhor vocês repensarem a estratégia porque o instante que eu descobrir que algum de vocês, ou qualquer outra pessoa, está querendo acabar comigo, terei o prazer imenso em acabar com a vida desse, ou dessa, infeliz.

Orion se referia às tentativas de assassinatos e do bilhete que havia recebido que tinha certeza de que eram de origem daqueles dois, porém, ele não queria gerar um alvoroço no mundo do crime, sendo que nem mesmo tinha provas.

Mas a partir do instante que as tivesse nas mãos, o panorama mudava a seu favor.

Assim que Orion virou as costas, Hugo atendeu o celular.

— Estou ocupado, Dengo, te ligo mais tarde.

— Porra, caralho — repetia Fábio, amedrontado. — Como isso foi acontecer? Sai do celular, filho da puta!

O governador sussurrou para a pessoa que havia lhe telefonado, porém, Orion foi capaz de escutar claramente as

palavras que saíram da boca de Hugo, ainda que não tivesse virado para conferir.

Naquele instante ele parou, esperando que seus pensamentos se conectassem e chegasse a alguma conclusão de que parecia tão clara quanto a água que bebia.

Franziu o cenho e voltou a andar, saindo do cômodo.

Se aquilo que sua cabeça concluiu fosse realmente verdade, litros de sangue de certa vagabunda iriam escorrer.

24

Orion passou o caminho de volta todo com o pensamento frenético e não era nem por conta da reunião que Hugo e Fábio maquinaram nas suas costas, porque, no fundo, sentia apenas dó daqueles dois vermes.

O que de fato ocupava sua mente era as últimas palavras ditas por Hugo.

Seria muita coincidência o homem chamar a pessoa na outra linha de Dengo? O mesmo apelido que Caetana costumava chamá-lo e que odiava?

Seu sexto sentido nunca o enganava e algo lhe dizia que tinha muita coisa naquela história para ser descoberta e não dormiria enquanto não tivesse conhecimento de cada uma delas.

Diferente de sua mãe, Orion não acreditava em coincidências.

Ainda dentro do carro, faltando meia hora para chegar em casa, ligou para um de seus homens que fazia parte da equipe virtual de seus negócios. Eles eram os melhores quando o assunto era computador e mesmo que fosse tarde da madrugada, mandou dois deles irem à sua residência o encontrar lá.

Ele detestava traidores e somente com a simples menção daquilo ser real, ficou vermelho, tomado pela ira.

Estava pouco se fodendo com quantos ela iria para cama, ele realmente não se importava. Nunca experimentou o sentimento chamado ciúme e não era naquele momento que o conheceria.

Para ele, quanto mais a ruiva fodesse por aí, melhor, pois assim conseguia afrouxar um pouco aquele nó que ela cismava em apertar constantemente.

Caetana era uma puta mulher na cama e Orion a manteve perto por esse único e carnal motivo, mas naquele momento estava arrependido por tê-la subestimado. No fundo, sempre teve a certeza de que ela era desequilibrada.

Era isso que dava quando permitia a cabeça de baixo comandar alguma situação, mas Orion, mesmo sem ter a prova concreta, já havia se convencido da *traição* e não via a hora de ensiná-la uma lição, porque algo dessa magnitude, jamais passaria batido.

— Vou direto para meu escritório, quando Gustavo e Júlio chegar, mande subir direto.

— Já chegaram, senhor — declarou Nicolas, ao abrir a porta do carro para Orion.

— Ótimo, então os acompanhe imediatamente — ordenou, saindo do veículo e entrando em sua casa.

Como previsto, a casa estava escura e silenciosa. Subiu os dois lances de escadas direto, sem nem olhar para os lados.

Colocou sua digital no sistema de segurança e a porta se abriu, logo em seguida, os dois homens entraram.

— Sentem-se — comandou Orion, também se acomodando em sua poltrona.

— Com licença — pediu Nicolas, saindo e fechando a porta.

— O que podemos lhe servir? — inquiriu Júlio, o mais velho.

Sempre que Orion olhava para os dois, recordava-se dos personagens do desenho Flintstone, pois eles eram a cara do Fred e Barney.

Júlio tinha cabelos escuros e possuía todos os trejeitos do personagem. Falava alto, um tanto atrapalhado, mas seguro de si. Já Gustavo, aparentava inocência com seus cabelos loiros e os modos gentis e solícitos.

— Preciso que descubram tudo sobre uma pessoa. Quero que invadam contas, celular, câmeras de segurança da casa dela e até mesmo a fatura do cartão de crédito.

— Nos passe, por favor, nome e o número de telefone que fazemos tudo isso em, no máximo, duas horas — disse Júlio. Então coçou a cabeça e perguntou: — Podemos montar nossos equipamentos aqui?

— Sim. Fiquem onde acharem mais conveniente.

Ambos se levantaram e começaram a retirar os notebooks da mochila e os acomodando em cima de uma mesa redonda, um pouco afastada de Orion.

Quando terminaram de se instalar, ele forneceu as informações solicitadas pelos hackers e aguardou.

Não tinha o que fazer a não ser esperar.

— Como estão as investigações sobre a Cloud? — quis saber quando viu Júlio parar de digitar.

— Infelizmente, com a morte do Guilherme, voltamos à estaca zero, senhor. Se, pelo menos, tivéssemos o computador... — respondeu o loiro, dando de ombros —, mas a equipe está empenhada.

— Assim que finalizarem o que pedi, quero que iniciem aquela investigação que ordenei — Orion continuou a falar. — Mas nossa prioridade ainda é descobrir o invasor da boate.

— Sim, senhor, pode deixar conosco — respondeu Gustavo, enquanto digitavam freneticamente em seus teclados.

Pouco menos de duas horas depois, Júlio lhe entregou um bloco de folhas impressas.

Os rapazes já tinham recolhido seus equipamentos e o sol começava a despontar no céu.

— Caetana mantém contato telefônico constantemente com Hugo, assim como mensagens de texto, está tudo aí para o senhor ler, se quiser — começou o de cabelos negros. — O homem manda dinheiro mensal, além de pagar o cartão de crédito dela.

— Pelo que pudemos ver, a família da moça está falida — disse Júlio. — Além disso, conseguimos acesso a uma filmagem suspeita na casa dela, porém, não tem áudio. Elas estão neste pen drive — concluiu, estendendo-lhe o pequeno objeto.

— Podemos ajudar em algo mais?

— Não, Gustavo. Um extra já foi adicionado na conta de vocês pela agilidade e disponibilidade.

— Obrigado — disseram juntos, sorrindo.

— Pode acompanha-los, Vagner — ordenou ao seu segurança que, estivera no canto da sala em silêncio.

Assim que Júlio e Gustavo saíram, Orion focou sua atenção nas folhas entregues. Leu cada linha, prestando bastante atenção às trocas de mensagem.

Seu sexto sentido estava mais que certo, Caetana e Hugo estavam mesmo mantendo relações, mas não por estarem apaixonados e sim porque cada um queria uma coisa em troca: ele, as informações privilegiadas que ela lhe passava, e ela, uma grande soma em dinheiro todos os meses, o bastante para sustentar sua família estava falida.

Respirou fundo, conectou o pen drive no computador e as imagens que viu o deixaram em completo sobressalto.

O que aquela garota estava fazendo na casa de Caetana?

A sensação de que a história não havia acabado voltou. Mas tinha algo em mente.

Desceu as escadas e caminhou até a cozinha. Já passavam das sete e a empregada ainda deveria estar por lá.

— Criada — chamou ao ver Isla mexendo em algo dentro do armário.

Não tinha mais ninguém no cômodo, o que era ótimo.

Ela o encarou e aguardou que continuasse.

— Quero que você prepare uma mesa para dois em meu escritório esta noite.

— Eu?

— Sim, está surda? — respondeu, atravessado.

— Tudo bem — concordou, certamente achando o pedido inusitado. — E a comida? Quer que eu peça para Teodora fazer algo específico?

— Pense em algo e mande-a fazer. Quero que você nos sirva, entendeu? — decretou, encarando-a profundamente

— Sim — respondeu, desconfiada.

— Às oito horas, sem atraso — decretou, virando-se a fim de sair do cômodo. — Ah! Leve uma rosa branca junto com a comida.

Sem dar tempo para que Isla respondesse, saiu da cozinha rapidamente, caminhando até o lado externo de sua casa, ciente de que lá teria certa privacidade. Pegou o celular e mandou uma mensagem a Caetana dizendo que o motorista a buscaria às 19:30.

Ela respondeu de imediato, animada com o convite, mal sabendo que seria sua última refeição.

Com isso resolvido, Orion, ocupou seu dia resolvendo problemas externos como uma reunião com seu gerente no banco e outras pendências que exigiam sua presença.

Também conseguiu despachar o carregamento de armas para a França naquele mesmo dia. O caminhão seguiria rumo ao porto de Santos, no litoral de São Paulo, para, aí sim, ser expedido.

Muitas pessoas estavam envolvidas naquele trâmite. De policiais rodoviários, federais, que fariam a escolta, até os despachantes aduaneiros. Eram eles que escolhiam o contêiner e o navio para a emissão.

Ainda que tudo estivesse certo, mandou Nicolas acompanhá-los. Afinal, aquela era uma carga muito valiosa e preferia não correr riscos.

Chegou em casa já quase na hora de encontrar Caetana e foi direto para o quarto tomar um banho.

Estava cansado, já que não dormira na noite passada. Mas não deixaria isso atrapalhar, estava acostumado a viver sob

pressão.

Ao terminar de se arrumar, subiu até o escritório e encontrou tudo arrumado como o ordenado.

Ótimo!

Na hora exata, Caetana entrou no escritório, toda sorridente.

Orion também sorriu. Ele não costumava fazer aquilo, mas o momento merecia uma ótima atuação.

— Sente-se — ordenou, no momento exato em que a empregada anunciava sua presença do lado de fora do escritório.

Assim que ele liberou a entrada dela, fechou-a novamente, acionando a tranca.

A festa iria começar!

Caetana olhou para Isla e estremeceu. Orion sentiu que o clima estava tenso, no entanto, prosseguiu com seu plano.

— O que estamos comemorando? — inquiriu a ruiva, receosa, dividindo o olhar entre Orion e Isla.

Isla deixou os pratos em cima dos sousplat sem dizer uma palavra ou encará-los nos olhos, contudo, dava para ver que estava nervosa.

Ambas sentiam que algo não estava certo.

— Precisamos de um motivo? — quis saber Orion, sentando-se na cadeira sobressalente, em frente à Caetana.

— O que está acontecendo? — ela perguntou, começando a ficar nervosa de verdade. Orion estava calmo demais para o seu gosto.

— Posso ser útil em algo a mais? — quis saber a criada, tranquila.

Mas Orion conseguia ver ódio dentro de seu olhar, além de desespero em sair correndo dali o quanto antes.

— Sim, por isso está aqui.

— Está começando a me deixar nervosa, o que a Isla faz aqui?

— Isla? — inquiriu ele, irônico. — Desde quando a chama pelo nome?

Caetana riu, em um ato de desespero, mas nada disse, em vez disso, começou a retorcer o guardanapo de linho sobre a mesa.

— Você achou que eu não ficaria sabendo sobre o Hugo? — falou ele, levantando-se e, num ato inesperado, apontou sua arma para a cabeça da ruiva.

— Pelo amor de Deus, não é isso que você está pensando.

A moça no canto do cômodo arregalou os olhos. Ela não disse nada, seu corpo, entretanto, demonstrava o quão nervosa estava, a julgar pela respiração ofegante.

— Sua vagabunda — xingou a ruiva, olhando para Isla. — Você contou!

Atordoadada, a garota balançou a cabeça negativamente, enquanto Orion sorria, sarcástico e exultante.

Então Isla sabia do envolvimento dos dois. *Era isso que fazia na casa de Caetana aquele dia?*, questionou-se e voltou a prestar atenção em sua presa.

Era muito fácil arrancar a confissão de um amador.

— Eu nunca mais vou mentir, prometo.

— Tenho certeza de que não. Adeus, Caetana — disse e atirou no meio da testa da traidora, que caiu para trás com o baque.

Orion caminhou até a mesa tranquilamente, pegou a rosa branca que estava na bandeja e a jogou em cima do corpo sem vida.

Isla não gritou, nem mesmo andou para trás.

Continuava parada no mesmo lugar, parecendo uma corça assustada, sem acreditar no que seus olhos acabavam de ver.

— Isso aqui — começou ele, aproximando-se dela e limpando uma gota de sangue que havia respingado no rosto bonito — é para você saber exatamente com quem está lidando. Acha que sou idiota?

— Eu descobri sem querer — justificou-se quando encontrou a voz.

Ele agarrou o queixo dela e o ergueu até contemplar os olhos verdes, banhados de lágrimas.

— O único motivo de não fazer o mesmo com você é porque não tenho indícios que provem qualquer tipo de aliança sua com Caetana. Mas se eu descobrir que fazia parte disso, fará companhia a ela.

— Não — respondeu num sussurro, então tossiu antes de continuar —, não existe aliança.

— Então qual o motivo da sua visita?

Isla respirou fundo e respondeu:

— Eu a ameacei — assumiu, amedrontada. — Tinha ouvido uma conversa dela com esse cara e ameacei contar para você, caso eu a visse tratando qualquer funcionário da casa mal, incluindo eu mesma.

Orion ficou alguns segundos observando-a com prudência.

— Não tenho nada a ver com a vida dela — ela continuou. — Agi por impulso, pois não aguentava mais ouvir seus insultos.

— Espero que tenha compreendido que a melhor coisa a fazer é se fingir de morta — finalizou Orion, secando uma lágrima que escorreu.

Ele se aproximou um pouco mais e deu um selinho nos lábios de Isla, sentindo o gosto salgado da gota que escorreu pela bochecha dela.

— Eu me alimento de medo e ódio traidores — sussurrou ele, como se contasse um segredo. — Anote isso na sua lista para nunca se esquecer. Agora você vai distrair minha mãe, vai ficar com ela dentro daquele quarto pelas próximas três horas, entendeu? — perguntou, destrancando a porta atrás de Isla.

Ela acenou positivamente, mas permaneceu no lugar.

— Vá, antes que eu mude de ideia.

Assim que ela saiu, ordenou que Nicolas chamasse alguém para limpar aquela merda toda e voltou para a mesa.

Retirou a cloche de cima do prato e começou a comer, pensando que o recado estava dado. E mesmo sem ter conhecimento de nada que incriminasse Isla, redobrou sua atenção com aquela garota, pois como ele mesmo costumava dizer: coincidências não existiam.

25

Isla estava completamente entontecida pelos minutos de horror que tinha presenciado.

Caetana estava morta.

A cena brutal se repetia em sua cabeça como um looping. Acreditava que nada seria capaz de fazê-la esquecer do que Orion acabara de fazer, e o pior, sem dificuldade alguma.

No instante em que a arma foi disparada, sentiu as pernas fraquejarem, uma onda fria tomou seu corpo, fazendo seu coração parar de bater por míseros segundos, só para cavalgar desenfreado dentro do peito.

Ela mesma tinha se colocado naquela posição. Isla sabia dos riscos que corria e se dissesse que foi surpreendida pela crueldade daquele homem, estaria mentindo a si mesma.

A forma natural e fria com que ele lidou com a situação a deixou em choque. O cara era um crápula, o próprio demônio na terra e essa foi a única explicação razoável que conseguiu concluir.

Enquanto corria para o mais longe possível daquele escritório, com lágrimas embaçando sua visão, pensou que nada seria capaz de detê-lo. Se tinha matado a própria namorada a sangue-frio, seria capaz de tudo para eliminar quem ficava em seu caminho.

Engoliu em seco ao imaginar o que faria se descobrisse tudo que estava por trás de sua história.

Não, a pergunta a se fazer não era se Orion descobriria e sim, *quando*.

Sentindo-se enjoada, Isla entrou em uma das suítes de hóspedes para vomitar.

Aquela não era uma vida que estava habituada a conviver. Ser ruim, cruel e mentirosa era uma fantasia que utilizava todos os dias em busca de alguma justiça por seus pais.

Por causa disso, acabou se metendo na maior enrascada e o pior era saber que não poderia simplesmente sumir. Orion ficou cismado com aquela história mal contada e os holofotes estavam sobre ela. Independentemente de onde fosse, ele a acharia.

Não tinha volta. Isla se viu obrigada a continuar, ainda que estivesse apavorada.

Imagens do momento em que seus pais foram mortos começaram a se misturar com as de Caetana em sua cabeça. Ambas tinham algo em comum: a frieza calculada do autor.

Sentada no chão, com o rosto molhado, Isla fechou os olhos e respirou fundo.

— Vai dar tudo certo — repetia como um mantra.

Cerca de um minuto depois, abriu os olhos, levantou-se e ficou apoiada na pia, encarando seu reflexo no espelho. Ela não precisava passar por tudo aquilo, mas foi o caminho que havia escolhido e tinha que arcar com as consequências de seus atos.

Mais uma vez jogou água no rosto, ajeitou sua roupa e saiu do cômodo com o restante da dignidade que possuía e bem mais calma.

Ainda não estava bem, contudo, foi ordenada a distrair Linda por duas horas e era isso que faria, deixaria para pensar no futuro depois, com mais tranquilidade e a cabeça fria.

Quando saiu no corredor, viu alguns capangas de Orion subindo para o terceiro andar, então se apressou em ir até a cozinha, fazer um chá.

Em tempo recorde estava batendo à porta de Linda, que se encontrava entreaberta.

Assim que ela respondeu, Isla já foi entrando e fechando-as lá dentro.

— Trouxe um chá para tomarmos juntas — anunciou, com um péssimo sorriso, erguendo a bandeja com duas xícaras.

Linda a encarou de cenho franzido, provavelmente achando essa atitude de Isla no mínimo estranha.

— Que maravilha — disfarçou, aceitando a visita inusitada.

Isla já havia reparado que Linda não gostava de ser invasiva. Era uma mulher paciente e comia pelas beiradas até encontrar o recheio.

— Vamos, sente-se — disse, apontando para uma pequena mesa no canto do quarto. — Está tudo bem? Ouvi uma movimentação no corredor — começou a falar assim que se sentou.

— Está sim, é só o Orion — disse, fingindo desinteresse.

— Sabe que quando ele construiu essa casa, eu achei um exagero colocar todos os cômodos à prova de som, mas agora eu vejo vantagem — declarou, sorrindo e bebericando o chá.

Linda falava, falava e falava, mas a única coisa que Isla conseguia pensar era como aquela mulher possuía um forno do mau ao invés de um útero.

Será que Taurus era igual?

Falando nisso, pensou Isla, tinha que ligar para Saulo a fim de saber se ele tinha conseguido alguma informação sobre o caçula do Meirelles.

Espera um pouco, o que ela estava pensando? Tinha acabado de presenciar um assassinato, de receber uma ameaça explícita e, ainda assim, sua cabeça agia como se o jogo continuasse sem que tivesse havido nenhuma interferência.

Era isso mesmo, afinal, não poderia parar por conta de uma crise histérica.

— Ouviu, querida? — perguntou Linda.

— Desculpe. O quê?

Isla estava com sua cabeça fora de sintonia do mundo real. Seu desejo era poder apertar no botão *reset* e começar tudo novamente.

— Acho que você não está bem. Quer me contar o que houve?

Sim! Sua mente gritou de imediato.

— Não — disse sua boca muito mais razoável. — Estou com uma dor de cabeça chata, é isso.

— Sei, e essa dor de cabeça tem nome? — sondou a velha, capciosa.

Isla se calou e tomou um gole do chá que havia preparado.

— Tem sim, contas — mentiu sorrindo, mas Linda não pareceu acreditar.

— Eu conheço um coração partido a quilômetros de distância, mas tudo bem, na hora que se sentir à vontade, sei que vai falar. Ou talvez seja por alguém que eu conheça — disse como quem não quer nada. — Daí eu te dou razão. Haveria conflito de interesses — brincou sorrindo.

— Não é isso — afirmou, querendo poder gritar que o filho dela era um assassino frio e calculista. — São apenas problemas pessoais. Meus pais faleceram há poucos anos e estou em busca de justiça para quem os matou.

— Que tipo de justiça?

— Quero apenas que o assaltante pague pelo que fez. Isso está consumindo muito meu dia e minha cabeça.

Mesmo que tivesse omitido alguns pontos cruciais, certas palavras que saíam da sua boca eram verdadeiras.

Isla estava mesmo cansada. Sua vida se resumia somente à família Meirelles e tudo que os envolvia.

— Tudo que é exagero, não faz bem ao nosso corpo, mas, principalmente, a nossa alma. Você acredita em Deus?

— Claro que sim.

— Então, um assunto não deveria te consumir desta maneira. Nada acontece sem a anuência dele e por mais que nós, em toda nossa ignorância, não compreendemos seu plano, ele está lá agindo em nossa vida.

— Às vezes é difícil crer nisso — respondeu, encarando a xícara.

— Deixa eu te contar uma história. Quando eu tive meu segundo filho, meu marido fugiu com a patroa dele depois de poucos meses e a vida não foi fácil. Passamos fome, não tinha com quem deixá-los para trabalhar e eu cheguei a roubar comida para dar a eles. Eu passava a madrugada chorando, pedindo a Deus misericórdia porque a única coisa que eu queria era alimentá-los.

Linda falava com emoção no olhar. Era difícil não prestar a atenção nas coisas que ela dizia, até porque, Isla não fazia ideia de nada daquilo.

— Cheguei a me prostituir, sabia? Não que me orgulho disso, mas eu realmente não tinha escolha. Enquanto os meninos dormiam, eu fazia programa. Orion era o mais velho e entendia meu sofrimento, me viu chorar inúmeras vezes e sabe o que ele me disse? *Mãe a vida não é justa, temos duas opções, ou ficamos inertes reclamando dela, ou agimos!* Dá para acreditar que uma criança de sete anos disse essas palavras? Pois é, depois disso eu segui o conselho dele — afirmou com um sorriso carinhoso nos lábios.

— Nossa! — declarou Isla.

Foi a única coisa capaz de dizer após ouvir o relato emocionado de Linda.

— O caminho foi muito tortuoso. Orion teve que pedir dinheiro na rua, levava Taurus consigo, enquanto tentava arrumar emprego, mas, por fim, eu consegui trabalho em uma casa de família e, graças a Deus, nunca mais tive que usar meu corpo para ganhar dinheiro.

— Como conseguiu passar por tantas coisas e ainda sorrir desta forma?

— Tenho Deus no coração. Ele nunca me abandonou, por isso, também nunca o abandonei. Eu confio que tudo na vida tem o momento certo de acontecer, inclusive um motivo. Você disse que seus pais morreram, não é?

— Sim.

— O que você levou dessa experiência?

— Tristeza, vingança e rancor — foi sincera ao responder.

Linda sorriu, docemente, e pegou em sua mão.

— E isso te agrega em quê? Fez de você uma pessoa melhor? Ajudou alguém? Sim, porque estamos nesse plano para evoluir e com esses sentimentos, você está fazendo justamente o oposto.

— É incontrollável, não consigo simplesmente mandá-los embora como uma visita chata. É fácil para quem está de fora.

— Não é fácil — afirmou Linda —, mas Deus não dá um fardo maior do que você possa carregar. Tudo é ensinamento e evolução. Você pender para o lado ruim é sempre mais fácil, até mais atrativo, contudo, a conta vem.

Isla só conseguia pensar em como Orion era diferente da mãe.

Será que ela já havia falado tudo aquilo a ele?

— Eu tenho meu teto de vidro — prosseguiu, como se lesse seus pensamentos —, mas não posso controlar a vida dos outros, entende? Mesmo que esses *outros* sejam meus próprios filhos. Quando você tiver os seus, entenderá o que digo. Uma mãe sofre do instante em que ele nasce até o momento da morte, mas sabe o que é mais louco? Você vai amar esse sofrimento.

— Como vocês são tão diferentes? — fez a pergunta que estava entalada.

— Já me fiz essa mesma pergunta um milhões de vezes e sabe qual a minha conclusão?

— Qual?

— Orion é o reflexo do que ele viveu e de nenhuma forma eu o defendo, porque sou mãe, mas não uso uma venda nos olhos. Contudo, ele apanhou muito do pai, depois sofreu ao me ver lidar com tantas adversidades, passou fome, carregou uma família nas costas, assumindo o papel masculino dentro de casa, isso tudo acabou forjando o que ele é hoje — disse, pensativa. — Era para ter sido desta forma, minha filha, e quando está nos planos de Deus, você não pode fazer nada para mudar.

— Não tem medo do que possa acontecer com ele?

Isla estava se deixando levar pela emoção. As perguntas saíam de sua boca sem filtro algum.

— Claro que sim, mas também tenho a certeza dentro do meu coração que Ele sabe o que faz — declarou, apontando para o céu. — Novamente te falo, nós não temos controle sobre a atitude e escolha de outras pessoas, cada um é dono da própria vida e por mais que eu acredite que somos predestinados a algo, quem faz nossa história somos nós mesmos. Cada ser humano tem um poder maravilhoso, um que geralmente não damos valor, sabe o que é?

— O quê? — inquiriu, interessada.

— O livre arbítrio. Deus deu isso de presente a todos seus filhos e cada um usa como bem entende — explicou certa do que dizia. — Você já ouviu um cético dizer: *se existe Deus, então por que o mau existe?*

— Acho que todos já ouvimos — ponderou Isla com um sorriso singelo, pois ela mesma já tinha feito esse questionamento a si mesma.

— Pois eu te respondo. Sabia que pela ciência o escuro não existe?

Isla franziu o cenho.

— Sim — reafirmou Linda. — O que existe é a ausência de luz e com o bom e mau o conceito é semelhante, o mau não existe, Deus não criou o mau.

— O que existe é a falta de bondade — concluiu Isla, pensativa.

— Exato, minha filha. Isso se chama livre arbítrio do homem. Não adianta culpar Deus pela falta de bondade que cada um tem no coração, isso não é culpa Dele e sim do próprio ser humano.

— Achei maravilhosa essa definição, jamais tinha pensado por esse lado.

— É aí que entra a nossa evolução aqui na terra — falou com um sorriso nos lábios.

A jovem respirou fundo e se levantou. Já havia se passado as horas que Orion mandou distrair Linda. Precisava ir para casa, descansar e pensar sozinha consigo mesma.

Por mais que tivesse ficado surpresa com o que ouvira, era difícil mudar seu interior. Ainda que seu coração quisesse *passar pano*, sua razão não permitiu, nada poderia justificar tamanha brutalidade em uma pessoa.

Orion não merecia sua misericórdia, principalmente depois daquela noite.

— Obrigada pela conversa, preciso ir.

— Isla — chamou Linda, fazendo-a se virar. — Entregue suas aflições na mão de Deus e confie. Jogue para o universo coisas boas e você verá como isso voltará para você em dobro.

Ela sorriu, verdadeiramente, para a patroa pela primeira vez.

— Só mais uma coisa. Deus queria que você estivesse aqui agora, caso contrário você não estaria. Os fins sempre justificam os meios — finalizou, também se levantando e caminhando para o banheiro. — Boa noite, querida, durma bem e fique o resto da semana em casa, já que segunda você virá em definitivo para cá.

Linda sumiu de suas vistas ao entrar no banheiro e fechar a porta.

Isla saiu do cômodo e desceu a escada, reflexiva sobre as palavras que escutou de Linda. Cruzou o hall e a cozinha, fazendo o caminho costumeiro até onde sua moto ficava estacionada.

Ao chegar ao local encontrou Orion encostado nela de braços cruzados.

Ele não estava rindo, mas o rosto estava tranquilo e relaxado, mostrando o tamanho do monstro com quem estava lidando.

— Acho que lhe devo meus parabéns — começou e Isla não sabia se ele estava falando sério ou era apenas mais uma de suas ironias. — Falo sério — completou, lendo seus pensamentos.

— Não estou entendendo — disse com o choro entalado na garganta.

— Você não chorou, esperneou ou saiu daqui correndo como uma covarde — elogiou, desencostando na moto e se aproximando dela. — Por isso eu digo parabéns. Também sei reconhecer coisas boas nas pessoas, mesmo quando a probabilidade é baixa.

— Pena que não tenho nada de bom para reconhecer vindo de você — revelou, deixando seu sentimento comandar a situação.

— É só você abrir seus olhos que tenho certeza de que encontrará facilmente — declarou o convencido, aproximando-se mais ainda.

— Não — pediu ela com a mão estendida. — Não faça isso.

Aquele pedido soou mais como uma súplica.

Seu interior estava realmente implorando para não ter que lidar mais com tantos sentimentos ambíguos.

Isla estava em seu limite e não tinha certeza até quando aguentaria.

— Você não pode achar que quando estamos sozinhos vai se aproveitar de mim para logo em seguida, me tratar como um lixo no restante do tempo. Não sou qualquer um, não sou esse tipo de mulher que você está acostumado a lidar, por isso eu ordeno que se mantenha afastado de mim.

Naquele momento as lágrimas saltavam discretamente de seus olhos. Mas ele não pareceu se importar.

Pegou em seu rosto com uma mão e segurou no queixo de Isla, obrigando-a a encará-lo.

— Eu a obriguei a estar aqui?

— Você é um...

— Eu sou o que sou — afirmou, sério, sem soltá-la.

Orion não estava machucando-a, mas era um aperto firme que revelava como ele estava no controle da situação.

—Eu também — respondeu à altura. — Não vou mudar ou me rebaixar por quem quer que seja, por isso saia da minha frente e me deixe ir embora.

— Faremos o seguinte, você acha que tem uma dignidade para manter e eu acredito que isso é a porra de uma perda de tempo, então se, neste minuto, você não estiver com a calcinha toda molhada, eu simplesmente nunca mais olho na sua cara e faço o que me pede com tanto desespero, mas a verdade é que você não consegue controlar seu desejo para que eu te foda. Quer uma prova? Acabei de matar uma pessoa na sua frente e você ainda está aqui, bem pertinho de mim.

— Por medo — falou a primeira coisa que veio à sua mente.

Orion riu, discretamente.

— Você pode não saber, mas sou muito bom em reconhecer os sentimentos alheios e, talvez, até tenha medo, contudo; não é ele que predomina em você.

Orion finalmente desfez o contato físico que a mantinha petrificada, porém, aproximou o rosto de seu ouvido.

— Seu problema é querer provar a si mesma algo irrelevante. Tenha mais personalidade, assuma o que realmente quer.

Quero matá-lo, pensou.

— Se eu fizer o que quero, vou presa — revelou, sincera.

— Que seja — respondeu ainda bem próximo.

Orion respirou fundo em seu cangote e virou as costas, dizendo:

— O tempo nos dirá quem realmente você é.

Os dias que ganhou de folga viriam a calhar e mesmo que Orion não soubesse de suas miniférias antecipadas, Isla aproveitaria para se desintoxicar.

26

Passar alguns dias em casa fizeram bem a Isla. Usou esse tempo para se refugiar dentro de sua própria casca. Desligou celular, ficando realmente fora de sintonia com o mundo externo. Sequer, ligou a televisão – quase um milagre.

Aproveitou para colocar sua leitura em dia, assim como a limpeza e organização do seu cantinho que tinha ficado em segundo plano nos últimos meses.

Foi até um salão de beleza fez uma limpeza de pele, cortou um pouco seus cabelos e os hidratou. Sentiu que merecia esse autocuidado, já que ultimamente estava se sentindo a escória do mundo.

Ficou se observando enquanto o cabeleireiro trabalhava.

Ela deveria ter seguido seus próprios planos de quando era jovem de ser modelo, assim, quem sabe, não estaria em outra realidade naquele instante.

Talvez não fosse tão tarde, ponderou ainda encarando seu reflexo, mas se ela refletisse bem, a ideia era péssima, visto que seria obrigada a limitar da sua vida uma das coisas que ela mais amava: comer.

Isla era magra de ruim, pois adorava fazer *uma boquinha* e mesmo que se exercitasse sempre que possível, desconfiava que a ingestão certamente era maior que o gasto.

Já havia chegado à conclusão de que Deus a elegeu para ser magra, mesmo comendo igual um mamute esfomeado.

Saiu do salão renovada, com aquele sentimento maravilhoso que somente uma mulher que já teve um dia de princesa sabia o que era.

— Olha quem deu um trato na juba — caçoou o mecânico que arrumou sua moto.

— Às vezes precisamos, não é? — respondeu sem parar de andar até seu apartamento.

— Ficou mais linda que já é — ouviu o senhor simpático dizer.

Assim que adentrou em seu cantinho, aproveitou para acender um incenso que havia ganhado de Linda e temia estar virando uma hippie igual àquela doida.

Tudo o que ouviu dela há dias, ficou martelando em sua cabeça. Nunca pensou que a vida tivesse sido tão difícil para eles. Afinal, por que tinha que ser tão sentimental?

Não poderia simplesmente ignorar o que Linda falou e seguir em frente? Gostaria que a resposta fosse sim, mas era muito difícil para Isla separar tudo o que estava vivendo, deixando seus reais sentimentos inertes.

Ela decidiu ser sincera consigo mesma e abrir o jogo – mesmo que somente para si. Dessa forma, acreditou que seria mais fácil lidar com os problemas que estava encarando.

Gostava de Linda e esse era o primeiro ponto.

Apegou-se a ela, assim como a Teodora. Enxergava nas duas algo parecido com sentimento materno e como se já não bastasse a culpa que sentia por isso, veio Orion com todo seu magnetismo e a fez sentir desejo por ele.

Sim, esse era o máximo que Isla conseguia admitir, pois era vergonhoso demais sentir atração por alguém tão cruel e sádico, para não dizer assassino.

Não queria nem pensar no que seus pais estavam pensando, afinal, a criaram com tanto esmero para no fim acabar órfã e

desejando o assassino deles em sua cama? Quão irracional poderia ser essa situação?

Se fosse há alguns meses, Isla diria ser algo impossível de acontecer. Mas talvez Linda estivesse certa quando disse que nada era por acaso.

Não importava o que tinha acontecido para estar dentro daquela casa, o fato era que ela estava e talvez precisasse desse choque de realidade para seguir em frente ou quem sabe fosse um teste para permanecer firme em seu propósito, já que Isla sabia que se ela não fizesse justiça, ninguém mais faria.

Cada hora seu pensamento a levava para um caminho diferente e nem mesmo uma criança na frente de uma mesa repleta de doce, estava tão ambígua quanto Isla Maria.

Antes que sua mente explodisse, resolveu fazer outra coisa para si mesma, pois no dia seguinte já teria que voltar para a mansão.

Arrumou-se e foi andando até um pequeno shopping que tinha no centro da cidade. Escolheu um filme de comédia e foi ao cinema com sua própria companhia – e era bom que Joana não descobrisse, caso contrário, seria uma mulher morta por não tê-la chamado.

Contudo, Isla sentia que precisava aproveitar mais ela mesma. Ficou tempo demais imersa na vida alheia e acabou se esquecendo da sua própria.

Assim que o filme terminou, seguiu para seu restaurante italiano favorito, um que costumava frequentar com seus pais e pediu vários pratos. Comeu um pouco de cada um deles, apreciando o gosto nostálgico que era estar ali.

Obviamente não deu conta de comer tudo, por isso pediu para embrulhar e distribuiu aos moradores de rua.

Não satisfeita, passou em uma sorveteria e comeu não somente uma, mas sim três.

— Isla? — inquiriu uma voz masculina conhecida.

Era Everti, seu primeiro namorado de escola e por mais que o nome fosse estranho, ele sempre foi lindo e um ótimo menino.

— Oi — respondeu ela, dando-lhe um abraço.

— Nossa, quanto tempo não te vejo. Você está linda, como sempre.

— Obrigada — respondeu ela, rompendo o contato físico e o encarando —, você também. Como está sua vida?

— Casado — disse, erguendo a mão e mostrando a aliança —, e com três filhos.

Isla sorriu, sincera, e levou a mão à boca.

— Três, Everti?

— Sim — rebateu, pegando algo no bolso com um sorriso enorme nos lábios.

Ele tirou uma foto da carteira e mostrou orgulhoso o retrato com as três princesas lindas.

— Uau — completou Isla, ainda sorrindo. — Elas são realmente lindas, parabéns, você sempre foi um homem correto, merece o melhor.

— Obrigada — retrucou, guardando o pedaço de papel onde ele estava —, mas e você? Não casou ou teve filhos?

— Ainda não, mas quem sabe.

— Claro, você tem um coração enorme, quase igual à sua fome — disse, fazendo os dois rirem —, tenho certeza de que será muito feliz.

— Foi bom te ver — confessou Isla, abraçando-o.

— Igualmente, agora deixa eu alimentar meus dragões — falou enquanto a mulher no caixa lhe estendia vários picolés. — Vai ver essa é minha sina. — Finalizou dando uma indireta da época que namoravam.

Isla voltou para casa feliz naquela noite e foi dormir com seus ânimos renovados.

— Estou bem, fica tranquila — respondeu sorrindo para Teodora ao telefone no dia seguinte, após finalmente ligar o celular enquanto terminava de arrumar suas malas.

O dia de voltar para a casa dos Meirelles havia chegado.

Então, ignorando as milhares de mensagens e ligações perdidas, focou na organização de tudo.

Linda iria operar e a intimou para passar um período no casarão.

Evidentemente a ideia não a agradou, porém, a hippie conseguia dobrar uma pessoa ao meio sem que notasse e quando viu, Isla já havia concordado.

— *Fiquei preocupada, minha menina, a senhora Meirelles falou que estava bem, mas mesmo assim queria falar com você.*

— Obrigada por se preocupar, estava com uma enxaqueca terrível, mas hoje já volto à minha rotina e com um detalhe especial, ficarei aí por um período.

— *Que maravilha* — disse, afetuosa. — *Ficaremos felizes em recebê-la e Linda terá uma ótima enfermeira, tenho certeza.*

— Bom, em relação a isso não tenho tanta confiança — falou, colocando sua necessaire com produtos pessoais na mala —, mas se ela tem, quem sou eu para ir contra, não é mesmo?

— *Excelente. Vou fazer aquele bolo de limão que você gosta. Te espero mais tarde, estou morrendo de saudades suas, beijos, minha menina.*

A ligação foi encerrada e Isla colocou seu celular no bolso.

Encarou as três malas de tamanho médio e respirou fundo. Não sabia se estava preparada para enfrentar Orion nos olhos, pior ainda, vinte e quatro horas por dia. Mas não era momento de dúvidas e sim de ação.

Teve tempo suficiente para colocar sua cabeça no lugar. Não poderia se dar ao luxo de continuar inerte e como voltar no tempo não era uma opção legítima, seu destino era continuar e terminar o que havia começado.

Ela não sabia explicar ao certo, mas seu sexto sentido a mandava ir sem olhar para trás e foi o que fez.

Mas antes de seguir rumo ao casarão seu celular vibrou. Era Joana em uma videochamada.

— *Amiga, pelo amor, o que aconteceu? Estamos tentando falar com você há dias* — disse rapidamente assim que atendeu.

Isla encarou suas duas amigas pela tela do telefone e sentiu o coração quentinho por ter alguém que gostasse tanto dela como aquelas duas malucas.

— Calma, estava em casa, descansando.

— *Descansando?* — gritou Joana. — *Temos cara de palhaças?*

— *Me dá isso aqui* — falou Helena, tomando o telefone para si. — *Você está bem mesmo?*

— Fiquem tranquilas, eu estou bem. Linda me deu a semana de folga porque hoje estou indo pra lá passar uns dias — explicou-se.

— *Hãh?* — inquiriu a mais nova delas.

— *Como assim passar uns dias lá?* — questionou Joana, empurrando a amiga e aparecendo bruscamente na tela.

— Ela vai operar e me pediu para ajudá-la nesse período.

— *Meu alarme vermelho está soando. É cilada, Bino, corre enquanto é tempo* — falou a fisioterapeuta, espalhafatosa.

— *Tem certeza disso?* — quis se certificar Helena, avaliadora como sempre.

— Claro — respondeu Isla, como se fosse algo natural.

Isso que suas amigas nem sabiam ainda de Caetana, mas acreditou não ser o momento ideal para contar sobre a cena de horror que havia presenciado alguns dias atrás.

— Tenho que ir, depois nos falamos, está bem? Amo vocês — apressou-se em dizer Isla, encerrando a ligação antes que Joana começasse a surtar.

Desceu com as malas e as colocou dentro do carro que Linda havia mandado para buscá-la.

Chegando ao casarão, Linda a acomodou no quarto ao lado do dela, todavia, não teve nem tempo de desarrumar suas coisas, uma vez que a cirurgia estava marcada ainda para aquela manhã.

Orion mobilizou uma equipe de seguranças para acompanhá-las, contudo, o que a deixou mais impactada por ele simplesmente ter tido o poder de fechar o andar inteiro para sua mãe ficar segura.

Cada dia mais Isla se surpreendia com o poder que aquele homem cruel tinha nas mãos.

Enquanto a esperava sair do centro cirúrgico, viu-o rodeado de homens. Alguns funcionários do hospital e outros que Isla não soube reconhecer.

Optou por permanecer discreta dentro do quarto, até que Linda retornasse e quando isso aconteceu, ficou aliviada por tudo ter dado certo.

— Que bom que está aqui — disse a mulher, segurando sua mão e caindo em um sono profundo.

— Não vou a lugar algum — respondeu mesmo sabendo que ela não a escutava.

Ficaram lá até o fim da tarde.

Durante o período, entraram médicos, enfermeiros, técnicos em enfermagem... Faltou apenas o papa porque de resto, até o diretor do hospital apareceu por lá.

Era um cuidado e atenção que jamais viu em lugar algum e Isla chegou a cogitar que estava trabalhando para a rainha Elizabeth, mas era apenas uma mulher *comum* que tinha ido retirar dois miomas.

Assim que os profissionais confirmaram que tudo estava certo e que ela poderia ir para casa, saíram do hospital com todas as orientações e prescrições médicas.

— Está se sentindo bem? — perguntou Isla em certo momento do trajeto.

— Sim, muito bem. Pode dar a receita para o Caíque que ele compra meus remédios.

— Se quiser eu posso...

— Nada disso, ele vai, não é, querido? — falou em tom mais alto para o motorista responder.

— Com certeza — retrucou o rapaz, encarando-a pelo retrovisor.

Realmente não tinha um ser humano que não gostasse daquela mulher.

Ela arrancava sorrisos e elogios por onde passava. Quem a via feliz daquela forma, não poderia imaginar o quanto já tinha sofrido na vida.

— Estamos chegando — afirmou Isla. — Como vamos subir as escadas? — inquiriu, achando-se uma idiota por não ter pensado nisso antes.

— Elevador — respondeu, tranquila.

Isla achou que não era o momento de dizer que trabalhava lá há meses e nunca tinha visto um elevador. Mas se Linda disse que tinha, ela acreditaria!

O carro parou na entrada meia-lua e Isla auxiliou-a descer do automóvel.

— É um elevador que sai no quarto de Orion — esclareceu. — Vamos que quero dar uma deitadinha.

Elas seguiram até o fim do corredor e entraram por uma porta camuflada. Isla achou aquilo o máximo!

Sentiu-se em um filme do Harry Potter com paredes ocultas e passagens secretas.

— Por esse você não esperava, né? — brincou Linda.

— Não mesmo — respondeu, sorrindo.

— Gosto quando você sorri de verdade — afirmou ela assim que a porta se abriu.

Isla estava no covil do lobo. Onde as lebres eram abatidas e mesmo que a curiosidade a corroesse, apenas seguiu em frente, escorando Linda.

Deitou-a na cama e acendeu o incenso que ela mais gostava.

— Você está ficando tão boa nisso — afirmou Linda, comovida.

— Descanse — desconversou Isla. — Estarei no quarto ao lado. Posso deixar a porta aberta?

— Por favor.

— Trouxe um presente — disse Isla, sorrindo, ao tirar um sino da bolsa. — Se precisar, é só tocar.

Linda começou a rir.

— Sim, senhora.

Isla foi para *seu* quarto e começou a desarrumar as malas, encontrando um cantinho para cada um de seus itens.

No fim, sentia-se exausta, porém, não poderia fazer desfeita para Teodora, por isso desceu a fim de saborear aquele bolo divino de limão.

Após conversarem e matarem um pouco da saudade, Isla voltou para o andar superior. Parou no quarto de Linda e após observar que ela dormia tranquilamente, seguiu para o seu e se deitou na cama a fim de descansar um pouco.

Não eram nem oito da noite, no entanto, ela estava tão cansada que caiu na cama pegando no sono rapidamente quando de repente, sentiu um curioso aperto no peito.

Ao abrir os olhos, Orion estava parado do seu lado, observando-a.

Isla deu um pulo da cama, assustada.

— Não sabe bater?

— A porta estava aberta — justificou ele. — Veio para dormir ou cuidar de minha mãe?

— Peguei no sono. Ela também está dormindo.

Pelo menos era o que Isla desejava.

— Espero que tenha usado esses dias que ficou afastada para pensar.

— Não preciso pensar em nada — afirmou, tentando não parecer receosa. — Sua mãe me deu uns dias em casa, porque eu não me sentia bem.

Isla estava em pé de frente a Orion rezando para que ele saísse de lá o quanto antes, pois ela não comandava seu corpo quando ele estava por perto.

— Você e Linda são péssimas mentirosas — declarou, rindo sutilmente sem se importar. — Acredito que saiba que depois do que viu, não sairá mais daqui.

— Quer dizer que sou uma prisioneira? — quis saber rindo, achando que Orion brincava.

— Interprete da forma que achar melhor. — Orion se aproximou, encurralando-a na parede.

— A vaga de foda casual está em aberto — falou ele, olhando seu corpo detalhadamente. — Quem sabe sua inteligência supere a de Caetana e seja uma boa menina.

— Você me ofende — incriminou Isla, empurrando-o para trás. Mas Orion pegou em seu pulso e segurou com força.

— Você se ofende fácil demais — contrapôs, parando o olhar em sua boca.

— Será que pode me soltar? Não fico com ninguém por dinheiro, muito menos alguém que me trata feito lixo.

Orion riu sem soltar suas mãos.

— Você se dá muito valor.

— Dou — respondeu, forçando o pulso. — E só me relaciono com quem compreende isso.

Isla puxou sua mão com toda força, soltando o braço.

Conseguiu se desvencilhar com o coração batendo mil vezes por segundo, deixou Orion para trás e saiu do quarto depressa, sem que desse tempo para ele segui-la.

27

Seu corpo ainda estava totalmente instável. Coração acelerado, respiração ofegante, tremores nas mãos e uma sensação de vazio imensa no estômago, como se não comesse há dias. Tudo isso desencadeado por aquele miserável.

Isla sentia uma enorme raiva de si mesma por permitir que ele desencadeasse tudo aquilo, que fosse capaz de mexer tanto consigo a ponto de seu corpo ficar inconstante.

Mas por sorte, daquela vez, conseguiu escapar e não se deixar levar pelos encantos sombrios de Orion Meirelles.

O que ela poderia fazer para se controlar se sempre que ele aparecia todo seu raciocínio crítico se esvaía como fumaça?

Ela não conseguia controlar algo que julgava estar fora de seu domínio. Afinal, quem tinha essa capacidade?

Ao sair de seu quarto, foi direto para o de Linda e mesmo que ela ainda estivesse dormindo como uma pedra permaneceu lá por alguns minutos, tentando retomar o controle de seu próprio corpo e mente.

Orion era como um espírito ruim que sugava toda sua autoconfiança, controle e coerência.

Encostada na parede, em um canto escuro, levou as mãos ao rosto fazendo uma prece silenciosa, tentando se comunicar com seus pais.

— Por favor, me ajudem — pediu quase que em um sussurro.
— Preciso terminar o que comecei, por vocês, mas sinto que vou falhar toda vez que o encontro. Tirem isso de mim.

Ela estava apelando em nome do desespero que sentia naquele momento.

— Isla, é você, minha filha? — falou Linda.

— Sim — respondeu após alguns segundos, acendendo a luz.
— Vim ver se estava bem. Vamos jantar?

— Jantar? Achei que já fosse de manhã.

Isla sorriu e se sentou na cama.

— Vou pegar algo para comer e já volto, assim aproveito para pegar os remédios, está quase na hora.

Linda ainda estava um pouco sonolenta, então aproveitou para ir até a cozinha.

Teodora ainda estava lá, preparando uma sopa, que por sinal cheirava muito bem.

— Oi, minha menina, como ela está?

— Bem, vim pegar o jantar dela e os remédios.

— Caíque os deixou ali — disse, apontando para a bancada.
— Vou preparar a bandeja.

— Pode deixar.

— Nada disso, quer roubar meu emprego? — brincou a cozinheira, carinhosa.

Isla aproveitou para separar os medicamentos e identificá-los conforme o horário de cada um.

Após alguns minutos, subiu novamente com o jantar de Linda e colocou em cima da pequena mesa.

— O cheiro está maravilhoso — falou a mulher mais velha.

— Teodora nunca erra — elogiou Isla, ajudando-a a se levantar da cama.

— Não vai me acompanhar?

— Hoje não, já comi alguma coisa — preferiu mentir a dizer que ainda estava com o estômago embrulhado por causa de Orion. — Não se esqueça dos remédios — completou, empurrando os três comprimidos.

— Sim, senhora — brincou. — Sou uma paciente comportada, na maioria das vezes — caçoou rindo logo em seguida.

Assim que Linda finalizou, Isla a auxiliou a ir ao banheiro e voltar para cama logo em seguida.

— Amanhã cedo tomamos um banho e trocamos esses curativos, está bem?

— Você seria uma boa enfermeira — constatou Linda, deitando-se na cama.

— Talvez — concordou, cobrindo-a. — Mas não tenho certeza quanto ao sangue e situações de emergência.

Ela caminhou até o aparador, acendeu um incenso, ligou o abajur e apagou a luz geral do cômodo.

Levou até Linda um livro que sabia que a mulher estava lendo e o entregou junto com os óculos de grau.

— Obrigada, minha filha — agradeceu com um olhar carinhoso. — Acho que nem se eu tivesse procurado tanto acharia alguém tão perfeita como você.

— Nossa, tenho tantos defeitos e falhas — constatou sorrindo.

— Claro que sim, afinal, somos seres humanos, ainda assim não consegui encontrá-los ainda.

— A senhora logo os encontrará — alegou, pegando a bandeja. — Vou levar isso e depois tomar um banho. Qualquer coisa toque o sino que o Papai Noel vem correndo.

— E ainda nem é Natal.

— Esse ano ele veio antecipado — declarou, saindo do quarto.

Após ajeitar tudo na cozinha, resolveu fazer um sanduíche rápido com algumas coisas aleatórias que encontrou na geladeira.

Depois de estar devidamente alimentada, voltou para seu quarto e foi até o banheiro ligar o chuveiro, mas então aquela linda banheira de mármore negra a encarou em um convite silencioso para que entrasse.

Somente para se certificar, foi até o quarto de Linda e notou que ela já havia dormido, então retirou os óculos que ela usava, guardou o livro da cabeceira, contudo, optou por deixar a luz do abajur acesa. Era mais seguro dessa forma!

Voltou ao seu quarto e começou a enchê-la com água quente. Jogou alguns sais de banho e esperou sentada na beirada, molhando as mãos para se certificar de que a temperatura estava de seu agrado.

Colocou seu roupão de seda branca pendurado na parede, fechou a porta e retirou toda sua roupa, ficando nua.

Emergiu sentindo seus músculos relaxarem. Alcançou o botão da hidromassagem e ligou. Se aquela não era umas das sensações mais maravilhosas que existiam, Isla não sabia qual era.

Fechou os olhos permitindo-se se entregar ao deleite da massagem.

Orion estava em seu escritório trabalhando, mas por algum motivo seus pensamentos não saíam daquela petulante.

Acreditou que depois de tudo que ela havia presenciado jamais fosse aparecer em sua casa novamente, porém, para sua total descrença, lá estava ela alguns dias depois cuidando da sua mãe recém-operada como se nada tivesse acontecido.

Ela o deixava encolerizado na mesma medida que a atração sexual crescia a cada dia. Tentou manter-se afastado, no entanto, sentia que um ímã o puxava de volta. Sentia tesão em enfrentá-la por alguma razão.

Sua cara de desdém o instigava e se não fosse tão bom em decifrar pessoas, diria que ela realmente não tinha receio algum do

homem que era. No entanto, a realidade era completamente oposta.

Isla poderia tentar com todas as forças ficar no mesmo patamar que ele, mas ela não era aquele tipo de pessoa.

Por algum motivo a *ratinha* escondia a verdadeira mulher que era. O único momento que conseguia ver Isla nitidamente era naqueles que a volúpia se fazia presente, ou seja, em quase todos que ficavam no mesmo ambiente sozinhos.

Irritado com os rumos de seus pensamentos, Orion levantou e decidiu dar o dia por encerrado, uma vez que não estava rendendo nada.

Saiu de seu escritório e o trancou como de costume. Desceu os lances de escada e quando colocou a mão na maçaneta de seu quarto, ouviu o barulho de alguma hidromassagem ligada.

Obviamente deduziu ser de Isla.

Seus pensamentos novamente o traíram e já imaginou milhões de coisas em sua cabeça. Nenhuma delas era imaculada, muito pelo contrário, em todas elas, Isla aparecia nua, de quatro ou o chupando dentro da banheira.

Seu pau ficou duro de imediato e aquilo o fez se sentir a porra de um adolescente.

Balançou a cabeça e entrou em seu quarto, querendo tirá-la de seus pensamentos. Mas Orion não era o tipo de homem que ficava somente imaginando coisas, então saiu novamente e entrou no quarto dela.

A porta estava semiaberta e assim que entrou, fechou-a com o trinco. Caminhou direto até o banheiro junto com suas ardilosas intenções.

Rodou a maçaneta e ela se abriu no instante que Orion sorriu malicioso. Aquela era a cena mais ingênua e excitante que seus olhos já havia captado.

Seu olhar caiu imediatamente na mulher maravilhosa imergida na água de olhos fechados e com os lábios se movendo, como se estivesse cantarolando uma canção.

Tocou no roupão dela e notou que era pura seda, estreitou seu olhar e voltou a encarar aquela caixinha de surpresa que era sua funcionária.

Caminhou até ela e no meio do caminho Isla abriu os olhos, espantados.

— Meu Deus — disse, tentando cobrir o corpo nu com os braços. — O que faz aqui?

— Essa banheira está com defeito, quando você a usa, vaza água no teto da sala — Orion disse a verdade.

— Ninguém me avisou, agora saia daqui — pediu, envergonhada, mas autoritária.

Orion pegou uma toalha e a esticou em sua direção, mas no instante em que ela foi pegar, ele a puxou para si, colando o corpo de Isla no seu, molhando sua roupa por inteiro.

— Orion...

Sem pensar muito, ele mergulhou a boca na dela, iniciando um beijo libertino enquanto uma mão escorregava pelo corpo molhado.

Ela pulou no colo dele e envolveu as pernas em sua cintura, submergindo os dedos nos cabelos bastos, puxando-os de leve.

Orion segurou suas duas mãos na bunda dela e apertou, pressionando-a bem forte contra o próprio corpo.

Andou com ela pendurada até a cama e a depositou deitada sem desgrudar os lábios.

Era óbvio que eles se desejavam e estavam somente expressando a antiga vontade reprimida por ambos.

Naquele momento, deixaram de lado as desavenças e qualquer coisa do passado. Entregaram-se de corpo e alma a tudo que seus corpos cobiçavam.

Orion se afastou e ficou novamente em pé somente o tempo suficiente para retirar as roupas que vestia. Notou que Isla não o encarou, os olhos dela fitavam seu corpo se despiando e por mais que fosse nítido que ela gostava do que via, sentia que estava mesmo evitando encará-lo nos olhos.

Permaneceu em pé, retirando a última peça de roupa, mas antes de tomá-la novamente, disse:

— Olhe para mim.

Isla finalmente subiu o olhar e Orion franziu o cenho, pois enxergava um misto de coisas nas esferas verdes. Tinha desejo, contradição, acalanto e até raiva.

Mesmo sem compreender, deitou em cima dela, já e nu e segurou no rosto dela.

— Se demorar mais dois segundos, eu saio correndo — revelou ela, encarando-lhe nos olhos.

— Você pode tentar — respondeu ele, beijando-a lentamente.

Colou seu peso sobre ela expressando, sem palavras, que nada o faria sair de lá.

Pressionou seu pau na coxa do pequeno corpo embaixo de si, mas continuou se dedicando ao beijo, à medida que puxava os longos cabelos castanhos.

Afastou o pescoço dela e mergulhou trilhando sua língua até os fartos peitos.

A pele sedosa o agraciou com um perfume suave, mas, ao mesmo tempo, poderoso igualzinho à personalidade dela.

Orion os segurou firmemente com as duas mãos enquanto chupava e mordia os bicos delicados e sensíveis, fazendo-a se arrepiar dos pés à cabeça.

Isla permanecia de olhos abertos fazendo questão de encará-lo enquanto mamava e aquilo somente o deixava com mais tesão, porque aquela menina de minutos atrás havia dado espaço para uma mulher ardente e confiante.

Ela movia as pernas, fazendo questão de provocá-lo, já que não conseguia alcançar seu pau. Isla pegou uma de suas mãos e levou até a boca, chupando seu dedo indicador como se fosse uma iguaria rara.

Aquela mulher era diferente de todas que já tinha levado para cama. Orion não conseguia chegar a uma conclusão do real motivo

para isso, mas o fato era que algo estava diferente.

Ela não possuía pudores ou limitações fantasiosas, se Isla desejava ia lá e fazia. Decidida de suas ações e bem resolvida quando o assunto era saciar seus desejos.

Uma puta mulher de atitude e gostosa para caralho! Ficaria viciado naquela boceta facilmente.

Ainda com os pensamentos agitados, Orion subiu sua boca mais uma vez para os lábios vermelhos e carnudos, beijou-a novamente. Fazendo-a arquear quando enfiou um dedo na boceta excitada sem aviso prévio.

Começou a masturbá-la com dois dedos, intercalando alguns carinhos e beliscões no clitóris, aqueles que ele adorava, deixando-a a ponto de explodir de desejo.

— Não quero gozar agora — anunciou ela, saindo debaixo e subindo em cima dele.

Ambos estavam molhados da água da banheira, misturada com seus fluidos, deixando o clima sexual extremamente aflorado.

Ela passava as mãos por seus gominhos, um a um, admirando-os sem pressa, depositando um beijo em cada um deles, descendo de maneira sorrateira.

Chegou a seu umbigo e o rodeou com a língua, descendo até chegar ao seu pau apontado para cima, implorando para que aquela boca atrevida o chupasse todo. Orion almejou por aquele momento e, certamente, estava sendo surpreendido com o desempenho de Isla.

Ela segurou a base com firmeza e começou a sugá-lo com força, dedicando um tempo extra a cabeça de seu pau, sobretudo ao frênuo, sabendo que era um ponto sensível e muito erótico. A cena desenrolou assim como as suas fantasias, mas a sensação, essa não tinha como ser descrita, pois estava muito além de sua capacidade naquele instante.

A boquinha atrevida subia e descia em harmonia com a pequena mão que fazia um estrago em suas emoções.

Isla levou a outra mão até suas bolas e as massageou, mas Orion não estava confortável de espectador, queria mais que tudo enfiar seu pau naquela boceta, não estava se aguentando, precisava extravasar toda aquela lasciva.

Puxou-a para cima, mesmo seu pau rebatendo e o enfiou de uma vez, acomodando-a em cima de si.

A primeira coisa que eles fizeram foi se olharem. Certamente pensavam a mesma coisa: camisinha.

Eles sabiam que tinham que usar e que muitas coisas estavam envolvidas naquele ato irresponsável, contudo, não tinha nenhuma por perto e ir até seu quarto para pegar, estava fora de questão.

Orion moveu o quadril e Isla revirou os olhos.

— Não deveríamos... — começou ela, mas Orion rebolou o quadril mais uma vez.

Aquela sensação era a porra mais gostosa que experimentou na sua vida. Era inadmissível parar, ambos estavam como animais, então agiram equivalentes a um.

— Eu sei — concordou ele. — Quer parar?

Ele nunca havia transado sem camisinha.

Poderia ser bizarro assumir isso, mas era verdade. Ele sempre foi muito certo e metódico até mesmo em seus relacionamentos sexuais, mas por algum motivo irracional, aquela força não o deixava parar.

Orion queria cada vez mais de Isla, assim como era óbvio ser recíproco a contar pelos olhos que transpareciam todo sentimento dela.

— Talvez só um pouco — falou ela, remexendo o quadril para frente e para trás de maneira brusca.

Isla abriu os olhos e o encarou.

— Foda-se — chegou ao limite Orion, jogando-a na cama e subindo por cima.

Ele começou a estocar forte rosnando grosso, enquanto ela gemia em alto e bom som. Por sorte os quartos eram à prova de som, por isso Isla estava liberada para gritar até os pulmões saírem do corpo.

— Grita — incentivou Orion segurando as mãos dela para cima.

Ele acreditava que já não tinha mais resquício algum de água da banheira nos corpos, era apenas suor e desejo que exalavam de seus poros.

Orion estava socando o máximo que seu corpo permitia. A cada instante que chegava ao limite, Isla gemia seu nome e aquilo era como música para seus ouvidos, incentivando-o a manter o ritmo.

Foder sem camisinha era algo que não sabia destrinchar. Sentir a boceta dela garrotear seu pau era como ir ao inferno e voltar mil vezes em apenas um segundo.

— Mais um pouco — disse Isla, soltando seus braços.

Orion aproveitou para aprisionar os peitos de Isla em suas mãos, massageando-os com força e chupando-os insanamente.

Eles já estavam vermelhos pela pressão que fazia e aquela seria apenas uma das tantas marcas que levariam daquela noite.

— Porra — gritou Orion, liberando toda sua porra dentro de Isla no exato momento em que ela também se contorcia, gozando feito uma louca.

Ele sentia os espasmos em seu pau vindo da boceta de Isla. E aquela foda não poderia ter sido mais extraordinária.

Isla relaxou, fechando os olhos, ofegante.

Orion se deitou ao seu lado, também se recuperando do que haviam acabado de fazer, dando-se conta da situação de uma forma mais racional. Contudo, o tempo não poderia ser retrocedido.

Encarou-a de novo e a serenidade no rosto de Isla o fez relaxar um pouco. Certamente a mulher já tinha pegado no sono.

Ele se aproveitou e aproximou o nariz do pescoço desnudo na moça, absorveu o aroma floral e fechou os olhos.

Que porra! pensou, admitindo que tinha cometido a maior insanidade do mundo, porém, sem resquício de arrependimento algum.

28

Isla estava dormindo e sonhando, porém, dentro de seus sonhos ouvia um sino tocar em uma igreja bem distante.

Após alguns segundos, ela caiu em si e entendeu que, provavelmente, era Linda a chamando e não um sonho celestial. Foi quando se deu conta do que tinha acontecido com ela e Orion. Ou tudo aquilo havia sido um sonho?

Pulou da cama, ainda nua, foi até o banheiro pegar o roupão e seguiu para o quarto vizinho.

Não tinha tempo para lamentações ou qualquer outro tipo de pensamentos. Deixaria para se martirizar mais tarde.

Quando chegou lá, franziu o cenho ao notar que ela dormia feito um anjo. Encarou o relógio na cabeceira da cama e notou que ainda eram três horas da manhã.

— Meu Deus, eu devo estar fora de mim — sussurrou para si, apertando o nó do roupão.

O sono tinha ido embora e não poderia ser diferente, já que as cenas das últimas horas rodavam em seu pensamento igual um disco arranhado.

Voltou para seu quarto no intuito de tomar um banho.

Olhando com mais atenção, notou vestígios de Orion por todo lado, a começar pelo aroma amadeirado deixado por ele no quarto todo. Encontrou, embaixo da cama, a camisa preta que ele utilizava e que, provavelmente, tinha esquecido por estar escondida.

A cama estava uma baderna. Travesseiros jogados no chão, lençol desgrenhado e úmido.

Percorreu o pequeno caminho até o banheiro e lá a situação não estava muito diferente.

Banheira ainda cheia e com a água já fria. Chão molhado e pegadas do sapato de Orion para todo lado.

Retirou o roupão e se olhou no espelho e se já era difícil encarar o ambiente à sua volta, ver seu reflexo era pior ainda porque estava com roxos espalhados pela bunda, seio, pescoço e um no quadril.

Soltou os cabelos e entrou no chuveiro. Deixou a água fazer seu trabalho de purificação, além da limpeza, mas, infelizmente, ela não curava almas perdidas e sujas, pois era assim que ela se sentia.

Como pôde ser capaz de trair seus pais daquela forma por um prazer momentâneo?

Orion era o pior homem que já havia conhecido em sua vida. Um assassino frio e calculista metido com as piores coisas imagináveis – e inimagináveis. Por que justo ele?

Em certo momento do banho, o líquido que saía do jato se unificou com suas lágrimas, formando uma coisa só.

Será que era o momento de jogar a toalha ou se aproveitar dessa intimidade?

No fundo do seu íntimo, Isla sabia que continuar seria um caminho muito mais arriscado, já que não poderia garantir que não se envolveria emocionalmente. Em contrapartida, recuar era deixar a justiça por seus pais de lado.

Todo trabalho que teve durante anos jogados no lixo pelo quê?

Isla não poderia abdicar dos seus objetivos por uma noite de sexo. Mas a questão que lhe importunava era que nem mesmo ela sabia se o que estava em jogo era somente tesão ou se tinha algum sentimento além disso, mas que se recusava a cogitar aceitá-lo.

Finalizou seu banho sem chegar a uma conclusão. Vestiu um pijama e em cima dele, seu roupão branco.

Arrumou o banheiro e deu uma geral no quarto para que as pistas deixadas por eles não ficassem jogando na sua cara a todo o momento o que haviam feito – como se precisasse.

Após quinze minutos, tudo estava arrumado e sem vestígio de Orion, totalmente diferente do seu interior.

Ainda eram quatro da manhã e como não iria conseguir dormir, caminhou até a sacada e ficou tomando um ar por alguns minutos.

A brisa fresca e pura das árvores lhe trouxe algum acalento para sua tristeza. Sentiu como se estivesse no restaurante abandonado, conversando com seus pais.

Seu único desejo naquele momento era poder ouvi-los, ou melhor, tê-los ao seu lado, pois assim jamais teria conhecido Orion e aquela família que só lhe agregou desgraça e sofrimento.

Quando o sol estava querendo começar a sair, Isla entrou novamente no cômodo e passou no quarto de Linda para se certificar de que ela ainda dormia e desejou aquele sono tranquilo por apenas uma noite. Mas como se ela mesma era a maior responsável pelo que estava passando?

Continuou seu percurso, descendo as escadas.

Queria deixar o café da manhã da hippie pronta antecipadamente, junto com os medicamentos que ela estava fazendo uso.

Teodora já estava em pé, preparando o banquete.

— Bom dia, minha menina, caiu da cama?

— Pelo jeito não fui a única — respondeu, indo até a mulher e dando um beijo na testa dela. — Bom dia, Te.

A cozinheira a encarou, mas não disse nada.

— O quê? — perguntou Isla, por fim.

— Sua cara.

— Está uma desgraça, né? Eu sei.

— Não, querida, na verdade, apesar de os olhos inchados, vejo felicidade lá dentro.

Isla franziu o cenho, começando a preparar o chá que Linda gostava de tomar pela manhã.

— Só você mesmo para achar felicidade aqui dentro.

Teodora a encarou com os olhos arregalados.

— O que isso, minha filha? Não diga uma coisa dessas.

— Foi só modo de dizer — disfarçou ela, querendo contornar a situação.

— Espero mesmo que sim.

— Linda passou bem durante a noite, não acordou e nem está sentindo dor — começou a falar Isla, mudando o foco.

— Deus é bom.

— Bom dia, dona Teodora — disse aquela voz grossa que fazia seu interior virar gelatina. Ainda assim, não virou para encará-lo, já que pretendia resgatar uma última gota de decência dentro de si.

— Bom dia, senhor Meirelles.

— Tem café?

— Sim, já vou levar.

— Preciso sair e vou só tomar um café por aqui mesmo. Obrigado.

Obrigado? Pensou Isla, procurando o Orion nojento e asqueroso que estava habituada.

Nunca tinha ouvido uma palavra decente sair daquela boca, por isso realmente foi algo inédito e antes que seu coração idiota viesse com aquele *pano, para passar nele*, Isla logo pensou no motivo pelo qual estava naquela casa.

Quando teve coragem de virar as costas e olhar na direção que a voz veio, ele já não estava mais. Restava apenas Teodora a encarando com aquela cara desconfiada.

De boba a cozinheira não tinha nada. Ela e Linda só tinham a cara de tonta, porque pareciam sacar tudo somente com o olhar. Ou eram eles que davam muito na cara?

Ela respirou fundo e se aproximou.

Isla não queria ouvir o que ela estava prestes a dizer, porque sabia que teria razão em cada palavra.

— Falei tarde demais, não é mesmo, minha menina? — disse a mulher.

— Do que está falando? — inquiriu Isla, rindo de nervoso, enquanto colocava o chá no bule.

— Eu lhe disse para ficar longe dele, mas foi tarde.

— Está dizendo besteira, Te. Se quer saber, nem mesmo gosto dele — disse a última frase em tom ameno.

— Pior ainda. Os extremos andam lado a lado. Nunca te falaram isso?

— Nosso relacionamento é profissional. Trabalho aqui e sirvo a mãe dele. Acabou, não misturo as coisas — decretou, arrumando a bandeja de maneira organizada.

— Bem que você gostaria que fosse verdade, né? — jogou na sua cara a verdade, mas de uma forma carinhosa, como somente ela conseguia.

Seria possível até mesmo Teodora tirar sarro da sua cara?

Ao invés de se preocupar, Isla foi tomada pela raiva, porque ela não era uma menininha boba e apaixonada. Sabia muito bem quais eram seus objetivos e continuaria lutando por eles sem abaixar a cabeça.

Pegou o objeto com alguns itens do café de Linda e seguiu direto para o quarto dela, mas sem responder a cozinheira atrevida.

— Bom dia — disse Isla, acendendo a luz. — Vamos acordar? Está na hora da medicação.

— Bom dia sol, lua e universo — disse ela, sorrindo sem nem mesmo ter aberto o olho. — Obrigada por mais um dia. Já

agradeceu pelo seu?

— Já sim — mentiu, arrumando as coisas do café em cima da mesa.

— Obrigada, meu Deus, por mais um dia de Isla, ela ainda não tem esse costume — disse, como se estivesse conversando com Ele —, mas sei que logo ela terá.

Isla deu risada e auxiliou Linda a andar até a mesa.

— Como está hoje?

— Ótima e faminta.

— Que bom, então coma, enquanto vou arrumar seu banho.

— Nada disso, pode se sentar e comer comigo.

— Eu não...

— Se não sentar, não como também.

Eita, mulherzinha difícil.

— Está bem — concordou Isla, virando os olhos e se sentando.

— Tome um chá e coma, pelo menos uma fruta, está magrinha demais. Agora me conta como foi sua primeira noite aqui?

— Memorável, eu diria.

— Uau! Espero que seja para o lado bom.

Isla sorriu, saindo pela tangente.

— Viu meu filho por aí?

— Orion? Por que veria? Claro que não, quero dizer, não!

Nossa que desastre ambulante!

Poderia ter falado somente a palavra *não*, por que todo esse embaraço? Somente para se complicar.

— É que ele mora aqui também, sabe? — disse sendo gente boa com Isla e ignorando sua confusão.

— Na verdade, o vi rapidamente na cozinha agora cedo, mas ele estava de saída.

— Esse menino vai morrer do coração antes dos quarenta. Vive para o trabalho, imagina, não são nem seis da manhã e já está na rua.

— No que ele trabalha mesmo? — perguntou no mesmo instante que se arrependeu.

— Por que não pergunta a ele? Eu não saberia te explicar com detalhes, já que prefiro não saber de nada. Lavei minhas mãos há muitos anos — declarou, levando um pedaço de panqueca à boca.

— Desculpe, não sei por que fiz essa pergunta.

— Entendo sua curiosidade, mas realmente não sou a melhor pessoa para sanar essa dúvida.

— Claro, tem razão.

— Você gosta do meu filho, Isla? — perguntou assim direto e reto sem nem mesmo passar lubrificante antes.

— Seu filho é meu patrão, mas se quer mesmo saber, eu não gosto e nem desgosto.

Foi a melhor resposta que encontrou naquele momento, talvez até o dia seguinte tivesse tempo hábil para elaborar uma melhor.

— Pois eu discordo — divergiu Linda, tranquilamente. — Acho que você tem um sentimento ambíguo com ele. Vejo em seu olhar que gosta dele como homem, mas, por algum motivo, não se permite deixar gostar.

— Imagina, Linda — respondeu, rindo. — Está vendo coisa onde não tem. Trabalho aqui há menos de dois meses.

— Acredite quando digo que tempo não quer dizer absolutamente nada. Eu gosto de você como uma filha, uma filha que perdi antes mesmo de Orion nascer. Isso é destino.

Isla ficou impactada com mais aquela revelação de Linda, mas não somente pela perda do bebê e sim pelo tamanho do sentimento que a mulher nutria por ela.

Aquilo foi como uma facada em seu peito.

— Também gosto muito de você — foi sincera.

— Iria amar te ter como nora.

— Não diga bobagens. Além do mais, pretendo fazer um intercâmbio.

— Intercâmbio? — repetiu, parecendo incomodada.

Na verdade, Isla precisava de uma desculpa para fugir quando jogasse toda a merda no ventilador, então acabou bolando essa desculpa para lhe dar subsídio.

— É meu sonho desde menina.

— Acha que será feliz fora do Brasil?

— Sim — foi sucinta, terminando seu chá.

— Então, como mãe, estarei feliz em saber que seguirá seu sonho, mas como mãe do Orion ficarei muito triste por perder uma nora tão maravilhosa.

— Desculpa lhe dizer tão claramente, mas seu filho não é do tipo que entra em um relacionamento e que cultiva bons sentimentos por outras mulheres.

— Bom, de fato ele não é um poço de sentimentalismo, mas todo ser humano tem amor dentro de si, basta encontrar a pessoa certa para ele florescer.

— Lindo na prática, mas a realidade é mais dura que isso — declarou Isla, rindo e se levantando. — Vamos para o banho?

— Espere, estou nervosa, ninguém me vê pelada há muitos anos.

Isla franziu o cenho, lembrando-se do episódio da viagem que ela ficou nua sem cerimônia na sua frente.

— Brincadeira, se pudesse eu andaria pelada vinte e quatro horas por dia, não sei quem foi o infeliz que inventou essas merdas para nos cobrirmos.

29

Assim que virou as costas e saiu daquela cozinha, Orion seguiu para seu primeiro compromisso do dia, o primeiro de muitos por sinal.

Seria bom uma dose de adrenalina em suas veias para amortizar um pouco do efeito daquela mulher em seu corpo.

Depois de deixá-la na cama, dormindo, pegou suas coisas e seguiu para seu quarto. Chegou à conclusão de que tê-la por lá naquele período seria muito mais proveitoso do que imaginou.

A filha da puta era fogo na cama e, certamente, conseguiria distraí-lo por algumas noites, era só Orion tomar cuidado para não ficar viciado naquela boceta, caso contrário, seria o *casamento* perfeito.

Seria cauteloso para que Linda também não desconfiasse, já que faria sua orelha de penico. Contaria também com a discrição da criada para manterem tudo em sigilo.

Seu celular tocou no console, tirando Isla de seus pensamentos com brusquidão. Era Taurus.

— Fala, irmão — atendeu pelo bluetooth sem desviar a atenção da estrada.

— *Deu tudo certo na cirurgia? Sua mãe não me atende* — ralhcou o irmão mais novo.

— Ela é assim, não sei por que ainda insiste em ter um celular.

— *Enfim, foi tudo bem?*

— Sim, está em casa sendo cuidada por uma das funcionárias.

— *Ah! Ela me falou dessa mulher. Isla, não é? Acho que Linda está meio paranoica com essa menina. O que está rolando?*

— Não a conhece? Quando ela cisma com uma coisa, não tem quem a faça tirar da cabeça — inquiriu Orion, desejando dispersar aquele assunto de uma vez —, mas fica tranquilo que ela está se recuperando muito bem.

— *Ótimo, não falou para ela que pretendo ir no fim do ano, não é?*

— Não.

— *Ótimo, porque não vou conseguir ir mais* — anunciou Taurus, parecendo desapontado.

— E por quê?

— *Longa história, mas, em resumo, uma desgraçada arruinou um trabalho que estava fazendo, então terei que ralar dobrado durante as festas de fim de ano.*

— Pena — lamentou Orion, fazendo uma ultrapassagem.

— *Assim que souber quando poderei ir, aviso, está bem? E fala para sua mãe atender a merda do telefone quando ligo.*

— Tchau, irmão, se cuide — despediu-se ele, apertando o botão no volante para finalizar a chamada.

Estava seguindo para um galpão que possuía na cidade vizinha, pois lá tinha uma encomenda muito especial lhe aguardando e por mais que aquele sexo com a empregada da sua mãe não saísse de sua cabeça, mesmo após a conversa com seu irmão, obrigou-se focar no que realmente importava: seu trabalho.

Orion estacionou o carro junto com os outros três veículos e, em seguida, desceu com Nicolas em seu encalço e os seguranças.

Calisto estava no outro veículo e também o seguiu.

Adentraram no galpão e seguiram até o fim, descendo um lance de escadas.

— Você vai se arrepender disso — disse Hugo assim que o viu.

— A última vez que o vi, eu disse que você não teria outra chance — declarou, ao se aproximar e pressionar a arma na têmpora do rapaz.

— Sou a porra do governador, você não pode...

— Ah, eu posso! Quer ver?

— Foi ela quem me procurou — assumiu por fim

— Você sabe que meu negócio com os caminhoneiros logo estará em vigor, bateu o desespero de não levar uma fatia do bolo? Ou apenas a usou como bode expiatório?

— O que fez com ela?

— A mesma coisa que farei com você — afirmou Orion, apreciando o momento.

— Você é doente.

— Pode ser, mas não sou burro como você. Como se sente sendo responsável pela morte de uma mulher indefesa?

Hugo começou a chorar feito uma criança, caindo em seu jogo.

— Deveria saber que não suporto traidores. Quer andar ao meu lado? Fique à vontade, terei prazer em agregar pessoas ao meu time, mas ser meu inimigo? É uma escolha intolerável para mim e péssima a vocês.

— Por favor, tenho mulher...

— Sei disso, e neste momento ela também sabe da sua traição.

— Não, você não pode ter feito isso.

— Corrigindo, eu posso, quem não pode é você — disse o óbvio, já que Hugo permanecia amarrado a uma cadeira à sua mercê.

— Podemos reverter isso, o que acha? Posso cancelar.

— Você acha mesmo que sou estúpido neste nível? Você lança uma matéria nos jornais hoje cedo, com um planejamento

fantástico de quilômetros e mais quilômetros de trens. Nunca moveu uma agulha para nada, mas aí do dia para noite, resolveu ser *hominho* e me enfrentar colocando meus negócios em risco?

— Não foi minha intenção. Isso já estava no plano do meu governo — quis se justificar o governador.

— Engraçado que quando eu te elegi, não vi isso em pauta. Mas olha como as coisas são, você já estava aqui me esperando antes mesmo de eu ler essa matéria.

— Tudo pode se resolver, Orion, vamos conversar e se entender como homens de negócios.

— Não dá — disse, caminhando até uma pequena mesa a fim de pegar um jornal que estava em cima dela. — Você já desapareceu e amanhã encontrarão seu corpo — finalizou, disparando o tiro, fazendo-o cair para trás.

Pegou uma rosa branca que estava ao lado do jornal e jogou em cima do corpo sem vida.

Certa vez, sua mãe falou que aquela flor em específico era como um portal para o outro mundo. Não sabia se ela dizia aquilo hipoteticamente ou se de fato acreditava naquele poder, já que tudo que vinha da sua mãe era estranho e místico.

Mesmo sem acreditar em misticismo, dava o benefício da dúvida e jogava em todos os corpos, quem sabe dessa forma, a alma deles ficariam livres para seguir o caminho do inferno.

— Nicolas — chamou Orion, aproximando-se. — Mantenha o planejamento, está bem?

— Sim, deixa conosco.

— Quem sabe agora Fábio não possa relaxar um pouco.

— Ou se cagar — completou Calisto, rindo.

Orion virou as costas e saiu do galpão, quando Nicolas o chamou.

— Senhor.

Orion parou e se virou para encará-lo.

— Esqueci-me de mencionar antes que o Raul me ligou hoje cedo.

Raul era o chefe de uma organização criminosa chamada Cirbin, especializada em crimes virtuais, contudo, também atuavam em outros ramos e detinham um território bom do estado de Santa Catarina para comercialização de drogas.

O Condão jamais entrou em conflito com eles. Cada um trabalhava em sua jurisdição e assim mantiveram a civilidade por todos os anos que se passaram.

Orion acabou chamando Raul para agregar sua equipe no caso dos caminhoneiros, já que eles eram muito bons com computadores, pois sempre que dava para somar, ele o fazia, já que pessoas inteligentes preferiam aliados a inimigos.

— Qual assunto?

— Ele me pareceu preocupado com esses quilômetros de trens que o governador anunciou hoje no jornal.

— Ele me conhece, sabe que sou cuidadoso com meus negócios.

— É natural que ele fique receoso — disse o rapaz. — Se o negócio dos caminhoneiros não der certo, ele também sairá perdendo.

— Não mais que eu — informou ele.

— A verdade é que eu acho que ele ficou com medo que o senhor tivesse algo a ver com essas obras, mas já fui logo dizendo que era besteira pensar algo nesse sentido.

— Exato.

— Dizem que ele está meio louco por estar envelhecendo e o filho ser um completo alienado.

— Ele que lide com isso, tenho problemas maiores para deliberar — afirmou Orion, colocando os óculos escuros. — Da minha parte, o negócio está mais de pé que o Cristo Redentor.

Ele realmente tinha coisas demais para pensar do que se preocupar com problemas alheios.

Entrou no carro e seguiu para o segundo compromisso do dia, desejando que já fosse de noite para se enterrar na criada gostosa.

30

— Eu disse que você leva jeito — comentou Linda, analisando os curativos que Isla havia feito. — Olha isso, está melhor que a do hospital. Nem mesmo meu excesso de gostosura te atrapalhou.

— Os créditos ficam para o livro de curativo que comprei e li enquanto estava na cirurgia — rebateu a jovem, finalizando o último curativo com cuidado.

Linda a encarou com amor nos olhos, pois aquela menina fechada e mal-encarada que havia contratado recentemente não existia mais.

Seu sexto sentido realmente nunca falhava e assim que a viu a primeira vez sentiu que era ali que ela deveria estar, por isso a acolheu, mesmo sentindo algo ruim acompanhando-a.

Isla Maria carregava uma sombra atrás de si e no instante que a contratou tinha ciência de que sua chegada traria o mal para dentro da casa de seu filho, mas seu instinto repetia em sua cabeça que era o certo a se fazer.

Linda sempre foi uma mulher intuitiva e seus palpites dificilmente não eram oficializados.

A verdade era que aquela menina e Orion tinham uma ligação de outras vidas e assim que se deu conta disso, ficou até emocionada, pois seu filho era um homem difícil e muito fechado.

A chegada de Isla veio para mudar o rumo da vida deles de alguma forma e ainda que não tivesse ideia do que estava por vir,

Linda confiava no que sentia dentro de si.

O mapa astral dele mostrava que Orion teria uma reviravolta muito grande na vida e em sua cabeça. Tudo se encaixava com a chegada da linda Isla Maria em suas vidas.

Sabia que ele não acreditava em nada do que saía de boca, entretanto, isso não mudava o que estava prestes a acontecer. Mas deixaria a água seguir o curso natural, como era para ser.

— Que tal tomarmos um sol agora? O dia está lindo — sugeriu Isla, organizando algumas coisas em seu quarto.

— Excelente ideia — concordou, terminando de abotoar sua camisa. — Estava pensando em adotar um cachorro, o que acha?

— Acho que seu filho não iria gostar dessa ideia.

— Se eu deixasse de fazer tudo que ele não gosta, não seria eu, certo?

— Com certeza — concordou sorrindo.

— Essa casa precisa de alegria e como ser avó está provisoriamente fora de pauta, um cachorro cobriria esse buraco por algum tempo.

— Ele nunca namorou? — perguntou Isla, despretensiosa.

A moça sempre ia comendo pelas beiradas, como se Linda fosse uma velha senil e não percebesse o interesse que ela tinha em seu filho.

Só não tinha certeza do motivo de tamanho empenho. Seria por amor ou dor?

Linda preferia continuar *fingindo demência*, quem sabe assim não poderia contribuir para o destino.

— O máximo que chegou perto foi Caetana. Falando nisso, nunca mais a vi. Não que esteja reclamando, mas ela sempre dava um jeito de urubuzar por aqui. Acho que Orion finalmente deu um jeito nela.

Assim que mencionou o nome da ruiva, Isla empalideceu.

— Tudo bem? — quis confirmar Linda, enquanto ela ainda organizava a maleta de curativo e remédios. — Isso já está bem organizado.

— Estou bem.

Óbvio que não estava, Linda não era tola, porém, jamais seria insistente.

Sabia que quando a hora chegasse, Isla se abria. Mas também tinha conhecimento que aquilo era um processo lento e teria a paciência necessária para acolhê-la. Afinal, olhando para trás, Linda via um lindo caminho que Isla percorreu até aquele momento desde o primeiro dia que pisou lá.

— O sol não vai nos esperar. Vamos? — sugeriu Linda para mudar de assunto.

— Vamos — concordou, pegando em seu braço e guiando-a.

Desceram as escadas e foram direto para a parte externa da casa, onde ficava a piscina.

Mais para frente possuía um lindo jardim gramado com uma imensa árvore. Andaram até lá e se sentaram em uma delicada mesa de madeira que tinha embaixo dela.

Em cima da mesa, havia um refresco com dois copos juntamente com alguns biscoitos que Teodora havia feito no dia anterior.

— Adoro esse lugar — afirmou Linda puxando assunto. — E você?

— É lindo.

— Ser lindo não é o mesmo que gostar — provocou.

— Tem razão — disse sorrindo. — Eu gosto — disse, por fim, reticente.

— Por que quis vir trabalhar aqui?

Aquela era uma pergunta que rondava sua cabeça constantemente, afinal, sentia que o motivo era muito forte e não apenas um emprego ordinário.

— Acho que meu motivo é igual ao de todos.

Mentira! Mas novamente Linda não forçaria uma situação. Tudo tinha seu tempo de acontecer.

— Sabe que quando eu era criança, sempre sonhava em morar em um lugar como este — continuou a falar, encarando seu redor, maravilhada. — Mas minha mãe, coitada, fez o que estava ao alcance dela.

— E seu pai? — perguntou Isla, curiosa.

— Meu pai era um ser sombrio, para não dizer outra coisa — relatou Linda.

— Em que sentido?

— Todos — respondeu, ainda encarando as colinas ao longe. — Ele bebia, batia na minha mãe, entre outras coisas horríveis.

Linda não tinha dificuldade em conversar sobre nada. Acreditava que sua história difícil de vida poderia ajudar e tocar alguém de alguma forma.

Por isso, era um livro aberto para quem quisesse ler e aprender em conjunto.

— Uma noite ele chegou tão bêbado que não sabia nem mesmo quem eu era. Tinha doze anos naquela época, naquela noite, perdi minha virgindade.

— O quê? — inquiriu, assombrada. — Como assim, Linda?

— Meu pai me violentou — revelou ela, olhando para Isla. — Para eu te contar toda minha história de vida, precisaríamos ficar aqui embaixo desta árvore dois dias inteiros — continuou sorrindo.

— Isso é muito sério.

— Claro que é, mas infelizmente é a realidade de muitas mulheres e meninas de todas as classes sociais. Sou apenas mais uma entre milhares.

Isla estava em choque. Ela a encarava com assombro que Linda julgava ser natural.

Teve muito tempo para trabalhar isso dentro de si e naquele momento, após muitos anos de autoconhecimento e espiritualização constante, já não era algo que a afetava tanto quanto antigamente.

Foi um trabalho árduo para que Linda superasse as coisas ruins que lhe aconteceram ao longo da vida. Mas, por fim, entendeu que todos tinham uma missão e a dela era superação.

— Sinto muito — falou Isla, pegando em sua mão, com os olhos cheios de lágrimas.

— Ô minha filha, não lhe contei isso para que ficasse triste. Queria apenas que enxergasse além de toda essa história triste.

— Sua superação — concluiu, ainda a encarando.

— Sim. Olhe para mim — pediu com um sorriso sincero no rosto. — Sou fruto do meu passado e mesmo que ele tenha muitas partes ruins, aqui estou eu em um lugar maravilhoso, com saúde, amor dentro do peito e pessoas que amo em torno de mim. Como não ser grata?

— Sempre que conversamos eu me sinto uma tola por colocar na balança meus problemas e do outro lado os seus, muito mais pesados — falou Isla, parecendo se arrepender de algo.

— Não se sinta assim — aconselhou com todo seu coração. — Cada um de nós tem uma cruz, uma história e um aprendizado diferente. Nunca se meça com a régua alheia, isso apenas te faz mal.

Isla permaneceu alguns instantes calada, contemplando a paisagem maravilhosa que as cercavam.

Linda sabia que ela estava ponderando algo na cabeça, então deu liberdade a Isla de pensar tranquilamente sem que interferisse.

— Sinto algo que não deveria — confessou sem encará-la nos olhos. — Não era para...

— Mãe — ouviu uma voz grossa chamar.

Virou a cabeça e encarou seu lindo filho a olhando, contudo, logo em seguida o olhar dele direcionou a Isla e lá permaneceu.

Ambos ficaram se encarando sem dizer nada.

— Venha, meu filho — quebrou o silêncio Linda, dissipando o clima estranho que se instalou.

Aqueles dois estavam perdidos. Até mesmo um cego conseguia sentir a ligação forte que possuíam, mas não adiantava Linda falar, eles mesmos tinham que notar e aceitar seus sentimentos.

Não cabia a ela aquela intromissão. Seria como uma espectadora aflita para que todo o nó que os envolvia fosse resolvido.

— Como se sente? — perguntou seu filho, preocupado.

— Bem, minha enfermeira é maravilhosa — enalteceu Isla, pois nunca deixava uma oportunidade passar despercebido.

— Pensei em almoçarmos — falou, encarando o relógio de pulso. — O que acha?

— Perfeito. Vou pedir para Teodora organizar uma mesa bem linda aqui fora, esse dia maravilhoso merece um agradecimento especial — planejou, radiante com a ideia.

— Vi hoje cedo que chegou aquele pescado que você adora — discorreu Isla voltando à atenção para si. — Podemos pedir para ela fazer um prato bem leve e gostoso.

— Olha que maravilhoso. Orion também adora — revelou ainda sem parar de sorrir. — E você? Gosta também, querida?

— Quem não gosta de um peixe fresco e bem feito?

— Extraordinário, então nos acompanhará também, afinal, já é desta família.

— Não tem necessidade, Linda — refutou de seu convite de imediato.

— O quê? — perguntou, ofendida. — Você não terá coragem de fazer essa desfeita para nós, não é, Orion?

Seu filho fez uma careta e mesmo sabendo do jeito autêntico dele – para não dizer outro adjetivo pejorativo já que Orion era seu filho –, não havia lhe faltado educação e se ele fosse contra suas palavras, se veria com ela mais tarde.

— Vou resolver algumas coisas no escritório — começou ele com as sobancelhas quase unidas, tamanha era a careta que fazia —, desço em uma hora para almoçar com vocês.

Linda sorriu satisfeita, pois aquela cara feia não a assustava.

Já estava habituada com ela e não a amedrontava nenhum pouco. Mãe era mãe e se tinha alguém que conhecia Orion, essa pessoa era ela mesma.

— Ótimo, meu filho. Te amo!

Orion encarou Isla mais uma vez, ajeitou a camisa preta e virou as costas, deixando-as sozinhas novamente.

— Ele sempre foi assim, acredita?

— Assim como? Mal-humorado? Ranzinza? Grosso?

— Esses são muitos adjetivos, hein? — disse Linda, sorrindo, depois sorveu um gole do refresco. — Mas sim, esse sempre foi ele. Contudo, eu usaria outros atributos como, fechado, desconfiado e extremamente meticoloso. Algumas coisas se intensificaram ao longo dos anos.

— Desculpe, não quis ofendê-la.

Linda gargalhou.

— Não me ofendeu, querida. Na vida a gente colhe tudo o que planta, com ele não é diferente. Orion sempre foi uma criança excepcional e muito inteligente, mesmo que eu, em minha humilde opinião, acho que ele não tenha usado todos esses atributos da melhor forma, sou mãe. *Passo pano mesmo* e amo ele do jeito que é.

— Claro que sim. Meus pais eram maravilhosos desse jeito também.

— Eram? — inquiriu, curiosa, querendo saber mais da vida misteriosa de Isla.

— Eles foram mortos em um, hmm, assalto.

— Que Deus os tenha recebido com muito amor — disse com as mãos no peito.

— Nós éramos muito próximos. Uma família muito pequena, mas feliz.

— Tenho certeza de que sim, quem poderia ser triste tendo você como filha? Mas você não tem parentes?

— Tenho um tio, mas não possuo muito contato com ele — revelou a jovem sendo sincera. — Sabe como é, né? A vida é corrida e agitada para todos nós e o destino acabou nos levando para caminhos diferentes.

— Temos que estar rodeados de pessoas que nos fazem bem.

— Mas tenho duas amigas muito próximas que considero como irmãs — disse com um sorriso lindo nos lábios.

— Maravilhoso. Iria adorar conhecê-las qualquer dia. O que acha de combinarmos um almoço?

— Claro — concordou Isla com um sorriso diferente.

— Quero que saiba que agora você tem a mim. Morando aqui ou no Japão estarei sempre ao seu lado, para o resto da sua vida. Claro que não vou suprir a falta de seus pais, mas posso me esforçar ao máximo para que se sinta tão amada como quando eles estavam nesse plano.

— Obrigada, Linda — agradeceu Isla com carinho.

Ela adorava expor seus sentimentos e quando amava alguém se certificava de que a pessoa nunca se esquecesse, já que ninguém sabia o restante do tempo que cada um tem na terra.

Por isso, Linda dizia que amava mesmo, abraçava e fazia questão de estar sorrindo para que talvez seu sorriso levasse alegria para outras pessoas.

— Vou conversar com Teodora — disse Isla, levantando-se. — Volto já.

Observou a jovem se afastar com o coração transbordando de amor por sua futura nora.

O almoço não poderia ter sido mais excêntrico.

Somente Linda falava igual a um papagaio, enquanto Orion e Isla se manifestavam apenas quando necessário – principalmente ele, que já não era muito de se expressar de qualquer jeito.

Ela acha incrível a capacidade que a mãe dele tinha de fingir que estava tudo bem, quando era nítido que a atmosfera pesava mais que um elefante. Ou talvez fosse somente coisa da sua cabeça, porque realmente Orion aparentava serenidade como se nada tivesse acontecido.

Isla não conseguia mais encará-lo nos olhos sem que uma avalanche de sentimentos a envolvesse. Porque ela o odiava com todas suas forças e em relação a isso não tinha dúvidas, mas tinha o outro lado, aquele que ela não sabia muito bem como definir.

O cara era de fato uma pessoa ruim, matou seus pais, Caetana e, certamente, muitas outras pessoas, além da forma altiva como se portava com Isla.

A palavra *criada* saía da boca de Orion com gosto doce e de uma forma completamente depreciativa. Ela sabia que a intenção era de humilhá-la usando as poucas armas não mortais que possuía.

E mesmo que se esforçasse para ignorar, estava fora de suas capacidades. Seus pais a criaram com muito esmero e altas doses de amor, então aquele tipo de coisa não fazia parte de sua rotina.

Não conseguia encarar tudo aquilo com naturalidade e ele sabia como isso a afetava.

Era difícil para ela vivenciar uma situação totalmente contrária ao seu natural. Pior de tudo era que Isla não poderia reclamar, já que se pôs naquela situação.

Então, como dizia Linda, a vida não era justa e possuía duas opções, sentar e reclamar ou agir.

Isla optou pela segunda opção.

— Bom, preciso trabalhar — anunciou Orion, levantando-se. — Com licença.

— Vá com Deus, meu filho — desejou Linda.

Todos degustaram o delicioso almoço que Teodora tinha preparado com tanto carinho.

Após a partida de Orion, restaram apenas ela e a patroa à mesa, conversando amenidades enquanto o tempo passava.

Os dias na casa dos Meirelles estavam cada vez mais surpreendentes. As conversas com Linda lhe transmitia acalento pelas palavras doces e o carinho que possuía por Isla.

Quando se deu conta, já se passavam das três da tarde e, mesmo assim, sentia que havia passado apenas alguns poucos minutos.

— Vamos subir para que possa descansar? — sugeriu Isla, prestativa.

— Estou sem sono, mas aceito ficar em meu quarto lendo um pouco com meus incensos transmitindo a paz do Senhor.

— Então vamos.

Seguiram para o cômodo de Linda e após acomodá-la, preparou o ritual que já era de costume: livro, óculos, luz amena e incenso.

— Vá descansar, se eu precisar te chamo.

— Já enjoou de mim? — descontraiu Isla com os braços cruzados.

— Jamais — respondeu, rapidamente. — Mas quero que vá se distrair um pouco também, na hora do jantar você volta, até lá não vou a lugar algum.

— Está bem — concordou, saindo do quarto, sem fechar a porta. — É para deixar aberta!

— Mais uma para mandar em mim, aliás, para achar que manda — falou rindo. — Eu mereço.

Isla seguiu para seu quarto e lá passou o restante da tarde.

Quando foi perto das seis, seu celular tocou, era Helena e Joana novamente em uma videochamada.

Era arriscado atendê-las dentro da casa, por isso caminhou até a varanda e apertou o botão verde.

— *Putá que pariu, graças a Deus você está viva* — disse Joana, enquanto conectava seus fones sem fio, para garantir que ninguém as escutasse.

— *Nossa, Isla, por que não liga, hein?* — foi a vez de Helena se manifestar.

— Calma, gente, eu estou bem, inclusive trabalhando, nos falamos há poucos dias, lembram?

— *Qualquer minuto dentro desta casa sozinha é uma vida aqui fora* — falou a fotógrafa.

— Ah, pronto, era só o que me faltava — falou Isla, rindo. — Relaxem, está tudo bem.

— *E esse sorriso?* — inquiriu sua amiga mais nova. — *Faz parte do seu plano maligno?*

— *Fala sério, Helena* — se intrometeu Joana. — *Ela já nem se lembra de que possuía um plano, pior que nem posso julgar, porque se fosse eu, já teria aberto as pernas faz tempo para o senhor Meirelles* — disse o sobrenome, ironicamente, rindo da própria piada.

— Gente, por favor. Como já disse, estou trabalhando.

— *Você está de fone que estou vendo, não começa a querer me podar* — grunhiu a doida. — *Tudo o que falei é verdade.*

— Temos muito que conversar — disse Isla ainda em tom de voz ameno.

— *Isso é bom ou ruim?* — perguntou Helena.

— Não sei, vocês que irão definir.

— *Ela deu pra ele* — gritou Joana de novo, apontando o dedo para a amiga que estava ao lado dela. — *Eu sei que sim, olha a cara dela, está até mais corada. Olha lá, Helena.*

Isla revirou os olhos.

— Conversamos depois.

— *Depois quando?* — quis saber Joana, ansiosa. — *O seu depois é muito relativo. Trabalho com datas.*

— Oh, inferno — reclamou Isla, ao olhar para dentro do quarto e ver Teodora entrar. — Preciso ir, ligo depois — disse, finalizando a ligação.

Entrou para o quarto e viu a senhora segurando um prato cheio de doces de goiabada.

— Dieta de engorda? — brincou Isla, aproximando-se.

— Está muito magrinha, estão fresquinhos, achei que ia gostar.

— Obrigada, sua linda — agradeceu, dando um beijo na testa da mulher.

— O que acha que devo fazer para o jantar? — pediu uma sugestão.

— Hmm — retrucou Isla, pensativa. — Poderíamos fazer algo diferente.

Teodora franziu o cenho.

— Como assim?

— Quando foi a última vez que o povo dessa casa comeu uma pizza?

Teodora riu, levando a mão até a boca.

— Desde que estou aqui? Nunca!

— Gente, isso é sério? Deveria ser até um crime, pizza é vida — falou, entrando na brincadeira. — Tenho a receita de uma massa maravilhosa, bem levinha. O que acha de fazermos a noite da massa? — perguntou, animada.

— Ai, minha filha — rebateu Teodora, colocando a mão em seu rosto e rindo. — Você era a luz que faltava nessa casa — confidenciou virando as costas. — Te espero na cozinha!

Quando estava prestes a seguir a cozinheira escada abaixo, Isla ouviu um barulho muito alto vindo do andar de cima.

Ela sabia que quase ninguém possuía autorização para ir até lá, mas algo em seu íntimo a conduziu pela escada e quando se deu conta, já estava no escritório de Orion.

Aquela casa era esplêndida em cada detalhe, mas o escritório dele era especial. Enorme e amplo com uma mesa em meia-lua de um lado, onde certamente Orion passava grande parte de seu dia, uma jacuzzi do outro, ambos na frente de uma enorme parede de vidro.

Era o contraste perfeito das duas coisas.

Ainda parada na porta escancarada, virou o rosto para o lado direito, onde tinha mais uma mesa de madeira, que imaginou ser utilizada em reuniões, porém, tudo se encontrava vazio.

Quando virou a cabeça para o outro lado, depois da jacuzzi, viu uma pequena porta que Isla não tinha noção de onde daria.

Mas ao menos descobriu de onde vinha o barulho que chamou sua atenção no primeiro momento. Dava-se aos ao funcionamento da própria banheira.

Deu um passo para a frente, sem conseguir controlar sua curiosidade, mas então Orion apareceu em seu campo de visão esquerdo, saindo da pequena porta.

Ele estava somente envolto por uma toalha branca na cintura, tão baixa que chegava ser indecente.

— Perdeu alguma coisa? Não me lembro de ter te chamado aqui — perguntou ele, aproximando-se.

— Esse barulho. Achei estranho, só isso.

— Como entrou?

— A porta estava aberta.

— Calisto não deve ter fechado — constatou mais para si mesmo que qualquer outra coisa.

— Desculpe, eu...

— Não quer me acompanhar? — perguntou, estendendo o braço em direção à banheira.

— Gostaria de deixar nossa situação bem clara. O que aconteceu na outra noite foi um erro e nós dois sabemos disso. Não é apropriado termos esse tipo de relação, por isso eu peço que me respeite.

— Te respeitar? Na outra noite, quando eu estava te fodendo, você não me pediu respeito — jogou na sua cara, aproximando-se cada vez mais — Pelo contrário, parecia estar gostando bastante. O que mudou?

— A ficha caiu, apenas isso.

— Que pena — disse ele, removendo a toalha que lhe cobria. — Poderíamos ser uma dupla e tanto entre quatro paredes. A prévia foi boa.

Quando ela se deu conta, já estava tendo seu corpo prensado na parede, sentindo o pau duro dele provocá-la.

— Pena que você ficará apenas nela — afirmou Isla, ignorando sua boceta implorar por mais de Orion —, porque não sou chaveirinho de ninguém para ser escondida entre quatro paredes.

— Ai! — disse ele, fazendo uma negativa com a cabeça. — Vou te dar um conselho.

— Quem falou que quero ouvir?

— Talvez não queira mesmo, ainda assim vou falar — declarou, tranquilo, o rosto bem próximo ao dela. — Não se

apaixone por mim.

Isla gargalhou forçadamente e, na verdade, foi até bem ridículo, pois soou como desespero.

— Cada dia mais a grandiosidade de seu ego me impressiona.

— Depois não diga que não lhe avisei.

— Melhor ouvir isso do que ser surda — bradou Isla, irritada.

— Com licença, senhor *não se apaixone por mim*.

Isla saiu do escritório de Orion com o coração acelerado e aquela costumeira raiva maior que das outras vezes.

Não era possível que ele se achava tanto a ponto de supor que ela fosse se apaixonar. O idiota era totalmente consumido por seu próprio ego, tanto que Orion mesmo não conseguia enxergar como era patético.

Desceu as escadas, rindo e indignada com o que seus ouvidos foram obrigados a ouvir.

— Babaca convencido, preferia morrer a ter sentimentos por você — resmungou Isla, irada.

32

— Nossa, essa massa está linda demais — disse Teodora, enquanto as duas encaravam sua obra de arte em cima da bancada repleta de farinha.

Depois de correr para longe de Orion, Isla perdeu alguns minutos em seu banheiro, com aquela crise existencial que, infelizmente, tinha virado costumeira e após se martirizar o suficiente, saiu com o rosto vermelho pelos leves tapas que foi obrigada a dar no próprio rosto.

Toda aquela novela estava se tornando diária e um pouco importuna, porque acabava sempre no mesmo lugar.

Sentia-se como em uma roda, onde o topo era sua vingança, os anos de dedicação, para logo em seguida começar a descer no instante que não conseguiu deixar seu coração afastado daquela casa.

Veio Teodora, Linda e por fim – mas não menos vexativo –, Orion.

Deixou aquele assunto de lado e focou novamente nos bolinhos de massa que havia preparado com a mulher mais velha.

— Os ingredientes estão separados? — quis saber Isla, abrindo o primeiro disco.

— O *mise en place*^[4] está pronto, Chef — brincou.

— Ótimo. Posso ir abrindo e você recheando o que acha?

— Hoje sou espectadora. Você que manda.

Isla riu e começou os trabalhos de abrir massa por massa, com cuidado para que não se partissem.

Seriam porções individuais, exatamente como se come na Itália, por isso abriu em porções menores, mas ainda assim, bem fininhas.

Quando finalizou, as duas admiravam a obra de arte em cima da mesa e bancada, já que eram muitas e não coube tudo em um lugar só.

— Vou trazer Linda, depois começamos a assar porque ela é rápida no forno e o gostoso é quando se come bem quentinha.

— Vá lá, enquanto termino de tirar essa farinha do teto — caçoou Teodora.

Isla saiu da cozinha rindo e foi até o quarto de Linda.

— Vamos descer um pouco para jantar? — indagou, assim que adentrou no cômodo.

— Estou faminta.

— Hoje o menu será diferenciado.

Linda a encarou, divertida, porém, de cenho franzido.

— Não é canja, né? Nada contra, mas...

— Não — respondeu, ajudando Linda a se sentar na cama, para logo em seguida se levantar. — É surpresa. Chega de perguntas e vamos.

— Está bem aspirante à *Hitler*.

Desceram as escadas e a mulher se sentou à mesa, no lugar de costume.

— Querida. Pode ir chamar Orion?

Isla ficou petrificada instantaneamente.

Merda! Era somente alguém tocar no nome daquele miserável que seu corpo enrijecia no mesmo momento, recordando-se do sexo incrível que fizeram.

— Estou aqui — declarou ele, descendo as escadas. — Preciso sair.

— Nada disso. Jante com a gente, por favor, essa cirurgia me fez perceber que passo pouco tempo com você, meu filho. Sua mãe já é de idade e nunca sabemos o dia de amanhã. E se eu morrer de trombose? Estava até um pouco ofegante.

— Não começa com suas manipulações.

— Só um pouco, depois você vai. O que acha? — insistiu Linda.

Orion respirou fundo e se sentou à ponta da mesa com Linda estampando um sorriso vitorioso, como sempre.

— Isla que fez nosso jantar hoje — disse ela. — Minha menina de ouro.

Ele fez uma negativa com a cabeça e Isla não entendeu se era por ciúme ou, simplesmente, porque era um babaca mesmo.

— Vou terminar de preparar e já volto — anunciou ela, saindo, antes que Linda a colocasse em uma nova enrascada.

Teodora era tão safa que já tinha assado quase metade dos discos.

— São rápidos mesmo, olha só — declarou a mulher mais velha, apontando para as pizzas prontas.

— Sim, eu te disse. Vamos levar?

— Não, vá se sentar lá com eles que Hilda me ajuda.

— Nada disso.

— Agora eu tomei o controle da situação. Vá antes que eu fique nervosa — disse Teodora.

Isla retornou para sala e assim que Linda a viu disse:

— Sente-se na minha frente, querida, é sempre bom ver pessoas bonitas.

Ela se sentou na frente de Linda e do seu lado esquerdo, o *bem-humorado* a encarava, mas mantinha uma expressão mais leve ou debochada, Isla não soube decifrar.

Logo Teodora e Hilda, uma jovem ajudante geral da casa, entraram e dispuseram os discos de pizza sobre a mesa.

— Pizza? — perguntou Linda, animada. — Meu Deus, não como isso há anos. Olha esse cheiro maravilhoso. Quero todas.

Orion não disse nada, mas não parou de comer, o que considerou um bom sinal.

— Está tudo tão delicioso que nem sei qual é a minha preferida. Obrigada, Deus — agradeceu Linda. — E a você, é claro.

As pizzas realmente estavam muito gostosas e tinha sabores diversos para todos os gostos.

Mal se ouvia a voz de alguém, inclusive de Linda, porque estavam todos empenhados em se deliciar, quando de repente, sua mente traiçoeira pensou em algo que fez Isla perder o apetite no mesmo instante.

Eles haviam almoçado juntos e estavam ali, jantando como uma família feliz. Se eles soubessem de tudo o que Isla planejava fazer, estaria deitada no chão com uma rosa branca em cima o peito.

— Valeu a pena ter ficado tanto tempo sem comer uma pizza, porque isso foi triunfal — declarou Linda, finalizando a comilança.

Orion ainda comia, mas sem dizer uma palavra.

— Aprendeu com quem a fazer essa massa levinha e deliciosa?

— Com minha mãe — revelou, recebendo o olhar imediato de Orion.

— Que lembrança maravilhosa, minha filha. Ficamos felizes que tenha dividido isso conosco. Acho que poderia abrir uma pizzeria.

O celular de Orion começou a tocar, desviando o olhar dele sobre si.

— Sim — atendeu ele, limpando a boca com o guardanapo de pano, concentrado na ligação. — Quando será? — perguntou ele após alguns segundos.

Linda o encarou, mas logo desviou o olhar do filho.

Isla já tinha notado que tudo relacionado ao trabalho dele, ela, simplesmente, ignorava. Talvez ela soubesse que não era coisa boa e para se proteger, apenas preferia seguir na ignorância.

— Estou a caminho — disse, levantando-se.

Ele saiu do cômodo sem dizer nada com nenhuma delas.

Apenas a encarou, com um daqueles olhares arrebatadores, e se retirou.

Isla não sabia como se blindar dele, mas era algo que deveria descobrir o mais rápido possível porque fingir que aquela história terminaria feliz, não faria bem a nenhuma daquelas pessoas, em especial ao seu coração.

Isla sabia como seria o fim, portanto, quanto antes desvendasse uma forma de terminar com tudo e sumir, isso evitaria seu sofrimento futuro.

33

— Sou uma idiota — começou a falar Isla. — Aliás, idiota é pouco. Acho todos os xingamentos insuficientes para expressar o que sentou sentindo nesse momento. Como pude me deixar levar dessa forma? A primeira regra era: nunca deixe que seus sentimentos tomarem conta da situação e o que foi que aconteceu? Exatamente o que você está pensando — terminou ela tocando na linda flor roxa do jardim. — Sabe qual o pior de tudo? Estou no meio da noite, conversando com uma flor. Devo estar precisando de um psiquiatra!

Isla continuou caminhando entre o jardim com uma imensidão de montanhas em volta, porém, ela sentia estar sendo esmagada. Como se as paredes tivessem cada vez mais comprimindo seu corpo.

Já havia passado o momento de ela tomar uma decisão definitiva sobre o rumo de sua vida. Seguir a razão ou o coração? Assumir seus sentimentos ou ignorá-los?

— Você certamente diria para seguir o coração — falou para uma orquídea branca.

Fechou os olhos, esforçando-se para que sua cabeça fizesse um filme de seus dois últimos anos.

Foi tanto empenho para chegar até ali que Isla ficava impressionada consigo mesma justamente por nunca ter sonhado com nada daquilo. Do dia para noite virou uma espiã, depois uma

mentirosa profissional para no fim, estar ali sendo engolida pela realidade de que nada daquilo era seu verdadeiro eu.

Ainda assim, deu sua cara para bater em nome de seus pais. Aquele era o motivo mais importante e o significado do que sua vida havia se transformado. Mas de fato valia a pena prosseguir?

Conseguia ouvir seus pais dizendo que não, já que eram pessoas excepcionais e certamente não concordariam com nada daquilo, porém, sempre possuía aquele outro lado que devia ter herdado de outra parte da família.

Uma parte vingativa, raivosa e com desejo de matar aquele maldito que tanto a fez sofrer.

Ainda caminhando pelo jardim sentiu seu celular vibrar no bolso.

— Sim — atendeu, ela estranhando o fato de ser um número privado.

— *Oi, querida* — disse uma voz masculina. — *Como anda minha sobrinha?*

— Olá, tio — retrucou, sentando-se em um dos bancos e olhando para os lados somente para se certificar de que estava sozinha.

— *Estou com saudades de você. Nunca mais deu notícias* — rezingou o homem.

— É que esse meu emprego novo está tomando bastante o meu tempo. Mas, mal que lhe pergunte, como conseguiu meu número novo?

— *Também tenho meus contatos. Estou preocupado com o que está fazendo da sua vida.*

Isla não tinha um contato muito próximo com seu tio, apesar de seu pai ter quando era vivo. O fato era que ela nunca se sentiu muito confortável ao lado dele.

Às vezes sentia-se culpada, já que sabia que ele havia ajudado muito sua família. Ele e seu pai trabalhavam juntos, porém, sua intuição a mandava ficar longe.

— *Já te disse que não precisa trabalhar, seu pai lhe deixou dinheiro suficiente para uma vida tranquila* — continuou a falar quando viu que ela não havia respondido.

— Eu gosto de me sentir útil. Não sou o tipo de pessoa que consegue ficar em casa sem produzir nada.

— *Igualzinha sua mãe* — falou, saudosista. — *Ela era assim também. Mesmo seu pai provendo tudo o que vocês precisavam, Nívia fazia questão de ter o trabalho dela.*

— Sim. Puxei a ela então — afirmou sorrindo, lembrando-se de Nívia — O dinheiro está guardado.

— *Ótimo, é isso aí, minha filha, mas eu liguei mesmo para ter a certeza de que está em segurança.*

— Por que não estaria?

— *Você sabe que eu jamais deveria ter te mostrado aquele vídeo, Orion é um homem perigoso, já ouvi falar dele por aqui onde trabalho* — lamentou-se Duarte, parecendo arrependido. — *Eu me martirizo todos os dias pensando que talvez tenha te colocado em perigo.*

— O senhor fez o que deveria ter feito. Eu, como filha, merecia a verdade, não acha?

— *Sim, mas...*

— Não tem mais nem menos, tio. O senhor fez certo.

— *Não paro de pensar naquele maldito que fez isso com meu irmão e minha cunhada. Por mais que eu tente, não consigo esquecer, é muito difícil.*

— O senhor me tirou de um mundo cor-de-rosa e me mostrou como ele pode ser sórdido.

— *Exato! Mais um motivo para me sentir culpado. Você é uma menina tão doce e gentil, aquele mundo não é para você, me diz que você não fez nada* — pediu Duarte.

— A gente se molda a realidade — disse, secando uma lágrima idiota que cismou em se formar. — Aquelas pessoas vão pagar pelo que fizeram.

— *Como assim?* — inquiriu, desconfiado.

— Quero dizer apenas que aquele homem vai pagar de alguma forma pelo que fez.

— *Não está pensando em fazer isso por conta própria, não é? Porque se for isso, eu não vou conseguir nem mais dormir por ter colocado você nessa situação. Minha intenção era somente mostrar a verdade e não te colocar em nenhuma situação perigosa.*

— Não se preocupe, tio, estou bem.

— *Não, Isla, aquele homem é sórdido, você não o conhece. Ele é capaz de tudo para se manter no poder, ninguém nunca vai contra ele.*

— Então, chegou a hora de alguém fazer isso.

— *Não, não e não* — repetia, alterado. — *Orion é o demônio na terra, ele pode acabar com a com sua vida em um piscar de olhos. Tem apenas uma coisa que soube ser o ponto fraco dele.*

Opa, aquela conversa estava ficando interessante.

— *A família dele!*

— Então, até o demônio tem pontos fracos — disse, satisfeita —, mas como o conhece tanto?

— *Trabalho na prefeitura e, infelizmente, sei de coisas que nunca gostaria de ter escutado* — revelou com uma voz amedrontada.

— Tio — começou Isla, levantando-se. — Foi muito bom falar com o senhor, mas agora preciso ir.

— *Está bem, querida, a gente vai se falando, está bem? Fique segura e não faça besteiras e não tente mais fugir de mim, foi difícil conseguir seu número.*

— Ok, beijos — despediu-se, finalizando a chamada.

Isla sentiu que precisava daquela conversa para se colocar no foco novamente. Falar com seu tio lhe deu o gás para seguir em frente em seu planejamento.

Entrou em casa aproveitando aquela euforia, colocou uma roupa bonita, maquiou-se e resolveu sair para espairer.

Pediu para um dos motoristas de plantão a levar até o centro da cidade e o orientou a ir embora, pois voltaria de táxi.

O clube que havia entrado era o mais badalado da cidade e mesmo que estivesse sozinha, aproveitou para dançar, beber e curtir sua própria companhia, até certo momento, porque quando a bebida atingiu o ápice fez alguns amigos aleatórios, deu alguns beijos na boca, lembrando-se do tempo que fazia isso sem nenhum tipo de preocupação tomando sua cabeça.

Foi uma noite maravilhosa que a fez lembrar que aquela antiga Isla ainda morava dentro de si, para sua alegria.

Quando se deu conta e olhou em seu celular, já se passavam das três da manhã.

Mas por que estava tão preocupada? Era sexta-feira e, teoricamente, sábado era o dia que começava o trabalho mais tarde. *Isso quando ainda não estava morando na mansão*, ponderou rindo sozinha.

O melhor a se fazer era ir embora, tomar um banho, alguns remédios para que não sofresse no dia seguinte com a ressaca e dormir. Assim acordaria como se não tivesse *metido o pé na jaca*.

Gargalhou sozinha no meio da calçada, em frente à boate, porque começou a destrinchar o jargão da jaca. Afinal, por que existia essa expressão? Se pensasse bem, era meio nojento, sem contar o desperdício da fruta!

— Poderia ser enfiar o pé na lama, ou até mesmo na bosta — falou, gargalhando mais alto. — Gente, preciso ir embora — afirmou, olhando para os lados, mas não viu uma alma viva.

Pegou seu celular e procurou o telefone de uma central de táxi, mas não foi atendida. Merda! Será que tinha que ligar para o motorista?

Seria estranho ele vê-la daquela forma, bêbada igual um gambá! Mas quer saber? Foda-se. Precisava ir embora e não tinha

mais a quem recorrer.

Em dez minutos, viu o carro dele se aproximar e mesmo que naquele pouco tempo tenha achado que estava sendo vigiada por alguém, descobriu que era apenas a sombra de um hidrante e não de um anão assassino.

Ufa! Foi realmente momentos de pânico.

Entrou no carro e seguiram em silêncio para a mansão.

Assim que o veículo parou, Isla disse:

— Obrigada, Caíque, te devo uma.

— Deve mesmo — falou ele rindo. — Precisa de ajuda?

— Estou bem — respondeu, saindo do carro e entrando na casa. — Isso fica entre nós, está bem?

Nossa, como ela era linda!, pensou Isla como se tivesse se dado conta dos detalhes da casa pela primeira vez.

Subiu as escadas como se fosse uma adolescente chegando em casa escondida do pai.

Entrou em seu quarto, fechou a porta e respirou aliviada, rindo da sua travessura.

— Gostaria de rir também. Qual é a piada? — quis saber Orion, sentado em sua cama.

Putaquepariu!

— O que faz aqui? — perguntou ela, tentando não enrolar tanto a fala.

— Essa é minha casa, fico onde quiser, ou se esqueceu disso também?

— Claro que não, você é dono dela, dono da porra toda, né? — disse sem conseguir controlar sua língua.

— Sim — respondeu ele, caminhando até ela. — Por isso te aconselho a tomar cuidado. Sair no meio da madrugada e dar mole para todos os homens de lá, não vai ajudar em seu conflito interno.

— Ajudar o quê? — perguntou ela, peitando Orion. — Dou para quem eu quiser. Algum problema com isso ou vai matar todos

eles também?

— Se sentir vontade, sim, é isso que vou fazer. Essa é minha casa e você trabalha para mim, não admito que tenha esse tipo de atitude embaixo do meu teto.

— O quê? — gritou ela, empurrando-o no peito. — Quem você pensa que é para falar assim comigo?

— Sou seu patrão.

— Exato, não é nada. Eu faço o que quero da minha vida, seu babaca convencido — falou, desdenhosa, sorrindo.

— Não faz não — afirmou ele, pegando em seu braço. — Enquanto estiver aqui, não admito que saia dando para qualquer um que apareça à sua frente.

— Então, o problema é esse? — inquiriu ela, aproximando seu rosto do dele. — Está com ciúme que eu fique com outros homens e que eu descubra que, talvez, você não seja tão bom assim?

— Não se coloque em um patamar que jamais alcançará — provocou ele, encarando-a nos olhos. — O dia que algum homem fazer você gemer da forma como fez naquela noite, aí sim você pode jogar na minha cara que não foi bom. Talvez tenha sido justamente o oposto — ironizou, ainda bem próximo. — Você achou tão bom que está procurando em outro homem algo que só tem aqui, nesse babaca convencido.

Isla riu, nervosa.

— Você pode passar o resto da sua vida procurando, mas nunca encontrará e sabe por quê? — inquiriu, ainda segurando em seus braços. — Porque não existe outro Orion no mundo. Sou único, com meus defeitos e qualidades, mas uma coisa é incontestável.

— Ah, é? Pode me dizer o quê? — perguntou, atrevida, movendo a cabeça.

— Minha habilidade de fazer você gozar igual a uma louca!

Ok! Talvez ele tivesse um pouco de razão, visto que sua calcinha já estava molhada.

Isla estava levemente embriagada e no dia seguinte poderia colocar a culpa nisso, pelo que fez a seguir: mergulhou sua boca na dele, ensandecida.

Subiu seu vestido, desabotoou o cinto e abaixou a calça social preta que Orion vestia.

Já em cima do colo dele, colocou sua calcinha de lado e enfiou aquele pau delicioso dentro de si, vendo estrelas no mesmo instante.

Impulsionava seu corpo para cima com a ajuda dos braços dele que fincaram em sua bunda, impelindo-a para cima e para baixo.

Colocou seus braços em torno dele, mergulhou o rosto no pescoço apreciando o cheiro de Orion e lá ficou em uns dos momentos mais sexys e ousados de sua vida.

Isla gemia e dizia o nome de Orion sem medo de ser ouvida e agradeceu pelo fato de os cômodos serem à prova de som, assim usava suas cordas vocais à vontade sem ter que se podar.

— Criada gostosa — falou ele, aumentando o impulso de seu quadril, que subia e descia, freneticamente.

— Isso, Orion, me come gostoso, como só você sabe fazer.

Ainda estava com o rosto mergulhado no pescoço dele, desejando que aquele cheiro jamais saísse de si. Era bom demais para ser esquecido.

Aproveitou para chupar, morder e provocá-lo tanto quanto era possível.

— Enfia seu pau todo em mim — começou a dizer sacanagens no ouvido dele. — Você tem razão, só você consegue me fazer gozar gostoso, como nunca tinha experimentado.

Em resposta, Orion deu um tapa em sua bunda, bem sacana e gostoso.

— Isso, pode bater, me deixar toda vermelha de tesão.

Ela não conseguia ver, mas poderia apostar que ele estava sorrindo, apreciando as coisas que falava.

— Goza em mim, dentro de mim.

— Sua safada — incitou ele, virando o corpo e pressionando-a na parede, para assim poder encarar seus olhos. — Fala isso olhando em meus olhos. Repete que só meu pau faz você gozar igual uma louca. Fala que sou o único homem que faz você desejar ser comida a porra do dia inteiro.

Orion não parava de estocar forte e Isla sentia que seu êxtase estava se aproximando.

— É você — falou ela, entregando-se ao clímax. — Só você, meu amor — falou no instante que liberou o melhor gozo da sua vida.

Aparentemente Orion havia a acompanhado e restaram apenas duas pessoas exauridas e suadas.

Ela ainda estava no colo dele, entregue quando se deu conta do que falara.

Amor? Que merda havia saído da sua boca?

— É... — começou Isla, sem jeito, saindo do colo de Orion. — Isso não poderia...

— Para de dizer isso — ordenou ele, ríspido, subindo as vestimentas. — Deixe o rio seguir seu fluxo.

— Não podemos, Orion, não posso e jamais você me entenderá.

— Quer me dizer alguma coisa? — quis saber ele, sempre com o pé atrás.

— Não — mentiu Isla, passando a mão no rosto. — Preciso de um banho, amanhã acordo cedo. Quer dizer, daqui a pouco.

— Faz o que achar melhor, não sou homem de obrigar ninguém a nada.

— Meu lugar é na cozinha, não é? — provocou Isla, ao entrar no banheiro e deixar Orion para trás, quem sabe assim conseguisse ocultar a lágrima que se formou no canto de seu olho.

34

Já fazia um tempo que seu sexto sentido lhe dizia algo sobre Isla, mas Orion não sabia exatamente o que era.

Toda vez que estavam juntos era notório como ela ficava nervosa, demonstrando aquele sentimento de *queria, mas não devia*.

E não era somente por ser o patrão ou porque ela presenciou o que fizera com Caetana, era algo maior. Estava na sua cara, no entanto, Orion não conseguia enxergá-lo.

Então naquele instante, saindo do quarto dela às quatro da manhã, decidiu que não sossegaria até encontrar o que estava buscando, mesmo sem saber exatamente o que era.

Em sua própria concepção, já havia baixado sua guarda e a desejava mais que suportava admitir, mas não poderia continuar com aquilo sem saber os motivos de Isla para tamanho nervosismo.

Orion não era homem de sentir ciúme, na verdade, jamais tinha experimentado, uma vez que não conhecia o que era o amor.

Rotulou o que aconteceu aquela noite como um ato de extremo zelo por sua mãe. Sim, Isla não poderia sair de madrugada, voltar bêbada sendo que os cuidados de Linda estavam sob a responsabilidade dela.

Não se importava que ela tivesse beijado na boca de quatro homens diferentes, dançado com seis e trocado o telefone com mais dois. Aquela garota não poderia fazer o que quisesse da vida dela.

Colocou alguns de seus seguranças em sua cola por precaução e nada mais. Também foi por prudência que seus homens deram uma lição no abusado que tentou colocar droga na bebida dela, já que Isla estava bêbada demais para notar.

Eles não tinham nada um com o outro, novamente afirmou a si mesmo que tudo fazia parte de seu usual zelo extremo por segurança.

E já que ele pensou no assunto proteção, Orion não poderia esquecer-se de comprar mais uma pílula do dia seguinte. Já era a segunda vez em menos de uma semana e aquele não era ele.

Jamais foi um homem irresponsável, ainda mais quando o assunto era mulher e prevenção contra herdeiros. Orgulhava-se de ser racional mesmo sob pressão, no caso, tesão.

O que estava acontecendo?

Ela tinha razão. Aquilo que estava acontecendo não poderia mais se repetir, ainda que seus pensamentos o traíssem e não a tirassem de lá, Orion faria as coisas à sua maneira isso se não quisesse perder a cabeça de vez.

— Vagner — disse ao telefone para seu segurança. — Mandei um medicamento em seu celular, traga o mais rápido possível.

— *Sim, senhor.*

Orion sabia que era o turno dele e resolveu não esperar. Quando antes Isla tomasse o medicamento preventivo, melhor.

Resolveu se deitar um pouco, mas quando se deu conta e abriu os olhos, já tinha amanhecido.

O relógio marcava oito da manhã e Orion não lembrava a última vez que havia acordado àquela hora. Um marco quase que inédito.

Levantou-se e viu o medicamento em cima da mesa de seu quarto.

Tomou banho, arrumou-se e quando estava quase saindo para começar seu dia no escritório, Linda apareceu em seu cômodo.

— Bom dia, meu filho — falou ela, andando devagar.

— Está boa para andar assim sozinha?

— Sim, o médico falou que é bom, então estou dando umas voltas pela casa.

— Entendo. A recuperação está ótima pelo visto, não é? — quis se certificar, terminando de ajustar a gravata preta.

— Graças a Deus, sim — retrucou, sentando-se em uma das cadeiras dispostas.

— Estou indo trabalhar.

— Acordou tarde hoje — sondou Linda, ignorando seu aviso.

— Sim, trabalhei até de madrugada.

— Você trabalha demais, meu filho, precisa de um pouco de lazer em sua vida.

— Gosto de como as coisas estão — afirmou de frente ao espelho, certificando-se de que o nó estava perfeito.

— Bom, desta vez, vou ser direta, sem rodeios.

Orion virou e encarou sua mãe de cenho franzido.

— O que está acontecendo? — quis saber ele, estranhando.

— Me diga você.

— Você disse sem rodeios — lembrou Orion, não sabendo onde aquela conversa iria acabar.

— O que está rolando com você e Isla? Eu vejo nos olhos dela o sofrimento.

— Por que acha que sou a razão?

— Por que não seria? Acha que não reparo a forma como se olham? Como o clima muda quando estão juntos?

— Não quero desrespeitá-la, mas minha vida particular não diz respeito a ninguém, nem mesmo a você.

Orion foi mais grosso do que gostaria, todavia, ele detestava qualquer tipo de intromissão externa em sua vida particular e o fato de sua mãe morar em sua casa, dificultava isso, visto que Linda era espalhafatosa por natureza.

A mulher se expressava quando tinha vontade, era sincera e sorrateiramente manipuladora. Porém, nada no sentido ruim da palavra. Ainda assim, Orion se irritava quando tinha que conversar sobre assuntos que ele julgava particular.

— Desculpe, meu filho, de coração. Sei que eu moro em sua casa e não tenho direito de estar aqui tendo essa conversa — começou ela com a intenção de manipulá-lo levando a conversa para o sentimentalismo.

— Não adianta começar com esse papo — cortou Orion. — Foi você quem a quis aqui, então não reclame ou venha me cobrar coisas que não são da sua alçada.

— Por que está tão irritado?

— Já deveria saber que minha vida particular pertence somente a mim.

— Eu sei disso, mas ao contrário do que você está pensando, não estou aqui por você e sim por ela — afirmou Linda, levantando-se. — Você é um homem vacinado, Isla pode não parecer, mas é uma mulher doce e se você a machucar...

— O que vai acontecer?

A conversa estava esquentando. Nunca tinha conversado com sua mãe usando aquele tom. Mas se Isla estava achando que ficaria para sempre debaixo da asa de Linda, estava muito enganada.

— Acho essa situação patética. A criada...

— Isla — cortou Linda. — O nome dela é Isla.

— A *criada* — repetiu ele, frisando a última palavra —, é adulta, então por que está se prestando a esse papel?

— Porque eu conheço o filho que tenho.

— Acha que ela não conhece também? — afirmou Orion, irritado. — Não sou um príncipe encantado e nunca me prestei a esse papel. Todas as mulheres com quem me relacionei sabem disso.

— Ela é importante para mim.

— Por que, Linda? Por que essa garota se tornou uma pessoa tão relevante? Isso não entra na minha cabeça.

— Porque sim. Já te falei que sentimentos não são explicados, são vividos.

Orion bufou e acenou em negativo com a cabeça, inconformado com o fato de Isla ter conseguido mexer tanto com sua família aquele ponto.

Como ela foi capaz de mudar tudo à sua volta?

Sua mãe não era mais a mesma e ainda que não admitisse, Linda estava melhor, mais sorridente e faladora – como se isso fosse possível –, desde que Isla chegou à sua casa.

Sem contar o desejo interminável que sentia toda vez que sua mente se recordava dos momentos que viveram.

— Espero que tire algo de bom desta conversa, já lhe disse várias vezes que coincidências não existem, apenas o destino trabalhando em nossa vida. E mesmo que eu tenha prometido a mim mesma não me meter, você conhece sua mãe, não é? — declarou Linda, caminhando em direção à saída do quarto. — E se Isla souber que essa conversa aconteceu, vai conhecer uma Linda que nunca viu — ameaçou.

Orion deu risada, pois nunca tinha visto sua mãe dizer algo parecido. Ela o estava deixando surpreso com certa frequência.

O que ele poderia fazer além de achar graça daquilo tudo?

Antes de sair, ela encarou o remédio em cima da mesa e olhou em seus olhos. Linda abriu a boca para dizer algo, mas desistiu no meio do caminho e após alguns segundos o encarando, saiu do quarto.

Naquele momento, sim, seu dia poderia começar de verdade. Focar sua atenção no que realmente tinha alguma importância, ou seja, seu trabalho, porque o restante era apenas sentimentalismo inútil e que não tinha resignação alguma para tolerar.

Isla era adulta e sabia muito bem onde estava se metendo. Se sua mãe achava que ela era ingênua, estava muito enganada.

Aquela garota sabia muito bem o que estava fazendo e com quem.

Ele nunca mentiu e foi até mesmo capaz de mostrar a ela seu *verdadeiro eu* quando matou Caetana. Se isso era mentir ou iludir alguém, Orion estava completamente por fora do que era ser transparente.

Sua intuição poderia estar equivocada, mas algo lhe dizia que se tinha alguém que precisava de proteção, essa pessoa era ele mesmo e não a doméstica suspicaz.

35

— Me chamou, senhor? — inquiriu Calisto, entrando em seu escritório.

— Sente-se.

Seu braço direito se sentou e cruzou as pernas.

— Tudo certo com o desaparecimento de Hugo, né? Ou temos alguma movimentação?

— Nada — respondeu. — Nenhum jornal levantou qualquer hipótese diferente do que foi combinado previamente.

— Nada de encontrar quem matou Guilherme? Ainda não tenho a resposta que desejo em relação à invasão da Cloud — ralhou Orion, recostando em sua cadeira.

— Eu sei, senhor. Mas realmente a morte de Guilherme fez voltarmos à estaca zero. Nossos homens estão empenhados.

— Para isso que lhe chamei aqui. Faz um tempo que pedi ao Gustavo, nosso hacker mais antigo, investigar Isla Maria, mas ordenei para que o fizesse após termos nossa investigação da Cloud concluída, mas como tivemos esse maldito imprevisto, quero que vá pessoalmente até a sede e peça para ele dar seguimento a essa demanda.

— O senhor acha que ela está envolvida com Fábio?

— Não — respondeu, sincero. — Quero tirar apenas essa questão que está martelando em minha cabeça. A empregada tem algumas atitudes que julgo estranhas. Talvez não encontremos nada, mas nunca se sabe.

— Confesso que achei estranho ela bisbilhotando o galpão naquele dia.

— Já notei como ela fala bem, possui roupas de qualidade, cabelos e pele bem cuidada, fora a educação diferenciada. Dá para ver que é uma pessoa que foi muito bem criada e para tudo isso precisa de uma coisa.

— Dinheiro — respondeu o homem tatuado.

— Sim.

— Com todo respeito, todos já repararam como a senhora Meirelles está gostando dela.

— Também vejo — retrucou Orion, ainda encostado em sua cadeira, encarando a parede.

Ao encarar seu funcionário, reparou que Calisto estava querendo dizer algo, mas talvez a falta de coragem não o deixasse.

— O quê? — incentivou Orion, irritado.

— Estão comentando também sobre o senhor estar envolvido com ela.

— Qual o problema? — respondeu com tranquilidade. — Se isso estiver acontecendo, ninguém tem absolutamente nada com isso.

— Claro, tem razão — rebateu Calisto de pronto.

— E aquela caixa que recebemos? Você não me retornou, acharam digitais?

— Nada, os ratos estão bem sorrateiros.

— Engraçado que depois da instalação das câmeras e o Nicolas mais presente, nunca mais tentaram nada.

— O traidor está próximo, infelizmente mais do que gostaríamos — disse Calisto.

Ambos ficaram alguns minutos em silêncio, então Calisto o quebrou, mudando de assunto.

— Nosso sistema novo de segurança é maravilhoso, não deu uma pane até agora.

— Para isso gastei uma fortuna — afirmou, levantando-se. — Enquanto você vai até a sede, irei...

— Com licença — disse Vagner na porta, interrompendo-o. — Desculpe, senhor, mas tem um homem na porta querendo entrar de qualquer jeito dizendo que é seu pai.

Orion franziu o cenho olhando para a tela que possuía em seu escritório com as imagens de segurança da casa.

Poderiam ter passado muitos anos, mas ele jamais deixaria de reconhecer Flávio.

— O que esse maldito quer? — perguntou a si mesmo. — Deixo-o entrar e o traga aqui.

— Sim, senhor.

Seu segurança virou as costas e saiu.

— Quer que eu fique?

— Não, Calisto, vá à sede que com Nicolas que eu me entendo.

— Sim, senhor.

— Ah! Passe em meu quarto, peguei uma caixa de remédio que tem em cima de minha mesa e dê a criada de minha mãe. Quero que se certifique de que ela vai engolir — ordenou Orion, quase se esquecendo da merda do remédio.

Depois se lembraria de conversar com ela, quem sabe após, talvez, matar seu pai.

Seu braço direito acenou positivamente com a cabeça e saiu, para Vagner entrar com aquele que havia lhe gerado.

— Nossa — falou o homem, olhando em volta. — Você se deu bem na vida, hein? Sabe como foi difícil te encontrar?

Orion acenou para que Vagner saísse e fechasse a porta.

— O que faz aqui?

— Assim que recepciona seu pai? Depois de tanto tempo?

— Não quero, nem vou desperdiçar um tempo com um energúmeno como você. Então, me diga o que veio fazer aqui

depois de tantos anos sem sua presença asquerosa.

— Vai me escorraçar? — perguntou, ofendido.

— Farei pior — afirmou, apoiando seu corpo truculento na mesa e cruzando as pernas.

Flávio respirou fundo e moveu a língua dentro da boca. Um claro sinal de nervosismo.

— Estou em uma enrascada. Não tinha mais a quem recorrer, por favor, me ajude.

— É uma piada?

— Claro que não. Estou devendo para uns agiotas e eles estão atrás de mim. Acha que eu viria se não estivesse realmente desesperado?

— Se soubesse quem sou, preferiria estar nas mãos dos tais agiotas.

— Eu posso ser morto, pelo amor de Deus — disse, desesperado.

— Isso não quer dizer que me importo.

— Orion meu filho...

— Não me chame assim — corrigiu, irritado. — A partir do instante que fugiu com sua patroa, abandonando Linda, Taurus e a mim, perdeu qualquer direito sobre nós.

— Tudo bem — concordou com as mãos erguidas. — Eu errei, me desculpe por isso.

— Não me deve desculpas, minha vida certamente foi melhor sem sua presença.

— Quer que eu me ajoelhe? — disse, dobrando as pernas e se ajoelhando. — Eu imploro.

— Que cena patética — falou Orion, colocando uma mão na cabeça, erguendo as sobrancelhas e fechando os olhos. — Está se humilhando à toa.

— Não é possível, deve ter algo de bom aí dentro. Estou implorando, você pode não me aceitar, mas eu sou, sim, seu pai.

Não leve tudo tão a sério — pediu ainda de joelhos.

Orion descruzou as pernas e caminhou até Flávio, puxando-o pelo colarinho.

— Se você quiser sair andando daqui, ao invés de ser dentro de um saco preto, saia da minha casa agora. Eu não costumo dar segundas chances.

Orion ouviu a campainha de seu escritório tocar, ao olhar por sua visão periférica, viu Linda na porta com um rosto enraivecido.

— Olha a merda que você armou — declarou Orion, soltando o vagabundo e liberando a entrada de sua mãe.

— O que esse verme faz aqui? — perguntou ela, caminhando até ele.

Nem parecia que sua mãe havia se submetido a uma cirurgia.

— Ele já estava indo embora.

— Linda... — começou ele, ajoelhando-se perante a mulher. — Misericórdia, peça para nosso filho me ajudar.

— Lá vamos nós — sussurrou Orion, levando a mão novamente à cabeça.

— Eu sei que errei — começou novamente Flávio a falar no instante em que Isla apareceu em seu campo de visão.

Ela estava com uma cara pior que de Linda, mas no instante que viu o circo que havia se formado em sua sala, ela declinou e amparou sua mãe, como se estivesse protegendo-a.

— Não me orgulho do que fiz, mas eu realmente preciso de ajuda, eles irão me matar.

Orion ficou calado assistindo à cena *tocante* se desenrolar diante de seus olhos.

Estava esperando o momento em que Linda lhe pediria para ajudar o infeliz dizendo para deixar as mágoas de lado e que levar sentimentos ruins dentro de si não faz bem para ninguém. Conseguia até ouvir a voz dela proferindo aquelas palavras, quando sua mãe acertou uma joelhada certa no nariz de Flávio.

Foi a cena mais hilariante que já presenciou na vida. Sua mãe *paz e amor* agredindo uma pessoa. Era aquele tipo de coisa que você só acreditaria vendo.

Orion estava apoiado com o corpo em sua mesa novamente com as pernas cruzadas. Levou a mão à boca e segurou um sorriso.

— Seu cretino, vá embora daqui antes que eu mesma te mate com minhas mãos — finalizou Linda, encarando Flávio. — Meus filhos passaram fome por sua causa, passei pelas situações mais difíceis e constrangedoras da minha vida, então se depender de mim, você pode virar comida de larvas.

Orion fez uma fina linha com a boca acenando em positivo com a cabeça, gostando daquela versão de sua mãe. Talvez naquele momento tivesse entendido de onde vinha seu DNA.

Isla apenas escorou sua mãe e disse algumas palavras em seu ouvido que a fez virar as costas e sair de lá.

— Vagner — chamou Orion. — Pode levar. O espetáculo acabou.

Seu segurança carregou seu pai enquanto ele chorava igual uma criança segurando o nariz banhado em sangue.

Restou apenas ele e Isla em sua sala.

Orion não era um homem emotivo, por isso ver seu pai após tantos anos não despertou absolutamente nada dentro de si. Na verdade, sentiu um certo prazer ao vê-lo rastejar diante dos pés de sua mãe.

Ainda assim, preferia que ele tivesse ficado no buraco onde permaneceu por todos aqueles anos.

— Sorte sua que sua mãe precisa de mim agora — Isla começou a falar, alterada —, porque se não...

— Se não o quê? — inquiriu ele, puxando-a pela roupa e colando seus corpos. — Iria fazer o quê? Qual o problema agora?

— Você acha que é superior a todo mundo, não é?

— O que eu perdi? — perguntou ele, espirituoso.

— Você acha que eu sou o que para me obrigar a engolir a porra de um comprimido, que nem ao menos sei a procedência, por um capacho seu? A última coisa que eu quero nesse mundo é um filho com você, por isso eu já tinha até tomado, mas agora meu corpo virou uma bomba hormonal por sua causa.

— Seu lado agressivo é excitante — disse ele, ignorando-a completamente. — Essa sua boca se mexendo me vem apenas na memória dela em meu pau.

Ela bufou, esquivando-se.

— Você é nojento. Nunca mais me obrigue a nada.

— Calma aí, o que você disse? — quis se certificar Orion, fechando a cara. — Por acaso você acha que eu obrigaria alguém a ficar comigo? Você abriu suas pernas porque quis.

— Você é inacreditável — retrucou ela, descrente. — Acha que sou um objeto e que faz o que bem entende. Não sou sua propriedade, não me mande fazer coisas que não estão na sua alçada, como, por exemplo, me mandar engolir um remédio que eu já havia tomado — finalizou aumentando o tom de voz.

— Quer ser minha propriedade? — perguntou ele, ignorando totalmente o que ela dizia.

— O quê? — questionou ela, perdida.

Após entender a pergunta, Isla se aproximou de seu ouvido e disse:

— Vá se foder.

— Prefiro com você — retrucou no ouvido dela. — É só te ver que meu pau ganha vida própria.

— Você tem duas mãos, então faça você mesmo.

— Minhas mãos não são a mesma coisa que a sua boquinha de veludo — contrapôs, sacana.

— Não existe ninguém nesse mundo que te odeie mais que eu — revelou ela, afetada.

— Pela primeira vez eu senti que você disse uma verdade. Por que não é sempre sincera?

— Eu sou — defendeu-se Isla, afastando-se, um tanto inquieta.

— Esse assunto te deixa apreensiva?

— Do que está falando? Não muda o foco.

— Ah, criada, você...

— Pare de me chamar assim! — irritou-se Isla, extraindo um sorriso de Orion.

— Assim que sua mãe melhorar vou embora desta casa maldita. Ficar longe de você é a melhor coisa para minha saúde mental.

Orion a deixou ir.

Sabia que talvez ela pudesse ficar com os hormônios alterados devido à sua exigência de tomar o remédio, mas ele não se importava.

Nunca ligou para o que as pessoas achavam dele ou o que sentiam por ele, por isso respirou fundo e deu meia-volta, sentando-se para voltar ao trabalho, já que seu compromisso anterior tinha sido melado por Flávio e sua repentina aparição.

36

Isla ainda não havia presenciado Linda irritada e aquilo realmente a deixou surpresa, pois nunca passou por sua cabeça que a mulher fosse agir daquela forma, uma vez que suas atitudes do dia a dia diziam que era uma mulher pacífica, ou pelo menos era o que ela acreditava até aquele momento.

Isso apenas serviu para lhe mostrar que nem mesmo o ser mais iluminado e paciente era suscetível a falhas e lapsos de fúria.

Foi somente rever o ex-marido e pronto. Linda se transformou em outra pessoa e Isla a entendia completamente, afinal, foi por causa daquele idiota que ela comeu o pão que o Diabo amassou.

E mesmo que estivesse compadecida pela situação dela, Isla tinha seus próprios demônios para enfrentar e que não conseguia deixá-los de lado.

Saiu do escritório de Orion raivosa com aquele desgraçado. Todos os dias ele conseguia se superar, provando que não valia o chão que pisava. Obrigar-lhe a tomar a merda do remédio sob supervisão como a porra de uma criança? Ele só poderia estar de brincadeira. Aquilo a deixou espumando de raiva.

Claro que Isla não era nenhum irresponsável – não tanto –, por esse motivo já era a segunda vez que tomava aquela merda em poucos dias e isso para seu corpo era péssimo. Mas muito pior que isso, era nascer uma criança inocente e que a fizesse lembrar todos os dias de como era fraca.

Isla estava tão mal que seu corpo começou a ter sintomas reais que algo não ia bem. Náuseas, irregularidade em sua menstruação, que sempre tinha sido um relógio inglês, além das dores de cabeça.

Aos poucos, ela ia se definhando tamanha era a culpa que a consumia, por isso resolveu colocar um ponto final de vez em tudo aquilo e assim que Linda estivesse recuperada, abandonaria aquela casa, entregaria tudo o que tem a João, seu amigo jornalista, e sumiria.

Sabia que não tinha muita coisa e a maioria do que possuía não estava completa, ainda assim seria a porta de entrada e se alguém estivesse de fato interessado poderia completar aquele quebra-cabeça. Mas ela mesma havia levantado bandeira branca.

Ficaria de longe torcendo para que Orion caísse do pedestal.

Seu tempo tinha se esgotado naquela casa e foi bom Calisto tê-la obrigado a tomar o remédio. Foi como um choque da realidade do que realmente estava vivendo e sua verdadeira importância.

Aquela encenação de filme da Disney não existia. Noite da pizza? Chamar Orion de amor durante o sexo? Apegar-se a mãe dele como se fosse sua própria?

Chega! Isla havia acordado e as coisas iriam mudar. Tinham que mudar!

Resolveu deixar Linda sozinha para poder digerir o que tinha acontecido e assim, poderia se dar um tempo também.

Desceu todos os lances de escada e foi para a parte externa. Sentou-se embaixo daquela árvore, meio escondida para que ninguém a incomodasse e ficou lá, pensando.

Era uma coisa que estava fazendo muito nos últimos tempos, mas que parecia não funcionar da forma como ela almejava. Deixou o coração comandar suas ações e se colocou em uma embarcação furada no meio do oceano.

Sair de lá não seria fácil. Porém, estava decidida a não escutar mais o que aquele órgão molenga dizia.

Ainda observando as paisagens, naquele dia cinzento, sentiu seu celular vibrar no bolso. Atendeu sem nem mesmo verificar quem era do outro lado.

— Sim.

— *Olá, Isla Maria* — saudou uma voz feminina.

— Quem é? — inquiriu não reconhecer a voz.

Afastou um pouco o celular da orelha e viu que era um identificador privado.

— *Não importa quem sou. Minha ligação tem apenas uma intenção, ajudar-lhe.*

— Do que está falando?

— *Tenho algumas coisas que tenho certeza de que são de seu interesse.*

— Ou você diz quem é e o que quer, ou desligarei na sua cara.

— *Que pena, se fizer isso, entenderei que desistiu da sua vingança. As provas que possuo contra Orion são muito maiores e melhores do que você jamais imaginou* — falou a mulher, tranquila.

Isla, obviamente, ficou desconfiada.

Uma desconhecida telefonou para falar a respeito de algo sigiloso e que pouquíssimas pessoas sabiam.

Não queria acreditar que Joana ou Helena tinham comentado isso com quem quer que fosse. Suas amigas sabiam da importância em manter o segredo, afinal, sua vida dependia disso.

— *Sei que deve estar se perguntando como fiquei sabendo e tudo. Bom, o que posso te responder agora é que tudo terá seu tempo. Você saberá na hora certa.*

— Não sei do que está falando — disse Isla em resposta.

— *Claro que sabe, mas tudo bem eu entendo sua desconfiança. Mas a escolha é sua, tenha um bom dia, Isla.*

Com essas palavras a estranha finalizou a chamada, mas logo em seguida chegou uma mensagem de texto.

Sei do assassinato do seu pai, da filmagem e todas as provas que está juntando contra Orion. Nós temos um inimigo em comum! Se mudar de ideia, este é meu número, se entrar em contato, conversaremos sobre minhas condições, afinal, tudo é uma troca, certo?

Só não demore, se não me responder em três dias, esse número será descartado e perderá essa oportunidade.

Isla leu e releu a mensagem se perguntando quem era aquela mulher.

Ela poderia confiar?

E se fosse o próprio Orion que estava por trás de tudo aquilo querendo pegá-la em flagrante?

Tantas coisas passavam por sua cabeça que era difícil filtrar cada uma delas.

Começou a ponderar o lado positivo e negativo de se aliar a uma total estranha. Talvez poderia ser as provas que lhe faltavam para, enfim, se ver livre do cão e da vingança que a corroía por dentro.

Em contrapartida, se fosse uma armação do homem, era sua sentença de morte já carimbada.

Mas calma aí! Não tinha abdicado e estendido a bandeira branca? Como em poucos segundos a situação virou novamente?

— Meu Deus, devo estar louca — sussurrou para si, sem entender tudo que estava acontecendo.

Isla já estava decidida que abandonaria aquela casa e entregaria tudo que tem a João, mas pensando bem, o cenário mudou e ela, talvez, tivesse encontrado uma possível aliada e isso mudava tudo.

Fechou os olhos e a imagem de seus pais agonizando dentro daquele carro, enquanto Orion ria, a atingiu com força.

Toda vez que essa imagem voltava, Isla sentia que morria um pouco por dentro e assim ela estava levando sua vida nos últimos meses, dentro de um carrinho de montanha-russa que hora estava lá em cima, feliz com Linda e Teodora, para em outras, descer em

velocidade máxima a seu verdadeiro sentimento em relação ao Orion.

— Chegou a hora de retomar aquela Isla de quando veio morar nesta casa — cochichou somente para si. — Coragem era sua marca registrada, então está na hora de ser de novo aquela pessoa.

Isla estava envolvida até o pescoço na vida de Orion e mesmo que em alguns momentos se esforçasse para deixar aquilo tudo de lado, o sentimento de vingança e justiça era mais forte e vencia, por isso pegou seu celular e discou o número da mulher misteriosa.

Assim que ela atendeu, Isla disse:

— Onde nos encontraremos?

Mesmo ouvindo a mulher do outro lado rir, manteve-se séria, pois estava nervosa demais com aquela aliança incerta e misteriosa.

— *Calma, mocinha. Eu disse que tudo tem seu tempo* — falou ela, tranquilamente. — *Juntaremos nossas provas para acabar com Orion. Você não irá se arrepender.*

— Como isso será feito? Eu preciso saber onde estou pisando. Não irei continuar nesse caminho escuro, também preciso de garantias — sussurrou, corajosa.

— *Está certa, você é uma menina inteligente* — concordou a mulher por fim. — *Te mandei uma pequena prévia do que possuo, assim verá que nossas intenções são exatamente as mesmas, está bem assim?*

— Qual seu motivo?

— *Isso não te interessa* — cortou ela, ríspida. — *Para você, basta saber que temos um alvo em comum e tenho um plano perfeito para isso.*

— Como já lhe falei, não darei um passo sem saber o detalhe de cada movimento. Não vou dar minha cara à tapa, enquanto você fica abrigada na escuridão — cutucou Isla.

— *Você é mesmo perspicaz* — observou ela, fazendo alguns segundos de silêncio.

— Então? — incentivou Isla para que a mulher começasse a falar o que estava em mente.

— *Para termos um dossiê completo preciso da filmagem dele matando Caetana.*

Isla arregalou os olhos e franziu o cenho desejando muito saber quem era a tal mulher misteriosa que tinha tantas informações.

— *Ele tem câmeras espalhadas pela casa e eu não tenho acesso a elas. Já você... Vou te explicar como consegui-las e assim que me entregar, estaremos com boas provas para você ter sua vingança.*

— Se ele tem câmeras espalhadas por toda casa, me verá acessando elas — anunciou o óbvio, preocupada.

— *Para um plano ser bem-sucedido, requer sacrifícios de todos os lados ou você acha que não me arrisquei angariando as coisas que tenho?*

— Não sei, como irei saber, não é mesmo?

— *Estou lhe falando.*

— Não te conheço, então não confio em você.

— *Olha, Isla, para isso dar certo, infelizmente, você terá que confiar em mim, assim como eu tenho que confiar em você. Não existe outro caminho — pontuou a mulher. — Do momento em que pegar essas filmagens até você fazer uma última coisa para mim, terá um tempinho para sumir.*

— Que coisa?

— *Levá-lo a um lugar para que eu me encontre com ele.*

— O que irá fazer? — quis saber Isla, pensativa, sabendo que as chances de que Orion fosse morto eram altíssimas.

— *Isso é comigo — respondeu a mulher. — Faça sua parte no trato, eu farei a minha e todos ficarão felizes.*

— Minha intenção não é matá-lo — revelou Isla, cautelosa.

— *Quem falou que você precisa fazer isso?*

— Não sou tão idiota ou tão ingênua como pensa — afirmou, séria. — Quero apenas que ele pague pelo que fez. Que a justiça seja feita e que apodreça na cadeia.

— *Você é sim ingênua somente por acreditar que existe justiça neste país* — retrucou a mulher, direta. — *Você acha mesmo que Orion Meirelles ficará preso?* — inquiriu rindo, sádica. — *Já te adianto que isso não acontecerá nem em mil anos. Sabe por quê? Você, em sua bolha, não faz ideia de quem é aquele homem e vai por mim, ter ele morto será muito melhor, já que se ele não morrer, quem morre é você.*

Ficaram alguns segundos em silêncio.

— *Essa é uma briga de cachorro grande, não tem espaço para hesitação, você compreende isso?*

— Sim.

— *Você faz o que achar melhor com as provas que terá em mãos, mas eu te adianto que ele não terá tempo de vida para essa sua ilusão fantasiosa de prisão.*

— Então para que me aliarei com você? Não faz sentido me expor dessa forma para, no fim, não ter o que desejo. Você mesmo está me dizendo.

A mulher do outro lado da linha riu, ironicamente, e aquilo já estava irritando Isla.

— *Orion é apenas uma parte disso, minha querida, acredite quando lhe digo que você irá me agradecer depois, quando tudo estiver terminado.*

— O que quer dizer? — perguntou, estranhando.

— *Temos negócio fechado?* — quis se certificar a mulher.

— Sim — respondeu Isla após alguns segundos ponderando.

— *Menina esperta* — elogiou a senhora. — *Espere meu próximo contato e não se esqueça de que tudo o que está fazendo é por eles, pela morte horrível que Orion deu aos seus pais. Não tire isso de foco. Até mais, Isla Maria.*

Ela ainda ficou mais algum tempo sentada pensando em toda conversa com a estranha.

O que aquela mulher sabia que ela ainda não tinha conhecimento?

Isla pagaria para ver e estava decidida em botar um fim no império do crime que Orion havia começado e que Deus a protegesse para que tudo terminasse bem e rápido para que não desse tempo de ela voltar atrás mais uma vez.

37

Dois dias se passaram após a visita de Flávio e Orion tinha aproveitado aquele tempo para se dedicar em descobrir mais sobre Isla.

Aproveitou que seus negócios estavam caminhando bem, sem intercorrências nos últimos dias para focar mais sua atenção naquilo que acreditava merecer sua atenção, pois normalmente quando tinha uma desconfiança, era certa.

Não sabia ao certo porque estava dando tamanha importância a uma empregada, mas precisava encerrar aquele assunto de uma vez, assim seguiria para o próximo sem deixar nada pelo caminho.

Mal a viu nos últimos dias e quando aconteceu, foi de longe.

Ela estava dormindo no quarto de Linda e fugia de Orion como um gato que fugia de um banho gelado.

Suspeitava que Isla realmente tinha ficado brava com a história do remédio. Mulheres e seus dilemas sentimentais do caralho.

Orion sentia tanta falta de fodê-la que estava prestes a despachar sua mãe por qualquer motivo, só para ter uma única tarde livre. Assim poderia ter a empregada só para si, longe das asas de Linda.

Precisava ficar a sós com ela e matar a saudade que sentia de ter aquela boceta abraçando seu pau bem forte.

Orion não sabia o feitiço que a mulher havia usado contra ele, o fato era que parecia a ponto de explodir com o gelo de Isla.

Estava até cogitando conversar com ela e propor um acordo amigável entre eles. E novamente Orion se pegava pensando onde estava aquele homem que costumava ser? Desde quando uma mulher o dobrava daquela forma?

Bom, sobre isso ele sabia a resposta e era simples: *aquela* mulher conseguia satisfazer seus desejos mais profundos. Possuíam uma ligação fantástica entre quatro paredes e mesmo que vivessem em guerra fora do quarto, valia a pena somente pela gozada fantástica.

E olha que Orion não era homem de se submeter a ninguém, muito menos ir atrás da forma que estava cogitando fazer.

Nunca tinha sentido algo parecido. Nem mesmo Caetana lhe fez desejar estar tanto com alguém. Mas como a vida havia ensinado ser cauteloso, faria as coisas de uma forma que não demonstrasse a dependência física que desenvolveu por ela.

Estar naquele dilema era uma total loucura, visto foderam poucas vezes. Entretanto, foram elas que o fizeram enxergar que não poderia mais ficar sem aquela dose de Isla.

Orion respirou fundo e encarou seu computador, depois observou Gustavo, que havia montado seu equipamento na mesa de reuniões. O homem trabalhava e não pararia enquanto não tivesse as respostas que procurava.

Já eram mais de dez da noite e tinha passado o dia todo dentro do escritório. Não poderia tomar nenhuma atitude sem saber com quem estava lidando de fato.

Notou que o homem começou a organizar e desligar os equipamentos.

— Então? — inquiriu Orion, levantando-se sem querer parecer desesperado.

— O senhor quer receber as informações por...

— Quero que fale — cortou ele, impaciente.

— Bom, encontrei bastante coisa. Sua empregada costumava trabalhar em um escritório de contabilidade, mas saiu após a morte

dos pais — falou, encarando o caderninho que segurava contendo algumas anotações.

Até aí nenhuma novidade!

— Separei os principais números que ela mantém contato — continuou, esticando um papel avulso. — Entre algumas coisas, o que mais me chamou a atenção é que ela possuiu um investimento milionário, herança que os pais deixaram.

Ele franziu o cenho ainda atento às palavras de Gustavo. Não tiraria conclusões precipitadas, tomaria a sopa fria.

— Também está tudo anotado aí — prosseguiu, indicando com a cabeça o papel que havia lhe dado. — Também acho que vai gostar de saber que o pai dela é irmão de Raul Duarte da Cirbin.

Arregalou os olhos, surpreso, com aquela informação.

Isla era filha de Luiz Paulo e Nívia. Aquele Luiz de Nívia?

Orion não estava acreditando no que seus ouvidos escutaram. Sua ficha caiu e se recordou imediatamente de quem eram seus pais. Sua mente entrou em parafuso com a bomba que Gustavo havia jogado em seu colo.

Orion estava começando a entender algumas coisas. Porém, mais que nunca, precisava se interiorizar e pensar muito bem qual seria seu próximo passo.

Mesmo que estivesse com uma vontade imensa de jogar aquela vagabunda pela janela, Orion não poderia perder a essência que sempre se orgulhou em manter.

Colocaria as ideias no lugar para agir da melhor forma possível, porque além de Isla, tinha Raul nessa história toda.

Possuíam um histórico amigável com o velho, contudo, Orion nunca colocava a mão no fogo por ninguém e estava ansioso para entender cada detalhe do que estava acontecendo bem debaixo do seu nariz.

— Consegui acesso à algumas coisas do celular dela, um que ela comprou com nome falso. Tem vídeos, fotos e inclusive achei uma mensagem interessante que ela recebeu dias atrás.

— De quem? — quis saber Orion com as narinas infladas de raiva.

— Não foi possível rastrear, era de um pré-pago, mas a mensagem é essa — falou, entregando outra merda de papel.

Ele leu e releu, com a certeza de que havia uma traidora maldita sob seu próprio teto se relacionando com sua mãe. No entanto, algumas peças ainda não se encaixavam completamente naquela merda toda.

— Quero que vá para sede e comece a destrinchar o Raul — ordenou Orion, jogando os papéis inúteis em cima de sua mesa. — Quero saber tudo, cada detalhe da vida dele e do irmão.

— Sim, senhor. Pelo que vi, a família o chamava de Duarte.

— Então, vá. E se mais alguém souber disso, saberei que partiu de você.

Gustavo acenou com a cabeça e saiu de seu escritório.

— Sabia que essa ninfeta não era confiável — falou Calisto.

Orion havia até se esquecido de que seus dois homens de confiança estavam acompanhando tudo do canto da sala. Mas preferiu o silêncio.

Sentou-se em sua cadeira e a virou, encarando o cenário além do vidro.

— Mas realmente Raul foi uma surpresa — falou Nicolas. — O que o senhor quer que façamos?

— Mas ainda acho que tem algo faltando nisso tudo — continuou o tatuado.

— Iremos descobrir. Sei exatamente o que fazer — falou Orion com um sorriso maléfico. — Primeiramente, vamos até Raul ter uma conversinha, mas antes, quero que encontre Isla e a traga aqui.

— E se ela não quiser? — ponderou Nicolas.

— Não é para dar escolha — disse sem paciência. — Traga-a aqui agora.

Orion viu Calisto sair de seu escritório. Assim que Isla retornou com um roupão de seda branco e com cara de sono, soube que ele teve que arrancá-la da cama.

Foda-se.

— O que você quer? Por que me fez acordar essa hora? — questionou, indignada.

Olhou para Calisto e Nicolau, dizendo:

— Me esperem no carro.

Isla permanecia sem entender o que estava acontecendo.

— Queria lhe avisar que terei que viajar — começou ele, engabelando-a, devolvendo tudo que ela estava fazendo em uma moeda mil vezes pior, porque somente matá-la não seria suficiente para satisfazer seu ego. — Ficarei fora alguns dias e confio em você para cuidar de Linda e da casa. O que me diz?

Isla franziu o cenho, decerto achando estranho o contexto.

— Calisto e Nicolas terão que ir comigo. Minha mãe confia em você, então lhe darei esse voto de confiança.

— Fica tranquilo — respondeu ela, finalmente soltando uma lufada de ar. — Jamais deixarei que nada aconteça com ela.

Ele acenou positivamente com a cabeça, encarando-a.

— Obrigado.

Orion se atreveu até mesmo a agradecer e foi épico ver a cara de Isla recebendo aquela gentileza inédita.

— Você está bem? Quero dizer...

— Sim — respondeu, apoiando seu corpo alto na mesa. — Quero que saiba que Linda é a pessoa mais importante em minha vida, toda essa segurança é por ela.

Orion estava forçando a barra e ele sabia disso.

Mas também tinha conhecimento que debaixo daquela máscara, Isla tinha um coração mole, então seu alvo era justamente esse. Passar por toda armadura para, finalmente, chegar ao seu

interior meigo e sentimental, somente assim acabaria com ela em grande estilo.

— Você não quer que ela sofra, não é mesmo? Tenho certeza disso, por isso a escolhi.

— Obrigada — respondeu sem jeito. — Gosto dela como se fosse minha própria mãe.

Até que enfim aquela boca funesta proferiu algo verdadeiro e Orion não tinha dúvidas dos sentimentos dela por sua mãe e seu troco começaria por ali.

— Orion — começou a fingida, aproximando-se.

Ele sentia apenas desprezo por aquela mulher e se esforçava muito para não dar a ela o mesmo fim de Caetana, não naquela hora.

Paciência, Orion, pensou!

— Nós transamos duas vezes sem proteção, acabamos não conversando sobre isso. Acho que agora é um bom momento para isso — prosseguiu bem próxima. — Assim como eu, você também não planejou isso e acabou acontecendo. Quero que saiba que não sou uma dessas mulheres que fica com um magnata somente para engravidar e assim, ficar rica. Não preciso disso.

Não mesmo, continuou a raciocinar.

— Eu tomei os remédios e não estou grávida.

— Ótimo — respondeu Orion somente.

Ele ainda conseguia ver aquele sentimento ambíguo dentro dela. Ela se esforçava muito para dizer aquelas palavras tênues e ainda que sentisse ser verdadeira, Orion sabia que seu interior estava exatamente como o dele, fervendo de ódio.

— Quando sua mãe me contratou, jamais pensei em me envolver sexualmente com você — continuou como se fosse impossível fechar a boca.

Então se aproximou um pouco mais e encostou sua perna desnuda pela fenda do roupão em sua coxa.

Orion fechou os olhos, apertou os dedos na madeira da mesa até ficarem doloridos. Precisava se controlar.

— Pena que nossos objetivos e caminhos sejam opostos — finalizou ela, aproximando-se ainda mais.

Isla estava provocando-o. Usando as armas que possuía para isso. Uma fodida a mais não iria mudar a desgraça que estavam vivendo, iria?

Pegou-a pelo braço, deixando seu animal interior dominar o momento, e arrancou o roupão que ela usava sem delicadeza.

Colocou-a de costas e abaixou a calcinha branca de renda. Pressionou o corpo dela contra a mesa e abaixou suas calças.

— É isso que você quer, né? — confirmou Orion, metendo seu pau fundo na boceta apertada.

Ela gemeu em resposta, empinando o rabo em sua direção, fazendo seu pau entrar mais fundo.

Orion revirou os olhos e começou a estocar vigorosamente, como nunca tinha experimentado.

A mesa, mesmo sendo de madeira maciça, movia-se de acordo com seus movimentos. Isla segurava nela como se sua vida dependesse daquilo com a cabeça apoiada e gritando completamente encharcada.

— Empina esse rabo — ordenou ele, ao dar o primeiro tapa na bunda dela.

Aquilo surtiu um efeito imediato nas terminações nervosas dela, que não sabia mais como erguer a bunda em busca de mais e mais prazer.

— Vagabunda — xingou ele, batendo mais uma vez, ainda mais forte.

Talvez Orion quisesse descontar sua raiva e aquele xingamento foi a coisa mais sincera que sua boca proferiu aquela noite.

Contudo, nada daquilo fazia Isla retroceder, pelo contrário. Parecia estar jogando gasolina em um incêndio devastador.

— Orion — gemeu ela com o rosto ainda colado na madeira, acariciando a própria bunda.

Atendendo ao pedido silencioso da empregada, Orion deu mais um tapa, mas dessa vez do outro lado, fazendo-a arquear.

Fodê-la daquela forma, tão rude e primitivo, conseguindo colocar para fora tudo o que estava sentindo, o fez ter certeza de que logo a encheria com seu gozo.

Mas ele ainda tinha outros planos. Queria encará-la nos olhos quando isso acontecesse, por isso virou-a sem qualquer delicadeza e a sentou em cima da madeira, puxando a bunda dela para a ponta.

Ela se deitou, sem se importar com as coisas que lá estavam e pegou em sua mão, levando seu indicador aquela boquinha atrevida.

A filha da puta sabia exatamente o que fazer para despertar seu lado mais animal, enquanto voltou a socar fundo, ela chupava seu dedo sem pudor algum, encarando-o durante todo o processo.

— Ai — gemeu mais alto no instante que se contorcia. — Orion, que delícia.

Quando sentiu o gozo chegar, retirou seu pau e gozou em toda barriga de Isla.

Foi a coisa mais difícil que teve que fazer e demandou um esforço do caralho, que nunca tinha se prestado a fazer, mas naquele momento, Orion sabia com quem estava lidando, então não poderia dar margem a erros.

— Está ficando bom nisso — declarou ela, ao se levantar e limpar o corpo com o próprio pijama.

Sem pudor, Isla retirou toda roupa, terminou de se limpar e colocou somente o roupão branco e transparente.

Ele estava tentando se controlar, mas era muito difícil vê-la pelada à sua frente.

— Boa viagem — desejou ela, saindo do escritório com um sorriso malicioso nos lábios.

— Aproveite porque quando eu voltar, terá uma surpresinha — confidenciou com um sorriso maléfico nos lábios, quando ela já tinha saído do cômodo.

Quando caminhou até seu computador para desligá-lo, notou um e-mail de Gustavo, então se sentou e perdeu uma hora destrinchando cada detalhe do que havia lá dentro.

Algumas coisas o pegaram de surpresa, então uma lâmpada se acendeu em sua cabeça, com uma ideia ousada, em contrapartida, fantástica.

Ligou para Alberto e combinou com seu chefe de segurança tudo como gostaria que as coisas se desenrolassem a partir daquele momento. Ao finalizar a chamada, poderia seguir seu caminho certo de que possuía informações – e pessoas –, privilegiadas para seguir com seu plano.

Isla já estava rolando na cama havia mais de três horas sem conseguir cochilar por um minuto sequer

Se aquilo tudo fosse um filme de comédia, ficaria com o papel da viúva negra que transa com o *macho* para, logo em seguida, matá-lo. Mas como não estava nas *telonas*, ainda não conseguia rir de sua situação.

Pelo contrário, seu nervosismo aumentava a cada segundo, em especial por ter se aliado a uma desconhecida, a ponto de lhe dar insônia, sem falar das náuseas constantes.

Seu lado vingativo repetia a todo o momento que Orion merecia sim o mesmo destino que seus pais tiveram e mesmo que se esforçasse para assimilar que era verdade, tinha uma pontinha dentro de si chamada culpa.

Ela não era uma assassina, mas se pensasse bem, Isla não o mataria de fato, somente o entregaria de bandeja. Isso a tornava tão responsável quanto? Talvez, no máximo, cúmplice, então jogou aquele pedaço mísero de culpa no lixo e se manteve firme no plano.

Orion merecia aquele fim, repetia incansavelmente em sua cabeça.

Virou seu novo mantra para que não deixasse o pau enfeitado dele tirá-la do foco principal de estar ali.

Mesmo que já tivesse desistido de provar a si mesma como era forte – porque por motivos óbvios havia falhado –, Isla se

obrigou a, pelo menos, honrar seus pais. Era o mínimo que poderia fazer por eles.

Orion não estava acima disso, nem o tédio que sentia pelo miserável. Por isso, resolveu colocar tudo em caixas separadas dentro de seu cérebro e apenas seguiu em frente sem revivê-las.

Estava disposta a enfrentar sua consciência pesada, insônia, náusea e até mesmo o ódio de pessoas como: Linda e Teodora. Infelizmente, tudo fazia parte da vida e como a mãe dele mesmo dizia: a vida não era justa!

Pegou um remedinho na gaveta da sua cabeceira e tomou. Era somente tomar que entrava em um mundo paralelo, dormindo feito uma pedra.

Ela não sabia ao certo quando, mas realmente não levou mais de vinte minutos para ele fazer efeito, desmaiando logo em seguida, pois nas últimas semanas somente dormia daquela forma, a base de remédios tarja preta.

Orion estava dirigindo a caminho da casa de Raul, ou Duarte como era conhecido pelos familiares, junto com Calisto, Nicolas e mais seis seguranças.

Ele estava sem humor para manter uma conversa e nem era por ter sido traído por Isla, mas sim pelo fato de ele ter cogitado manter um relacionamento com ela.

Aliás, relacionamento era uma palavra forte. Orion queria apenas fodê-la sempre que tivesse vontade. Igual à relação que mantinha com Caetana. Ainda assim, sentia-se um otário por ter cogitado isso com outra traidora.

Rançou os dentes ao sentir uma real vontade de enforcá-la com suas próprias mãos.

Se ela tivesse noção das coisas que passavam em sua mente, jamais teria lhe provocado daquela forma, acreditava que ela daria

um jeito de fugir para não viver o que estava prestes a degustar. Seria como a prévia do inferno!

As ideias borbulhavam na cabeça de Orion feito água no fogo alto e ansiava pelo momento de executar cada parte de seu planejamento. Contava com Raul para isso.

— Acho que o senhor deveria matá-la de uma vez — quebrou o silêncio Nicolas. — Aquela menina já mostrou que não é idiota, o senhor acha que vale a pena mantê-la viva?

— Sim — respondeu somente dando atenção à estrada escura.

— Pelo jeito, os planos para ela serão excitantes. O que tem em mente? — foi a vez de Calisto se manifestar.

— Vocês saberão na hora certa.

Orion não deixava ponta solta, por isso antes de sair, ordenou a Vagner recolher o celular de Isla sem que ela visse. Assim a vigarista não teria mais como manter contato com o seu possível aliado.

Até ela arrumar outro aparelho, Orion já estaria com seu plano em prática. Dessa maneira, ganharia tempo e a certeza de que ficaria aqueles dois dias inerte e presa na mansão.

— O celular dela já está a caminho de Gustavo — declarou o homem tatuado.

Orion já tinha ligado para o seu funcionário hacker a fim de explicar o que ele teria que fazer, aproveitou também para pegar informações que o ajudariam na visita que estava prestes a fazer ao Raul.

— Chegamos — declarou, avistando o prédio do homem logo à frente.

Ele morava em São Paulo e por conta do horário, chegaram rapidamente.

— Alberto ligou? — quis saber Orion antes de estacionar. — Tudo está como planejado?

— Sim, senhor — respondeu na frente Calisto. — Podemos dar seguimento no plano.

— Ótimo — contrapôs, descendo do carro.

Após sua entrada ser liberada, subiu no elevador privativo com Nicolas e mais três homens, enquanto Calisto permaneceu no carro junto com o restante dos seguranças.

— Bom dia — saudou Orion entrando no apartamento do *amigo*.

— Qual a honra da sua visita essa hora da manhã? — inquiriu, desconfiado, ao vê-lo entrar com mais quatro homens mal-encarados.

— Se não fosse importante, não estaria aqui — declarou ele, tomando a liberdade de se sentar no sofá branco de couro disposto na sala.

— Claro — disse o homem, apertando o nó do roupão, também se sentando. — Só não imagino qual seja.

— Estamos diante de um dilema.

O homem na faixa dos sessenta anos o encarou e passou a mão pelos cabelos, ralos e brancos. No mesmo instante, surgiram três homens da segurança de Raul na sala, deixando o clima mais carregado.

— Sou todo ouvidos — retrucou o velho, sentando-se em uma cadeira à sua frente.

Orion sabia que aquele miserável era tio de Isla e que pouco se falavam. Acabou usando a garota como uma peça naquele jogo e ela, na sua inocência, caiu feito uma pata arriscando a vida para se vingar da pessoa errada.

Estava muito claro para Orion que Raul havia adulterado o tal vídeo onde ele matava os pais dela. Afinal, ele era bom na computação e, certamente, não teria dificuldade para tal.

Mas, infelizmente, ele ainda não tinha como comprovar, não ainda. O que deixava Orion sem muita opção a não ser descobrir a verdade para então, agir.

Sua honra não permitia matar alguém sem ter a certeza de que era o cara certo.

De qualquer forma, até lá, ele iria precisar de um serviço do velho – nada facultativo –, enquanto trabalhava em paralelo a fim de desvendar tudo o que Raul empurrava para debaixo do tapete.

Ele já tinha sido responsável por muitas mortes em sua vida, mas os pais de Isla não estavam naquela conta, mesmo sabendo que ela havia sido induzida a acreditar que Orion sim, a verdade era uma só, ele não teve absolutamente nada a ver com isso.

— Mas antes, me responda, por que sua sobrinha está trabalhando em minha casa?

— Isla?

— Não faça essa cara — pediu Orion, irritado. — Não vamos fazer uma novela desnecessária.

— Não tenho muito contato com ela, por que eu saberia disso? Me diga você o que ela faz lá, porque eu realmente não sei.

Mentira! Orion farejava a falsidade de longe, mas prosseguiu tentando manter o sangue-frio.

— Não me importo se ela acha que matei os pais dela — admitiu ele, sem ainda revelar que sabia da existência do vídeo. — Estou aqui por outro motivo.

Duarte se colocou em alerta, mas não reagiu, afinal, o cara já era velho dentro daquele mundo e sabia como mover as peças no jogo.

— E qual seria? — inquiriu, curioso.

— Você sabe as regras do submundo, não sabe? — perguntou, levantando-se. — Quem nasce em uma família mafiosa, sabe que alianças têm que ser feitas ao longo da vida em nome de um bem maior.

— Ainda não entendi seu ponto — disse o velho, cruzando as pernas.

— Sua sobrinha entrou em minha casa para se vingar de algo que nem mesmo fui o culpado e embora não me interesse saber

quem o fez — disse Orion, encarando-o seriamente —, ninguém entra no meu lar com esse tipo de intenção e sai impune. Honra vem acima de qualquer coisa em nosso mundo.

— Sim — continuou Raul, cruzando, dessa vez, os braços.

O velho estava visivelmente nervoso e tinha acabado de confessar seu envolvimento até o pescoço naquela merda toda, mas novamente, Orion orquestraria o jogo com inteligência, manipulando-o.

Todos eles pagariam, mas isso aconteceria em ordem de importância e Isla estava na ponta da cadeia alimentar. Mesmo se alguém lhe perguntasse o porquê, a realidade era que ele desconhecia a resposta para aquela pergunta.

Talvez pela manipulação que a garota fez com sua mãe, dormindo embaixo do seu teto e sendo sorrateira como uma cobra. Contudo, tinha que admitir que seu ego também estava naquela conta.

— Você colocará todos seus negócios no nome de Isla

— O quê? — indagou rindo. — Você só pode estar maluco.

— Estou?

Os homens atrás do velho se movimentaram e ele sabia que esperavam apenas um sinal para a carnificina começar.

— Por que eu faria isso? — perguntou mais uma vez ainda mostrando os dentes.

Orion se levantou, com as mãos no bolso e bufou.

— Se caso quiser ver Guto novamente, você irá fazer, caso contrário, podemos deixar as coisas como estão.

Raul empalideceu e os homens dele apontaram a arma para Orion no mesmo momento em que seus seguranças fizeram o mesmo.

O barulho das armas sendo destravadas ecoou pelo recinto.

— Calma, senhores — dissimulou ele, encarando Raul. — Se morrermos aqui, seu filho também morre e tudo isso terá sido em

vão.

— Seu miserável, como pôde sequestrar meu menino?

— Não pretendo matá-lo, é só fazer o que eu mandar e eu o libertarei. Quer que isso aconteça o quanto antes? Passe tudo que é seu para o nome da sua sobrinha, caso contrário, realmente não o verá mais.

Raul levou a mão para dentro do roupão.

Os ânimos estavam começando a se alterar, mas Orion já esperava por isso. Afinal, estava dentro da casa do cara assumindo que sequestrou o filho dele e ainda, de quebra, ameaçando-o, então já era de se esperar uma atitude negativa.

— Não comece uma guerra que você não tem cacife para bancar — disse ele, tranquilo. — Eu estou com a faca e o queijo na mão, já você...

Nicolas estava no canto da sala com a arma em punho, pronto para qualquer eventual problema, no entanto, Orion sabia que nada daquilo seria necessário, já que Raul não era tão idiota.

Esperava que ainda tivesse um resíduo de inteligência na cabeça daquele velho.

— Você é um homem morto — advertiu o homem.

— Não é o que parece — prosseguiu com um sorriso maléfico no rosto. — A partir de agora, Isla Maria é sua herdeira e dona da porra toda.

Orion estava com o dedo apontado para Raul enquanto o outro repousava na arma de fogo localizado em sua cintura.

— Você é um desonrado — acusou ainda com o indicador erguido. — Que tio rouba noventa por cento da herança da sobrinha após ter matado os pais dela? É assim que você toca seus negócios?

O velho se levantou, atônito, provavelmente se perguntando como Orion havia descoberto. Raul fez um gesto para acalmar seus homens e passou a mão na cabeça novamente.

— Já pensou quando seus parceiros descobrirem que o *honrado* Raul Duarte matou o próprio irmão e cunhada por dinheiro? Já que está na merda!

O homem mais velho permaneceu em pé, em posição de alerta, porém, extremamente nervoso. As mãos enrugadas e manchadas pelo tempo começaram a tremer, claro sinal de destempero.

— Você está supondo coisas.

— Discordo.

— Tem como provar essas leviandades?

— Ainda não — rebateu Orion —, mas você sabe que é questão de tempo.

— Orion, vamos resolver essa situação sem que a violência seja necessária. Solte meu filho, por favor, faço o que quiser — suplicou Raul. — Deixe meus negócios em paz. Posso ter feito escolhas erradas no passado, mas agora é tudo diferente.

Ele riu, incrédulo. Era o que todos falavam no momento do desespero.

— Faça a transferência, depois eu o solto.

— Não posso me desfazer de tudo que construí.

— Calma aí, que você construiu? — quis saber ele, irônico. — Até onde soube, Luiz que era o cabeça dessa porra, você apenas surfou na onda do seu irmão e o matou por inveja, então não me venha com falso moralismo neste momento. Acha que foi coincidência sua organização cair ladeira abaixo após a morte dele? Aliás, depois que você o matou?

— Novamente, você está supondo coisas — respondeu com os dentes cerrados e o rosto vermelho.

— Sua farsa chegou ao fim, Raul Duarte. Sem Luiz, sua organização não existe e você sabe disso.

— Para que vou fazer isso se irá me matar de qualquer jeito? — disse Raul em um lampejo de coragem.

— Você tem uma coisa a seu favor, como uma garantia — sussurrou, divertido.

— O quê?

— Minha palavra — retrucou, erguendo o tronco. — Essa é a coisa mais valiosa que tenho e estou lhe dando ela. Fora, é claro, Guto que está neste momento em meu poder.

Raul desviou o olhar para a parede, parecendo ponderar o que fazer.

O velho sabia o caminho mais inteligente a seguir, restava saber se estava disposto a pagar para ver ou bancar uma guerra, que era óbvio que Orion já tinha ganhado.

— Está vendo como era um assunto importante? — indagou ele, jocosos — O Orion Meirelles está bem diante de você, sabendo que foi traído por um velho metido a esperto, ainda assim, ele está poupando sua vida em troca de apenas uma coisa. Sua vida vale mais que seus negócios falidos e seu filho?

— Está bem — respondeu Raul finalmente.

— Ainda lhe resta certa inteligência — observou ele, caminhando até a porta, sendo acompanhado por Nicolas.

— Você tem uma semana para fazer o que ordenei — finalizou, saindo do apartamento.

Eles entraram no elevador com a mira da arma dos seguranças de Raul sobre todos eles. Após a porta se fechar, Orion ouviu barulho de coisas se quebrando e gritos.

Raul estava em maus lençóis, porém, tudo fruto da sua própria colheita.

— Me permita fazer um questionamento — começou Nicolas. — Por que o senhor ordenou que fosse passado as coisas para o nome de Isla? Não seria mais fácil passar diretamente para o do senhor?

— Seria — respondeu, ajeitando sua arma no cós —, mas então eu me tornaria o alvo, concorda? Por enquanto, até o casamento, tudo ficará no nome dela, quando a poeira abaixar eu

assumo os negócios, já que ela será minha esposa. Até lá, todos já estarão sabendo tudo que aconteceu. Ainda tem muita água para passar embaixo desta ponte.

Orion aproveitou a viagem e ficou mais um dia em São Paulo para resolver outros problemas e assinar documentos pendentes em uma de suas empresas.

Já que a maior parte de seus negócios costumava conduzir de sua casa, aproveitava quando saía para resolver o máximo de coisas possíveis.

Ele gostava de saber que apesar de seu nome ser popular no meio empresarial, devido ao sucesso de suas empregas em diversos segmentos, apreciava o fato de seu rosto não ser reconhecido tão facilmente na rua.

Era um tanto quanto satisfatório viver na escuridão.

Para ele, não importava mostrar quão rico era ou o poder que possuía. As pessoas com as quais se relacionava profissionalmente sabiam da fama que carregava e que levou uma vida para solidificar.

Audaz, perspicaz, rijo e impiedoso era um dos atributos que lhe conferiam.

Mesmo não se importando com a opinião alheia, Orion sabia que fazia jus a todos eles.

Raul era um exemplo concreto de como possuía as pessoas em suas mãos. Dava sempre um jeito de estar sob controle, revertendo todo o jogo a seu favor e como desejava.

A vida era assim no submundo. Os mais ardilosos sempre levavam vantagem. Nenhuma determinação era fácil. Tudo requeria

audácia e muita estratégia.

Nessas situações, conseguia ver com clareza quem estava ao seu lado e qual corajoso se arriscava a desafiá-lo.

Por isso, qualquer um era suspeito e digno de sua desconfiança. Nem mesmo Raul, que já era parceiro de Roger e dono da Cirbin, que sempre manteve uma boa relação com o Condão, estava isento da prudência de Orion.

Ainda que tivesse dado sua palavra ao velho que não o mataria, Orion era um bom jogador e se tivesse que mudar a regra daquele jogo, faria sem pestanejar, pois quando estivesse em posse das provas que ele armou aquele vídeo para prejudicá-lo, o mataria sem dó.

Quando foi que ele havia deixado um traidor vivo? Jamais! E não iria ser naquele momento que isso mudaria.

O fato era que Raul não precisava saber em detalhes de seus planos e mesmo que Orion se orgulhasse de realmente ser um homem que cumpria sua palavra, ele não fazia questão de ser correto com pessoas que apunhalaram suas costas.

A vida havia lhe dado uma bagagem rica nas malícias daquele mundo e todo percalço pelo qual já havia passado serviu como aprendizado.

Sentado na sacada do hotel, no fervor da Av. Paulista, ele ponderava cada coisa que estava acontecendo em sua vida. Os últimos dois dias foram conturbados e muito reveladores.

Mesmo que não se surpreendesse com facilidade, tinha que admitir que várias questões em sua cabeça deram uma reviravolta após o e-mail que Gustavo havia lhe enviado contendo todas as informações que detinha conhecimento.

Aquela cretina entrou em sua casa com a única intenção de destruí-lo e ele não duvidava nada que o último envenenamento foi obra daquela cobra ardilosa, tudo isso porque ela achou que Orion havia matado seus pais.

Via-se como ela era novata no submundo, pois nem mesmo checou informações ou, sequer, cogitou ter o benefício da dúvida sobre o vídeo antes de qualquer atitude, erro primário.

A partir daí, Orion começou a destrinchar tudo que podia, começando pela casa dela.

Vagner tinha ligado mais cedo e descreveu com detalhes as coisas que havia encontrado no apartamento dela, enviando fotos detalhadas após o encerramento da chamada.

Seu segurança conseguiu encontrar uma pasta cheia de coisas contra Orion.

Ficou impressionado com a determinação daquela menina. Certamente foi um trabalho árduo e que requereu anos da vida dela assim como muita sagacidade, o que era reconhecível vindo de alguém que não era daquele mundo. Porque mesmo que ela tenha nascido dentro da máfia, já que o pai dela liderava a Cirbin com o irmão, pelas informações que Orion teve acesso, Isla não sabia de nada.

Cresceu dentro de uma redoma, blindada de tudo. Mas isso não a isentava da culpa de ter sido capaz de entrar em sua casa e mexer com a coisa mais valiosa que Orion possuía: sua família.

Ainda observando as fotos que Vagner havia lhe mandado do apartamento uma, em especial, chamou a sua atenção. Era de um vestido vermelho junto com uma peruca loira.

Orion chegou até rir, ligando alguns pontos. A loira gostosa da sua boate era, na realidade, Isla fantasiada. Patético! Contudo, novamente teve que reconhecer o empenho dela.

Raul plantou a sementinha na cabeça da sobrinha justamente por Isla ser acima de qualquer suspeita. Afinal, quem desconfiaria de uma menina linda e meiga trabalhando como empregada? Ninguém!

Sua cabeça não parava de associar uma coisa com a outra e, aos poucos, ele ia juntando uma a uma e desvendando aquele novelo de lã.

Chegou a pensar no motivo de Raul não ter contratado alguém ao invés de colocar a sobrinha dentro da jaula do leão, mas logo sua mente sagaz lhe deu a resposta mais óbvia: ninguém jamais teria a motivação que Isla tinha contra Orion, além de o velho estar pouco se fodendo para a segurança dela.

Com muitas das questões solucionadas, Orion pensou que era o momento de agir com mais inteligência que nunca. Tinha que saber o momento exato de fazer sua jogada sem cometer alarde.

Roger era um excelente estrategista e ele conseguiu aprender com seu padrinho a conduzir as coisas como gostaria sem necessariamente mover as peças com as próprias mãos. Tinha o momento de avançar e dar sua cara para bater, pois a colheita vinha naturalmente.

Assim o resultado sempre virava a seu favor e, o principal, com inteligência.

— Sim — atendeu ao telefone Orion, ainda sentado na sacada.

— *Senhor, estou ligando para falar que Isla saiu essa madrugada* — falou Vagner, receoso. — *Mas já conseguimos encontrá-la* — disse por fim para aliviar a tensão.

— Explique isso melhor.

— *Demos falta dela após o jantar, seguimos o GPS da moto e a encontramos em uma boate.*

Orion se levantou com cara de poucos amigos, por sorte seu segurança não estava lá pessoalmente para conferi-la. Mas ao invés de dizer tudo o que gostaria, preferiu esperar e escutar a história até o fim.

— *Ficamos um período de longe a observando e ela não fez nada de mais* — relatou o homem do outro lado da linha mais tranquilo. — *Apenas alguns flertes e beijos inofensivos. O senhor acredita que ela até voltou para mansão por conta própria?*

— Está me dizendo que ela fugiu, foi para uma boate se divertir, voltou para casa e vocês ficaram olhando como a porra de uma plateia?

— *Não, senhor* — respondeu, a voz trêmula. — *Queríamos apenas saber se ela fugiria, não foi nossa intenção...*

— Foda-se o que vocês pensaram — estourou Orion. — Mandeí não deixá-la sair da casa por motivo algum, será que terei que matar cada um de vocês, inúteis, por não saberem obedecer a uma ordem simples como esta?

— *Desculpe, senhor Meirelles* — repetiu o homem. — *Isso não irá mais acontecer, dou-lhe minha palavra.*

— Se não quiser ser enterrado vivo com seus colegas, é bom não acontecer mesmo — ameaçou, furioso. — E Guto? — emendou o assunto.

— *Está aqui na casinha em anexo, não lutou contra e foi até bem fácil de pegá-lo.*

— Claro que sim, o cara é um palerma. Enfim, não faça nada enquanto não ordenar.

— *Sabemos, senhor.*

— Qualquer novidade, me comunique — declarou, finalizando a chamada.

— Precisa de algo? — inquiriu Nicolas, adentrando na sacada.

— Não — respondeu, apoiado com o corpo no parapeito.

— Raul entrou em contato.

— O que ele quer?

— Conversar, dar desculpas — relatou o jovem.

— Esperaremos mais um pouco — orientou Orion, ainda com a sua atenção voltada à noite estrelada. — Ele está com medo, não é idiota e sabe que sei sobre o vídeo que ele adulterou.

Calisto também se aproximou deles e entrou na roda.

— Achei que o senhor iria agir hoje sobre isso — continuou a falar Nicolas.

— Por enquanto, ele é valioso vivo.

— Então pretende mesmo matá-lo? — inquiriu Calisto entrando na conversa.

— Vocês verão — respondeu sem querer se aprofundar no assunto.

— O senhor tem certeza sobre esse casamento? Afinal, a menina já demonstrou ser uma cobra — quis se certificar Nicolas, preocupado.

— Ela irá aprender a não mexer com quem não pode sustentar, depois disso, direi quais serão meus próximos passos.

— Senhor — começou a falar novamente o rapaz após alguns segundos de total silêncio —, dei uma sondada com os homens e devido a essa instabilidade, eles acham melhor marcar a nossa reunião quando tudo estiver resolvido.

— Eu também acho — concordou. — Vamos esperar a poeira abaixar, depois reunimos todos, até mesmo para esclarecer algumas coisas.

Os dois acenaram em concordância.

— Não preciso mais de vocês hoje — continuou Orion querendo ficar sozinho.

Assim que saíram, pegou no seu celular novamente e ligou para Vagner.

— *Senhor* — atendeu de imediato.

— Passe o telefone a Isla.

Após alguns segundos, sentiu a respiração dela.

Orion conseguiu identificá-la, algo que lhe causou certo incômodo.

— Qual a parte da frase: você está proibida de sair, ainda não compreendeu?

Ouviu-a sorrir levemente.

— Esse jogo é perigoso, garota. Quando eu mando, você apenas obedece.

— *Desculpe* — começou a jovem. — *Não encontrei seu nome em nenhum lugar do meu corpo.*

Atrevida maldita. Orion não via a hora de colocá-la em seu lugar.

— Posso providenciar.

O sorriso havia morrido, ele poderia apostar que sim.

— *Deveria mandar seus capachos cuidarem de coisas mais importantes, afinal, qual a importância de ficar de olho em uma empregada se divertindo?*

— Eu ficarei tão satisfeito o dia que fizer engolir cada desaforo.

— *Pena que isso não acontecerá* — afirmou, segura de si. — *Essa semana é minha última trabalhando nesta casa. Acabou esse joguinho, cansei, eu joguei a toalha.*

Jogou o caralho, pensou, mordaz.

— Cansou ou se apaixonou? — provocou Orion tomando o controle da situação.

— *Apixonada?* — inquiriu gargalhando, mas ele poderia apostar que era de nervoso. — *Não sei como você consegue viver junto com esse ego enorme, chega a ser patético.*

Foi a vez de Orion sorrir.

— Nos vemos amanhã, criada — declarou ele. — Só mais uma coisa, na verdade, um lembrete. Você não encontrará em outros algo que somente eu detenho. Infelizmente, você precisa admitir que somente eu a faço gozar e gritar daquela forma. Bom restante de madrugada a você.

Orion finalizou a chamada mais tranquilo, porque mesmo que sua raiva fermentasse a cada minuto por aquela menina, ele gostava de vê-la espumar de raiva jogando na cara dela a verdade.

Para o seu próprio infortúnio, Isla deixou que os sentimentos interferissem em sua vingança patética e isso foi maravilhoso a Orion, pois usaria contra ela mesma.

A retaliação seria longa e agradável de saborear. Isla não perdia por esperar.

40

Assim que estacionou o carro em sua garagem privativa seguiu para o quarto, direto pelo elevador particular. Não queria falar ou ver ninguém antes de colocar algumas coisas em ordem.

Orion estava com tudo muito claro em sua cabeça, nada o faria desistir de seu plano, que julgava, perfeito.

Conseguiria se vingar de Isla e se apoderar dos negócios de Raul em uma tacada só, afinal, aquele território de Santa Catarina viria muito bem a calhar. Sem contar o plano que já maquinava em sua cabeça dos crimes cibernéticos.

Pelo visto, o velho não conseguiu sustentar a organização, como ele idealizou, depois que matou o irmão, mas Orion daria um jeito nisso.

Obviamente ele não dava um ponto sem que o nó estivesse firme, por isso se casar com ela seria divertido, porque além da retaliação particular, agregaria muito em seus negócios.

Manteria Raul na mira, pois qualquer deslize não pensaria duas vezes em tirar a vida do velho, tirando-o de vez de seu caminho. Até porque, traidores jamais mereciam sua clemência.

Assim que as portas do elevador se abriram, colocou sua pequena mala de couro em cima da cama e foi direto tomar um banho sem que sua cabeça abrandasse os pensamentos pressurosos.

Sua ideia era não revelar a Isla sobre o verdadeiro assassino de seus pais, afinal, por que faria isso? Deixaria ela pensar que Orion era o malvado da história. Não se importava com o que ela pensava sobre ele, de quebra, tiraria um bom proveito disso tudo.

Ainda embaixo da ducha gelada, sorriu satisfeito com o rumo que as coisas haviam tomado.

Raul na linha, Guto em seu poder até o pai transferir os bens para a sobrinha, Isla fazendo exatamente o que mandava.

Naquele momento até cogitou acreditar naquele ditado: *há males que vêm para o bem*. Porque quando tudo começou a ser revelado, seu primeiro sentimento foi a ira, já que se sentiu traído por uma ninfeta gostosa e que cogitou até manter um relacionamento mais íntimo, para em seguida, observar tudo com calma e entender que tudo acontecia por um motivo.

Isla estava no primário, enquanto Orion já havia terminado seu pós-doutorado. Pois somente alguém inocente e, completamente, fora daquele mundo acreditava que passaria a perna nele dentro de sua própria casa.

Mas novamente veio aquele sentimento de admiração por ela, pois o que Isla ousou fazer, nunca ninguém havia feito. Por isso, Orion dizia que a ignorância, às vezes, era um presente divino porque se ela soubesse, de fato, quem ele era, jamais teria pisado em sua residência.

Saiu do banho, enrolou a toalha na cintura e foi direto ao closet.

Quando voltou a seu quarto ouviu algo incomum vindo do lado de fora.

Abriu a porta, com a toalha ainda enrolada, enquanto Isla discutia com Vagner. O rosto da mulher estava transtornado e Orion conseguiu até se divertir sentindo a vingança começar a correr em suas veias.

— Pode deixar — disse, voltando-se ao seu segurança. — Solte a fera — ironizou, dando-lhe passagem e fechando a porta logo em seguida.

Raul foi rápido e logo deve ter ligado para Isla a fim de dar com a língua nos dentes.

Orion sabia que ele faria isso e não tinha problema algum, visto que o casamento aconteceria, ela querendo ou não.

O velho estava desesperado e foi a última tacada de desespero dele, pois talvez, no fundo, soubesse que a morte seria um inevitável fim.

— Sabe quando vamos nos casar? — começou Isla, esbaforida. — Nunca! Eu não faço isso nem morta, jamais me casaria com você.

— Quanto drama — disse Orion, tirando a toalha da cintura e secando os cabelos.

— Se cobre — disse ela, raivosa, alternando o olhar entre seus olhos e o pau.

— Senão você perde o foco? — perguntou ele, aproximando-se, ainda secando os cabelos.

— O que você quer de mim, Orion? Por que sequestrou meu primo? — quis saber após alguns segundos, virando o rosto para a sacada.

— Quero te ensinar uma lição.

— Do que está falando? — quis saber, preocupada, encarando-o novamente.

As bochechas dela estavam vermelhas e Orion poderia apostar que Isla nunca sentiu tanto medo.

Ele andou até a mesa e pegou uma rosa branca na mão que estava disposta lá em cima.

— O que está fazendo? — inquiriu, amedrontada, encarando a flor macabra.

— Aprenda uma coisa sobre mim, não faço promessas vazias — prosseguiu, aproximando-se novamente com a rosa na mão, parando bem na frente de Isla e fazendo carinho no rosto dela com a flor. — Não sou o amor da sua vida ou aquele que a pedirá para se casar ajoelhado com um lindo anel. O que eu quero eu tomo e,

por isso, você irá se casar comigo sim e em relação a seu primo, bom, faz parte do jogo.

— Não sou uma mercadoria, ninguém é — falou em um resquício de coragem.

— Você é um bichinho arisco que estou domando para mim a fim de te domesticar.

Quando Isla fez menção de erguer a mão para lhe bater, Orion a segurou com a outra mão.

— Está vendo? Você tem muito que aprender. Quer tentar a sorte e ir contra mim? Fique à vontade, mas saiba que o preço será sua vida.

— Não teria coragem de me matar — afirmou, sem que ela mesma acreditasse naquilo.

Orion riu e largou seu braço com brutalidade e deixou a rosa em cima da mesa novamente.

— Então, continue se enganando — declarou enquanto pegava suas roupas em cima da cama e as vestia.

Por sua visão periférica viu a primeira lágrima no rosto dela escorrer, mas Isla não parecia chorar de tristeza e sim de raiva.

— Só gostaria de esclarecer uma coisa — manifestou-se Orion após alguns segundos. — Você realmente achou que entraria na minha casa, pisaria em mim e na minha mãe com seus sapatos imundos e sairia pela porta da frente, ainda mais vitoriosa?

— Não sei do que está falando.

— Não? Então não perderei meu precioso tempo lhe explicando.

Orion foi até a mesa novamente, pegou um envelope grosso e voltou até Isla, jogando o objeto no peitoral dela.

Isla o abriu e ficou horrorizada ao ver as coisas que levou anos para juntar em posse dele.

— Devo dizer que tem muitas falhas aí — desdenhou, terminando de dar o nó na gravata preta. — Falta tanta coisa, coisas

que terei o prazer em lhe mostrar pessoalmente.

— Você é um demônio, jamais me arrependerei de ter entrado nessa casa para acabar com você.

— Agora sim — falou alto em uma falsa animação. — Esta é você, criada. Uma rata mentirosa e sorrateira — subestimou-a de frente ao espelho finalizando sua arrumação.

— Se você não me falar o que vai fazer...

— O que irá acontecer? — peitou ele, aproximando-se. — Você nunca mais sairá desta casa, pelo menos não com vida. Então se acostume com essa ideia, porque a partir de hoje, seremos um casal muito feliz, sugiro que aproveite o tempo que lhe resta.

Isla estava com a respiração ruidosa, olhos arregalados, rosto vermelho e molhado pelas lágrimas. O castelo que ela havia criado tinha desmoronado, ainda assim a mulher não abaixou a guarda.

— Eu entrei aqui sabendo que isso poderia acontecer — disse Isla, olhando em seus olhos. — Ocorreram sim alguns imprevistos com os quais eu não soube lidar, mas sempre terei meu coração em paz por saber que toda minha ação teve um motivo, vingar a morte de meus pais.

— Admiro sua coragem. Mas agora, ela não vai te servir para nada — ponderou Orion com um sorriso pernicioso nos lábios.

— Como pode rir sabendo que matou dois inocentes? Como consegue dormir com esse peso em suas costas? Eles eram duas pessoas maravilhosas.

Ele ergueu os ombros em desprezo.

— O que posso te dizer? Entrou em meu caminho eu atropelo sem dó — falou em tom ameaçador. — Não cheguei até aqui à toa e se você, em algum momento, pensou diferente disso, estava enganada.

— Diferente? — Riu ela sem humor. — Sempre soube o crápula que você era e se tem alguma coisa que me arrependo foi o maldito dia que me deixei ser seduzida por você. Não durmo de noite e mal consigo me encarar no espelho, sabe por quê? Porque

sou uma pessoa boa, o oposto de você e isso jamais poderá tirar de mim.

— Já ouviu meus lábios proferirem que sou um homem agradável, benevolente ou honesto? Isso não é um xingamento *pra* mim — declarou Orion, pegando no queixo de Isla firmemente para encará-la nos olhos. — Você mexeu com a pessoa errada, garota. Esqueça tudo que planejou até aqui porque acabou, o jogo virou.

— Eu nunca desisto.

— Não quero que desista, assim fica tudo mais instigante — falou ele, largando o rosto dela com brusquidão e caminhando em direção à porta. — As regras por ora, são: ficará trancada em meu quarto, não conversará com mais ninguém desta casa e se tentar alguma coisa, sua rosa já está separada. Para começar, essas três estão de bom tamanho.

Orion saiu, mão não antes de fechar a porta atrás de si e a trancar.

— Ninguém entra e nem sai — ordenou ele a Vagner que fazia a segurança.

— Sim, senhor.

41

Não existia uma maneira de Isla sair daquele beco sem saída. Tinha que ser obrigada a concordar com Orion, o jogo tinha virado.

Ele estava por cima naquele momento e ela teria que ter calma para seguir em frente sem que deixasse o desespero tomar conta.

Mas se daria o luxo de consentir que seus sentimentos a dominassem por algumas horas, extravasando as lágrimas, gritando e quebrando algumas coisas do quarto dele, para que assim, pudesse se sentir fisicamente melhor.

O que era óbvio que seria em vão!

Quando recebeu a ligação de seu tio, desesperado, dizendo que Orion iria obrigá-la a se casar com ele e que o maldito havia sequestrado Guto, Isla não acreditou, passou por sua cabeça que seu tio pudesse estar senil, mas depois, conforme ele foi explicando algumas coisas, sua ficha caiu.

A cada palavra que ele proferia, sentia como se lanças afiadas estivessem perfurando cada parte de seu eu e destruindo a confiança familiar que possuíam. Mesmo que nunca tivessem se dado muito bem, eles eram parentes.

Aquele vagabundo era irmão do seu amado pai e somente em pensar naquilo, tinha vontade de vomitar. O homem que Luiz tanto confiava a entregou de bandeja ao lobo! Quem diria que a flecha viria de um membro de seu próprio sangue?

Seu tio confessou com todas as letras que roubou parte de sua herança e que, ainda por cima, tinha conhecimento de que Orion desejava matar seus pais há anos, mas que não foi capaz de impedir, por esse motivo, o *todo-poderoso senhor Meirelles* sequestrou Guto e o queria usar como moeda de troca.

Duarte não tinha um fio de cabelo inocente, por isso ela não conseguia sentir culpa por não estar comovida com as lágrimas do tio, ele realmente não lhe conhecia nem um pouco. Porque Isla preferia morrer embaixo da ponte a ter alguém mandando em sua vida daquela forma.

Ele deveria estar muito desesperado para ligar e confessar tudo de uma vez. Tinha alguma coisa faltando naquela história que ela não conseguia enxergar, mas o que Isla poderia fazer? Era tarde demais e, infelizmente, a corrida para ela, havia chegado ao fim.

E somente para completar o show de horror que estava vivendo, Duarte ainda lhe propôs uma parceria. Matar Orion, assim que se casassem e que Guto estivesse seguro.

Seu primo que a perdoasse, mas naquele momento era cada um cuidando de si. Todos estavam com a vida em risco, por isso não tinha nada que ela pudesse fazer por ele. Até mesmo porque, se o viu cinco vezes na sua vida toda, foi muito.

E se seu vínculo com Duarte já era estreito, com Guto então, era como um estranho, mesmo sendo seu próprio primo.

O velhote senil realmente achava que se ela tivesse condições de matar Orion, já não o tinha feito? A realidade era que, infelizmente, Isla não era tão sanguinária e insensível como gostaria, por isso optou pelo caminho mais difícil e acabou se dando mal.

Duarte parecia desesperado e seu sexto sentido se assemelhava a uma bússola desgovernada em meio a uma floresta escura.

A cabeça de Isla não parava de raciocinar nem por um segundo, tentando bolar uma estratégia, plano de fuga ou qualquer coisa que a livrasse do enrosco que se meteu. Mas como conseguir

fugir daquela fortaleza? Nem se fosse um rato conseguiria, porque ninguém entrava ou saía daquele lugar sem anuência de Orion.

Se ao menos pudesse falar com Teodora, talvez a mulher pudesse ajudá-la.

O que estava pensando? Até parece que a funcionária mais antiga da casa se arriscaria por ela e Isla compreendia totalmente.

Linda também era carta fora do baralho, já que deveria ter tomado as dores do filho e era a única coisa nessa história que a deixava chateada.

Gostaria sim de uma oportunidade de se explicar e mesmo que ela não a perdoasse, decerto Linda compreenderia seus motivos.

Infelizmente se apegou à patroa e conviver com a raiva dela seria muito difícil.

Após uma hora da saída de Orion do quarto, Isla estava sentada na cama dele, encarando a rosa branca quando se deu conta de algo.

Orion sabia de mais alguma coisa que Isla não sabia e que seu tio não contou naquela ligação. Restava saber que coisas eram essas e qual a intenção de Orion nisso tudo.

Jogou seu corpo para trás e fechou os olhos, respirando fundo.

— E agora? — inquiriu para o nada. — Como faço para sair dessa situação?

Casar com Orion estava fora de cogitação, então esperaria a madrugada para pular o muro ou qualquer outra coisa desesperada a fim de fugir do destino que ele planejou para ela de maneira ardilosa.

O miserável não era o tipo de homem que se casava e vivia feliz.

Isla não conseguia nem imaginar as coisas sórdidas que passavam naquela cabeça imunda. Os pelos de seu corpo se arrepiavam somente com as hipóteses que brotavam em sua mente.

— Que Deus me ajude — pediu, juntando as mãos.

O dia se passou e o escuro tomou conta do céu.

Ela não queria assumir, mas estava nervosa com a chegada de Orion a qualquer momento por aquela porta.

A única pessoa que viu durante o dia foi Vagner no momento em que ele abriu a porta para deixar a bandeja do almoço. Nem mesmo um café da tarde lhe foi servido e Isla já estava faminta.

Resolveu explorar o quarto para ver se conseguia se distrair.

Olhou nos armários do banheiro, cada buraco dentro do closet, debaixo da cama, tudo. Não deixou nada lhe escapar, mas para seu azar, nada de relevante foi encontrado, visto que muitas das portas estavam trancadas.

Mas se chocou ao ver que algumas roupas suas estavam dispostas na única gaveta destrancada. Inclusive peças que nem mesmo havia levado à mansão.

Não era segredo que ele foi ao seu apartamento, mas a confirmação a deixou angustiada.

Aquele era o cantinho que morava desde que seus pais haviam falecido e somente com o pensamento do que Orion fez por lá, seu coração ficou apertado.

Sentia-se uma sem-teto, sem dinheiro e totalmente à mercê de um psicopata.

Que Deus realmente conseguisse ouvir suas preces.

Pegou uma calça preta e uma blusa da mesma cor, talvez influenciada inconscientemente por seu humor, e resolveu tomar um banho.

Era uma sensação estranha estar no quarto de Orion naquelas circunstâncias. Apesar de o ambiente ser amplo, sentia-se presa em uma pequena gaiola, no entanto, não tinha o que fazer e Isla estava totalmente ciente disso.

Enquanto o momento de sair de lá não acontecia, ela tinha que sobreviver e se manter forte para o inimaginável.

— Nossa que cheiro — disse ela, já vestindo suas roupas.

Ao sair, deparou-se com um apetitoso prato em cima da mesa.

— Vim te fazer companhia — disse Orion, surgindo da sacada.

Ele lhe jogou um sanduíche medíocre na cama enquanto sentava e começava a comer.

Filho da puta!

— Vai me matar de fome?

— Não é essa minha intenção, tanto que trouxe comida.

— Isso — disse ela, ao pegar o pequeno pedaço de lanche e o erguer. — Não é comida.

— Tem gente que poderia matar por apenas uma mordida dele — falou o desgraçado.

Isla caminhou até a mesa e jogou o sanduíche no meio da refeição de Orion.

— Pode enfiar esse sanduíche no seu...

— Regra número quatro, se me ofender novamente — declarou ele, sério, pegando em seu braço. — Cortarei sua língua com a minha faca e darei para Teodora cozinhar.

Orion a largou e ela respirou fundo, recuperando a compostura.

— Suas ameaças não me afetam mais. Olhe para mim. Acha que tenho mais alguma coisa a perder?

Ele se levantou e caminhou em sua direção.

Seu coração acelerou e a respiração ficou descompassada. Corpo ridículo e traiçoeiro! Ergueu o rosto, pois não se deixaria intimidar.

— Todos dizem a mesma coisa, mas na hora que veem a morte de perto, imploram por misericórdia — discorreu Orion, largando seu braço.

— Me mate logo — pediu em um momento falho de desespero.

Orion apenas riu, sarcasticamente, em resposta.

— Nem comecei e você já está implorando.

— Qualquer coisa para mim é melhor que estar aqui.

— Não foi o que escutei há dois dias, levando em consideração o quanto você gritava e me implorava para socar mais fundo dentro da sua boceta — declarou ele com a boca bem próxima da sua. — Será que eu alucinei? Será que imaginei alguma coisa? — quis saber, retoricamente, no instante em que a mão dele passou por dentro de suas calças.

Isla não poderia se deixar levar de novo pelo poder de sedução daquele homem, por isso foi forte e se afastou, mas ele a jogou na cama, subindo em cima dela em seguida.

— Sua boca fala uma coisa, mas isso me diz o contrário — declarou, erguendo a mão e lhe mostrando seus próprios fluidos íntimos.

Isla só conseguia sentir vergonha de si mesma, até porque o desgraçado não estava falando nenhuma mentira.

Era somente ele aparecer à sua frente e pronto, sua boceta começava a se contorcer, como se tivesse vida própria, ainda que seu cérebro o odiasse mais que tudo no mundo.

— Mas você tem duas mãos — declarou ele, levantando-se. — Consegue se virar sozinha. Use sua imaginação.

Antes de sair, pegou o prato cheio de comida saborosa e levou consigo, deixando-a novamente sem nada para se abastecer.

— Maldito — praguejou escorregando o corpo da cama, sentando no chão, e abraçando as próprias pernas.

42

Isla passou mais um dia sozinha com seus pensamentos e estava quase se autodiagnosticando esquizofrênica.

Já não sabia se as vozes que ouvia eram reais ou fruto da sua imaginação. Como era ruim passar aquelas intermináveis horas sozinha, sem ter com quem conversar.

A situação estava tão caótica que se encontrava ansiosa pela chegada da noite porque assim teria alguém, ao menos, para brigar e descontar sua frustração e Orion, evidentemente, era seu alvo, visto que era a única pessoa que via.

E como se já não bastasse ficar o dia todo olhando para os vales repletos de árvores pela sacada, ainda passou aquela noite em claro, enquanto Orion dormia, como se sua consciência não tivesse pesando absolutamente nada.

Isla chegou à conclusão de que realmente o homem não possuía remorso algum por tudo de ruim que fazia e isso o tornava pior do que poderia imaginar.

Quanta vontade ela sentiu em pegar o travesseiro e apertar naquela cara dele até que fosse morar de vez com o sócia dele no inferno. Mas por motivos óbvios, de desvantagem muscular, declinou da ideia.

Tinha que encontrar outra saída, mas de forma inteligente sem ter que usar força física, pois se dependesse somente disso, morreria lá.

A cada dia que se passava Isla sentia mais e mais raiva dentro de si. E era uma fusão pitoresca porque não era somente de Orion, mas também de si própria.

Nunca havia sido rejeitada por um homem e mesmo que soubesse que Orion seria capaz de tudo para humilhá-la, ainda era degradante que seu corpo não a obedecesse como gostaria.

Pior ainda era ele constatar isso toda vez e esfregar na sua cara.

Qual era o real objetivo daquele jogo?

Essa era a pergunta que Isla repetia a si mesma durante grande parte do dia e como possuía intermináveis horas sobressalentes, sua cabeça não parava de se autopunir. Porque não bastava somente Orion fazer isso, seus pensamentos resolveram se aliar a ele, deixando Isla em um poço sem-fim.

O desgraçado sabia as armas que tinha ao lado dele e as usava sem dó.

Seu corpo já tinha pedido emancipação e trabalhava por conta própria quando ele estava presente e tão próximo. Essa era a pior tortura que poderia ser submetida. Aquela humilhação esfregada na sua cara todas as noites.

Ele sabia que Isla, vergonhosamente, o desejava, mesmo assim Orion avançou o sinal.

Não que Isla tivesse algum problema com a masturbação, inclusive ela fazia com certa frequência, já que julgava ser importante para o autoconhecimento, o problema era ter que ouvir os desaforos de Orion.

Toda noite tinha vontade de esfregar a cara dele no asfalto bem quente.

Ainda assim, possuía uma coisa que ainda deixava Isla com um pinguinho de satisfação, toda vez que o clima entre eles esquentava o pau dele subia de imediato, mostrando o quão excitado ele estava.

Na noite passada não havia sido diferente, enquanto estava sobre si, sentiu-o duro.

Sentada na sacada do quarto, Isla sorriu com a lembrança, mas logo recebeu um soco da sua razão, fazendo-a se lembrar de que o maldito a mantinha presa dentro daquele quarto e, muitas vezes, passando fome.

Uma chuvinha fina caía e por conta do clima, Isla não fazia ideia do horário. Talvez fosse meio-dia, onze, horas, quem iria saber?

Ainda em uma briga interna para adivinhar a hora, ouviu a porta do quarto se abrir.

Levantou-se e caminhou até a enorme porta de vidro, observando Orion passar para o closet como um raio.

Ela se segurou e voltou a se sentar na cadeira, terminando de contar quantas árvores tinha na quinta colina, da esquerda para direita.

— Gostando da hospedagem? — ironizou ele com um envelope em mãos.

— Não posso reclamar — respondeu ainda sentada de costas, sem encará-lo. — Quero saber quando irá começar minha tortura, porque isso está tão entediante que nem parece uma vingança. A minha estava melhor — provocou, erguendo as duas pernas na cadeira e as abraçando.

— Por isso terminou onde está. Você é amadora, ansiosa e colocou seus sentimentos à frente.

— Isso é o que você diz.

— Isso é um fato — decretou ele —, mas fique tranquila que vou ensiná-la como se faz, pena que não terá uma nova chance para colocar em prática e esse sorrisinho que está, neste momento, esboçando, terá sumido em alguns dias.

— Isso é o que você diz — repetiu o que ele tinha falado em um tom irônico.

Ouviu os passos dele se aproximar e parar bem atrás de si, ainda assim não se moveu.

— Como foi ontem com sua mão? Gozou gostoso como se fosse meu pau?

— Não — negou no instante que a raiva começava a fermentar. — Foi melhor.

Ele riu e Isla se arrepiou de imediato com o hálito de Orion quente em seu pescoço.

Putá que pariu!

Aquela era a mulher mais ridícula, burra e incoerente que o mundo já tinha visto. Isla assumia isso com toda vergonha que angariou nos últimos tempos.

— Você é uma provinciana, mas também cuidarei para que aprenda e, no fim das contas, isso tudo será como uma grande escola para você — zombou, saindo da sacada e, depois, do quarto.

— Idiota — xingou, olhando para trás e constatando que ele, de fato, tinha saído.

Por que ele não agiu da mesma forma que agira com Caetana?

Era possível que ele tivesse algum sentimento dentro de si?

Franziu o cenho, pensativa.

— Aff — falou a si mesma, levantando-se. — Você realmente é uma pessoa patética. O cara mata seus pais, acaba com sua vida, te tranca como a merda de uma prisioneira medieval e ainda se pergunta se ele gosta de você? Isso que é gostar de sofrer — afirmou, açoitando de leve seu próprio rosto. — Acorda para vida, Isla Maria. A realidade está aí batendo na sua cara.

Ela apoiou o corpo no parapeito e respirou fundo ao constatar pela milésima vez que não tinha como pular de lá para lugar algum, já que era uma sacada sem nada embaixo, como uma torre, irônico, não? Era parecido com algum conto da Disney que não se lembrava qual.

Aliás, tinha sim algo no fim, porém, cair de uma altura de, no mínimo, duzentos metros repleto de pedras pitorescas e irregulares, talvez, somente talvez, não fosse fazer bem à sua coluna.

O humor ácido estava auxiliando Isla a não pular de uma vez ou enlouquecer.

Voltou para dentro e se espantou ao ver Linda parada, em pé, perto da porta.

Ainda não a tinha visto desde que tudo desmoronou e em relação a isso nem estava achando tão ruim ter que ficar trancada naquele quarto, dessa forma, não teria que enfrentá-la.

Isla gostava verdadeiramente de Linda e encará-la sem máscaras era duro. Ficaram alguns segundos em silêncio somente se encarando.

Ela não sabia se a mulher queria lhe bater, matar, ou os dois em ordem alfabética.

— Vamos sentar? — sugeriu ela, tranquila, sentando-se.

— Como deixaram a senhora entrar aqui?

— Sou a mais velha desta casa, se não tiver um pouco de autoridade, então não me restará mais nada.

— Desculpe — pediu Isla assim que se sentou em frente à mulher. — Não sei o que Orion lhe contou, mas é tudo verdade. Entrei aqui com um único objetivo, acabar com a vida dele e não é que eu queria me justificar, aliás, é sim, minha justificativa é plausível, seu filho...

— Ei — cortou Linda. — Calma, teremos tempo para esclarecer tudo.

— Não está furiosa?

— No início sim, afinal, quem gosta de mentiras?

— Tem razão. Se eu disser que realmente gosto de você, de verdade, alivia alguma coisa? — quis saber Isla.

— Sim — respondeu com um sorriso discreto. — Não é querendo me gabar, mas sei reconhecer e distinguir os sentimentos

das pessoas.

— Então sabe que digo a verdade.

— Sei — afirmou Linda.

— Não me orgulho das coisas que fiz, mas eu tenho meus motivos e ninguém pode me julgar. Sei que Orion é seu filho, mas ele me fez muito mal — revelou, emocionada.

— O ser humano é um bicho estranho — ponderou a mulher mais velha. — Para que fazer maldade às pessoas quando o bem é mil vezes melhor? Jamais entenderei, porém, também sei que as pessoas pensam diferentes e são distintas entre si, por isso não cobro que todos pensem da mesma forma que eu.

— Se pensassem certamente o mundo seria um lugar melhor.

Linda sorriu e olhou ao redor.

— Toda ação gera uma reação.

— Está querendo dizer que concorda com isso? — perguntou, apontando para o cômodo. — Estou me sentindo uma prisioneira do século passado, seu filho está sendo insano.

— Não disse que ele está certo, assim como não disse que você também fez o correto, apenas falei que todo ser humano é assim, ele se defende da forma que pode e acredita ser melhor.

Isla respirou fundo e apoiou no encosto da cadeira acolchoada.

— Eu prometi a mim mesma que não iria me meter na história de vocês, não mais.

— Se eu conseguir sair daqui sabe que pode ser acusada de cúmplice de cárcere privado, não é?

— Sim — respondeu, séria, encarando-a —, mas quer saber de uma coisa? Eu vou arriscar e fazer aquilo que está em meu coração.

Isla se levantou, impaciente, sem acreditar nas palavras que escutava.

O que aquela velha doida estava querendo dizer com aquilo tudo?

— É sério isso?

— Seríssimo.

— Então seu coração também está dizendo que Orion está certo em me obrigar a casar com ele?

Linda pareceu não se aguentar e riu.

— Qual a graça? — indagou Isla com as mãos na cintura.

A mulher se levantou, ainda rindo, e disse:

— Vocês são adultos, encontrarão um jeito de resolver essa situação e enxergar o que está bem diante de cada um, mas que o ego não os deixa ver.

— Não estou acreditando — falou ela, ainda indignada. — Seu filho é um assassino. Matou meus pais, Caetana e sei lá mais quantas pessoas — proferiu no momento dardaiva. — Acha que irei aceitar me casar com um crápula desses? Ele vai me matar também, não consegue ver?

Linda se aproximou, colocou a mão em uma bochecha e depositou um beijo na outra.

— Ele pode ser o que for, ainda assim nasceu daqui — disse com lágrimas nos olhos, apontando ao próprio ventre. — E você, mesmo que não tenha nascido do mesmo lugar que ele, mora em meu coração da mesma forma.

Isla sentiu seus olhos se encherem de lágrimas.

— Poderia dizer que tudo acabará bem, contudo, o caminho será árduo e extremamente desafiador — revelou Linda, ainda com a mão em seu rosto. — O arco-íris somente aparece após a chuva e no caso de vocês, sendo sincera, não sei se ele aparecerá porque para isso, vocês teriam que evoluir espiritualmente, entende? E eu acho que não estão prontos, pelo menos não nesta vida.

Aquelas palavras da mulher a impactaram demais e ficou completamente sem reação, apenas expressando o que sentia através das lágrimas que não paravam de escorrer.

— Mas ainda assim, vou ter fé que vocês encontrarão sim o famoso pote de ouro depois do temporal. Eu acredito e confio em

vocês. Desculpe-me, minha menina, mas faço isso pensando lá no futuro e na felicidade de vocês.

Linda, por sua vez, estava em flagelos por dentro ao ver tudo desmoronar e não ter forças para amparar nenhum dos dois.

Ela acreditava que eles teriam que encontrar o caminho por conta própria, sem que influenciasse no que o destino havia reservado.

Saiu do quarto de Isla e subiu mais um lance de escadas. Bateu à porta e torceu para que seu filho estivesse no escritório.

Seu rosto demonstrava uma tristeza que não sentia havia muito tempo e quando limpou o rosto, a fim de recuperar um pouco da compostura, sua passagem foi liberada.

— O que aconteceu? — inquiriu ele de sua cadeira. — Se veio aqui para falar qualquer coisa relacionada à sua criada, pode dar meia-volta.

— Só queria lhe fazer uma pergunta e se você me ama, responderá com sinceridade.

Orion recostou na cadeira, cruzou as pernas e respirou fundo, dando permissão silenciosa para que ela prosseguisse.

— Você matou os pais dela?

— Anos atrás, combinamos que jamais conversaríamos sobre meu trabalho. Por que *ela* a fez mudar?

— Seu trabalho é matar pessoas? — inquiriu, horrorizada.

— Não, mas se tiver que fazer, eu faço.

Uma coisa era achar que seu filho fazia coisas fora da lei, outra muito diferente era ouvir a confirmação da boca dele.

Era muito difícil para Linda conseguir absorver tudo aquilo, porque a situação era muito pior que poderia imaginar.

— Mas se te deixa mais tranquila, não — negou, ao se levantar e caminhar até a pequena geladeira. — Não os matei.

— Então por que ela acha que sim?

— Não quero você envolvida nessa história — decretou Orion —, e se não quiser ver Vagner no olho da rua, melhor não persuadi-lo de novo para entrar naquele quarto.

— Eu rezo todas as noites por você, para que seu caminho seja iluminado porque sou sua mãe e independentemente de qualquer coisa, jamais deixarei de amá-lo. Mas... — disse dando uma pausa dramática —, não seja um completo imbecil.

Orion se virou e arregalou os olhos para mãe.

— Sim, é isso mesmo que ouviu — confirmou ela. — Você é o homem mais inteligente que conheço e mesmo que tenha usado tudo isso para fins ilícitos, digamos assim, espero que agora faça o que é certo. Aquela menina gosta de você e mesmo que ainda não consiga admitir, você também gosta dela.

Ele começou a rir, como se Linda estivesse fantasiada de palhaça.

— O que eu tinha para falar, é isso, a partir de hoje, minha boca é um túmulo, já influenciei demais no destino, não posso mais fazer isso. Enquanto minha menina estiver sofrendo naquele quarto, pode esquecer que existo — falou ela, virando as costas.

E lá estava a mestre do drama novamente dando um show!

— Essa eu quero ver — falou Orion, descrente, ainda rindo observando-a sair do escritório.

43

Sua mãe deveria estar tomando alucinógenos, foi essa explicação que encontrou para os absurdos que escutou mais cedo.

Linda sempre foi uma mulher com imaginação fértil, mas daquela vez a mulher havia se superado, mesmo assim não ligava, já que ela não tinha conhecimento de todos seus motivos.

Obviamente não explicaria a ela, deixaria que sua mãe pensasse o que quisesse daquele casamento, mesmo sendo coisas absurdas que sua mente criativa idealizou.

A verdade, somente ele sabia e estava de bom tamanho. Afinal, desde quando precisou de espectadores?

Isla ainda lhe seria útil e talvez essa interferência de Linda viesse a calhar, pois assim se sentiria acolhida sem imaginar o futuro que Orion deixou reservado a ela.

Mesmo que fosse difícil para ele manter seu pau domesticado, estava se esforçando ao máximo para não deixar que aquela menina o enfeitiçasse quando, na verdade, sua vontade era de fodê-la toda noite madrugada adentro igual à porra de um animal faminto.

O pior era ter a certeza de que era mútuo e que toda vez que estavam no mesmo cômodo a calcinha dela ficava encharcada, mesmo que ela dissesse o contrário, Orion sabia que Isla estava com um puta tesão.

Nem mesmo o mais monge dos monges teria esse controle sobre si, porque o corpo não foi feito para ser privado e sim para se

libertar.

Como dormir cheio de tesão reprimido?

Impossível! E mesmo que tenha fingido muito bem, as olheiras embaixo de seus olhos o denunciavam.

Orion bateu em sua mesa, transtornado, porque já anoitecera e a infeliz da empregada ocupou cada minuto do seu dia em seus pensamentos.

Quando se tornou tão fraco?

Se realmente Orion não tivesse um motivo sólido, com certeza já a teria matado, igual fez com Caetana. Nem que fizesse isso apenas para provar a si mesmo que sua mãe estava equivocada.

Isla era apenas um trampolim e mostraria isso a ela.

Levantou-se, pegou seu telefone e após finalizar uma chamada, desceu as escadas rumo ao seu quarto.

Quando entrou, ela parecia finalmente ter se rendido e adormeceu em sua cama.

Foi direto ao banheiro, tomou uma ducha relaxante e saiu com a toalha enrolada na cintura.

Isla ainda estava dormindo, ou pelo menos fingia muito bem.

Orion pegou duas cordas em seu closet, puxou-lhe um dos braços e o prendeu em um lado da cabeceira. Quando ia repetir o mesmo processo com o outro, ela acordou, um pouco desnorteada.

— O que é isso? — inquiriu, começando a se remexer.

Mas Orion não respondeu, apenas colocou em prática seu nó de marinheiro e se certificou de que Isla não se soltaria.

— O que está fazendo? — perguntou mais uma vez, contorcendo-se mais ainda.

Assim que ela terminou de falar, a porta se abriu e entrou uma linda garota de programa.

— Hoje será sua primeira aula prática.

Isla estava com um olhar, apavorado, intercalando-o entre Orion e da puta gostosa que havia entrado.

Puxou a chaise de couro negro e a posicionou ao lado de Isla. Certificou-se de que ela teria uma linda e privilegiada visão do que aconteceria a seguir.

Orion arrancou a toalha e se sentou.

— Orion — chamou ela, já com os olhos preenchidos por lágrimas. — Não faça isso, por favor

— Venha ensinar a essa mocinha como se faz — disse ele, ao ver a morena se ajoelhar diante de si.

A mulher chegou enfiando todo seu pau na boca, até se engasgar, já Orion, por sua vez, não parava de encarar Isla.

Ele não sabia descrever seus sentimentos naquele momento, porque acabara de ver uma Isla Maria que nunca havia enxergado. Mas como ele não era homem de dar para trás em suas decisões aproveitou o momento, tentando se concentrar no trabalho da mulher.

O barulho do sexo oral ecoava por todo quarto, já que a morena não poupava esforços em satisfazê-lo.

Em certo momento, pegou no rabo de cavalo da mulher e intensificou os movimentos dela, sem deixar de encará-la nem por um segundo.

Sua respiração acelerou, assim como os batimentos cardíacos. Fechou os olhos por apenas poucos segundos e quando voltou a abri-los não viu mais a antiga Isla ali, mas sim uma mulher transformada.

Foda-se, era isso que ele queria. Despertar os sentimentos mais profundos e desconhecidos dentro dela para que Isla se arrependesse de ter mexido com a pessoa errada.

A mulher continuava a chupá-lo como se não tivesse fazendo o mesmo movimento há quase vinte minutos e a corajosa, amarrada na cama, também não tirou os olhos dele, como em desafio.

Mas por algum motivo, Orion não conseguia gozar. Por mais que estivesse se esforçando, sabia que seu corpo não iria obedecê-lo.

Maldito filho da puta, ponderou.

— Pega uma camisinha na gaveta — ordenou ele para a mulher.

Viu Isla fazer um negativo com a cabeça, parecendo incrédula.

A mulher obedeceu e a desenrolou por todo seu pau.

— Agora senta gostoso e devagar — comandou mais uma vez, ao pegar na cintura da moça, que sentou de costas para ele, e socar forte.

Fechou os olhos quando vieram, em sua mente, as fudas que teve com Isla.

Aquela boquinha de veludo atrevida era mesmo safada e gostosa. Foi somente aquela lembrança surgir em sua mente que gozou igual um desgraçado dentro da prostituta.

Orion se levantou, encarou Isla nos olhos e disse:

— Agora quero que se masturbe, até que essa mocinha aprenda a lição dela.

Com essas palavras, ele foi até o banheiro tomar uma ducha quente enquanto ouvia a puta gemer se dando prazer.

Quando se sentiu satisfeito, liberou a mulher para ir embora e fechou a porta.

Isla não disse nada, estava inerte em seus pensamentos com um rosto devastado.

— Viu como se faz? — disse ele, aproximando-se da cama enquanto secava os cabelos com uma toalha menor.

Nada!

Isla continuou muda, olhando para a paisagem lá fora com um olhar distante.

— Não se dirija à palavra mais a minha pessoa, seu escroto — falou ela, voltando a encher os olhos de lágrimas.

Orion se aproximou, abaixou na altura da cama.

— O que foi? Não é mais tão durona e vingativa? — quis saber ele em tom ameno.

— Vá se foder.

— Depois de um oral desses? Dispensso.

— Você vai pagar muito caro por isso, Orion.

— Adiciona a conta — disse ele, levantando-se.

Assim que se pôs de pé, desamarrou-a de um lado, depois do outro.

Isla se levantou e caminhou para a sacada e lá ficou sentada o restante da madrugada, olhando para o nada.

Não que Orion estivesse vigiando-a, ela estava apenas em seu campo de visão toda vez que abria os olhos.

Foda-se se Isla estava embaixo da chuva fina, ele não tinha nada com isso. Se ela queria se matar e poupá-lo de um trabalho futuro, o problema era dela.

44

Mais de sete dias vivendo naquele quarto do inferno. Isla estava em seu limite emocional e físico com as torturas psicológicas de Orion.

Chegou à conclusão de que preferia as físicas, assim morreria de uma vez e não sofreria tanto como estava acontecendo.

Ele bem que a avisou que não pegaria leve, mas algo dentro de si, dizia que talvez ele revisse seus conceitos e com a convivência poderiam chegar a um acordo.

Mas quem ela estava querendo enganar? O cara era o maior carrasco, porque Isla se achava tão especial a esse ponto?

Ele não aliviava para ninguém e a cena de Caetana sendo morta se repetia sem cessar em sua cabeça, pensando se seu destino seria o mesmo ou Orion a usaria até não conseguir mais espremer nada dela.

Isla estava em um ponto totalmente anestesiada e conformada que nada do que pudesse fazer conseguiria ajudá-la.

Seus olhos permaneciam inchados o dia todo, não tinha mais reação sobre as coisas que era submetida porque o sentimento de esgotamento e tristeza havia tomado conta de seu interior.

Ele pegou em seu ponto fraco, no grande coração que possuía, mas que, naquele momento, não estava mais tão grande assim.

Orion conseguiu o que queria. Isla perdeu a vontade de viver, essa era a verdade crua da situação.

Seu interior, que antes era colorido e alegre, ele havia conseguido remover todas as cores com o cárcere, falta da interação social, obrigatoriedade de vê-lo recebendo sexo oral e transando com aquela prostituta, além de deixar passando na televisão do quarto o dia todo a cena de seus pais sendo mortos.

Jamais se imaginou em tal situação, por isso realmente não estava preparada para nada daquilo.

Passou em sua cabeça que a visita de Linda, da semana que se passou, a ajudaria em algo, mas estava enganada, foi justamente o oposto, visto que justo naquela noite sentiu a pior pessoa do mundo ao ver Orion sentir prazer com outra mulher. E ali que começou o jogo sórdido e torturante dele.

Era muito difícil assumir para si mesma, inclusive levou meses para que ela finalmente aceitasse seus sentimentos – mesmo que ainda em silêncio –, porém, ele despertou uma afeição amorosa no fundo de seu coração, como uma síndrome de Estocolmo que a vítima se apaixonava por seu algoz.

Era exatamente assim que Isla se sentia, traindo seus princípios e seus pais, mas quem poderia mandar nos sentimentos?

Mas, por infelicidade, ela foi fraca e se permitiu entregar o coração a um miserável que não sabia o que isso significava, no entanto, da mesma forma que esse sentimento surgiu, também foi embora no instante em que a prostituta pisou naquele quarto.

Seu coração ficou despedaçado, impossível de ser remediado ou colado novamente e ela temia que jamais fosse se curar das coisas que Orion estava a fazendo passar.

Não conseguia mais encará-lo e, por isso, passava suas noites sentada na cadeira da sacada, uma vez que se recusava a dividir a cama com aquele crápula.

Já havia dado muita abertura no passado, contudo, Isla aprendeu a lição e jamais abaixaria a guarda novamente, por isso

preferia passar frio sentada no deck a madrugada inteira, do que dormir ao lado de Orion.

Aquela madrugada de sexta-feira, em especial, foi sofrida.

Choveu a noite toda e ficou mais de dez horas sentada lá, passando frio completamente molhada.

Assim que ouviu Orion sair do quarto, ela se enfiou debaixo do chuveiro quente a fim de aliviar sua hipotermia.

Isla não sabia como ainda estava de olhos abertos e raciocinando, pois realmente se submeteu a uma situação extrema. Mas quem se importava? Ela já estava morta em seu interior, talvez assim acelerasse o processo de seu corpo para ficar livre de tudo aquilo.

Cada dia era uma situação diferente e desafiadora, Isla não sabia o que viria pela frente naquele dia, mas a única coisa que seu corpo implorava era por um ambiente quente e confortável, o restante Isla deixou de se importar com o tempo.

Deitou-se na cama, após vinte minutos debaixo da ducha abrasadora, e sentia que um caminhão havia passado sobre seu corpo.

Mas era óbvio que não tinha um cobertor disponível, apenas um lençol de seda bem fino, pois ele fazia questão de deixá-la sem proteção. Mesmo assim, Isla deitou e se cobriu com o que tinha à sua disposição, ainda sentindo o calor do corpo de Orion por lá.

Aproveitou para fechar os olhos, tremendo de frio, mas uma dor de cabeça lancinante chegou dificultando que seu corpo descansasse.

Ouviu em algum momento alguém entrar no quarto e chegar perto, mas não sabia ao certo quem era ou o que queriam, ela gostaria apenas descansar. Nem mesmo a fome dava o ar da graça.

Essa já havia desaparecido faz tempo, junto com sua dignidade.

— Senhora Isla — ouviu uma voz masculina chamar. — Coma alguma coisa.

Ela não queria comer, seu corpo implorava para dormir, era difícil de entenderem isso?

Isla abria e fechava os olhos, várias vezes, sem ter a noção de tempo. Até que, finalmente, se sentiu um pouco mais confortável e notou que alguém havia lhe coberto.

Fechou mais uma vez os olhos se encolhendo embaixo da manta quentinha quando outra pessoa resolveu incomodá-la.

— Isla, vamos comer?

Ela já não sabia nem identificar se era homem ou mulher e também não se recordava de ter respondido alguma coisa, apenas estava em um mundo paralelo, querendo dormir.

— Ela está ardendo em febre — ouviu alguém mencionar.

— Chame *ele*.

Novamente o buraco negro a levou, mas não era ruim, muito pelo contrário, aquele era um lugar quentinho e livre de qualquer dor. Exatamente como implorou em suas orações, nos últimos dias, para que lhe levassem. Mas algum infeliz a puxou para o mundo real mais uma vez.

— Tome isso — repetia alguém.

Isla se lembrava de negar veementemente, fechando a boca igual a uma criança birrenta.

Seu objetivo? Voltar para aquele buraco negro livre de sofrimentos e de Orion.

— Porra, faça ela tomar — ordenou ele, irritado.

— Já tentamos, senhor, ela não quer — contrapôs Wagner em seu escritório.

— Ela não tem que querer. Enfie na goela dela e pronto.

— Até Teodora já tentou — falou o rapaz, visivelmente preocupado. — A febre está só piorando.

Orion se levantou e apoiou as mãos na parede de vidro, passando uma delas por seu cabelo.

— Ela já desmaiou e retomou à consciência duas vezes — continuou o maldito a tagarelar.

— Isla escolheu isso — declarou, olhando o vale.

— Desculpe, não escutei o que falou.

— Chame o médico — ordenou.

Vagner pareceu respirar aliviado e saiu do cômodo no mesmo instante.

Orion ainda ficou mais alguns minutos em seu escritório imóvel e pensativo.

— Merda — xingou saindo de lá e descendo as escadas.

— O médico está a caminho — falou o segurança assim que o viu descendo os últimos degraus.

Ele entrou no quarto ignorando o homem e fechando a porta atrás de si.

Viu Teodora sentada no leito de Isla, fazendo uma compressa fria em sua testa.

— Saia — ordenou, mais grosso do que pretendia.

A cozinheira obedeceu, encarando-o nos olhos antes de sair.

Orion fingiu que não entendeu aquele olhar e se aproximou de Isla. Viu que ela estava com os olhos abertos, mas completamente fora de si. Dizia coisas sem sentido e mantinha-os fixos na porta de vidro da sacada, sem ao menos piscar.

— Papai, me desculpe — começou ela, delirando. — Fui fraca, eu mereço tudo isso, eu mereço.

Ele olhou para trás, somente para se certificar de que estavam sozinhos, e se apossou dos panos úmidos que Teodora estava colocando na testa dela.

Começou a imitar a cozinheira depositando um deles na cabeça e na axila de Isla.

— Diga à mamãe que me perdoe — prosseguiu ela com lágrimas nos olhos. — Eu tentei, juro que tentei.

— Shh — ciciou ele, trocando os panos que já estavam quentes pelo contato com a pele dela.

Assim que ouviu Vagner bater à porta, soube que o médico havia chegado.

Levantou-se e foi recebê-lo.

— Boa tarde — cumprimentou o jovem médico.

— Cadê o Heitor? — foi logo perguntando sobre o paradeiro de seu médico de confiança.

— Ele está viajando, sou Giovani, filho dele. Espero que possa ser útil como meu pai.

Orion lhe deu passagem e o rapaz não perdeu tempo. Começou se certificando da temperatura, auscultou Isla e fez vários exames físicos.

— Então? — inquiriu ele após alguns minutos.

— Eu precisaria de um RX, mas tenho certeza de que ela está com uma pneumonia — começou ele, guardando os instrumentos. — Febre acima de quarenta, ausculta pulmonar ruim e alteração da frequência cardíaca. Vou prescrever um antibiótico de amplo espectro, pois temos que tratar esse quadro o quanto antes para não evoluir a uma sepse, isso se já não evoluiu.

— Não seria mais eficiente se fosse injetável? É que ela não está em condições de engolir nada.

— Claro — concordou Giovani. — Virei todos os dias de manhã e de noite para aplicar durante dez dias, se houver melhora já nas primeiras doses, como eu espero, passamos para a via oral. Tudo bem?

Orion concordou com a cabeça, encarando-a.

Isla já estava com os olhos fechados, parecendo dormir, embora se mantivesse agitada.

— Ela já deve apresentar melhora nas próximas horas com esse coquetel — declarou o homem ao puncionar uma veia de Isla a fim de infundir o medicamento. — E esse — falou, acoplando uma nova seringa —, é o antibiótico.

Orion ainda estava em pé, observando com atenção o trabalho do profissional.

Assim que finalizou, o jovem recolheu todo material e se levantou.

— É importante que ela beba água e coma corretamente, isso auxiliará na recuperação, agilizando o processo de cura do corpo dela.

— Agradeço a disponibilidade — disse Orion, realmente agradecido pelo profissional ter chegado à sua casa tão rápido.

— O prazer é meu, senhor Meirelles. Qualquer coisa que precisar, estarei à disposição — finalizou, andando em direção à porta. — Ah! Também é importante que ela faça repouso e não passe por emoções muito fortes — finalizou, encarando-o para, logo em seguida, sair do quarto.

Sozinho junto com Isla, ele a encarou, respirou fundo e também saiu do cômodo.

— Quero Teodora aqui, cuidando dela — ordenou, subindo as escadas para seu escritório.

O trabalho não rendeu quase nada naquele dia e Orion já estava quase acostumado com sua improdutividade dos últimos dias.

Era impossível se concentrar em alguma coisa que não envolvesse a criada maldita.

Quando se deu conta, a noite já havia chegado.

Voltou ao seu quarto, dispensou a cozinheira e foi tomar um banho depois de constatar que Isla dormia, mas daquela vez tranquilamente.

Assim que saiu resolveu se deitar, já que o dia havia sido, no mínimo, inusitado para Orion.

Era a primeira vez que iriam dormir juntos na mesma cama sem planos mirabolantes por trás de um simples *deitar e dormir*.

Antes de fechar seus olhos, certificou-se de que ela estava sem febre e coberta.

Após alguns minutos, em completo silêncio, ele ouviu um soluço muito discreto, mas que seus ouvidos não deixaram passar.

Isla estava chorando! O que ele poderia fazer? Ela apenas estava colhendo o que plantou!

Com os negócios de Raul já em nome de Isla, Orion cumpriu sua palavra e soltou Guto, no entanto, os mantinha sob vigilância 24 horas por dia para evitar qualquer dor de cabeça.

Ele não o preocupava muito, já que estava podre e queimado no submundo, ainda assim manteria seus olhos bem abertos, pois homens como ele jamais se davam por vencidos.

Orion ficou tão focado na retaliação de Isla que não teve cabeça para mais nada nos últimos sete dias.

Leonello até ligou para darem seguimento nos planos para a inauguração da filial da Cloud em Roma, mas ele não conseguia sequer começar a pensar sobre algo tão grandioso naquele momento, por isso acabou convencendo o parceiro italiano a deixar para o próximo ano, quem sabe até lá, sua vida tivesse se resolvido de uma vez.

O objetivo da tortura era, obviamente, atingir Isla, mas por algum motivo também estava o afetando, a julgar pela sua falta de atenção no trabalho. Nem mesmo conseguia fechar a porra do olho para dormir.

Orion tinha pegado pesado com ela e sabia disso, afinal, o objetivo era justamente esse, não? O que tinha de diferente para que ele estivesse se sentindo daquela forma?

45

Doía bem no fundo do seu coração notar a forma como Orion havia cuidado de Isla nos três últimos dias.

Talvez ele não achasse que ela fosse se lembrar, mas sua memória captou cada flash. Aqueles momentos em que estava de olhos fechados fingindo dormir, na verdade, estava bem acordada e atenta à cada passo dele.

Foi uma forma que seu corpo desenvolveu para se proteger do que aquele homem pudesse fazer, por isso mantinha-se sempre na defensiva, receosa e armada.

Mas ao contrário do que supôs, ele agiu de uma forma oposta ao esperado.

Ela se lembrava de que ele havia chegado mais cedo todos aqueles dias, que as visitas no quarto durante o dia mais que dobraram, fora as compressas frias para abaixar sua febre que Orion não cansava de colocar em sua testa.

Entretanto, Isla já estava vacinada contra aquela doença chamada Orion.

Jamais abaixaria a guarda novamente, pois a possibilidade de tudo aquilo ser um plano sórdido era enorme, por isso se manteria segura dentro de sua casca porque Isla não permitiria mais humilhação.

Ela não duvidava que ele a queria curada, pois somente assim Orion poderia continuar com as torturas psicológicas, mesmo que

seu coração tolo tentasse refutar essa tese.

Não tinha uma célula de seu corpo que confiava naquele homem. Tudo que vinha dele era baixo e desprezível.

Blindou o que restou de seu coração idiota, aquela pequena parte intocada pelo miserável, e o colocou dentro de uma caixa de ferro fechada a sete chaves.

Lá moravam apenas seus pais, Helena, Joana, Teodora e, infelizmente, Linda.

Isla não conseguia mais tirar a patroa de lá, por mais que tenha se esforçado muito para isso, afinal, fora ela quem colocara o cão no mundo, não era mais possível, suas tentativas aconteceram tarde demais.

Deitada na cama, Isla estava pensativa e com sua cabeça um pouco mais tranquila devido à trégua estratégica de Orion.

Três dias inteiros sem jogos, ameaças, humilhações ou qualquer coisa desse gênero.

Ela até conseguia respirar com tranquilidade, mas sem saber ao certo quando sua paz teria fim.

Contudo, preferiu não gastar suas energias restantes com isso.

O antibiótico estava fazendo efeito, sua respiração melhorou de maneira significativa e a febre finalmente havia cessado. A única coisa que ainda insistia em permanecer era o cansaço, porém, o jovem médico falou que era natural e que levaria mais alguns dias mesmo para que fosse embora de vez. Até lá, pouparia esforços o máximo que poderia.

Em certo momento, Isla pensou em desistir, pois sentia que não havia mais saída para aquela história.

Mas jurava que, em um de seus devaneios, ouviu a voz de seus pais lhe dando força, mandando-a ser forte e resiliente. Somente por Nívia e Luiz ela ainda estava lutando para se recuperar.

Isla prometeu também não ser mais fraca a ponto de ficar se lamentando ou chorando pelos cantos. Aquela pneumonia veio para

ensinar-lhe uma lição valiosa, daria valor à sua vida e lutaria com bravura para ser feliz de novo.

A única coisa que pedia a Deus todas as noites era que pudesse arrumar uma forma de sair daquela casa o quanto antes, pois somente assim seu plano daria certo.

Toda vez que ela e Orion ficava no mesmo ambiente era como se ele sugasse tudo de bom que possuía, porque ele era assim, ruim por natureza e um sugador de pessoas boas.

Mas Isla não se colocaria mais no papel de vítima – ainda que fosse –, porque era a munição que Orion tinha contra ela.

Arrumaria outra forma de lutar naquela guerra, dando tudo de si para sair viva. E ainda que levasse cicatrizes o resto de sua vida, toda vez que as olhasse se lembraria do que passou e usaria como aprendizado para nunca mais se apaixonar por uma pessoa tão detestável e perniciosa.

Levando em consideração tudo o que viveu, começaria a conduzir seu coração da forma como ela mesma determinasse, sem impulsividade, apenas com raciocínio lógico e inteligência.

Ainda deitada na cama, surgiu em sua cabeça o casamento que seria obrigada a assinar.

Talvez não fosse uma ideia tão ruim, pois viu uma oportunidade de escapar daquele inferno. Quiçá a única que teria em muito tempo.

Isla se levantou ao ouvir um burburinho do lado de fora e mesmo que aquelas portas e paredes fossem à prova de som, ela conseguia escutar bem longe alguma coisa acontecendo.

Sentou-se e deu um nó no roupão, sem ter ideia do que estava acontecendo.

Quando a porta se abriu, viu algo voar em sua direção como um raio.

Isla pulou para trás, assustada, mas somente até se dar conta que se tratava de um filhotinho de cachorro.

— E você, mocinho, não se atreva a me desafiar novamente — falou Linda. — Não me obrigue a ligar para sua mãe — ameaçou, ao entrar no quarto e fechar a porta.

Ela estava sendo atacada pela bola de pelo branca e foi a primeira vez que Isla sorriu depois de mais de dez dias.

A sensação era boa, mas estranha.

— Gostou? — inquiriu ela, aproximando-se.

— É um fofo — respondeu, fazendo carinho nele, enquanto o danado não parava de lambar seu rosto.

— O nome dela é Estrela — disse a mulher —, na verdade, é uma mocinha.

— Oi, lindinha — Isla começou a falar com o cão. — Você é uma fofura, sabia disso?

— Ela é a nova integrante desta casa.

Linda pegou uma cadeira e carregou até próximo à cama.

— Como você está se sentindo?

— Melhor a cada dia — respondeu Isla, sincera, com a criaturinha no colo.

— Que bom, ficamos muito preocupados com você. Orei tanto, mas tanto.

— Preciso sair daqui, Linda — falou Isla, séria, enquanto a pequeninha relaxava em seu colo. — Se gosta de verdade de mim, me ajude.

— Você não entende.

— Não, não entendo mesmo — falou ela. — Como uma pessoa que gosta tanto da outra consegue vê-la sofrer e não fazer nada sobre isso? Como você consegue permitir que eu fique dentro deste quarto suportando as torturas que seu filho faz comigo? — descarregou, amargurada, por ver uma pessoa que amava tanto ser conivente com inúmeras crueldades.

— Eu entendo você e se estivesse aí — falou apontando para Isla —, pensaria igual.

— Então? — quis respostas.

— Eu não sei o que você passa aqui, a única coisa que tenho certeza, assim como do meu amor por você, é que vocês precisam passar por um processo. Tanto você quanto Orion têm que aprender, evoluir e enxergar o que Deus está lhes mostrando — disse, enigmaticamente, mas com os olhos molhados pelas lágrimas.

— Mas...

— Eu sofro mais do que você possa imaginar — relevou Linda. — Ser testemunha disso, de uma forma tão interna, é horrível e nem consigo imaginar como é estar em sua pele. Mas Deus escreve certo por linhas tortas. Se vocês estão passando por isso, era a única forma que tinha para que evoluíssem, então apenas faça o que está em seu coração e reze, reze para que tudo se resolva o quanto antes.

— Estou sofrendo muito — confessou também, emocionando-se.

Linda, em contrapartida, levantou-se e sentou ao lado de Isla, abraçando-a com o coração estilhaçado e sangrando. Jamais iria revelar à sua menina que não conseguia mais dormir ou comer de forma correta. Teve até mesmo que receber uma visita médica, pois tudo o que estava acontecendo desencadeou problemas físicos que se exteriorizaram através do coração acelerado, febre e dores de cabeça.

Sua idade já não permitia mais passar por tanta emoção e ela, que sempre tentou ser neutra e respeitar – na medida do possível –, o que seu filho fazia, estava sentindo dificuldade em se manter daquela forma.

As discussões com aquele cabeça-dura estavam mais constantes, por mais que tivesse jurado não falar mais com ele, o *jeito* Linda de ser falou mais alto. Mal conseguia encará-lo nos olhos. Seu próprio filho! Isso era dolorido, porque lá em seu íntimo ela acreditava fielmente que não poderia ajudá-los, não quando Deus estava trabalhando nisso.

Todo mundo tinha sua história de vida. Uns mais tortuosos que os outros e, por isso, Linda acreditava que se interferisse poderia mudar o resultado daquele caminho que tinham que seguir e aprender sozinhos.

Era muito difícil ser espectadora daquele horror e ela não via a hora que chegasse logo ao fim.

Modéstia parte, ela sabia que não havia errado na criação de seus filhos, pois mesmo não dando coisas materiais a eles, Linda forneceu todo amor, carinho e instrução aos seus dois meninos. Mas novamente existia aquele livre arbítrio de cada um e nesse, ninguém poderia fazer pelos outros, nem mesmo por Orion e Taurus.

Orion fez escolhas erradas em sua vida, mas saber que isso levava o sofrimento de terceiros, era sufocante como mãe, já que sentia-se inútil.

— Sei disso, minha menina. Seu sofrimento é o meu também. Desculpe se as coisas não saem da forma como almejamos, mas essa é a vida real. Você sairá tão fortalecida que nem irá se reconhecer.

— Será mesmo? Às vezes acredito que não irei aguentar.

— Não fala uma bobagem dessas — pediu Linda, ainda a abraçando forte.

Estrela encarava as duas com sua inocência e intercalava lambidas entre elas.

— Nunca mais se entregue desta forma, seus pais não gostariam disso.

Assim que Linda tocou no nome deles, Isla se afundou ainda mais em emoção.

— Mais uma coisa — falou ela, obrigando Isla a se concentrar.
— Nem tudo é o que parece.

— O que quer dizer?

— O ser humano é imprevisível e faz coisas inimagináveis para ter controle da situação. Eu sei que você está enxergando as coisas se transformarem, não é? — falou com um sorriso carinhoso.

— Apenas abra seu coração. Não digo que será fácil, mas no futuro será compensador.

— Posso ficar com ela? — perguntou Isla no instante que Estrela se alvoroçava novamente.

— Para isso que a trouxe — revelou, depositando um beijo em sua testa.

Linda se levantou e caminhou em direção à porta.

— Uns sofrem mais que os outros nessa vida e você — disse, assim que se virou e a encarou —, veio para mudar as coisas por aqui, mudar a vida de Orion e peço desculpas que tenha que passar por tudo isso somente para que meu filho evolua e compreenda o valor de algumas coisas que ele não dá a devida importância. Deus, em sua infinita sabedoria, nos utiliza como agentes modificadores e não se faz uma omelete sem quebrar alguns ovos.

Linda era uma mulher cheia de enigmas. Muitas delas, Isla não compreendia e outras sua cabeça fazia certas analogias.

Porém, sempre ficava muitas dúvidas no ar.

Em alguns momentos, acreditava nas palavras que a mulher dizia, porque ela as enunciava com tamanha convicção que o coração de Isla dizia que deveria apenas acreditar e confiar, como Linda mesmo repetia.

Já em outras ocasiões, geralmente aqueles mais difíceis, apenas ignorava os assuntos místicos e religiosos, desejando somente matar Orion e sair de lá o quanto antes.

Talvez fosse seu instinto de sobrevivência clamando para ser ouvido, o fato era que Isla gostaria mesmo de confiar em tudo que ela falava, pois sempre que estavam juntas era bom e a conversa a fazia se sentir serena, confiando que realmente as coisas se acertariam.

— E você, fofura? — disse Isla para pequena bola de pelo branca em seu colo.

Estrela se agitou, mordendo seu dedo da mão.

— Olha que afiado esses dentes — declarou fazendo cócegas na cachorrinha.

Isla permaneceu o dia todo com Estrela e foi muito bom ter a companhia dela.

Por mais que fosse uma cachorra, Linda acertou em cheio. Sentiu que era exatamente o que precisava.

A noite chegou e achou estranho Orion não voltar para o quarto, no entanto, apenas ignorou esse pensamento e foi tomar um banho para dormir.

No meio da noite, abriu os olhos e notou que já passavam das três da manhã e nada do homem. Ignorou mais uma vez aquele alerta em sua cabeça e fechou de novo os olhos, acomodando Estrela em seus braços.

Provavelmente ele deveria estar com alguma vagabunda, transando ou fodendo, como ele gostava de falar.

Aquele homem parecia insaciável, mas Isla somente agradeceu mentalmente por ele estar fazendo aquilo longe de seus olhos.

Quando deu por si, já haviam se passado vinte e minuto e... Ótimo, o sono havia ido embora.

Ficou até as cinco da manhã acordada e mesmo que tivesse tentado com todas suas forças dormir, não obteve resultado algum. Seu corpo apenas despertou e nada o fez relaxar novamente.

Quando bateu seis horas, finalmente as portas se abriram, mas era apenas Caíque entrando no quarto e passando igual um foguete para o closet.

O que o motorista estava fazendo ali?

— Que isso? — assustou-se Isla, seguindo o homem. — O que foi?

O homem não respondeu, apenas passou direto ao banheiro, abriu um dos armários e tentava alcançar uma enorme caixa vermelha na última prateleira.

— Caíque! — chamou Isla uma segunda vez, mas ele estava literalmente ignorando-a. — Fala comigo — ordenou, dando um tapa no rapaz.

— Orion sofreu um atentado — respondeu, após tomar posse da caixa e se virar para sair.

Isla continuou a seguir ele, mas assim como havia entrado, Caíque saiu, trancando-a novamente.

Foda-se, pensou.

— Ele que morra — afirmou, ao pegar o cachorrinho no colo e caminhar até a sacada.

46

Já faziam dois dias que Isla estava sem notícias alguma sobre o que, de fato, estava acontecendo fora daquelas quatro paredes que a cercavam.

Outro segurança, que nunca tinha visto, estava-lhe levando as refeições e o mal-encarado não dizia uma palavra.

Vagner havia sumido, Linda também não apareceu mais, muito menos Teodora.

Será que Orion tinha morrido para tamanha comoção?

Mesmo sua cabeça repetindo que vazo ruim não quebrava, Isla estava muito curiosa. Afinal, se realmente ele tivesse ido para o inferno, queria dizer que estava livre, né?

Como se aproveitar daquela situação para fugir?

Se ela conseguisse, pelo menos, ter acesso àquele elevador, seria meio caminho andado, mas o maldito só funcionava com a digital de Orion.

Em meio aos seus devaneios, Estrela latiu, chamando sua atenção.

A pequena arteira ainda estava lhe fazendo companhia e mesmo que tivesse comido dois pares de sapato de Orion, o pé de três cadeiras e ainda o rodapé, era uma fofura, impossível de brigar.

— O que foi? — inquiriu, pegando-a no colo.

Isla estava apreensiva nos últimos dias, afinal, o que estava acontecendo lá fora, afetaria totalmente seu futuro.

— Deve ter sido grave — afirmou, encarando os olhos azuis da cachorra. — Tomara que ele esteja sofrendo bastante, para pagar um pouco em vida toda a maldade que fez às pessoas.

Ela latiu novamente, parecendo brava.

— O quê? Traidora, como pode estar contra sua mãe?

Ela se apegou tanto a cachorra que já se considerava a tutora oficial.

Linda que a perdoasse, mas Estrela era sua companheira em tempo integral e cuidava da pequena como se já estivessem juntas há anos.

Todos os dias o mal-encarado deixava ração bem como fraldinhas limpas e recolhia as sujas. Assim, ao menos, mantinha o ambiente limpo.

Isla se sentia mais leve e revigorada após quase uma semana de trégua das torturas. Mesmo que seu corpo estivesse mais forte e pronto para seguir em frente – independentemente do que viria a seguir –, sua cabeça ainda precisava de mais tempo, talvez uma vida inteira para se recuperar do que passou.

Era difícil que sua cabeça compreendesse que o responsável por todo seu sofrimento foi, justamente, o homem por quem seu coração se apaixonou.

Mas isso também era passado, porque depois de tudo o que ele fez, não restava mais amor ali dentro e, talvez, ele jamais voltaria a saber o que era o amor, já que Isla não deixaria mais o sentimentalismo ser seu ponto fraco.

Uma coisa Linda tinha razão, Isla sairia dessa história mais fortalecida, mesmo que isso não fosse exatamente sinônimo de felicidade.

Quando se deu conta de que havia anoitecido, fez seu ritual, como normalmente fazia, e se deitou, caindo no sono.

Como de costume, acordou na madrugada e se espantou ao ver Orion deitado ao seu lado.

Saco, ele não tinha morrido!

Isla o encarou com aquele misto louco de sentimentos conflitando entre si. Emoções essas que ela sabia identificar muito bem, no entanto, não tinha coragem nem mesmo de pensar novamente.

Dessa forma, ela se habituou a conviver com seu interior Kamikaze. Onde lá em cima ficava a vontade de matá-lo e ser espectadora do sofrimento de Orion, mas quando o brinquedo descia, indo no escuro de sua alma, tinha vontade de amá-lo.

Era incrível que depois de tudo, ele ainda tivesse esse poder de fazê-la brigar consigo mesma e com seus sentimentos, em contrapartida, aquele conflito, infelizmente, tornou-se habitual em sua rotina.

Isla era uma vergonha, mas de uma coisa ela tinha certeza, jamais deixaria seu coração na frente da razão novamente, ainda que seu interior estivesse uma bagunça, ela bancaria sua decisão com firmeza.

Após começar a examiná-lo com atenção, foram constatadas algumas coisas: ele estava com um corte na testa de uns dez centímetros, tinha um braço engessado e uma equimose que ocupava todo o lado direito do corpo, indo do peito até onde o short cobria.

Não haviam conseguido matá-lo, mas Isla poderia afirmar, com certeza, que conseguiram fazer um belo estrago naquela carcaça dura.

Talvez com um empurrãozinho...

— Vai ficar me encarando a madrugada toda? — disse ele ainda de olhos fechados.

— Queria me certificar de que realmente estava vivo.

— Para sua infelicidade, estou!

— Pois é — disse, ao se deitar novamente e virar de costas para ele —, que pena!

Isla não teve resposta, mas sentiu ele se aproximar, cheirando seu pescoço com força. E essa atitude a deixou sem reação e mal conseguia respirar com aquela aproximação.

Seria mais uma das milhares de armações daquele miserável? Claro que sim!

Orion não conseguia mais enganá-la, Isla jamais permitiria que a história se repetisse, por isso afastou seu corpo e se encolheu para o mais longe que conseguiu.

— Desde quando é medrosa? — afrontou Orion próximo ao seu ouvido.

— Desde o instante em que vi sua verdadeira face — respondeu ainda virada e com os olhos fechados.

— Você já me conhecia, usava apenas uma venda.

— Exato! Não uso mais. Fique longe de mim, a não ser que além de assassino e torturador de mulheres, seja também um estuprador, coisa que, na realidade, não me surpreenderia.

Ele se levantou e Isla ouviu a porta do quarto se abrir e fechar com força logo em seguida.

Ótimo, seria mais uma daquelas noites em claro onde lutava com seus pensamentos e sentimentos.

Nas últimas quarenta e oito horas, Orion passou pelos piores momentos da sua vida.

Um atentado em seu carro quase o fez conhecer a lua e voltar em questão de segundos.

Por sorte, era treinado e seu corpo muitíssimo preparado para situações extremas, somente assim conseguiu se safar, mas infelizmente Vagner, seu melhor e mais confiável segurança, não teve a mesma sorte.

Em caráter de urgência, mandou sua mãe visitar Taurus, assim a manteria longe até sentir que tudo estivesse seguro de novo. O que veio mesmo a calhar, visto que estavam em constante conflito e tendo crise de ansiedade.

Era melhor manter Linda longe mesmo!

Passou por sua cabeça mandar Isla junto, mas além de não confiar nela – e principalmente em sua mãe –, seu corpo precisava dela perto, pois sentia que somente assim ficaria recuperado.

Não sabia a resposta para as tantas perguntas que brotavam em sua cabeça, como, por exemplo, por que estava se importando com ela? Desde quando sentia necessidade da aproximação de Isla? Por que seu rosto não saía de seus pensamentos? Ou até mesmo, perguntou-se quando foi que passou a se importar com a tristeza daquela traidora?

Evitava ao máximo fazer esses questionamentos para si, pois nunca chegava à lugar algum, além de se irritar consigo mesmo, já que nunca se viu em uma situação similar.

Teve bastante tempo para ponderar várias questões, já que ficou em seu escritório, recebendo cuidados médicos intensivos naquele período, deixando Calisto e Nicolas encarregados dos negócios, enquanto sua recuperação não estava completa.

Orion não sabia quem havia feito aquilo, mas o nome de Fábio era o mais cotável para isso, já que não acreditava que Raul tinha dinheiro e influência suficiente para aquilo.

Ele descobriria, isso era certo como o sol que brilhava no céu.

— Maldição — afirmou, abespinhado.

Era madrugada e Orion havia acabado de sair de seu quarto, irritado, com Isla e a boca atrevida da maldita. Sentou-se na cadeira de seu escritório com um copo de vodca na mão.

Sim, ele detestava álcool, mesmo assim sentiu que precisava de uma dose, quem sabe assim não conseguia relaxar de uma vez ou ficaria louco para sempre. Afinal, estava cogitando propor um

acordo à criada, após ela assinar os papéis do casamento, obviamente.

Chegou à conclusão de que ela já havia sido torturada o bastante. Via no olhar de Isla, que alguma coisa havia morrido dentro dela e essa era sua intenção inicial não era?

Caetana era uma traidora e fazia tudo por dinheiro, inclusive entregar sua cabeça em uma bandeja se fosse necessário, mas a mulher em seu quarto não era assim.

A menina não era uma assassina e queria apenas se vingar de algo que, ironicamente, não tinha feito. Estava na hora de dizer a verdade a ela?

— Não, não... — repetia a si mesmo.

Orion não era mocinho e ainda que não tivesse tirado a vida de Nívia e Luiz, tinha extraído de muitas outras.

Ela era apenas uma menina muito bem educada que havia sido tomada pela raiva e sede de vingança por ter ficado órfã tão de repente. Algo compreensível para uma pessoa que não tinha nada a ver com o submundo, em seu ponto de vista.

Talvez se Orion fizesse uma proposta a ela de, após tomar os negócios de Raul, de lhe dar o divórcio caso ela sumisse do Brasil e de sua vida para sempre.

Não costumava dar segundas chances a ninguém, mas tinha que levar em consideração outros fatores. Ou era apenas a porra daquele sentimentalismo querendo explicar o fato de ele estar querendo libertá-la mesmo depois de tudo?

Desde quando ele cogitava fazer uma ação benevolente dessa?

— Devo estar mesmo louco — afirmou, virando o copo. — Minhas faculdades mentais estão em prova.

Tinha que agilizar aquele casamento, pois não se reconhecia mais.

Largou o copo em cima da mesa e retornou ao quarto quando uma pulguenta veio pular em seu pé.

— Que porra é essa? — inquiriu ele, ao de dar conta de que tinha um cachorro em seu quarto. — Saia daqui!

— Não fale assim com a Estrela — defendeu Isla, levantando-se pronta para socorrer a bola de pelo no colo.

— Pode me explicar o que isso está fazendo aqui?

— Ela é minha — disse, segurando mais firme, naquele momento Orion percebeu medo nos olhos de Isla como se fosse pegar a cachorra e arremessá-la pela janela.

— Isso é coisa de Linda, não é? — perguntou, ao perceber que sua mãe não tinha jeito.

— Não importa!

— Você tem amigas bem insistentes, sabia disso? — falou Orion, mudando completamente de assunto.

— O que fez com elas? — inquiriu, aterrorizada.

Isla, por sua vez, ficou apavorada ao ouvir aquelas palavras.

Sabia que não deveria ter envolvido Joana e Helena em sua sujeira e se algo acontecesse com elas, aí sim que jamais poderia se perdoar.

Orion sorriu, sarcasticamente.

— Se você fez alguma coisa...

— O que irá acontecer? — recrutou ele, cruzando os braços.

— O que eu já deveria ter feito e não tive coragem, eu irei te matar. Elas são inocentes.

— Fica tranquila, elas estão seguras.

— O que quer dizer com seguras? — quis saber, ainda apavorada.

— Confie em mim.

Foi a vez de Isla rir com sarcasmo.

— Sabe quando farei isso novamente? Não nesta vida.

— Ótimo, quer dizer que aprendeu uma valiosa lição.

— Você é um homem tão ruim que sente prazer no sofrimento alheio, nunca achei que existia alguém assim neste mundo — ponderou ela, sincera.

Orion, em contrapartida, encarou-a reconhecendo a verdade naquelas palavras.

Isla era realmente muito inocente. No mundo cor-de-rosa que ela viveu a maior parte da vida certamente não vivenciou o que o ser humano era capaz de fazer.

— Tenho uma proposta a lhe fazer — mudou de assunto mais uma vez e focou no que realmente importava.

Isla franziu o cenho e o seguiu até a sacada, receosa.

— Depois do casamento e de conseguir o que planejo — prosseguiu, encarando os vales repletos de árvores —, te dou o divórcio na condição de que vá embora desse país.

Ela ainda estava segurando o cachorro e mesmo que não estivesse em seu campo de visão, Orion tinha certeza de que estava o encarando, desconfiada.

— Responda — ordenou, sem paciência. — Essa proposta tem tempo limitado, antes que me arrependa — disse a última frase em um tom ameno, sem saber se ela havia ou não escutado.

— Por que sair do país?

— Estou te dando a possibilidade de ficar livre, então sugiro que aproveite sem questionamentos.

— Eu aceito, mas somente se me disser seus planos e o motivo de me desejar tão longe.

— Então entenderei como uma recusa — falou ele, entrando novamente impaciente.

Seu tórax estava doendo para um caralho e aqueles remédios não estavam adiantando porra nenhuma.

Malditas dores!

— Orion — chamou ela, seguindo-o. — Tenho direito de saber. Ele guardou a cara de dor para si e se virou, encarando-a.

— Você não tem o direito a nada — afirmou, sério. — Desde o instante que entrou em minha casa, fez minha mãe gostar de você e todo resto, para logo em seguida tentar acabar com tudo que levei uma vida para construir, não, você não tem direito algum. Nasceu em uma família boa, que lhe deu tudo, não passou por dificuldades ou teve que ser adulta antes da hora, então não me venha com cobranças ou respostas que você não está preparada para receber.

— Nossa história pode ser distinta, mas isso não pode ser uma desculpa para tudo o que me fez passar.

— E quem pode julgar isso?

— Qualquer pessoa que tenha discernimento ético — falou Isla, ainda com o bichano nos braços.

Orion se aproximou, sem deixar de encará-la.

— Somos pessoas completamente opostas.

— Essa é a única coisa que concordamos — respondeu com os olhos se enchendo de lágrimas. — Eu aceito sua proposta — disse após alguns segundos em silêncio enquanto se encaravam.

— Minha intenção era destruir seu coração, porque logo reconheci que esse era seu ponto fraco — disse Orion bem próximo. — Agora que alcancei o meu objetivo, não existem mais razões para continuar com isso.

— Outro ponto que concordamos — declarou Isla, deixando uma lágrima escorrer. — Você me destruiu de um jeito que jamais irei me recuperar e eu faço questão que você saiba disso, sabe para quê? Para que você nunca se esqueça da mulher que eu era quando entrei aqui e a que me tornei, talvez sua consciência pese em algum momento e isso o perturbe. A menina que você deixou órfã também é a mulher que você matou, mesmo sem meter uma bala na minha cabeça.

Orion se virou e colocou a mão na maçaneta, porém, antes de sair disse, sem se virar:

— Sou o tipo de homem que foi forjado para não sentir nada. Eu lhe avisei para não se apaixonar.

Saiu do quarto decidido a vê-la somente no dia do casamento, fato que aconteceria quanto antes.

47

Uma semana depois, Orion cumpriu sua promessa e não viu mais Isla.

Precisava se desintoxicar daquela mulher e o quanto antes conseguisse fazer isso, melhor. Sabia que não iria ser fácil e, de fato, não foi!

Ela conseguiu a proeza de fazer Orion ficar dependente de uma mulher, coisa que jamais havia acontecido, porém, manteria sua palavra e daria a carta de alforria de Isla após resolver suas pendências com Raul, já que aquele processo era um pouco demorado.

Seria uma forma de também colocar sua cabeça no lugar e dar espaço ao antigo Orion tomar o controle novamente.

As coisas pareciam mais tranquilas desde o atentado e só o que restara dele eram as péssimas lembranças e o hematoma em seu tórax, de resto, tudo entrou nos eixos de maneira natural.

Sua mãe já tinha voltado e surtou ao saber que o casamento ocorreria no dia seguinte.

Mas Orion fez aquilo de propósito para Linda não criar expectativas sobre uma situação que somente acontecia pelos negócios e nada mais.

Assim que o dia raiou, ele sentiu algo estranho, mas não permitiu que o espírito místico e sensitivo de Linda tomasse conta

dele. Orion não era aquele tipo de homem e mesmo que seu interior estivesse em transformação, jamaisalaria isso em voz alta.

Estava em seu escritório, olhando-se no espelho, pensando em cada acontecimento que o fez chegar ali quando sua mãe bateu à porta.

— Ainda dá tempo de deixar isso de lado — afirmou Linda, afetuosa, enquanto ele arrumava a gravata.

Aquela viagem fez bem a Linda, pois ela voltou mais tranquila, dando o espaço que Orion precisava.

— Deveria saber que jamais abandono...

— Uma ideia — completou ela, revirando os olhos. — Conheço o filho que tenho.

Ela realmente conhecia e mesmo que fosse a primeira pessoa a querer que tudo aquilo acontecesse, não eram nas circunstâncias que havia idealizado.

— Exatamente — sentenciou Orion com um sorriso de lado quase imperceptível. — Achei que gostasse dela — completou, provocando-a.

— Por acaso sou eu que vou me casar?

Sua mãe poderia ser tão sarcástica e irônica quanto ele mesmo, afinal, uma fruta não caía longe do pé.

— Você está sendo irracional — continuou ela.

E lá vamos nós, pensou, saturado.

— Desde nossa primeira, e última, briga prometi não me meter em sua vida. Mas... — Linda continuou a falar, igual uma criança que tinha acabado de aprender as palavras, e como se não o conhecesse.

Orion estava decidido, mais do que nunca e mesmo que futuramente fosse colher os frutos dessa união, faria aquilo por ele também, pois quanto antes terminasse mais rápido Isla se mandava.

— Então mantenha sua promessa... — cortou Orion, mas ela não conseguia e continuou falando e falando...

— Chefe... — ouviu Calisto proferir e deu graças a Deus pela interrupção.

— Cinco minutos — pediu e ficou observando o homem sair, então se voltou à mãe novamente. — A senhora está deslumbrante — disse, mudando de assunto e então pediu: — Não vamos fazer deste um dia ruim, afinal, é uma celebração. Certo?

— Cara de pau — retrucou ela, avisando: — Esse assunto não acabou.

— Eu sou seu filho, não ela.

— Mas o que você está fazendo é...

— Mãe, chega! Nada do que a senhora disser me fará mudar de ideia, então não perca nosso tempo com argumentos irrelevantes.

Após isso, deixaram a casa e seguiram em seu carro até a linda capela no centro da cidade.

Ao chegar, havia pouquíssimas pessoas nos bancos como convidados, já que ele fez questão de ser minimalista.

Aquela cena de igreja, vestido branco e terno se faziam necessárias, pois mesmo parecendo irônico, aquilo tudo contava no submundo.

Mas organizou tudo de uma forma mais discreta, afinal, não queria alarde, pois não poderia se esquecer de que ainda possuía alguém lá fora bem focado em tirar sua vida, quanto menos gente e mais rápido aquilo terminasse, melhor.

O instrumental começou a tocar e a porta se abriu.

Orion olhou no fundo dos olhos de Isla e achou que seu coração fosse sair pela boca. Que porra era aquilo que estava sentindo? Mas então um barulho suave de tiro soou na igreja e tudo ficou preto.

— Merda — gritou Isla, saindo correndo em direção a um Orion caído no altar. — Alguém faça alguma coisa — continuou a gritar, desesperada.

Ajoelhou-se e colocou o rosto dele apoiada em seu vestido que aos poucos foi tomado por sangue.

Sua cabeça estava focada nele, por isso não ouvia nada à sua volta, apenas captava em sua visão periférica a confusão armada e a correria.

Nicolas a pegou pelo braço e a tirou de lá, mesmo se debatendo para que a largasse.

— Me solte, babaca — repetia, incansavelmente.

Antes de sair da igreja, viu uma equipe pegar o corpo de Orion e carregar para outro lugar.

Ela e Linda foram forçadas a entrar em um automóvel preto, que arrancou da capela velozmente.

— Vai dar tudo certo — repetia a mãe dele, abraçando-a.

Como aquela mulher conseguia ser otimista naquele momento?

Isla nem sabia o porquê estava tão abalada ou preocupada, mas a adrenalina era tão forte correndo em suas veias que não conseguia se controlar.

Desejar a morte daquele miserável era bem diferente de ter uma possibilidade concreta.

Porque mesmo que durante seus momentos mais difíceis tenha desejado a morte dele, Isla não era uma assassina, não queria sua mão sujas de sangue e a consciência pesada por ter tirado a vida de alguém.

Quem poderia entendê-la, se nem ela mesma conseguia?

— Vão direto para o escritório do senhor Meirelles, lá estarão protegidas — falou Calisto do banco da frente.

— Você não deveria estar com ele? — quis saber Linda. — Meu filho precisa de você, não a gente.

— Ele me deu ordens expressas para mantê-las a salvo, além do mais, já tem uma equipe preparada cuidando de seu filho, pode confiar. Nicolas está junto com ele.

Chegaram à mansão em tempo recorde e foram escoltadas até o escritório de Orion. Lá as trancaram com mais três seguranças dentro e uma dúzia ao lado de fora.

— Venha — disse Linda, pegando em sua mão com a intenção de levá-la até o sofá. — Ele é um homem forte, sei que sairá dessa — falou enquanto fechava os olhos e juntava as mãos em oração. — Quem tem fé, tem tudo.

Linda se emergiu rezando, mas Isla não conseguia ficar parada.

Levantou-se mais uma vez e ficou caminhando pelo cômodo, até parar em frente ao espelho e realmente se enxergar naquele vestido de noiva.

Ela não permitiu ser arrumada por ninguém, visto que não era um dia especial ou feliz.

Fez questão de fazer tudo sozinha como se maquiar e se vestir, já que Estrela não contava como companhia humana.

Isla não sabia ao certo quem havia escolhido aquele modelo de vestido todo em seda branca e fluido, mas tinha que admitir que era esplêndido, já que mesmo simples, era lindo.

Uma lágrima escorreu de seus olhos, pois sua mãe vivia dizendo que o sonho dela era ver Isla de noiva e fazer parte daquele dia mágico. Infelizmente esse sonho jamais poderia ser realizado.

Secou a bochecha e respirou fundo no mesmo instante em que diversas pessoas entravam pela porta com milhares de coisas em mãos.

Ela deu alguns passos para trás, assustada, quando um homem disse:

— Orion sobreviveu, montaremos a UTI dele aqui, por favor, nos deem espaço.

48

Isla estava parada em pé na frente de Orion, observando-o deitado naquela cama hospitalar, com um silêncio absoluto em volta, sendo cortado apenas por um bipe insistente e rítmico vindo do monitor ao lado dele.

O homem estava com um tubo enfiado na garganta, duas *mangueirinhas* ligando as medicações em cada braço, além dos cabos no peito que mostravam no monitor os batimentos cardíacos, respiração e uma tal de saturação, que a enfermeira lhe explicou a importância daquilo, pois dizia a quantidade de oxigênio.

O tiro havia entrado e saído no abdômen de Orion, passando por alguns órgãos importantes, o que desencadeou uma hemorragia interna, mas que naquele momento já fora controlada, pelo menos era o que os profissionais diziam.

Tinha médicos, fisioterapeutas e enfermeiros vinte e quatro horas por dia, além dos técnicos em enfermagem que faziam os cuidados básicos como a higiene e medicações.

Em resumo, Orion estava sendo muito bem-cuidado por toda equipe e Isla não esperava menos, afinal, o cara era, Isla não sabia defini-lo em uma palavra, mas talvez poderoso se encaixasse bem no contexto.

Os médicos repetiam todos os dias a mesma coisa, que ele era um homem forte, mas ainda não tinha certeza de uma recuperação completa. A vida de Orion ainda estava em risco e

somente não tinha morrido pelo atendimento rápido que teve logo após a tentativa de assassinato.

Os dias estavam mais longos e as noites, piores ainda. Mas tudo em torno deles parecia normal, como se Orion não estivesse entre a vida e a morte.

Pelo que conseguiu escutar pelos cantos, ele tinha um plano para tudo, inclusive para uma situação como aquela, então todos os funcionários sabiam exatamente o que fazer. Então, cada um executava sua função e desempenhavam um papel importante para que o caos não reinasse.

A verdade era que estavam naquela loucura havia três dias, ainda que Isla tivesse a sensação de que era muito mais.

Os profissionais da saúde entravam e saíam a todo momento, aparelhos ligados fazendo sons estranhos, fora os milhares de exames que Orion era submetido diariamente como de sangue e de imagens.

Isla passou o primeiro dia trancada no quarto, reclusa com seus pensamentos e mesmo que o homem estivesse no andar de cima, prestes a morrer, aquele segurança mal-encarado não saía do seu pé. E mesmo que tivesse liberdade para andar pela casa, ainda se sentia uma prisioneira.

Decerto Orion também já havia deixado isso previamente esquematizado, já que era o mestre em planejamentos. Mas existia uma coisa fora daquela idealização perfeita e ela se chamava Linda.

Isla sabia que não teria tamanha liberdade se não fosse por ela. Entretanto, ainda que tivesse autonomia para se locomover pela casa, preferiu se isolar no quarto.

Precisava de um tempo sozinha com seus pensamentos para entender os próprios sentimentos.

No segundo dia, resolveu sair e subir os lances de escada e ficou somente observando-o de longe, ainda sem chegar a uma conclusão sobre o que de fato deveria fazer.

Isla o encarava e sentia uma raiva enorme por cada humilhação que ele a fez passar, não era como desligar um interruptor e pronto, a raiva se esvaía. Estava muito mais enraizada e profunda.

Voltou ao quarto e continuou lá, reclusa.

No terceiro dia Isla retornou ao escritório e ficou mais uma vez em pé diante do homem que, mesmo deitado ali, ainda parecia imponente. Ficou o observando-o por vários minutos com os sentimentos em ebulição.

Aproximou-se e olhou o botão de desligar do aparelho.

Ela queria muito fazer aquilo e acabar de uma vez com o maldito, ela tinha essa possibilidade bem à sua frente uma vez que era troca de plantão e os profissionais estavam em outro cômodo conversando entre si.

Nunca tivera a situação tão sob seu controle como naquele instante, por isso olhou para trás e ao garantir que não havia ninguém, aproximou-se um pouco mais do corpo inerte e levou o dedo até o botão vermelho, protegido por uma *casinha* de acrílico.

Isla não era uma assassina, por isso mesmo acabou levando tanto tempo para se infiltrar e planejar as coisas como. Ela o queria preso e não morto, pois ainda tinha humanidade dentro de si, mas parecia que as circunstâncias e tudo o que ele a fez passar a tinham mudado e a transformado em outra pessoa.

Teve essa consciência, pois ali, diante da real possibilidade de finalmente se vingar da morte de seus pais, Isla entrou em modo mecânico, como se tivesse sido programada para apertar o amaldiçoado botão.

Fechou os olhos e se concentrou em todo sofrimento que Orion havia lhe proporcionado, isso, junto com o assassinato de seus pais criou um caleidoscópio de imagens dentro de sua cabeça, rodando e rodando, a confundindo e a tirando da realidade.

Então, como um autômato, levantou a pequena tampa e pressionou o interruptor. O aparelho desligou suas funções e em poucos segundos os *bipes* do monitor soaram repetidamente.

Em vez de ir embora, Isla permaneceu imóvel na frente de Orion, com os olhos cheios de lágrimas, vendo-o morrer.

De repente, várias pessoas apareceram e afã de atender ao paciente, a empurraram para longe do leito com brusquidão e ela apenas se deixou levar.

Apesar da urgência sentida no ar, para ela, tudo parecia acontecer em câmera lenta.

Quando viu alguém subir em cima de Orion e pressionar o peito dele com força, um sentimento horrível tomou conta de si, mas ela o ignorou porque Orion, enfim, estava pagando por tudo que havia feito com ela, seus pais, Caetana e tantas outras pessoas.

Ela só despertou daquele transe quando viu Linda à sua frente. A expressão que ela lhe direcionou jamais seria esquecida.

Nunca viu uma expressão de desapontamento tão fidedigna e ser testemunha daquilo foi o primeiro soco real que a vida lhe deu, pois a arrebatou de uma forma indescritível.

Por fim, a ficha do que tinha feito caiu e não estava gostando da sensação.

Isla tinha virado uma assassina!

Saiu correndo e fechou a porta com brusquidão para não ver ou ouvir mais nada, e correu para seu quarto, onde encostou-se à parede e escorregou o corpo até se sentar, abraçando as pernas e chorando intensamente.

Morrendo de vergonha, Isla assumiu que estava arrependida pelo que fizera, minutos atrás.

Com sua atitude ela conseguiu despertar raiva em Linda e o asco de si mesma.

Seu raciocínio tentava acalmá-la dizendo que ele só havia pagado pelo que fez, mas o outro contrapunha dizendo que ser humano nenhum deveria assumir o papel de vingador e muito menos de anjo da morte.

E enquanto a guerra acontecia em sua cabeça, Isla gritou, querendo que as vozes cessassem e a deixassem em paz.

Ficou naquela posição pelo que pareceram horas, não sabia por quanto exatamente, mas só ergueu a cabeça quando ouviu a voz de Linda.

— Mesmo com tudo que você fez, desde que chegou aqui, eu relevei e compreendi que fazia parte do processo de vocês dois — começou com os olhos inchados, parada na sua frente e a encarando como um inseto —, jamais achei que fosse realmente capaz de matá-lo.

Isla se levantou, sem que as lágrimas dessem trégua.

— Me des...

— Não ouse — cortou Linda de uma forma que jamais tinha visto. — Hoje terei que enterrar um filho. Essa não é a lei natural da vida e está muito difícil manter a fé neste momento.

— Seu filho me fez sofrer a primeira vez quando matou meus pais à sangue-frio — Isla começou a falar, raivosa. — Matou o que restou do meu coração quando viu que eu havia me apaixonado e, ainda assim, o pegou e esfaqueou meu sentimento todo dia, até que sobrasse apenas um vazio aqui dentro. Então, me desculpe se deixei me levar pela emoção e acabei com a vida da pessoa que mais me fez coisas ruins nesse mundo — concluiu, descontrolada, chorando.

Linda a encarou e após alguns segundos, aproximou-se.

— O único erro do meu filho com você foi não ter conseguido lidar com os próprios sentimentos, coisa que, na verdade, nenhum de vocês soube fazer; ambos se deixaram levar pelo que plantaram em suas cabeças.

— Em minha cabeça? — inquiriu, indignada. — Você só pode estar brincando.

— Não estou — afirmou, encarando-a com os olhos cheios de lágrimas.

— Olha, Linda, eu tentei ser compreensiva com você e tudo que me dizia, mas realmente é difícil acreditar que uma pessoa te ame e, ainda assim, seja conivente com um sequestro e constantes

torturas. Eu morri um pouco por dentro ao ser obrigada a ver seu filho transar com outra — gritou, exasperada. — Sabe o que é ver a pessoa que você ama com outra mulher? Sabe o que é lidar com um sentimento tão grande, mas, ao mesmo tempo, tão sórdido? Sim, porque amar o assassino de seus próprios pais foi a pior tortura a qual me submeti.

Linda soltou uma lufada de ar, parecendo inconformada.

— Você jogou seu futuro no lixo. Pegou seu livre arbítrio e deixou que a emoção a comandasse. E, não, eu realmente não sei o que é passar por tantas provações e contradições, o que eu sei, aliás, o que eu acreditava, era que você não era uma assassina — disse a mulher com as emoções à flor da pele. — Eu posso ter errado em muitas de minhas escolhas, mas nós somos falhos e às vezes erramos mesmo sem querer, mas eu jamais tiraria a vida de outro ser vivente... — finalizou, então esticou o braço e lhe entregando um pen drive. — Veja e tire suas próprias conclusões.

— O que é isso?

Linda não lhe respondeu, apenas saiu do quarto, trancando-a no cômodo.

Isla encarou o pequeno objeto e entrou em pânico, pois realmente não fazia ideia do conteúdo dele, mas algo lhe dizia que seria revelador e devastador na mesma medida.

Abriu o computador que havia em cima da mesa e teve dificuldade ao conectar o pen drive, pois suas mãos tremiam como se tivesse Parkinson em estado avançado.

Quando conseguiu acoplar o objeto, uma pasta abriu. Nela havia dois arquivos de vídeo, um já bem conhecido e outro que mostrava a mesma cena de seus pais sendo assassinados, mas daquela vez, Orion não aparecia.

Começou a hiperventilar quando, para seu total espanto, viu Duarte no lugar dele.

Enquanto aquele filme de horror passava, ficava óbvio que ele havia sido adulterado, pois apareciam algumas imagens que não foi capaz de notar antes.

Começando pela hora, no canto inferior direito, totalmente diferente da que aparecia no vídeo de Orion. Depois, em certo momento, era possível ver o rosto de Duarte, e só conseguiu reconhecê-lo porque foi pausando e reprisado para que pudesse ver detalhes.

Isla se levantou e foi andando para trás, sentindo-se usada, estúpida e ingênua. Não havia palavras para descrever o que se passava em seu interior.

Orion sabia desde o início e não falou nada. Por quê? Por que ele não disse de uma vez que não tinha sido ele e pronto?

As lágrimas inundavam sua face, dificultando até mesmo sua visão.

Além de conviver com sua consciência pesada por tudo que fez nos últimos anos para acabar com Orion, ainda carregaria o peso da morte dele em suas costas.

Morreria um pouco a cada dia por ter sido responsável pela morte do único homem que tinha amado na vida.

Se em algum momento Isla sentiu raiva de Orion na vida, não passava de um sentimento irrelevante em comparação ao que sentia por seu tio naquele momento. Aquele maldito que a usou da forma mais sórdida que existia, enquanto ria da sua cara pelas costas.

Como ele foi capaz de matar o próprio irmão e cunhada? Por quê? Qual o motivo de tanta raiva e ruindade?

Isla fechou os olhos por muitos anos a diversos assuntos relacionados aos seus pais, entretanto, ela precisava da verdade, mesmo que para isso tivesse que descobrir fatos desagradáveis sobre eles.

Estava disposta a enfrentar seus medos para ver Duarte morto e pagando por tudo que fez.

Infelizmente não poderia voltar no tempo, o que Isla fez estava feito e ainda que a possibilidade de chegar ao fim dessa história

morta – por dentro e por fora –, consumida pela culpa e tristeza, tentaria se erguer pela força da raiva.

Era o único caminho que conseguia enxergar. Autorizou que sua raiva comandasse seus atos dali em diante, somente para ter o prazer de ver Duarte mais na sarjeta ainda, porque Isla havia se transformado em uma assassina por causa dele, nada mais justo ele ter a honra de morrer por suas próprias mãos.

49

Já tinham se passado quase vinte horas da morte de Orion e a única coisa que Isla conseguia sentir era arrependimento que a rasgava lenta e dolorosamente.

Claro que ele foi um bárbaro ao submetê-la àquelas humilhações, porém, no fim das contas ele era inocente e se Orion não a tivesse impedido, Isla teria acabado com a vida dele sem ter realmente motivos para isso.

Claro que ele não era referência de afabilidade. Não havia segredo que seu dinheiro era fruto de coisas ilegais, mas o que Isla realmente tinha com isso?

Foi induzida ao erro e acabou presa em uma teia de mentiras e armações que desejou jamais ter entrado. Mas era tarde para lamúrias.

A devastação estava feita e ainda que seu corpo não conseguisse reagir, Isla sabia que hora ou outra teria que enfrentar seus erros e se preparar para Duarte.

Seu tio veria uma Isla completamente transformada daquela menina meiga e inocente que um dia ele acreditou que ela era.

Em meio aos seus devaneios, viu bem ao longe, no canto esquerdo da sacada uma movimentação na garagem.

Como a sacada era beirando o penhasco, Isla não conseguia enxergar com clareza, mas apoiou o corpo e se esticou para tentar enxergar algo e, infelizmente, ela conseguiu.

Avistou um carro funerário preto e grande colocando um caixão dentro.

Seu corpo amoleceu e se deixou levar por ele, escorrendo pelo parapeito. Ela se sentou no chão e levou as mãos à cabeça.

— O que eu fiz? — perguntou-se mergulhada em consternação. — Me perdoe!



DIAS DEPOIS...

Linda estava no escritório de seu filho, pois lá fora sua morada dos últimos dias.

Estava mais que nunca empenhada naquilo que determinou como sua nova missão de vida.

— Estou bem, vá descansar — ordenou Orion.

— Nem adianta, não sairei daqui,

— Sou duro na queda, já deveria saber — falou ele, a voz mais rouca que o habitual.

— Claro que sei, afinal, você é meu filho.

Ele ainda estava deitado na cama hospitalar bem debilitado, porém, após a parada cardíaca, originada pelo aparelho desligado, os profissionais conseguiram trazê-lo de volta depois de seis minutos e Orion acabou acordando do coma no dia seguinte.

Linda chamada aquilo de milagre e aí se alguns dos médicos a contrariassem.

Mas obviamente ela tinha que dar uma lição em Isla.

Não poderia deixar que aquele episódio passasse em branco. A mulher tinha que aprender da pior maneira o erro que cometera.

Orion era seu filho, todavia, Linda não tapava o sol com a peneira. Ele fazia sim coisas erradas das quais jamais se orgulharia, mas em relação àquela história – ou boa parte dela –, ele era inocente e ambos tinham que superar seus egos.

A mulher tinha um pano de chão de estimação e não hesitava em usá-lo, passando-o em cima das coisas que o filho fazia, porém, também o utilizava com Isla, mesmo que sua menina não tivesse visto as muitas vezes que brigou com ele por causa dela, Linda estava lá, defendendo-a.

Mãe era mãe e era assim que se sentia quando assunto era Orion e Isla.

— Até agora estou sem entender o motivo pelo qual escondeu dela que o tio que assassinou Nívia e Luiz, poderíamos ter evitado tudo isso — disse Linda, ainda inconformada.

— Fiz o que tinha que ser feito — respondeu com dificuldades.

— Ela poderia ter te matado de verdade.

Seu filho parecia reflexivo e ela não sabia dizer se era porque seu corpo e mente ainda estavam tentando colocar as ideias no lugar ou se estava arreliado por Isla ter cumprido a promessa de matá-lo.

— Ela não tem passado dias fáceis — relatou Linda. — A pobrezinha está sofrendo, só eu sei o quanto foi difícil manter essa mentira.

— Nada mais justo. Não quero que ela saiba que estou vivo, no momento certo, ela saberá.

— Minha boca é um túmulo. Contratei até um carro funerário — declarou Linda —, mas depois me senti culpada de novo.

Orion acenou em discordância com a cabeça e fechou os olhos, aparentemente querendo descansar.

— Pega meu *lpad* — pediu ele, abrindo-os mais uma vez quando algo martelou em sua cabeça.

Orion possuía câmeras em vários pontos da casa e seu escritório não estava de fora daquela lista, por isso queria ver o

momento em que Isla quis matá-lo.

— O que quer fazer? — inquiriu sua mãe, entregando o aparelho.

Assim que o sistema do pequeno computador foi iniciado, ele digitou algumas senhas e, de imediato, apareceu todas as câmeras ao vivo.

Foi até outra página do aplicativo e viu todos os vídeos arquivados procurando aquele que lhe interessava. Assim que encontrou, clicou em cima e começou a assistir.

— Por que está fazendo isso? — quis saber Linda. — Fará mal ao seu espírito. Vamos começar a renovar essas energias negativas e...

Orion apenas a encarou, então sua mãe optou por se calar e foi a coisa mais inteligente que ela fez naquele instante.

— Meu Deus — disse, chocada, levando as mãos à boca, ao ver Isla encarando Orion desacordado com os olhos inundados de lágrimas. — Ela não está bem, dá para ver isso. Você a deixou assim...

Orion desejava estar sozinho naquele momento, pois seu raciocínio lógico funcionava melhor sem sua mãe falando sem parar, mas um detalhe não lhe passou despercebido.

— Por que está voltando o vídeo?

— Será que pode parar de falar dois segundos? — pediu ele, pouco irritado.

— Olha só a hora — observou Linda, ignorando a grosseria de Orion apontando o dedo para a tela. — Por que deu esse salto?

— Alguém mexeu nessa filmagem.

— Como assim mexeu? Ela foi adulterada? Por quê?

— Olha aqui — começou a explicar ele de cenho franzido, tentando ligar os pontos —, o vídeo pulou quase três minutos, logo em seguida Isla entrou no escritório.

— O que isso quer dizer?

Ambos ficaram mudos, observando a cena voltar e seguir por diversas vezes.

— Olha isso aqui — observou Linda, apontando para uma mesa que ficava próxima ao leito. — Essa seringa não estava ali, depois ela aparece do nada. Isso não está certo.

— Pega meu celular. Tenho uma segunda câmera oculta aqui, mas essa ninguém tem conhecimento.

Linda, mais que depressa fez o que o filho pediu e, em poucos segundos, eles já assistiam as filmagens da outra câmera oculta, mas daquela vez, sem cortes.

Orion correu até a parte que havia sido cortada e *bingo!*

Um homem todo de branco aparece injetando algo em sua veia, mas por conta de Isla ter aparecido ele foi obrigado a abandonar o *trabalho* pela metade, deixando a seringa na mesinha.

— Não foi ela! — afirmou Linda, emocionada. — Bem que o médico falou que o fato de ela ter desligado o aparelho não teria lhe causado a parada, já que agiram rápido, mas eu não dei bola, estava cega de raiva. O que causou isso foi esse homem da filmagem. — concluiu.

— Isso não muda os fatos — rebateu ele, irritado.

— Como não? Não foi ela!

— O que importa foi que Isla teve coragem de desligar. Homens querendo me matar têm de monte e isso não me surpreende ainda mais com tanta gente entrando e saindo. É fácil encontrar um médico ou enfermeiro que injete uma substância letal por alguns milhares de reais. Infelizmente, a vida é assim, por isso sou tão rigoroso com segurança, para esse tipo de coisa não acontecer.

— Você está cego? — falou, irritada. — Ela salvou sua vida, Orion Meirelles. Se ela não tivesse aparecido naquele momento, você provavelmente estaria morto.

— Foi um acaso.

Linda riu, desesperada.

— Como você pode ser tão inteligente e, ao mesmo tempo, tão cego? Então me diz — pediu, cruzando os braços —, o que pretende fazer?

— Cumprirei minha palavra.

— Deixará ela ir?

— Não foi isso que prometi?

— Você não está em seu juízo normal.

—É isso ou eu a mato de uma vez — declarou, enfático, mais alto que gostaria, assustando sua mãe. — Somos nocivos um para o outro, quanto antes ela for embora para longe, melhor.

— Você está errado. Ela foi induzida ao erro lá atrás, meu filho. Não a culpe por querer vingar a morte dos pais dela, as únicas pessoas que ela tinha no mundo e em relação a isso — disse, apontando para a tela, ainda aberta e pausada —, Isla foi sua salvação.

— Está decidido.

— Pense, por favor — solicitou, emocionada. — Ela merece ser feliz, assim como você. Deixem os erros de lado e conversem, só assim encontrarão a paz.

— Linda, chega desse assunto. — ordenou desligando todos aparelhos e os deixando de lado. — Onde está Calisto?

— Está bem — respondeu, decepcionada.

— Chame ele — solicitou virando o rosto para o lado oposto ao dela.

Depois de fazer careta, Linda se retirou e desceu as escadas a fim de procurar o funcionário de seu filho.

Sempre que passava pela porta de Isla, sentia pena da moça porque realmente amava aquela garota.

Faltava apenas Orion reconhecer os erros dele e trabalhar para redimi-los, mas esse era um caminho muito mais complexo e Linda torcia para que o filho tivesse êxito e conseguisse o perdão da mulher que amava.

Talvez se Isla realmente passasse um período fora, as coisas pudessem ser esclarecidas na cabeça de seu filho. A distância era um fator importante e quem sabe através dela Orion percebesse seus sentimentos por sua menina.

Linda nunca havia presenciado um amor tão explosivo como o daqueles dois, mas ela o enxergava tão claramente que uma emoção sem igual sempre a tomava por completo.

E como a mulher mais velha não era sinônimo de normalidade, não poderia esperar que nada à sua volta também fosse.

Assim que retornou ao escritório, com Calisto em seu encalço, Orion a encarou e Linda entendeu que estava na hora de seu descanso compulsório.

— Estarei em meu quarto — disse, saindo do cômodo.

Orion, por sua vez, ainda se sentia fraco e sem energia para realizar coisas básicas, por isso Calisto e Nicolas caminhavam juntos tomando à frente de algumas coisas até que se recuperasse por completo.

— Aquelas duas vieram aqui novamente? — quis saber ele.

— Joana e Helena? Não, caíram na história da viagem, pelo menos por enquanto.

— Ótimo. Enviou a mensagem que ordenei do celular de Isla?

— Sim, acho que a ideia foi ótima, deixou elas tranquilas.

— E a carga chegou à França sem intercorrências?

— Tivemos que molhar a mão da polícia local, mas no fim, a mercadoria chegou ao cliente intacta.

— Não cobre deles esse pequeno infortúnio, nós arcaremos e fica como um bônus — ordenou com a voz falhando. — Encontrou Fábio?

— Ele e Raul desapareceram — falou Calisto —, nossos melhores homens estão atrás disso.

— O quê? — disse, exasperado. — Raul também? Porra ele não estava sendo vigiado?

— É que com o atentado do senhor todos ficaram meio...

— Foda-se, Calisto, somos a porra da máfia, sabíamos que isso poderia acontecer a qualquer momento e é por isso que temos uma equipe treinada. Eu sempre digo que o treinamento precisa começar aqui — declarou, apontando para a cabeça. — Manter a calma e o procedimento combinado não importam a circunstâncias.

— Tem razão, senhor, desculpe. Nicolas está atrás disso pessoalmente.

— Porra — praguejou, encarando a sacada. — Isso não poderia ter acontecido. Não deveria ter libertado Guto antes do casamento — pensou alto.

— Os negócios já estavam no nome dela — quis cooperar Calisto, apaziguando a situação. — O senhor apenas cumpriu sua palavra.

— Não deveria ter cumprido, deu no que deu. Já saiu a digital da arma que encontraram na igreja?

— Sim, estava vindo aqui justamente informar isso. Era de Raul.

— Está vendo? Filha da puta maldito. Mas eu não cometo o mesmo erro duas vezes, quando colocar as mãos nesse desgraçado ele vai implorar para morrer logo.

— Nós o encontraremos — certificou seu braço direito.

— Contrate a porra do melhor detetive do país, os quero vivos.

— Sim, senhor.

— Quero que compre uma passagem somente de ida aos Estados Unidos e arrume uma boa quantia em dinheiro vivo, preciso disso para semana que vem — comandou, encarando Calisto. — Quero também que já deixe toda documentação de meu casamento pronta, precisamos oficializar isso o quanto antes.

— Ela irá casada?

— Antes da viagem, Isla tem que deixar o divórcio assinado porque após alguns meses, quando finalizar meus planos com Raul, entraremos com o pedido.

— O que exatamente o senhor pretende fazer?

— Quando chegar o momento exato, você saberá — retrucou ele —, mais uma coisa, alguém da equipe médica tentou me matar, já encaminhei o vídeo para central e para você também. Quero todos no olho da rua, porra, você sabe o quanto prezo por segurança e essa situação é simplesmente intolerável. Quanto a você e Nicolas, fiquem felizes por não fazerem parte desse montante, já estão à frente dos negócios.

— Cavaremos até o inferno, se necessário for, para saber o que aconteceu.

Orion respirou fundo e fechou os olhos, sobrecarregado.

Calisto entendeu que era para se retirar e Orion ouviu apenas o barulho da porta se fechar.

Todos os dias eram a mesma coisa. Centenas de medicamentos, milhares de exames – tanto laboratoriais como físicos –, pressão, temperatura, fisioterapia física e respiratória e mais outras coisas que seguia à risca.

Orion era um bom paciente, pois entendia que quanto mais se empenhasse em tudo aquilo, mais rápido sua vida voltaria ao normal.

O resultado disso aparecia nos exames, que melhoravam a cada dia, assim como nas fisioterapias.

A recuperação era lenta, contudo, Orion era um homem paciente, em contrapartida, a única coisa que ele gostaria que acontecesse o mais rápido possível era a partida de Isla.

Quando disse a Linda que eram nocivos um para o outro era a mais pura verdade, além de que, em sua vida não havia espaço para ela.

Seu trabalho ocupava todas as vinte e quatro horas do seu dia, se arrumasse espaço para quem quer que fosse, seus negócios seriam afetados e ele não estava disposto a isso.

Estava certo de que quando tomasse os negócios de Raul para si, entraria com o pedido de divórcio e nunca, jamais seus

ouvidos voltariam a ouvir o nome *Isla Maria*.

Aquela criada já tinha feito muita bagunça em sua vida. Tirou coisas do lugar que jamais tinham sido removidas e Orion fazia mais o tipo metódico, que gostava das coisas de seu jeito e Isla, bem... Era fogo e quanto mais longe pudesse ficar desse incêndio, melhor, assim evitaria uma baita queimadura.

50

O esforço diário que Orion empenhava em sua recuperação, após passar sete dias da tentativa de assassinado, não poderia ter sido mais recompensador.

Ele já conseguia caminhar e falar normalmente sem resquício de rouquidão. Ainda assim, continuava tomando os medicamentos via oral e estava presente nas sessões de fisioterapia todos os dias.

Aos poucos, seu escritório voltava a ser como antes, bem como sua rotina.

Não tinha mais uma cama hospitalar nem os vários aparelhos que ficavam conectados em seu corpo.

O médico vinha duas vezes ao dia visitá-lo junto com uma enfermeira, já que ele cancelou aquela festa de tanta gente em sua casa, dando espaço para traidores lhe matar.

Orion sentia-se mais forte e preparado para retomar a dianteira de seus negócios.

Calisto era seu braço direito e o deixava a par de tudo o que acontecia, bem como Nicolas, que estava sempre em seu encalço. Mas mesmo com todo esforço deles, não era a mesma coisa. Ninguém engorda mais o gado do que o próprio dono, por isso estava animado pela boa recuperação que apresentava, assim ia retomando sua vida aos poucos.

Por sorte – ou milagre –, ele não teve sequelas nem do projétil que levou na igreja nem dos cinco minutos que ficou morto

decorrente da substância que injetaram em sua veia.

O médico não soube dizer ao certo o que pôde ter sido, mas Linda foi obrigada a pedir desculpas por não tê-lo ouvido quando ele mencionou que era difícil Orion ter entrado em parada cardiorrespiratória por poucos minutos de aparelho desligado, visto que esses respiradores possuem gerador de emergência.

Mas que por conta das circunstâncias, todos profissionais acreditaram que ele havia falhado.

— Tem certeza de que está melhor? Talvez mais alguns dias...

— Estou ótimo — respondeu Orion a Calisto, terminando de vestir seu terno.

Aprendeu a dar valor as pequenas coisas – e mais simples –, como tomar banho sozinho, vestir-se, comer sem auxílio ou o simples ato de respirar sem a porra de um cano na garganta.

Por mais que ele já tivesse passado por muitas situações perigosas em sua vida, nunca tinha ficado entre a vida e a morte.

Mas manteria sua palavra e despacharia Isla para bem longe, afinal, ainda precisava dela viva por alguns meses para concluir planos pendentes e depois... Bem, veria o que se decorreria.

Nunca deixou um traidor vivo, principalmente quando ele havia tentado matá-lo, mas pensando friamente, nenhuma tortura para ela seria tão eficaz como a consciência pesada que Isla levaria por toda sua vida.

Ela tinha um bom coração e não era de seu meio obscuro, por isso Orion sabia que tudo o que Isla fez – ou pelo menos, achava que tinha feito –, junto com as pequenas torturas que foi submetida, teria um peso enorme e que ela jamais seria a mesma novamente.

Levaria aquelas cicatrizes e somente isso para Orion talvez fosse o suficiente, pois tinha certeza de que o sofrimento seria a nova companheira dela.

— Ótimo — respondeu Calisto.

— Antes de começar... Como ela está? — inquiriu ainda se arrumando de frente ao espelho.

Orion sempre deixava roupas e pertences pessoais em seu escritório.

Estava dormindo em um quarto vago no andar de baixo, tudo isso porque Isla ainda não sabia que ele estava vivo.

— Ninguém ouve ela falar uma palavra desde que...

— Ok — respondeu somente. — Me espere aqui, volto já.

Ele saiu do escritório e desceu um lance de escadas.

Isla estava prisioneira há quase uma semana no mesmo quarto e não tinha contato com ninguém exceto o segurança que havia ficado no lugar de Vagner.

Orion ficou sabendo que ela mal se alimentava e que havia se apegado bastante àquele saco de pulga chamado Estrela que sua mãe teve a brilhante ideia em adotar.

Parou em frente à porta e virou a maçaneta. A hora da verdade tinha chegado e ele estava preparado para aquela situação. Sabia exatamente o que falar e como conduzir àquela ocasião.

Teve tempo para pensar e programar suas falas.

Isla já estava no fundo do poço, mesmo sem vê-la, Orion sabia porque a conhecia mais que gostaria de assumir.

Adentrou sorrateiro em seu próprio quarto que, naquele momento, lhe parecia um estranho, como se não lhe pertencesse mais. Caminhou adiante e não viu sinal de Isla, mas ele sabia onde a encontrar.

Seguiu em direção à sacada e lá estava ela, sentada na cadeira de sempre, encarando a paisagem com o olhar perdido.

Perdeu alguns segundos observando-a de costas.

A silhueta estava mais magra, os cabelos presos no alto da cabeça e utilizava aquele roupão branco de seda já bem conhecido.

Isla ajeitou a postura, ainda sem se virar, e naquele instante Orion sabia que ela o sentiu.

— Estou delirando? — inquiriu ela.

— Gostaria de estar? — respondeu ele no instante em que ela se virou.

Realmente aquela antiga Isla atrevida, mas, ao mesmo tempo, meiga, jamais voltaria. Ela estava com olheiras, pálida, rosto mais fino e olhos vermelhos. Era o preço das atitudes que tomou no passado.

E Orion? Bem... A vida não era justa, hora ou outra pagaria sua dívida, mas não naquele momento.

— Você... — começou ela, ao se levantar e caminhar em sua direção, com os olhos molhados —, está vivo?

— Precisa de muito mais para me abater e essa é sua última lição.

— Como? Como você...

Ela parou de falar, ainda completamente abismada.

— Por que me deixaram tantos dias achando que você tinha... Morrido? — disse a última palavra sofrendo.

Isla chegou até onde estava e, inesperadamente, pulou em seu pescoço, abraçando-o.

Orion fechou os olhos, com o coração acelerado, mas não retribuiu o abraço.

— Esses anos todos, achei que tinha sido você.

Orion sabia do que ela estava falando e decerto era aquele assunto que a chateava dia e noite, já que ela acreditou tempo demais em uma mentira.

— Você é uma mulher ingênua que acredita em tudo que lhe falam — disse ele pegando-a pelo braço a fim de afastá-la.

— Ele é meu tio — reivindicou Isla. — Como não iria acreditar.

— A única coisa que você deve confiar cegamente em sua vida é em seu instinto, fora isso, é um erro.

— Você sabia que eu fui enganada por ele, ainda assim me fez passar por tudo aquilo — lembrou, magoada, encarando-o nos olhos.

— Sim.

— Você também sabia que eu tinha me apaixonado por você — assumiu com certa dificuldade —, e mesmo assim fez o que fez.

— Sim — respondeu.

— Isso me diz muito mais sobre você do que de mim — falou, verdadeiramente emocionada. — Eu agi motivada por vingança em acabar com a vida da pessoa que eu acreditava ser responsável pela morte das duas pessoas que mais amava nessa vida. Tudo que eu fiz, foi pensando ser a coisa certa, por uma causa nobre. E você? Orgulha-se de ter me humilhado e me torturado das piores maneiras somente para amaciar seu ego?

— Esse sou eu. Você teve seus motivos, e eu os meus.

— Tem razão. Não temos mais o que conversar. O fato é apenas um, eu errei, porque fui enganada, você errou, mas apenas porque é um babaca egocêntrico.

Orion permaneceu parado, encarando-a, sem expressão alguma.

Fazia parte de seu planejamento não demonstrar nenhum tipo de emoção para ela e até aquele momento, estava indo bem.

Isla jamais saberia que não havia sido ela que quase o matou.

Queria que ela levasse essa culpa nas costas.

— Agora vem o momento que você tira a rosa branca no terno? — quis saber Isla, mais emotiva ainda, afastando-se.

— Eu já lhe disse que sou um homem de palavra e assim que assinar os papéis do casamento, ficará livre.

Isla franziu o cenho, estranhando sua atitude.

— Eu te matei — lembrou, aproximando-se novamente. — Eu vi você se contorcer por falta de oxigênio e fiquei apenas olhando, sem mover um músculo.

Orion não entraria no jogo de Isla.

Ele agiria como seu antigo eu e apenas a ignoraria e faria o que beneficiaria mais seus negócios.

— E isso irá lhe render uma vida miserável de culpa e arrependimento. Sabe por quê? Você gostaria, mas não é igual a mim.

Ela riu, irônica, mas Orion poderia apostar que estava nervosa.

— Jamais desejei ser igual você — cuspiu, irritada. — Tive uma criação com pais adoráveis e que me ensinaram o que era certo e errado, mas principalmente me instruíram o valor da família e do amor.

— Não adianta lhe ensinar uma coisa e fazer outra — revelou Orion, aproximando bem o rosto do dela. — Seu pai era o maior hacker deste país, a porra de um gênio ou acha que a morte dele foi casual? Seu tio tinha inveja do seu pai.

— Máfia? — inquiriu Isla, rindo. — Do que está falando?

— Raul, ou Duarte, como queira, é o chefe da segunda maior máfia desse país, ou pelo menos que já foi um dia — declarou ele, pensando que após a morte de Luiz Raul Duarte não conseguiu mantê-la como antes.

— Segunda? — repetiu, incrédula, desmanchando o sorriso.

— Sim, porque você está bem na frente do líder da primeira.

Isla manteve os olhos arregalados, sem dizer nada.

— Em seu mundo cor-de-rosa as pessoas são boas, mas na vida real, está aqui que vivemos hoje, é tudo diferente e se você não se acostuma com isso, é engolido.

— Jamais me renderei ao lado obscuro.

— Está em seu sangue, minha cara. Você pode não ter a intenção, mas sem saber, já deu o primeiro passo.

— É por isso que quer casar comigo — revelou após alguns segundos em silêncio.

Orion esboçou o começo de um sorriso.

— Está vendo? Sua bolha foi estourada. De nada por isso.

— Foi só por isso que não me matou? — questionou ela no instante em que ele virou as costas para sair.

Até aquele momento, Orion havia mantido sua programação sem problemas, tudo que falou estava em seu *script* mental, mas aquela pergunta era difícil ser respondida, afinal, nem ele mesmo sabia dizer uma resposta exata. E como mentir não era sua melhor qualidade, manteve-se de costas e se calou por alguns segundos.

Chegou à conclusão de que não responder era a melhor alternativa, por isso continuou seu caminho até a porta.

— Covarde — xingou Isla, fazendo-o parar. — Você enche sua boca para falar que é o chefe da maior máfia deste país, mas não tem coragem de olhar em meus olhos e dizer por que não me matou.

A voz dela estava embargada, demonstrando toda sua amargura.

— Eu errei e sei disso, assim como também sei que possuo muitos defeitos, mas você jamais poderá me chamar de medrosa porque isso eu nunca fui. Olha para mim, entrei na casa de um criminoso, me infiltrei entre vocês, angariei provas contra Orion Meirelles, invadi sua boate... Tudo isso vindo de uma pessoa que vive em *um mundo cor-de-rosa* — disse as últimas palavras, ironicamente.

Orion respirou fundo e sentiu seu rosto ficar vermelho, virou de novo e andou até Isla.

Parou a poucos centímetros do rosto dela e disse:

— Faço as coisas pautadas em meus interesses. Se ainda está aqui, viva, é porque me beneficiará no futuro, só por isso, então não me venha vomitar coisas que não sabe, já que não conhece um por cento da minha trajetória.

Ela colocou a mão em seu peito e Orion se arrepiou de imediato.

— Como é que você diz? Sua boca fala uma coisa, seu corpo demonstra o oposto.

— Continue com suas imaginações fantasiosas — declarou ele, sério —, mas lhe aviso que a única prejudicada é você.

Isla riu, ainda sem desgrudar a mão do seu peito.

— Você não vê? Eu não me importo, não existe mais nada aqui dentro para ser destruído, Orion — avaliou ela, sentida. — Eu tinha uma vida feliz, uma ideia que meus pais eram pessoas honestas, possuía um coração cheio de amor para dar e sabe o que restou disso tudo? Nada. Sou infeliz, meus pais não eram quem pensei e meu coração? Bom... Acho que nem mesmo ainda tenho um — finalizou batendo palmas. — Parabéns, o mérito é todo seu, pode se gabar, também não me importo.

— Daqui a dois dias é seu voo — mudou Orion de assunto com brusquidão, visivelmente incomodado com o rumo da conversa. — Também deixará o divórcio assinado para que eu entre com o pedido em alguns meses. Você irá com uma quantia em dinheiro e espero nunca mais vê-la em minha vida.

Isla ainda o encarava, aturdida.

— Não irei mais para lugar algum. Tenho pendências para resolver no Brasil e...

— Não entendeu? Eu não lhe perguntei, apenas informei e fique feliz que ainda entrará ar em seus pulmões, por misericórdia minha, jamais se esqueça disso.

Ela riu mais uma vez, mas aquele sorriso não transmitia humor, apenas tristeza, raiva e desconsolo.

— Não pode me abrigar.

— Eu posso — contrariou ele, ameaçador. — É uma oportunidade que estou lhe dando. Conselho? Agarre com todas as suas forças, porque não costumo dar segundas chances a ninguém e você já é uma exceção, não abuse da minha benevolência.

Orion se virou novamente e caminhou até a porta, mas antes de sair, disse:

— Garanto-lhe que a morte de seus pais será vingada, mas farei isso por eles, pois eu os conhecia e os admirava, principalmente Luiz que era um homem digno e inteligente. Talvez o

que eu diga a seguir a deixe pior, mas nos dávamos muito bem. Sim, seus pais gostavam do babaca aqui.

Isso Orion não planejava ter falado.

Algumas coisas eram melhor quando ficavam no anonimato, mas ele de fato não aguentou e quando viu, já tinha falado.

Precisava jogar na cara de Isla que mantinha um relacionamento amigável com Luiz, inclusive o admirava verdadeiramente.

Contudo, se a vida já era injusta, dentro da máfia então, era dobrado.

— Fraco — gritou ela, chorando. — Covarde, medroso...

Orion parou mais uma vez diante da porta e respirou fundo com os olhos fechados.

— Você não merece ser a porra do líder de uma organização criminosa — continuou ela a ofendê-lo. — Você nem mesmo consegue lidar com seus próprios sentimentos.

Novamente ele andou até ela, mas daquela vez sem disfarçar sua fúria e a pegou pelo braço, mas sem usar sua força, era apenas para que ela o encarasse nos olhos.

— Eu disse para você não se apaixonar — ponderou, irado. — Eu lhe avisei. Por que não me escutou?

— Sentimento não se explica, somente sente — respondeu ela ainda com os olhos molhados.

Orion estava aturdido e um bolo se formou em sua garganta.

— Jamais seria capaz de te amar — disse ele, pois somente assim conseguiria finalizar seu plano —, então se porventura você cogitou isso, trate de esquecer-se desse absurdo — cuspiu, ao empurrá-la levemente e soltando os braços dela.

Saiu do cômodo deixando para trás uma Isla chorando, descontroladamente.

Fechou a porta e parou no primeiro lance da escada, respirando fundo.

Aquela conversa foi intensa e apesar de Isla ser inocente, tinha uma percepção sagaz, sobretudo de Orion.

Ela o afetava, bastava ficarem próximos que seu raciocínio lógico ia para o espaço, e o pior de tudo era que a ninfetinha sabia do poder que possuía.

Tinha que agilizar aquele casamento e despachá-la o quanto antes. Não confiava em si mesmo com Isla sob o mesmo teto.

Após alguns segundos ponderando a merda que havia se enterrado, Orion olhou para cima e seguiu adiante, pois em sua vida não tinha espaço para dúvidas. Atropelava seus anseios e pisava naquilo que poderia atrapalhá-lo como, por exemplo, sentimentos desconhecidos e inconvenientes.

51

Isla era uma mulher casada que, ironicamente, estava indo embora do Brasil sozinha.

Ela nunca tinha se sentido tão desamparada como naquele momento dentro do carro sendo levada ao aeroporto por Calisto.

Depois da conversa que teve com Orion, Isla não o viu mais.

Guardaria apenas as palavras abrasivas que ele disse e as levaria consigo para o resto da vida.

Era difícil dar razão a ele, mas Isla era humilde a ponto de assumir que foi uma idiota ao acreditar que ele pudesse ter se apaixonado, assim como ela. Tudo não passou de uma ilusão fantasiosa forjada por seu ingênuo coração.

Seguiria sua vida como já deveria ter feito há muito tempo. Afinal, ele só a machucou, a fez chorar e ainda, para arrematar, tripudiou de Isla daquele jeito cruel que somente ele sabia fazer.

Por mais que tenha sido o único homem que já tinha amado em sua vida, Orion também carregaria o título do mais odiado. Tudo na mesma magnitude e intensidade.

Ela se perguntava com frequência como pôde amar alguém que a fez tão mal? Como seu coração ainda batia mais forte ao se recordar dos momentos íntimos que tiveram?

Orion era o homem mais danoso que já conheceu, mas infelizmente Isla não conseguia mandar em seus sentimentos e por mais que seu lado racional tivesse contestando aquele amor quando

repetia em sua mente todas as humilhações que ele a fez passar, não adiantava, o coração era o órgão mais lindo do corpo humano, no entanto, meio burro e desobediente quando envolvia o assunto *amor*.

Será que só ele era atrapalhada e indecisa quando o assunto era amor?

Nada era matemático e isso dificultava sua vida, mas ninguém nunca morreu de desilusões... Ou será que já?

Aproveitaria aquela oportunidade e tentaria seguir em frente, esquecendo-se de uma vez por todas aquele homem e os momentos que viveu com ele. Faria isso de cabeça erguida sabendo que ela havia dado uma chance a esse amor, mesmo após tudo que passaram, mas a decisão de jogá-lo no lixo foi dele e Isla jamais seria capaz de esquecer-se disso.

Balançou a cabeça, a fim de mandar embora aqueles pensamentos e deixando sua mente ser preenchida com seu futuro, pois realmente ela não tinha intenção em voltar àquele lugar radioativo.

Ela sabia que Orion daria um jeito em Duarte – na verdade, não havia ninguém mais qualificado e com motivos de sobra do que ele para isso. Queria entrar em uma nova etapa da sua vida, já que voltar no tempo seria algo impossível de se fazer.

Ela chegou à conclusão de que ficar remoendo o passado não a faria bem.

Sentia que era obrigada a prosseguir, andar para trás não era uma opção e todo aquele sentimento ruim dentro de si, que cultivou por anos, fez mal apenas a ela. Acabou com a própria vida, no entanto, estava tendo a oportunidade de recomeçar longe de tudo – e todos –, que a fizeram sofrer.

Por mais que fosse impossível dar um tempo de si mesma, obrigou-se a praticar o perdão, mais especificamente, o autoperdão. Pois ela entendeu que não iria conseguir evoluir sem fazer isso.

Linda que a ensinou como fazer e Isla resolveu colocar em prática, pensando mais em si mesma, deixando de lado todo resto.

Observando a paisagem correr pela janela do carro, ela deixou uma lágrima escorrer, pois a partir do momento que entrasse naquele avião, tudo ficaria para trás.

Não teve nem ao menos a chance de se despedir de Linda e Isla tinha quase certeza de que foi obra de Orion. Ele sabia que a mãe gostava dela e, talvez, para evitar maiores tristezas ou situações constrangedoras, deu um jeito para que o encontro não acontecesse.

E pensando pelo lado prático, foi até melhor, mas pelo sentimental, deixou Isla mais acabada ainda, pois aquela era a pessoa viva que mais se aproximava do amor de mãe que conhecia e se despedir, novamente, desse sentimento, fazia seu coração diminuir mais ainda.

Isla entendeu as mentiras que ela havia inventado, talvez se tivesse no lugar dela, teria feito até pior, mas Linda era um ser iluminado e evoluído.

Ela tinha certeza de que se tinha alguém que a entendia naquela casa, com certeza, era a mulher mais velha. Um anjo que passou por sua vida para agregar muito conhecimento e reflexão.

— Vai demorar? — inquiriu Isla, impaciente.

— Mais uma hora e meia — respondeu o homem, encarando-a pelo retrovisor.

Calisto apenas os acompanhava enquanto o motorista dirigia.

Se era para ir embora, então que fosse de uma vez. Ficar dentro daquele carro com milhares de lembranças brotando em sua cabeça, parecia uma das sessões de torturas que Orion havia feito no passado.

— Seu passaporte — disse ele, esticando o documento. — E mais algum dinheiro para recomeçar bem longe daqui.

O homem lhe estendeu um envelope com uma quantia alta em dinheiro vivo.

Sem querer saber ao certo de quanto estava em posse, Isla guardou tudo em um dos compartimentos de sua mochila.

— Você é uma menina de sorte — comentou Calisto ainda a encarando pelo espelho.

— Você não sabe o quanto — disse irônica, ajeitando-se novamente no banco de trás.

— Estou com Orion há mais anos que consigo contar e nunca vi ele dar segunda chance para ninguém — continuou o capanga.

Isla poderia contar nos dedos das mãos quantas vezes tinha ouvido Calisto falar e justo naquele momento o homem resolveu soltar o verbo, falando tudo que jamais falou.

— Acho que ficou claro que não deverá mais voltar, certo?

— Sim — retrucou, olhando pela janela.

— Ótimo. Ah! Orion pediu para te entregar isso, somente para que não se esqueça do combinado — declarou, ao estender uma rosa branca.

Isla a pegou na mão e olhou profundamente.

Aquela era uma flor tão bela que o miserável a transformou em um símbolo mortal. Sempre que seus olhos repousassem em uma daquelas, no mesmo instante o Orion assassino brotaria em sua cabeça.

— Não preciso dela — refutou jogando a flor novamente no colo de Calisto.

— Você é mesmo abusada, se fosse eu...

— Mas não é — disse Isla, cortando o idiota. — Você precisa, no mínimo, morrer e nascer novamente mais umas trinta vezes para se comparar com ele.

Ele deu risada, mostrando o dente dourado.

Isla o ignorou, voltando sua atenção mais uma vez à estrada.

— Eu acho que ele se apaixonou por você. Como eu te disse, nunca tinha visto ele assim por ninguém.

Ela continuou fingindo que o ambiente estava em silêncio, mas a sua irritação já dava sinais. Calisto era como uma mosca que não parava de zumbir em seu ouvido.

— Mas não adianta — falou o homem ainda a encarando pelo pequeno espelho —, em nosso mundo, não existe família feliz. Ou você comanda uma organização, ou se casa. Mas fica tranquila que Raul terá o que merece, se serve de consolo.

Isla respirou fundo, mas estava incontável disfarçar sua raiva.

— Aquele idiota do seu tio, meteu os pés pelas mãos e vai pagar muito caro por isso, viu o que a inveja faz? Já seus pais...

— Tira eles da sua boca imunda — ordenou ela, finalmente, encarando-o. — Você é, e sempre será, a sombra de Orion. O homem que está sempre atrás dele, mas jamais na frente.

Quando Calisto fez menção de levantar a mão para lhe bater, sentiu um tranco no carro.

Sua visão ficou preta imediatamente, conseguia somente ouvir o barulho da lataria batendo e sua cabeça dando voltas e mais voltas.

Depois de um tempo, que pareceu interminável, tudo de repente ficou em silêncio e sua mente simplesmente relaxou, entregando-se ao momento, levando-a para outro lugar onde não tinha mais consciência.

— O que você achou? Que agindo como uma criança, escondendo o passaporte dela iria me impedir de mandá-la embora? — inquiriu Orion, irritado com a mãe. — Você foi longe demais desta vez.

— Você não tinha o direito de me impedir de vê-la — declarou Linda, indignada. — Por que adiantou a viagem dela em mais de uma semana?

— Só pode ser brincadeira — falou com os nervos exaltados. — Isso não é um problema seu.

Orion se levantou de sua cadeira no escritório e caminhou até a parede de vidro.

O dia estava lindo e ensolarado, completamente o oposto do que sentia dentro de si.

Ele realmente tinha feito de tudo para que Isla fosse embora o quanto antes e assim que os papéis do casamento foram assinados, despachou-a no mesmo dia, justamente por saber que Linda atuaria contra seu planejamento.

Sua mãe estava com a cabeça virada e ele não sabia o motivo.

Nunca tinha visto sua mãe daquela forma, tão empenhada em algo ou com uma ideia tão fixa na cabeça.

Ter agido na surdina foi já pensando em não ter surpresas ou intervenção de sua mãe, pois ele sabia que Linda faria de tudo para impedi-la e tê-la por perto por mais tempo, era inadmissível.

— O que está acontecendo com você? Cadê seu bom senso ou raciocínio lógico? — quis saber ele, ainda alterado.

— E o que você fez a ela? Isso é lógico?

— Não se mete em meus assuntos, fiz o que deveria ser feito.

— Não — retrucou também, levantando-se. — Você fez o que fez, orquestrado por seu ego. Quando enxergará isso?

— Se tem alguém aqui que sabe o que está fazendo, esta pessoa sou eu. Não sou nenhum moleque irracional. Tive meus motivos para agir da forma como agi.

— Ah, meu filho! Entristece-me muito vê-lo desse jeito.

— Que jeito? — indagou, cruzando os braços. — Existe muita coisa em jogo nesta história, você está vendo apenas a ponta do iceberg, por isso estou pedindo, pela última vez, que não se meta mais nessa história. Chega! Isla foi embora e acabou.

— Ela não poderia ter ido — declarou, visivelmente entristecida. — Você não entende.

— Não quero entender. O lugar dela não é aqui.

— Você está enganado.

— Nunca estive tão certo — falou, ao se virar novamente para o vitral. — Olhe... O que passou ficou lá atrás, esqueça Isla e tudo que viveu. Iniciamos hoje um novo capítulo.

— Está novamente enganado. Este capítulo ainda não terminou, eu sinto.

— Sente? — repetiu, irônico. — Basta desses assuntos místicos, estou farto disso.

— Já deveria saber que quando eu sinto alguma coisa, é tiro e queda.

— Então vamos lá, vidente, o que irá acontecer? — perguntou, cáustico.

— Não ligo para sua incredulidade, pois lá na frente me olhará arrependido — disse a mulher, encarando-o séria. — Eu não sou

vidente, não sei o que irá acontecer, eu só digo apenas o que meu coração me instruiu.

— Está bem — articulou, querendo acabar com aquele assunto de uma vez porque realmente estava farto de ouvir tanta merda.

— Quer saber? Ninguém te fala, mas eu vou falar...

Orion revirou os olhos.

Sorte que ela era sua mãe, porque se não fosse... Ele nem sabe.

— Sabe por que você vai deixá-la ir?

— Estou curioso para saber — respondeu, jocoso.

— Porque você a ama.

— Amo — respondeu ele. — Era isso que queria escutar? Agora pode ir — completou, esticando o braço para a porta.

— Você pode ser irônico, revirar seus olhos ou até ser grosseiro, eu não ligo para nada disso — começou a dizer, levando as mãos na cintura —, porque, no fundo, você sabe que tenho razão. Isla pode não ter conseguido te matar, o que foi irônico porque, no fim, ela acabou te salvando e mesmo depois de tudo, você vai deixá-la ir. Não quero ser repetitiva, mas ela tentou te matar. — Repetia somente para provocá-lo dando ênfase às últimas palavras, falando-as pausadamente. — Se isso não é amor, ainda mais vindo de você, não sei mais o que é — finalizou com um sorriso virando as costas.

Sua mãe precisava de um tempo tranquilo, para relaxar e tirar algumas ideias absurdas da cabeça.

O tempo a faria voltar para si e colocar a mão na consciência do que era o certo a se fazer.

Orion voltou a se sentar e se concentrou em colocar tudo que estava pendente no eixo novamente.

Após uma hora, viu que Alberto, seu chefe de segurança, estava batendo em sua porta.

— Senhor...

— Pode falar — disse Orion enquanto mexia no computador.

— O senhor me pediu para ir até a sede verificar como estava a central de controle dos caminhoneiros e está tudo funcionando — declarou o homem, aproximando-se da mesa. — Começamos efetivamente a operar semana passada, com a supervisão de Nicolas e, até o momento, está sendo um sucesso.

— Reduzimos os ataques em quantos por cento?

— Por enquanto, em oitenta — respondeu olhando um pequeno caderno.

— Ótimo resultado — afirmou, satisfeito. — Assim que Calisto voltar, vamos nos reunir para discutir algumas pequenas mudanças que estou vendo aqui que na prática não funcionaram tão bem quanto na teoria — disse, encarando a tela.

— Sim, senhor.

— Você tem vigiado aquelas duas amigas de Isla? — perguntou mudando o foco da conversa.

— Sim, nossos homens estão de olho nelas.

— Logo Isla entrará em contato com elas — ponderou, pensativo —, mas pode continuar de olho, nunca se sabe.

— Pode deixar.

— Mais uma coisa — falou Orion, levantando-se. — Quero que vá novamente à casa de Isla e faça um novo pente fino.

— Devo procurar algo em específico?

— Não, quero que olhe tudo de novo, porém, desta vez, mais criterioso.

— Farei isso — colocou-se à disposição seu chefe de segurança.

Assim que Alberto virou para sair, uma movimentação diferente se iniciou ao lado de fora.

Ambos franziram o cenho e Orion foi se aproximando lentamente da porta, levando a mão ao cócs de sua calça e

alcançando a arma.

Colocou-a em posição e Alberto o imitou, caminhando ao seu lado.

Quando viu Calisto entrar em seu escritório ajoelhado e banhado em sangue.

Orion guardou a pistola rapidamente e escorou seu amigo.

— Chame Heitor ou Giovanni — ordenou, tentando estancar um ferimento na perna do homem. — Agora!

Alberto pegou o celular e enquanto seu segurança providenciava ajuda profissional, Orion queria apenas entender o que havia acontecido.

— Calisto... — chamou-o tentando descobrir que porra tinha acontecido.

— Senhor — disse um de seus seguranças, entrando no cômodo, afobado. — Ele chegou aqui em um carro roubado, ferido...

— Cadê o restante da equipe?

Assim que finalizou a pergunta, uma ficha caiu em sua cabeça: Isla.

— Cadê Isla? — inquiriu ao seu funcionário escorado em seu colo. — Onde ela está? — investigou mais incisivo.

— Explodiram nossa frota inteira. Consegui fugir roubando o carro de um homem que parou para nos ajudar. Todos morreram.

— E Isla? — perguntou mais alto do que gostaria.

— Eu não sei, não encontrei o corpo dela. Acho que...

— O quê? — incentivou, apreensivo.

— Acho que a levaram — finalizou Calisto, fechando os olhos com uma feição de dor. — Foi próximo à usina desativada.

— Puta que pariu — xingou, apoquentado.

— O que está acontecendo? — inquiriu Nicolas, entrando no cômodo e se chocando com a cena de Calisto caído.

Orion pegou-o no colo e depositou Calisto em seu sofá.

— Emboscada... — falou o homem tatuado com dificuldade.

— Chamou o médico? — inquiriu Orion, voltando a sua atenção a Alberto.

— Sim, eles estão vindo — declarou, encarando Calisto. — Chegam em cinco minutos.

— Porra, está fazendo o que aqui me olhando? Vá para o local do acidente agora — comandou para seu chefe de segurança. — É bom que você volte com Isla — finalizou em tom ameaçador.

Alberto saiu do cômodo ordenando alguma coisa para o segurança que havia entrado há pouco no cômodo.

Orion pegou seu aparelho e começou a fazer algumas ligações. Em seguida, dirigiu-se a seu computador e acessou as câmeras da rodovia baseado na localização que Calisto mencionou, enquanto Nicolas auxiliava no que Calisto precisava.

Perdeu cinco minutos até finalmente encontrar a imagem exata da explosão.

O homem tatuado ainda estava deitado, resmungando de dor, porém, não havia nada que Orion pudesse fazer por ele, visto que não se encontrava entre a vida e a morte. Tinha apenas que esperar ajuda médica.

E, sinceramente, ele estava cego, querendo descobrir onde Isla tinha ido parar. Permitiu-se deixar o egoísmo comandar aquela situação.

Pausou o vídeo e reprisou centenas de vezes, aproximando o máximo que pôde.

Aparentemente, foi uma bomba já instalada no veículo que eles estavam. Maldição! Havia novamente caído no mesmo atentado que quase o matou há semanas.

Ele notou também um carro que andava atrás deles, sem ser o da frota de Orion, que acompanhou tudo de longe.

Após a explosão de seus dois carros, o que estava Isla e o de apoio, uma pessoa encapuzada saiu do automóvel misterioso e a retirou do carro, levando-a para alguma porra de lugar que Orion

desconhecia. Tudo isso em menos de um minuto. Foi tudo muito rápido.

— Calisto, você não fez a verificação do carro? — quis saber Orion, irado, afinal, ele que deveria ter feito isso antes de saírem.

— Sim, senhor — respondeu entre gemidos. — Eu fiz, tenho certeza, estava limpo.

— Não é possível — respondeu, ao se levantar e andar de um lado a outro. — Nicolas, você que tem que fazer a segunda verificação...

— Não tinha nada, senhor — respondeu o jovem.

— A porra da bomba foi voando sozinha, caralho?

— Desculpe, senhor — pediu Calisto, encarando-o.

— Desgraçado — xingou dando um soco em sua mesa, fazendo alguns objetos saírem.

Os médicos chegaram e começaram a cuidar de seu funcionário, mas ele não conseguia ficar ali parado esperando por um milagre ou notícias de Alberto.

Aonde Orion iria? Nem ele sabia, mas ficar de espectador não era uma opção.

— O senhor quer que eu... — começou a dizer Nicolas.

— Não — cortou Orion, saindo do cômodo sozinho.

Chegando ao térreo, encontrou Linda com os olhos cheios de lágrimas.

Ela o encarou de uma forma que conseguiu sentir lá no fundo as palavras que sua mãe havia lhe falado há pouco. Silenciosamente, ouviu um *eu avisei*, saindo da boca dela. Mas não tinha tempo para entrar em uma discussão naquele instante, por isso a ignorou e seguiu seu percurso até o carro.

Saiu de sua residência cantando pneu e não voltaria sem respostas.

Diziam que as primeiras vinte e quatro horas eram imprescindíveis para o andamento de um sequestro, mas naquele caso, já havia se passado mais que isso e nada, Orion não tinha pistas e sentia estar andando em círculos.

Ninguém tinha entrado em contato com ele para resgate ou qualquer outra coisa parecida, fato que o deixava mais apreensivo, pois cada vez mais tinha a certeza de que a intenção do sequestrador era apenas acabar com Isla.

Apesar de ela ter entrado naquele mundo por vingança, o único que ela queria atingir era Orion, então ficou evidente que o único objetivo do raptador era atingi-lo.

E por qual motivo essa pessoa acreditou que Isla era tão importante assim em sua vida?

Dentro de seu escritório, tomando uma dose de uísque, ele estava há mais de um dia sem dormir ou comer, alucinado por notícias.

Orion detestava não ter controle de alguma situação e acabou na pior delas, totalmente à mercê de alguém e sem pista alguma.

Ao menos Calisto estava se recuperando bem, mas teve que ser encaminhado para o hospital para fazer exames e tomar medicamentos. Após vinte e quatro horas de observação ele foi liberado e Orion o aguardava, ansioso, no escritório, já que era o único sobrevivente do ocorrido.

Ele já havia feito tudo que sua capacidade mental permitiu naquele turbilhão de estresse.

Após pegarem Isla, Orion seguiu o automóvel dos sequestradores pela câmera de segurança da própria rodovia, mas elas foram apagadas, após alguns minutos, então se sentiu em um beco sem saída mais uma vez, voltando à estaca zero.

Todas as pistas que estavam em seu alcance, Orion checkou, mas não o levou a lugar algum, inclusive a placa do veículo, que estava adulterada.

Ele achava que algo o impedia de pensar com sua inteligência costumeira. Sentia-se preso em um cômodo pequeno e escuro, sem conseguir enxergar nada em sua volta. E isso fazia seu destempero apenas aumentar.

Não sabia lidar com o que estava sentindo, até porque Orion não compreendia ao certo o que estava acontecendo e por que tinha esse bloqueio bem diante de seus olhos.

Quando finalmente Calisto entrou em seu escritório, respirou, aliviado, esperando que seu braço direito pudesse clarear a situação e ajudá-lo a voltar para si, ser o Orion de antigamente, aquele que pensava sempre com o lado racional sem permitir que nenhum sentimentalismo inútil o atrapalhasse.

Mas claramente aquele não era o caso...

Ele jamais se apaixonou por alguém e não seria tão estúpido de deixar que isso acontecesse justo com aquela traidora.

— Senhor? Está me escutando? — inquiriu Calisto parado no meio do cômodo.

Seu funcionário o encarava como se estivesse aguardando a resposta de alguma pergunta, mas Orion não escutou porra nenhuma do que ele disse.

— Sente-se — ordenou.

Ele estava com hematomas pelo rosto, um braço engessado e andava com dificuldade, mas ele iria sobreviver. Quem vivia naquele

meio sabia que conviver com a dor era algo que se tornaria um hábito.

— Encontrou algo? — quis saber o homem tatuado, sentando-se.

— Não — respondeu, irritado, sentando em sua cadeira. — Achei que ia morar na porra do hospital — rezingou, depositando o copo vazio em cima da mesa.

Calisto encarou o objeto sem o líquido e ergueu as sobrancelhas em espanto.

Ele convivia tempo suficiente com Orion para saber que o chefe não bebia e só por esse indício, soube que as coisas não estavam bem por lá.

— Estávamos lhe esperando para nos dar uma luz — falou Nicolas, arreliado —, qualquer coisa.

— Tenho uma carta na manga — disse ele, animado.

— Do que está falando? Por que só estou sabendo disso agora, caralho? Estamos há mais de um dia sem notícias...

— Não pude arriscar, senhor, desculpe. Não sabemos em quem podemos confiar e desde o acidente não ficamos sozinhos.

— Fala logo — ordenou Orion impaciente.

— Mande colocar um rastreador no passaporte dela — informou, animado. — Vamos encontrá-la e acabar com o miserável.

Orion se levantou com um misto de raiva, por não ter tido conhecimento disso antes, e ânimo por conseguir ver uma luz no fim daquele túnel tenebroso.

— Porra, Calisto — começou ele batendo na mesa, fazendo o copo pular. — Deveria ter me falado no instante que chegou aqui no dia do acidente.

— Desculpe, mas eu realmente estava fora de mim, nem mesmo me lembro como cheguei aqui. Só lembro-me de ter acordado no hospital.

— Foda-se — disse, pegando o telefone. — Ligue para Gustavo, mande-o rastrear para ontem.

— Sim, senhor.

Ouviu Nicolas respirar fundo enquanto Calisto fazia a ligação.

Em menos de cinco minutos conseguiram a localização. Após anotar em um papel o endereço completo, finalizou a chamada, estendendo-o o pequeno objeto.

— Aqui está — disse satisfeito.

Orion o encarou e notou que o ponto não ficava muito longe de onde o acidente havia ocorrido.

— Organize os homens, sairemos em dois minutos.

Calisto acenou em afirmação e se levantou, saindo do escritório.

— Calisto — chamou ele, fazendo seu funcionário se virar. — Por que Gustavo não me disse desse localizador?

— Ele não sabia que era para colocar no passaporte de Isla. Se soubesse, certamente teria sido o primeiro a lhe dizer.

— Vá, rápido com isso — comandou Orion ao vê-lo sair. — E você, fique aqui — comandou olhando para Nicolas —, quero que permaneça na casa junto com Linda.

— Sim, senhor — respondeu saindo do cômodo.

Virou as costas e caminhou até uma sala adjacente em seu escritório.

Lá dentro era um closet comum com alguns pertences pessoais, mas continha uma parede falsa que dava a um elevador, ele o levava até um bunker subterrâneo a mais de cinco metros abaixo da terra.

Orion o idealizou pensando em armazenar seu armamento pessoal, mas também como um abrigo caso fosse necessário, então tinha sala, cozinha, dormitórios e milhares de dólares investidos em comida não perecível, água e itens básicos de sobrevivência.

Foi direto ao depósito de armas e pegou algumas para o acompanhar naquele resgate.

Após se sentir satisfeito com o poder bélico que possuía em mãos, subiu e fechou a passagem secreta, portando uma mala preta de ombro contendo os itens escolhidos.

Voltou ao escritório e encontrou Linda parada.

— A encontrou?

— Está vendo ela aqui? — respondeu mais grosso do que gostaria, caminhando até sua mesa.

— Faça o que tiver que ser feito, mas a traga de volta.

Orion não respondeu, estava concentrado em reunir todo material que precisaria.

— Meu coração está apertado, tome cuidado, meu filho, por favor.

— Preciso ir — disse ainda com a mala no ombro, saindo do cômodo.

— Orion — chamou ela, fazendo-o se virar. — Você ama essa mulher, assim como eu, mas não deixe que isso o afete. Faça o que tiver que ser feito e a traga para o nosso lar.

Ele não tinha tempo para entrar em uma discussão sobre as coisas que sua mãe achava que sabia, por isso virou as costas e saiu do escritório.

Ao chegar ao térreo, encontrou todos os homens a postos, somente o aguardando.

— Vamos — ordenou ele, entrando no carro pelo lado do motorista.

Acelerou o automóvel, sendo seguido por mais quatro e seguiu para o endereço que estava anotado no papel.

Calisto estava ao seu lado, no banco do passageiro e mesmo que Orion não pretendesse colocá-lo em risco, no meio do fogo cruzado, era importante tê-lo ali.

Orion estava furioso e pretendia ser o primeiro a entrar naquela merda, acabando com cada miserável que encontrasse pela frente.

— Está em contato com Gustavo? — quis se certificar Orion.

— Sim, ele está junto com a gente. O localizador se mantém no mesmo lugar.

Ele continuou a focar sua atenção na rodovia com o pé fundo no acelerador.

Em certo momento, o GPS indicava entrar em uma estrada de terra, adjacente a principal que estavam desde que saíram da cidade.

A poeira deixada por seu pelotão subia e fazia uma cortina de terra metros acima de suas cabeças.

Orion estava com sangue nos olhos e desejava jantar o desgraçado responsável pelo seu desequilíbrio emocional e poderia apostar um dedo que Fábio e Raul estavam juntos, como duas putas malditas, naquele plano para abatê-lo.

Isso que dava subestimar o inimigo...

Eles ousaram entrar em seu caminho da forma mais desonrosa que existia, então, para a punição daqueles bastardos, passava por sua cabeça coisas maravilhosas, que nem mesmo o diabo poderia acreditar que um ser humano seria capaz de fazer.

— É a três quilômetros — falou Calisto, esticando a cabeça.

— Vamos com tudo em uma ação rápida — disse Orion pelo comunicador. — Carro um e dois vão pela esquerda, dois e três pela direita e eu entrarei de frente.

— Assim não dará tempo para nos atacar? Em poucos metros já conseguirão nos ver — inquiriu o homem tatuado.

— Temos que ser agressivos — disparou, acelerando o máximo que conseguia. — Vamos cobrir o perímetro e eles não conseguirão escapar.

Orion já conseguia ver a casa de madeira maltrapilha e um furgão preto estacionado na lateral, aquele mesmo que havia

pegado Isla, ele o identificou no mesmo segundo, pois estava com um amassado importante no para-choque.

Viu seus homens tomarem caminhos diferentes do seu, assim como ordenara e, em questão de segundos, o cativoiro estava cercado.

Não perdeu tempo, pegou seu fuzil e saiu depressa. O carro não havia nem mesmo parado por completo quando Orion saltou para fora.

— Fiquei aí — ordenou a Calisto, querendo poupá-lo.

Seus seguranças também já estavam a postos, avançando rapidamente para dentro da casa.

Assim que entrou, notou que estava tudo muito vazio e silencioso.

Uma camada generosa de poeira cobria todo assoalho, mas por conta delas, conseguiu enxergar marcas de calçados grandes espalhados por todo lado.

Avançou atravessando a sala, passando pela cozinha remexida e com alguns enlatados abertos em cima da mesa e chegou ao primeiro quarto, porém, estava vazio.

Caminhou até o segundo cômodo e avistou um corpo jogado no chão aparentemente sem vida.

Seu coração galopou e se aproximou e pôde ver um pequeno rastreador jogado ao lado do corpo. Era por causa dele que haviam conseguido chegar até lá e, ao que parecia, tinham descoberto e arrancado do passaporte.

Voltou a sua atenção ao Fábio deitado sem cuidado no pavimento de madeira. Obviamente ele estava morto há algumas horas e não havia mais nada para ser feito.

Naquele momento restava apenas uma pergunta, por que aquele maldito estava morto ali? O que havia acontecido?

Será que Fábio brigou com Raul e ele resolveu matá-lo?

De qualquer forma, Isla não estava mais lá e, novamente, se sentiu no fundo do poço com um sentimento de impotência, afinal,

ela ainda estava no poder daquele maldito e de novo Orion ficou sem pistas.

— Está tudo limpo, senhor — falou um de seus homens entrando no quarto.

— Shh — disse com o indicador na boca, atentando-se a um pequeno barulho que seus ouvidos captavam.

— Corram — gritou Orion, sabendo exatamente o que era aquilo. — Vai explodir!

Ele pulou pela janela mais próxima e todos seus homens o imitaram, saindo por onde conseguiam naquele instante.

Uns saltaram pelas vidraças, enquanto outros correram pela porta quando a casa foi para os ares em uma grande explosão.

Cada um se protegeu como pôde. Uns usaram os automóveis, outros o próprio corpo para não se ferir. Orion estava naquele número que não conseguiu chegar até o veículo, por isso deitou em posição fetal, envolveu os braços na cabeça e por alguns segundos ficou completamente lesado esperando seus ouvidos voltarem ao normal, a poeira abaixar para assim conseguir ver e ouvir alguma coisa.

Por sorte, ele detectou o explosivo rapidamente, evitando que algum de seus homens fosse abatido.

Após alguns minutos, levantou-se e viu que seus seguranças faziam o mesmo.

Olhou para seu carro e notou que ele havia capotado com o impacto, já que era o automóvel mais próximo da casa.

Calisto estava desacordado, mas aparentemente sem lesões novas.

— Puta que pariu — xingou Orion. — Me ajudem — gritou, querendo desvirar o carro.

Todos os seguranças o auxiliaram e conseguiram colocá-lo novamente no eixo.

Logo o homem acordou sem saber exatamente o que tinha acontecido.

Orion se afastou de seu veículo e encarou os escombros, irritado.

— Filhos da puta — gritou com todo ar que possuía em seus pulmões. — Nunca um homem sofreu tanto na minha mão como você sofrerá — sussurrou em promessa.

QUATRO MESES DEPOIS...

Cento e vinte e dois dias que Isla havia sido sequestrada e nada de notícias, nem mesmo uma mísera pista os malditos foram incapazes de enviar.

Orion moveu céus e terras para recuperá-la, porém, até aquele momento, os frutos ainda não estavam maduros para serem colhidos.

Seus negócios somente não tinham ruído graças a Calisto que estava cuidando deles para que pudesse focar sua atenção inteiramente em trazer sua criada de volta.

Todos os seus homens – e os que também não eram especificamente seus –, estavam empenhados no objetivo de encontrá-la. Mas Orion sentia que alguma coisa não estava batendo naquela história.

Por que alguém sequestraria uma pessoa sem pedir recompensa alguma?

Porra, quatro meses já haviam se passados e os filhos da puta não deram um sinal de vida.

A ideia de que já a tivessem matado passou por sua cabeça, no entanto, se recusava a crer nela.

Isla aprendeu a ser uma mulher forte e quando esse tipo de pensamento pessimista tomava conta de sua mente, naqueles momentos mais tenebrosos, Orion os expulsava, pois jamais em sua

vida perdeu a esperança em algo que acreditava e não iria permitir que isso acontecesse.

Diversos dias haviam se passado e era muito provável que Isla estivesse passando por coisas horríveis, entretanto, apenas lhe dava gás para não abandoná-la.

Ele mesmo já tinha sido responsável por algumas das piores torturas que ela havia passado na vida, então apenas desejou que eles a tivessem ensinado a superar eles e aguentar firme porque Orion a resgataria de qualquer forma.

E mesmo que ele tenha se esforçado para não deixar transparecer o quanto estava abalado, a aparência demonstrava o contrário. Sua barba nunca esteve tão grande, assim como seus cabelos. Aquele usual cuidado que possuía com seus trajes, não estava mais tão impecável assim.

A verdade era que Orion sentia que uma parte de si havia morrido. Esse era o tamanho da confusão que se encontrava consigo mesmo, ele não conseguia identificar a porra de um sentimento, como conseguiria encontrá-la?

Vivia em um conflito intrínseco, porém, por fora, esforçava-se para não deixar que percebessem o quando aquilo tudo o afetava.

A única que conseguia enxergá-lo por completo, obviamente, era Linda.

Sua mãe de fato tinha um dom assustador de sentir como Orion estava por dentro.

Aquilo que ninguém mais via – nem mesmo ele –, ela enxergava com clareza, tanto que, por vezes, até o assustava. Ainda assim, jamais dava o braço a torcer e lidar com tudo aquilo era a batalha mais difícil que já havia enfrentado na vida.

Assim como assumir, mesmo que somente para si, que remoía o gosto amargo do arrependimento por suas últimas palavras para Isla terem sido tão severas e mentirosas. Se pudesse, ao menos, voltar no tempo, certamente teria feito tudo diferente.

— Então podemos dar continuidade ao novo plano de proteção aos caminhoneiros? — inquiriu Calisto.

Seu braço direito estava mais presente que nunca, tomando à frente em muitas coisas que, sinceramente, Orion não estava dando tanto importância.

Nicolas também estava sempre junto auxiliando-o no que era necessário.

Os dois comandavam aquilo que, um dia, julgou ser a coisa mais importante de sua vida, mas que naquele momento Orion já não tinha tanta certeza assim.

O trabalho sempre foi sua vida, mas algo maior estava em jogo.

— Sim — respondeu atento a seu computador.

Orion estava igual um maníaco atento a tela, checando cada veículo pela câmera de segurança da rodovia, que entrou para desembocar naquela maldita casa.

Era um serviço cansativo e desgastante, além de não ter chegado a lugar algum, pelo menos não um que lhe desse o que procurava, mas novamente, desistir não era uma opção viável.

— Senhor, se me permite dizer... — começou Calisto, cauteloso —, nossa equipe lá na central está empenhada em encontrá-la.

— Mesmo? — falou ele levantando o olhar a seu braço direito. — Não é o que me parece já que Isla não está aqui.

O homem se calou, pouco cabisbaixo.

— Mais alguma coisa? — inquiriu Orion, irritado, ainda encarando Calisto.

— Na realidade, sim — voltou a falar erguendo a cabeça. — Nosso faturamento na Cloud diminuiu este mês, e estive pensando se não seria interessante fazer uma aliança com os Duqueses.

— Está querendo inserir drogas em meus estabelecimentos? — quis saber Orion, ficando mais irritado.

— Sabemos que a venda consequentemente aumenta o público.

Orion riu sem humor e se levantou caminhando até Calisto, dizendo:

— O dia que eu começar a comercializar droga em minhas boates, pode me internar. Você me conhece há tempo suficiente e sabe que não aceito esse tipo de coisa dentro de nenhuma delas, deprecia o meu estabelecimento e é justamente esse um dos motivos que invisto em tanta segurança.

— Eu sei, me desculpe, apenas cogitei por conta dos números.

— Então, peça para fazer um balanceamento a fim de descobrir o motivo — disse, virando as costas. — Daqui a pouco vai querer instalar baias de *Dry Wall* para que as pessoas se droguem com privacidade.

— Não, senhor — respondeu ainda parado. — Mas quem sabe se olharmos para frente, conseguiremos enxergar novos rumos.

— Calisto, você é meu braço direito, mas não tome para si algo que não lhe pertence — aconselhou, sentando-se novamente. — Vá embora daqui, porque se eu olhar mais um minuto para sua cara, sou capaz de deformá-la.

Ultimamente Orion estava mais impaciente e menos cauteloso com as palavras.

Ainda assim, Calisto sabia que tudo tinha limite, até mesmo Orion possuía os seus e mexer com droga era algo que jamais aceitaria.

Antes de ir para casa de Roger, morou em uma comunidade e viu com seus próprios olhos como aquela merda acabava não somente com a vida de uma criança, mas com a estrutura familiar toda dela.

Uma vez que entrasse para o tráfico, dificilmente sairia de lá vivo com mais de quarenta anos.

A expectativa de vida de quem morava na comunidade era de trinta anos a menos da pessoa que morava em bairros nobres e

quando essa pessoa resolvia fazer — e se meter —, com coisa errada, esse número disparava ainda mais.

Por isso se recusava a contribuir com a ruína de crianças que apenas não viam outro caminho para si.

— Novamente peço desculpas, quis apenas contribuir.

— Faz um favor? Cale sua boca e saia daqui agora — ordenou, esticando o braço em direção à porta. Antes de sair o homem tatuado encarou Nicolas, que estava a seu lado, e partiu.

Orion nunca discutia com seu braço direito. Desde quando se conheceram, através de Roger, se deram bem logo de cara.

E mesmo que Calisto já trabalhasse para o velho quando chegou, o homem o recebeu muito bem. Tanto que mantinham relações próximas mesmo após tantos anos.

Ele viu Orion crescer profissionalmente e esteve ao seu lado em todos os momentos, por isso levou em consideração a merda que havia acabado de escutar e fingiria que jamais Calisto tivesse aberto a boca para sugerir tamanho absurdo.

Continuou à procura desenfreada pelo carro de Isla em seu computador, sabendo que hora ou outra alcançaria seu objetivo, afinal, sempre havia sido dessa forma, o problema era o tempo.

Ele não sabia exatamente quanto tempo lhe restava e se Isla se mantinha firme, acreditando que ele iria ao inferno para encontrá-la.

— Estou preocupado — falou o jovem.

— Eu a encontrarei — falou Orion, bitolado na tela do computador.

— Desculpe minha franqueza, mas o senhor precisa reagir. Dar atenção aos seus negócios — disse com cautela.

Orion encarou o rapaz com seus olhos vermelhos de tanto permanecer encarando a tela de um computador e disse:

— Acha que Calisto está certo? Que devo colocar droga em minhas boates?

— Não foi...

— Vocês acham que estou senil? Que perdi completamente minhas faculdades mentais? Caralho. Saia daqui também — ordenou para Nicolas.

Ele queria ficar sozinho porque seus homens de confiança pareciam que estavam insanos.

Continuou sua busca no computador como um doido bitolado, pois a verdade dificilmente cairia em seu colo, por isso tinha que arregaçar as mangas e ir atrás do que almejava, como sempre fez em sua vida.

Mas seu celular vibrando em seu bolso o impediu de continuar.

— *Orion...* — disse Geraldo. — *Como está?*

— Estou bem.

— *Tem certeza? Não está precisando de nada?*

— Não tem o que sentir, Isla está viva — constatou, convicto.
— E não, não tem nada que possa fazer, mas aprecio sua disposição.

— *Sei que a encontrará. Eu queria ser mais útil, mas você sabe que eu sou bom apenas na venda de carros.*

— Não se preocupe, não lhe meterei nessa encrenca, afinal, sei que sua vida não se encaixa nisso tudo.

— *Mesmo assim, queria ser útil em algo.*

— Sei que sim.

— *Orion, te conheço há muitos anos e acompanhei seu crescimento e sei que encontrará uma forma de dar a volta por cima. Abra seus olhos, pense além daquilo que está enxergando de fato e coloque sua cabeça no lugar. Aquela moça precisa de você, mas ela precisa do antigo Orion e não este que fica andando em círculos. Se cuide e me mande o convite do casório* — declarou o homem finalizando a chamada.

Quando olhou para cima viu sua mãe parada no meio do cômodo e algo lhe dizia que tinha dedinho de Linda naquela ligação,

visto que sua mãe e Geraldo já haviam sido namorados.

— Agora não, Linda — falou, sem paciência para mais amolação. Porque enquanto alguém o atrapalhava, perdia tempo precioso de procura.

— Olha isso — disse, alterada.

Sua mãe carregava uma pequena caixa de papelão.

— O que isso? — inquiriu conseguindo sua atenção,

— Olhe você — disse, estendendo o pequeno objeto.

Levantou-se rapidamente e o pegou.

Ao abrir se deparou com um chumaço de fios de cabelos castanhos.

Aquela era a primeira tentativa de contato que os miseráveis tentavam com Orion e aquilo fez seu interior acelerar.

— É dela — constatou o óbvio. — Quem deixou isso aqui?

— Ninguém sabe, estava no jardim, nem mesmo sabemos há quanto tempo.

— Não faz muito tempo — concluiu caminhando até a parede de vidro. — Não encontraram mais nada?

— Não — respondeu, abatida, mais magra e sem o costumeiro sorriso no rosto.

Orion saiu igual um raio de seu escritório e desceu até o jardim de sua casa.

Sua mãe o seguiu e o imitou, procurando qualquer outra coisa a mais que pudessem ajudá-los.

Era o desespero falando por eles, implorando por qualquer outra informação, já que somente aquela caixa não fazia sentido algum.

Logo mais funcionários se aproximaram, inclusive Calisto e Nicolas.

— Chequem as câmeras de segurança da madrugada, quero saber quem jogou essa caixa aqui para dentro.

— Somente desta madrugada? — estranhou seu braço direito.

— Sim, na passada choveu e ela — falou levantando-a —, está seca. Vamos, rápido com isso... — completou, colérico, sem querer que perdessem tempo.

— Sim — respondeu, já se retirando do local.

Após alguns segundos, Orion encontrou um pedaço de papel, que muito provavelmente deveria ter se desprendido no momento do impacto com o chão, já que era um muro de mais de cinco metros.

Ele estava em um canto oposto, bem camuflado entre a folhagem.

Abriu-o com cuidado e começou a ler:

Estou com o que deseja e sei o quanto cobiçou meu contato, porém, foi necessário esse tempo, mas agora estamos prontos.

Minha exigência é simples, se não quiser que sua governanta, ou minha sobrinha (como preferir) tenha o mesmo destino que Fábio, passe todos seus negócios para meu nome, inclusive o dinheiro que você mantém no paraíso fiscal.

Você terá dois dias corridos para isso, pois estarei lhe esperando sábado, no galpão norte da serra, para que me entregue esse documento. Se caso estiver tudo de acordo, entregarei a Isla.

Ah, acho prudente avisar que se você bolar qualquer truque, não hesitarei em acabar com a vida dela e da criança que cresce em seu ventre.

Parabéns, papai.

Pai?

Será que seus olhos leram direito?

Orion leu e releu incontáveis vezes até que seu cérebro captou o que realmente estava escrito naquelas linhas.

Ainda no mesmo lugar, com o pequeno pedaço de papel nas mãos, estava petrificado quando sentiu algo forte e incontrolável crescer dentro de si.

Foi como se alguém tivesse virado uma chave, fazendo sua engrenagem enferrujada funcionar por fim.

Ter aquele sentimento real de perigo injetado em suas veias de uma vez só, fez com que Orion experimentasse, pela primeira vez em sua vida, o medo.

Receio pela vida de Isla, porém, mais que isso, pela vida daquele pequeno ser que crescia no ventre dela.

Como ele poderia estar experimentando tantos sentimentos novos de uma vez, sem nem mesmo ter a certeza da veracidade do conteúdo da carta? Mas Orion sabia que era verdade. Algo dentro de si o alertou que, a partir daquele momento, sua vida jamais seria a mesma.

Deu-se conta das tentativas falhas em afastá-la de seu coração e que fizeram justamente o efeito contrário, pois nunca em sua vida ficou tão inerte como naqueles últimos meses.

Jamais uma mulher lhe despertou admiração na mesma magnitude que o desejo sexual. Com Orion era sempre um relacionamento sem compromisso, pautado somente em seus desejos. Mas de alguma forma, Isla mudou esse panorama, mesmo que tivesse sido necessário perdê-la por meses para entender de uma vez seus sentimentos.

Foda-se suas antigas regras. Arriscaria sua vida, se necessário, para salvar ela e seu filho que estava por vir porque, no fundo, Orion sabia que se os perdesse, jamais encontraria o fim daquele labirinto obscuro que se encontrava.

— Senhor, achou algo? — inquiriu um de seus homens.

— Sim — respondeu, finalmente saindo de seu torpor. — Ache Nicolas e meus advogados, mande todos para o meu escritório agora.

— Claro — obedeceu, imediatamente, retirando-se.

Sua mãe ficou e o seguiu enquanto falava muitas coisas, mas sua cabeça estava lá na frente, em seus próximos passos e mesmo que não tenha sido totalmente proposital, subiu as escadas como um foguete e se trancou em seu escritório.

Não era o momento de dar explicações e sim de agir, pois cada segundo perdido refletiria negativamente. Orion jamais se perdoaria se algo acontecesse com Isla e o bebê, nem que para isso tivesse que ficar pobre – mesmo que não fosse sua intenção.

Em menos de uma hora tinha meia dúzia de advogados à sua volta, dizendo-lhe como era loucura fazer aquilo que a carta ordenava.

Mas eles não tinham como saber a sensação que Orion experimentava dentro de si.

Estava sendo capaz de fazer tudo somente para ter a possibilidade de salvá-los, porém, ainda tinha muito daquele antigo Orion lá dentro de seu eu.

Jamais ele se colocaria em uma situação sem estudá-la com muita cautela e tudo já estava muito claro em sua cabeça.

Não precisava ser muito inteligente para saber que, no instante que Orion entregasse o tal documento e que ele fosse checado detalhadamente, Raul o mataria, por isso ele tinha que ser mais rápido do que o velho cretino.

Montaria a porra de um exército com uma organização jamais vista, só para pegá-lo antes que fosse morto porque o documento tinha que ser legítimo, afinal, se não fosse, estaria arriscando a vida de Isla.

Mas Orion tinha uma carta na manga.

Daria o documento válido, mas lá, não constaria todos seus negócios e sim parte deles.

Era a única forma de chegar ao seu objetivo.

— Pedro, ache Calisto e leve-o com vocês até o escritório para formular o documento e autenticá-lo — falou um dos advogados.

O homem acenou com a cabeça, levantando-se, fazendo o restante dos advogados lhe seguir.

— Nicolas, você fica aqui comigo e os outros homens.

Vagner, seu chefe de segurança, logo também agregou companhia a eles escoltado dos melhores homens.

Ficaram por horas bolando planejamento e possíveis evoluções do que aconteceria no local do resgate, justamente para estarem preparados para tudo o que pudesse vir a acontecer.

Todos falavam, davam suas opiniões com base na vivência que tinham e que agregava muito ao plano, pois Orion conseguia enxergar a situação de um ponto de vista macro.

No fim da reunião, tinham mais de vinte possíveis situações e cada uma delas já possuía uma resposta imediata. Para isso, tinham que ser homens com treinamento e armamento especial.

Orion não poderia eleger qualquer soldado para essa missão, então com muito esmero, sentou-se somente com Vagner e os escolheram.

Segurou o papel com cerca de trinta nomes anotados e o encarou por alguns segundos.

A vida de Isla e de seu filho estava também nas mãos daquelas pessoas. Não tinha outra opção a não ser fazer aquilo que mais detestava em sua vida: confiar em um estranho.

Não poderia agir sozinho, dependia de seus homens para recuperar as duas pessoas que detinham todo seu coração: Isla e seu filho.

No dia seguinte, após virar a noite com seu chefe de segurança e Nicolas refazendo cada parte do plano, Calisto retornou com o documento pronto em uma pasta e o entregou.

O resgate seria no dia seguinte e mesmo que quase tudo já tivesse organizado, Orion estava apreensivo e sua mente não conseguia parar de repassar tudo em sua cabeça.

Estava tão perturbado em suas próprias neuras que somente se deu conta de Linda de noite.

— Calisto.

— Sim, senhor — respondeu o homem, ao se aproximar.

— Estava contando com você no plano, mas também preciso que Linda esteja protegida e existe somente uma pessoa que confio para essa missão: Você.

Estavam todos os homens reunidos no escritório, mas eles conversavam em particular, pouco afastados dos demais.

— Pode contar comigo.

— Com todos nós longe, a casa vira um alvo fácil e não sabemos se isso tudo é uma armadilha deles.

— Concordo, senhor. Acha que Nicolas dá conta?

— Tem que dar — disse, encarando o jovem interagir com Wagner.

— Só uma coisa, tome cuidado com ele.

Orion franziu o cenho.

Aquele não era momento para levantar suspeitas infundadas. Sua atenção deveria estar todo em Isla e não em um possível traidor.

— Sei que o senhor está pensando, mas como ficou afastado esses últimos meses acabei me aproximando mais dele e... Não sei, é só uma intuição.

— Foque sua energia em proteger Linda e o resto, deixe comigo...

Seu braço direito acenou positivamente com a cabeça e deu três tapas em seu ombro.

— Leve-a para São Paulo, no Yanc — ordenou Orion.

Aquele era seu empreendimento mais antigo e o que menos frequentava, por isso acreditou ser o lugar ideal para abrigá-los.

Linda já estava acostumada em ter essas viagens repentinas sem explicação e também, era habituada a presença do seu braço direito, já que era quase sempre ele que a acompanhava.

— Sim, boa sorte — desejou Calisto, ao virar as costas e sair do escritório.

Na manhã do resgate, sua mãe já havia partido com Calisto e ainda que tivesse tido dificuldades em dispensá-la sem maiores informações. Antes de Linda sair, ela disse confiava em Orion e sabia que ele a traria de volta.

Aquelas palavras foram confortantes e incentivadoras para ele.

Estava com um misto de sentimentos dentro de si, nunca ficou assim em missão alguma, no entanto, jamais tivera que resgatar alguém que significasse tanto para ele, então somente se concentrou e mandou embora a preocupação, pois ela somente o atrapalharia.

Focou em se preparar.

Tomou um banho, tirou aquela maldita barba grande e deu um jeito em seu cabelo com as palavras de Geraldo martelando em sua cabeça.

Colocou uma roupa toda preta, como de costume, porém, mais confortável e que lhe permitisse matar muitos vagabundos e saiu de seu quarto rumo ao bunker na passagem escondida em seu escritório.

Perdeu alguns minutos escolhendo o armamento adequado e saiu.

Deixou para trás sua casa vazia, dirigindo rumo ao seu novo galpão, um recém-adquirido armazém que ninguém tinha conhecimento da existência, desta forma, não levantariam suspeitas.

Todos seus homens já o aguardavam no local, apenas esperando o momento certo de agir.

Por fora, não se via movimentação alguma, mas assim que adentrou ao imenso celeiro, avistou centenas de homens, carros, motos, drones e até um helicóptero. Além de uma central montada exclusivamente para aquela missão.

Obviamente nem todos participariam, porém, Orion gostava de ter sempre homens preparados para qualquer eventual situação extrema.

— Tudo pronto? — inquiriu Orion, ajeitando o cinto com uma pequena pistola acoplada nela.

— Esperando somente sua autorização.

— Autorizado — disse, firme. — Irei no primeiro carro e todo o restante, mantenham o plano.

— Sim, senhor, inclusive metade de nossos homens já estão no local desde ontem de noite, como havíamos combinado.

— Lembre-se sempre que a prioridade é Isla em segurança — decretou, sério. — Sem margens para erro.

— Todos já estão cientes — rebateu Alberto.

— Então vamos — declarou Nicolas, estralando o pescoço.

— Vamos — comandou Orion virando as costas.

Ele não sabia, mas estava a caminho da situação mais desesperadora que já tinha passado em sua vida, mostrando-lhe que tudo que viveu, não chegava nem perto daquilo que estava por vir.

O galpão escolhido por Raul Duarte era uma antiga fábrica de produtos químicos dos anos setenta, desde então abandonada por herdeiros em uma briga judicial interminável.

Virou um enorme armazém largado e judiado pelo tempo. O lugar perfeito para aquela cena de terror vista regularmente em filmes de suspense.

Orion chegou com horas de antecedência justamente para conhecer o terreno com seus próprios olhos, porque por mais que fosse bem familiarizado com a região, qualquer detalhe sobressalente era de suma importância e decisivo para o plano.

O local era afastado e em seu ponto de vista, poderia ser um ponto a seu favor.

Seus homens estavam todos equipados com o mais sofisticado equipamento de visão noturna, armamento capaz de captar uma pessoa mesmo que estivesse sem visibilidade alguma...

Aquilo tudo lhe auxiliaria no êxito em levar Isla para casa em segurança.

Orion nunca ficou apreensivo em qualquer missão, foi treinado e submetido a diversos treinamentos que o capacitaram para ser o melhor, mas aquela era uma condição impossível de ser projetada com antecedência. Até mesmo porque, ele não havia experimentado como era amar alguém a ponto de sentir dor física somente ao imaginar o mundo sem ela.

O que era relativamente irônico em seu ponto de vista, já que ele mesmo havia submetido ela àquelas coisas ruins. Mas, no fundo, Orion sabia que Isla era forte e sairia fortalecida de tudo aquilo – o que de fato ocorreu.

Ele deixou o ego comandá-lo por aquele período. Não aceitava os próprios sentimentos e se negava a cogitar sentir alguma coisa por uma mulher que havia entrado em sua vida apenas para arruiná-lo.

E o destino lhe jogou na cara mais um escárnio.

Com tantas mulheres que já havia se envolvido, seu coração resolveu dar sinal de vida pela primeira vez justamente com ela.

Em contrapartida, teria alguém mais perfeita para ele?

Isla era uma mulher doce – ainda que não conhecesse com propriedade aquele lado dela –, corajosa e que acreditava em seus princípios.

Jamais se deixou abalar e seguiu com o plano, que levou anos para colocar em prática, até o fim. E mesmo que não tivesse dado certo – pelo menos não como ela orquestrou –, Orion lutaria com todas suas armas para que pudessem escrever um novo final para aquela história inacreditável.

Estaria ele louco? Doente? Ou talvez bipolar?

Nos últimos dias seus pensamentos estavam desordenados e frenéticos, porém, não mais que seus sentimentos.

Nunca em sua vida pensou tanto na palavra *amor* como nas últimas horas e isso era assustador.

Poderia enfrentar milhões de romanos raivosos com seus machados e martelos, mas aquela pequena palavra o deixava desorientado, sem saber o que fazer ou como agir.

Jamais um *eu te amo* saiu de sua boca. Para falar a verdade, nem mesmo cogitou. Mas Isla chegou à sua vida como um furacão, como prova que nem mesmo ele estava imune aquele sentimento e já que estava na chuva, pegaria uma pneumonia de tanto se molhar...

— Senhor? — inquiriu Nicolas.

— Sim — Tirou o olhar do horizonte e o encarou.

— Estão todos em posição.

— Montaram as trincheiras?

— Como combinamos — confirmou em simultâneo com Alberto.

— Então, mantenha todos os homens camuflados lá, quero somente você aqui comigo. O restante pode voltar para base.

— Excelente — respondeu o rapaz de sua confiança.

Alberto virou as costas e Orion observou aquela montoeira de carro indo embora, restando apenas o seu com o farol ligado, iluminando todo ambiente.

Lá não tinha luz elétrica, por isso dependiam do automóvel para conseguir enxergar alguma coisa. Esse era um dos pontos negativos, pois Orion gostava de saber exatamente onde estava pisando.

— Porra! Estou vendo um laser aceso — ralhou Orion olhando na direção onde as trincheiras haviam sido erguidas com arbustos camuflando-as. — Só pode ser brincadeira que nessa altura do plano tem um erro primário desses...

— Caralho — xingou Nicolas também ao ver o ponto vermelho.

Orion levou o indicador até a orelha direita e disse:

— Se eu tiver que ir até aí desligar o caralho desse laser, explodirei a cabeça do maldito que o esqueceu ligado.

Eles não poderiam dar chance para erros, porque por menor que fosse, poderia custar à vida de Isla e de seu filho.

Sempre que esse pensamento vinha à tona, era como se o mundo ao redor sumisse por alguns segundos, levando-o a porra de um sonho.

Nunca semeou o desejo da paternidade, sequer passou por sua cabeça realmente ter um filho algum dia, mas naquele

momento, sabendo que era real, Orion não poderia estar mais exultante.

Ele seria o caralho do pai mais feliz do mundo.

Perdeu-se em pensamentos, encostado em seu carro, quando notou que já estava quase no horário combinado de Raul chegar com Isla.

Pegou o documento no console do veículo e o manteve em mãos... Aquele pedaço de papel abriria a porta para tê-los novamente e ainda de quebra, dar um fim no velho maldito que ousou agir contra ele.

— Todos a postos? — inquiriu Orion para Nicolas checando uma imagem ao vivo da rodovia pelo celular.

Seu drone sobrevoava a região, discretamente, a fim de mantê-lo informado sobre qualquer movimentação diferente.

Assim que finalizou a pergunta, antes mesmo de seu funcionário responder, observou uma van preta entrar na rua de terra que desembocava na antiga fábrica.

Eram eles! Orion sentia.

— Eles estão chegando — falou tanto para Nicolas como para os homens que o escutavam pelo comunicador.

— *Estamos preparados* — falou Alberto lá da trincheira.

— *Nós também* — respondeu um dos sniper que estavam no telhado.

A equipe de Orion estava mais que preparada, escondida entre as árvores, arbustos, no teto e a escuridão, nesse aspecto, estava sendo uma grande aliada. Possuíam apenas um objetivo, tirar Isla de lá a salvo daqueles maníacos.

Depois de quinze minutos contatos, foi possível avistar os faróis se aproximarem com um carro escoltando-o.

O furgão era grande, poderia facilmente ter dez homens lá dentro, com mais uns cinco do outro veículo, somavam quinze e enquanto via eles se aproximarem sua cabeça trabalhava lá na frente, pensando em abater um a um.

Estacionaram próximo ao seu carro e desligaram os faróis. Após alguns segundos, um homem negro e forte saiu primeiro da van para, logo em seguida, Raul o imitar.

Como aquele maldito conseguiu estar naquela posição se estava pobre?

Mas deixou para ponderar isso mais tarde, com Isla em segurança em seus braços.

Assim que viu o velho desgraçado, Orion não demonstrou emoção ou qualquer outra coisa, continuou encostado em seu carro, esperando a abordagem do traidor.

— Você é pontual — começou o velho. — Se eu bem te conheço, esse matagal deve estar cheio de homens.

Orion continuou sem dizer nada.

Desencostou do carro e se aproximou, com Nicolas em seu encalço.

— Cadê Isla?

— Quanta pressa.

— O meu tempo, ao contrário do seu, é valioso — declarou, encarando-o.

Naquele momento já tinham mais de sete homens atrás de Raul, no entanto, nada de Isla em seu campo de visão.

— Meu documento — pediu o homem mais velho com a mão estendida enquanto um homem engravatado aparecia atrás dele. Provavelmente, era a porra do advogado dele.

Orion riu, sarcástico, e disse:

— Acha que sou amador? Está subestimando minha inteligência.

— Levando em consideração que você foi enganado por uma meninota raivosa, acho que sua credibilidade está em cheque.

Ele não queria entrar na provocação de Raul, quanto mais rápido tudo aquilo terminasse, melhor.

Orion jamais precisou provar nada a ninguém e não começaria ali, logo com o velho traidor.

— É bom você se comportar — alertou Raul. — Se realmente tiver homens seus espalhados por essa mata, sugiro que os mantenha bem quietinhos, porque qualquer folha que cair no chão, o carrasco já está com ordens expressas para matar a garota.

— Isso dependerá de você — disse Orion em tom ameaçador. — Quero vê-la.

— Você não dita ordens — retrucou o velho, aproximando-se.

Orion se aproximou mais um pouco e o encarou, bem sério.

— Você deveria me conhecer o suficiente para saber que ninguém, ninguém — deu ênfase à última palavra —, se mete comigo e sai impune.

— Isso...

— Cala a boca porque não terminei — continuou a dizer. — Se você foi homem o suficiente para me ameaçar, tenho certeza de que honrará com as consequências.

— Você ainda não entendeu que eu dou as cartas por aqui? — inquiriu dando um passo para trás, receoso.

— Com medo? — provocou Orion dando um passo para frente.

— Se afasta, não se esqueça de que Isla está ali dentro e um passo em falso, ela vira comida dos meus peixes.

— Mande-a sair.

— Eu já disse...

— Se eu não a vir, não tem negócio — falou ele, levantando a pasta com uma mão e acendendo um isqueiro com a outra.

Raul refletiu por alguns segundos e ergueu um dos braços sem dizer uma palavra. Após um curto tempo, ela saiu do carro sendo abraçado por trás por um dos homens.

Estava muito escuro e Orion se esforçou o máximo que pôde para conseguir identificar como ela estava, mas somente conseguiu

ver as roupas masculinas que vestia, cabelos mais longos do que se lembrava, soltos, cobrindo parte do rosto e parecia mais magra, ao menos o que enxergava do rosto.

Estreitou o olhar e notou que Isla estava com o olhar perdido, talvez sob efeito de algum medicamento.

— Se algo acontecer a ela, você vai ser a pessoa que mais sofrerá nesse mundo — começou ele, irado, ao vê-la naquele estado. — Nunca alguém terá o prazer em ver o sofrimento alheio como eu terei em ser o seu.

— Novamente, você não está em posição de me ameaçar. É um erro, até porque seu fim está bem próximo.

— *Cada um dos homens de Raul está na nossa mira* — ouviu uma voz em seu ouvido. — *Aguardando apenas o sinal do senhor.*

Sentiu Nicolas o encarar, já que ele também estava com uma escuta.

O plano era sólido e com grande chance de ser bem-sucedido, porém, tinha aquela pequena probabilidade de dar errado.

Isla estava fraca e, certamente, não se aguentava em pé. Sua vontade era sair correndo para ampará-la, mas infelizmente não podia, não ainda.

Tinha que tomar uma decisão rápida, não possuía tempo para ponderar demais.

— *O segurança que está com Isla está na minha mira, temos que agir rápido antes que se movam* — falou a voz novamente. — *Agora é a hora.*

Aquelas palavras tiraram Orion da inércia.

Levantou a mão e passou em seus cabelos e a partir daquele instante tudo virou um caos.

O primeiro a se manifestar foi Nicolas que atirou na perna de Raul e em questão de milissegundos as armas de seus homens dispararam quase que simultaneamente e viu cada um deles caírem, inclusive Isla.

Ele não pensou, apenas saiu correndo sem se importar com nada. Precisava ampará-la e dizer que tudo ficaria bem, tinha que ficar!

Pegou-a no colo ouvindo o grito de Raul do fundo, porque, obviamente, sua intenção não era matá-lo e sim fazer aquele miserável sofrer o restante de vida que possuía.

Aos poucos mais luzes se acendiam em volta e seus homens surgiam de todos os cantos.

Isla estava desmaiada em seu colo.

Percorreu os dedos pelo rosto magro e pálido dela e fez uma promessa silenciosa que a protegeria com sua vida para sempre dali em diante.

Ela suspirou fundo, sem entender absolutamente nada do que estava acontecendo e Orion se levantou, levando-a para seu carro.

Lá, já tinha seu médico de confiança, escondido.

Orion sabia que precisaria dele, então era óbvio que o profissional tinha que estar presente para quando o resgate acontecesse.

— Preciso de luz — falou o médico.

Quando ele acendeu a luz do carro, foi como um soco no estômago.

Isla estava com pequenos hematomas nos punhos, pescoço e pernas, conseguiu confirmar a palidez de sua pele e os quilos a menos. Mas a parte do corpo que realmente estava ansioso para ver era obviamente o ventre.

Levantou a larga blusa que ela utilizava e viu um pequeno montinho entre ossos proeminentes.

Aquela cena o devastou. Sentou-se no assoalho do carro com a fúria crescendo dentro de si de forma assustadora.

— Precisamos ir ao hospital — disse o médico, puxando-o do fundo do poço. — Ela está desidratada, desnutrida e sob efeito de algum medicamento.

— E meu filho? — inquiriu em um lampejo de coragem, mas sem ter a certeza de que queria ouvir a resposta.

— Preciso de exames mais específicos, o coração dele está batendo depressa demais, indicando sofrimento fetal.

— Senhor — disse Alberto, aparecendo atrás de si. — Cinco veículos entraram na rua de terra, acho que estão com Raul — falou, alarmado. — Temos menos de dez minutos.

— Helicóptero — ordenou Orion pelo comunicador. — Agora.

— Posso...

— Aciona o detonador, pelo menos metade já fica para trás — ordenou, pegando Isla no colo. — Você, venha comigo — disse para o médico, saindo do carro.

— Nós damos conta — falou Nicolas no instante que a luz do helicóptero se acendeu no meio da mata, a em média, duzentos metros para dentro dela.

Orion sabia que realmente eles dariam sim conta dos homens.

Correu em direção ao pequeno avião como se tivesse em uma maratona. Tinha que chegar lá antes dos carros se aproximarem o suficiente para alvejá-los.

Continuou correndo, vendo a luz cada vez mais próxima.

Fez um sinal para o piloto ligar o motor, afinal, ele estava cada vez mais próximo.

Isla falou alguma coisa que não foi capaz de entender naquele momento porque além do motor iniciando os trabalhos, já ouvia alguns tiros ao fundo.

Por sorte, o médico tinha um bom condicionamento físico e conseguiu acompanhá-lo.

Orion não queria nem perder tempo olhando para trás. Seu objetivo estava próximo, apenas mais alguns largos passos e já estava dentro do helicóptero.

Sentiu um galho raspar em seu braço, mas também não foi o que o fez parar. Continuou até se sentar no banco do avião,

protegendo-a com seu próprio corpo.

Quando finalmente levantaram voo, pôde colocá-la na maca, já previamente preparada, e se ajoelhou, pegando na mão de Isla.

— Estou aqui — sussurrou sentindo algo molhar seu braço. — Não deixarei nada de mal lhe acontecer. Nunca mais...

— Orion — falou o médico, encarando-o alarmado do outro lado da maca. — O senhor foi atingido.

Orion já passou por muitas situações complicadas em sua vida, inclusive tiro e facadas, por isso, uma a mais ou a menos, não faria diferença àquela altura do campeonato.

Seria apenas mais uma cicatriz entre tantas.

Sua única e exclusiva preocupação era em Isla e no bebê que carregava, o restante cuidaria depois.

Não permitiu que o médico se aproximasse dele, mandou-o focar os cuidados na jovem, até porque um tiro no braço não era absolutamente nada, inclusive nem dor ele conseguia sentir tamanha adrenalina corria em suas veias.

Sabia que seus homens estavam enfrentando lá embaixo e uma parte de si sentiu raiva por não estar lá na linha de frente junto com eles. Foi a primeira vez que *fugiu* de um conflito, em contrapartida, também era novato naquela história de amor e defender aquela pessoa mais que a si mesmo.

E ainda que já tivesse a certeza de que era realmente o que sentia, também tinha dificuldade em expressar ou até mesmo o simples pensamento já o deixava incomodado por estar tão vulnerável a alguém.

Encarando-a tão frágil naquela maca, desejou apenas poder trocar de lugar com Isla e passar aquele sofrimento para si. Mas infelizmente era impossível e o lado racional de Orion sabia disso, o problema era convencer seu novo lado sentimental.

— Não se esqueça de que estarei aqui e não sairei por nada — sussurrou no ouvido dela enquanto o médico ajustava o gotejamento do soro.

Naquele momento, Isla abriu os olhos.

Encarou as duas esferas esverdeadas e se aproximou, segurando mais firme em sua mão.

— Acabou! Você está segura agora.

Ela não teve reação, os olhos de Isla permaneceram fixos nos seus e pela primeira vez ele não soube decifrar o que sua amada sentia.

— Ela está sob efeito de algum medicamento — anunciou o médico, confortando-o.

Era um misto dolorido de sofrimento, medo, angústia e mais alguns sentimentos ruins que ele poderia passar a noite listando. A única coisa que desejou foi que Isla compreendesse seu amor e se permitisse ser cuidada, pois Orion teria paciência em devolver o brilho daquele olhar a todo custo.

O helicóptero sucumbiu levemente e ela fechou os olhos como antes, permitindo uma solitária lágrima descer por sua bochecha.

Ele a secou com cuidado, fazendo uma nova promessa silenciosa que Raul sofreria tanto em sua mão que imploraria para morrer o quanto antes.

Assim que a pequena aeronave pousou em um renomado hospital de São Paulo, seu celular vibrou no bolso. Após constatar que era Nicolas deduziu que o conflito havia terminado, então resolveu deixar para atender mais tarde.

Naquele momento, precisava focar sua atenção em Isla e na recuperação dos dois.

Ela foi levada a uma sala privativa onde vários profissionais começaram a dar outros tipos de medicamentos, coleta de exames, ultrassonografia e um exame físico mais completo.

Orion estava ao lado dela durante cada segundo, acompanhando apreensivo, mas permitindo que eles trabalhassem,

após uma hora sua paciência estava no limite. Precisava de um posicionamento, ainda que tivesse com receio do que iria ouvir.

— Então? — começou ele para Heitor, seu médico de confiança.

— Alguns exames de sangue ainda estão pendentes, mas até o momento posso dizer que o estado dela é delicado e requer cuidados intensivos — começou, aproximando-se do leito. — Vamos mantê-la aqui na unidade de terapia intensiva para acompanhar a evolução dela e do bebê.

— Eles correm risco de vida? — fez finalmente a pergunta que tanto martelava em sua cabeça.

— Sim, mas a chance de recuperação é maior. Ela está desnutrida e isso afetou diretamente o bebê, talvez se tivesse sido resgatada mais alguns dias para frente, o panorama seria outro.

— O que posso fazer para que essa recuperação seja mais rápida?

— O que o senhor já está fazendo — falou, compadecido —, o restante pode deixar conosco. Sabemos que a situação é delicada e que seu filho pode nascer até prematuro devido à privação de nutriente que teve até agora, de antemão aviso que serão meses complicados pela frente, mas tudo é passageiro e tenho certeza de que ficará tudo bem.

Orion segurou mais firme na mão de Isla, tentando passar esperança para ela por aquele simples gesto.

— Sei que não é o melhor momento, mas o senhor deseja saber o sexo?

— Não — respondeu de pronto.

— Não? — inquiriu, curioso.

— Somente quando ela estiver bem, assim saberemos juntos.

O médico acenou positivo com a cabeça, parecendo satisfeito com sua resposta.

— Um professor da faculdade me disse uma vez que o melhor remédio para curar as dores era o amor — começou o homem mais

velho —, mas tem certas coisas que só acreditamos vendo e depois de tantos anos na profissão, eu concordo com ele — finalizou saindo do quarto.

Orion permaneceu as próximas horas sozinho com Isla no quarto.

Em certos momentos as enfermeiras entravam, trocavam o medicamento, verificavam sinais vitais e saíam em seguida sem dizer nada, já que sua presença ali seguramente as intimidava. Porém, em nenhum momento Isla acordou novamente e se fosse ser sincero consigo mesmo, estava apreensivo para quando acontecesse, por diversos motivos.

Em primeiro lugar, não saberia qual seria a reação dela ao vê-lo ali, afinal, os dois passaram por tantas coisas ruins, Orion fez tantas coisas ruins a ela que estava realmente irrequieto para descobrir o posicionamento de Isla em relação a tudo aquilo.

E como se já não bastassem às torturas e as palavras ofensivas que proferiu incansavelmente, mandou-a embora sem pensar duas vezes e era somente por isso que estava em cima daquela cama. Porque se ela tivesse ficado em sua casa, nada daquilo teria acontecido. Além das coisas horríveis que Isla deve ter passado aqueles meses à mercê de Raul.

As marcas estavam visíveis para quem enxergasse, mas o que realmente o preocupava eram aquelas que ninguém conseguia ver, pois ele sabia que ela as levaria para sempre.

Em meio aos seus devaneios, seu celular tocou novamente.

— *Senhor* — falou Nicolas. — *Os homens de Raul foram todos abatidos.* — Ouviu seu funcionário falar aquilo que já imaginava.

— Cadê ele?

— *Levamos para o local combinado e a segunda parte do plano também já foi executada com sucesso.*

— Quero você pessoalmente cuidando disso.

— *Sim senhor, já estou a caminho.*

— Estão todos bem? — inquiriu Orion preocupado.

— *Tivemos alguns homens feridos, mas sim. Todos estão bem, inclusive...*

— Orion — ouviu a voz de Isla proferir seu nome.

— Mantenha o plano e me ligue se houver qualquer emergência — declarou com pressa finalizando a chamada com Alberto.

Ele aproximou a cadeira um pouco mais do leito e a encarou.

— Isla...

— O que faz aqui? Onde estou? Aqui é o céu?

A voz dela estava rouca e fraca... Completamente oposta daquela atrevida que tantas vezes já havia o afrontado.

— Está tudo bem — afirmou, querendo transmitir tranquilidade.

— Você está segura.

— Nunca estarei segura com você — despejou as palavras que Orion tanto temia. Pelo visto, o caminho seria árduo.

Aquelas palavras lhe cortaram como uma espada ninja. Mas Orion não desistiria de Isla tão facilmente.

Era um homem perseverante e a paciência era sua melhor qualidade.

— Está enganada.

— Saia daqui — pediu ela, levando as mãos ao ventre como uma forma de proteção.

Orion a encarou nos olhos e disse:

— Não irei a lugar algum, não enquanto você e nosso filho estiverem precisando de cuidados.

Ela riu, irônica, deixando o rosto magro mais saliente.

— Você não é capaz disso. Sabe por quê? Para cuidar de alguém é necessário ter uma coisa dentro de si, e é completamente desprovido e jamais conhecerá o significado. Sabe o que é?

— Não vamos discutir agora, você precisa descansar. Apenas aceite minha presença aqui porque jamais irei a lugar algum.

— Amor — continuou ela, ignorando-o. — Sem ele, você é apenas mais um entre tantos e sinceramente, tudo o que passei nos últimos tempos, serviram para me ensinar a dar valor a pequenas coisas, entre elas é estar com pessoas que me fazem bem e, principalmente, me querem bem.

— Porra, mulher, agora não é a hora para isso — tentou argumentar Orion, pois aquele não era o momento de entrar em um assunto tão complexo, afinal, nem ele mesmo sabia como lidar ainda.

Era tudo novo para ele e estaria mentindo se dissesse que a intensidade de seus sentimentos não o espantava, então como transmitir tudo aquilo sem também assustá-la?

— Esse filho é meu — declarou como uma leoa. — Não deixarei que sua podridão o contamine.

— É nosso — corrigiu, tentando ser sutil.

Ela riu novamente sem humor.

— Você não sabe o que eu tive que passar para protegê-lo — iniciou a falar Isla com lágrimas nos olhos. — Você jamais vai ter o desprazer de sentir as coisas que senti ou tive que passar. A única coisa boa que veio de você foi esse bebê, de resto, é tudo culpa sua e não quero ver sua cara ou viver mais nesse mundo podre ao qual você pertence. Não lhe darei mais espaço para que, logo em seguida, me mande embora de novo.

— O meu mundo podre agora também é o seu. Na verdade, ele sempre fez parte da sua vida com a diferença que você o desconhecia. Mas agora sabe onde está pisando e somente a deixa mais fortalecida — disse Orion, paciente. — Talvez você esteja sentindo raiva de mim neste momento...

— Raiva é pouco.

— Você, hora ou outra, entenderá que nossa vida não faz sentido sem estarmos juntos. Eu sinto isso e sei que, no fundo, você também, mas sua raiva está lhe cegando neste momento e eu compreendo.

— Como é mesmo que você disse... Ah! Sim, lembrei, você jamais seria capaz de me amar — lembrou-se das palavras que ele havia lhe dito antes de mandá-la embora.

— Você sabe que somente falei aquilo para afastá-la, estava com medo de meus sentimentos.

— Exato, não quero alguém pela metade ou que não sabe exatamente o que sente.

— Eu sei — defendeu-se Orion, querendo convencê-la. — Não tenho mais dúvidas.

— Saia daqui, por favor.

— Quando antes você colocar sua inteligência para funcionar e entender que houve erro dos dois lados será mais fácil de nos entendermos de uma vez, porque eu não pretendo deixá-la nunca mais.

— E se eu não quiser? Vai me obrigar, como sempre faz?

— Se for necessário, sim.

— Você é patético — acusou Isla, incrédula.

— Até você cair na real e entender que a gente se ama e que nosso destino é ficarmos juntos — afirmou Orion, convicto. — Você entendeu? Eu te amo. Você é meu ponto forte e fraco ao mesmo tempo. Deixa-me grande e vulnerável na mesma medida e ainda que eu não tenha conseguido enxergar isso antes, agora eu vejo.

— É tarde para isso — despejou ela, rancorosa, quando os olhos se encheram de lágrimas novamente.

— Nunca é tarde para reconhecermos nossos erros e repará-los.

— Está enganado.

— Nunca tive tanta certeza em minha vida. Você pode tentar se esquivar, mas a verdade é que será impossível. Nunca estive tão convicto de uma coisa como estou neste momento... Porra, Isla — disse, abespinhado. — Eu errei, me desculpe, mas o passado é passado, se ficar vivendo ele, jamais poderá ser feliz.

— Muito fácil para você, não é?

— Está novamente enganada, nunca foi tão difícil para mim, assumir esse sentimento, descobrir que realmente tenho o caralho de um coração batendo aqui dentro. Um que bate somente por você e por esse bebê.

Ela virou o rosto para o outro lado, deixando mais aparente um hematoma no pescoço.

Isla estava ferida física e emocionalmente, Orion compreendia e daria o tempo que julgasse necessário para que refletisse, porém, como o ditado dizia, ela *teria que trocar o pneu do carro com ele em movimento* porque o teimoso não pretendia ir a lugar algum.

— Sou paciente — afirmou, levantando-se, decidindo dar alguns minutinhos para ela. — Vocês fazem parte da minha vida e agora que aceitei e compreendi isso, farei o impossível para que também enxergue e aceite.

Orion saiu do quarto, enquanto Isla ainda permanecia de rosto virado, mas conseguiu ver as lágrimas que não paravam de rolar pela face dela.

Faria realmente de tudo para que *sua mulher* entendesse de fato a dimensão do que sentia.

Seria fácil? Não, obviamente estava diante da missão mais difícil e árdua de sua vida, mas tinha esperança de que o final compensaria o caminho complicado que estava por vir.

Mesmo com o passar dos dias, Isla não abaixou a guarda e estava especialista em ignorar Orion.

Ela realmente estava decidida em não lhe dar a chance que tanto almejava. Tê-la tão perto, mas, ao mesmo tempo, tão longe, era a pior sensação que já havia experimentado na vida.

Orion sabia que ela tinha aceitado continuar o tratamento em sua casa apenas porque não tinha outra escolha, visto que ele mexeu os pauzinhos e vendeu o apartamento que ela morava.

Porém, era obrigado a admitir e dar os créditos também a Linda, pois somente após uma conversa delas, que Isla mudou de ideia.

A venda do apartamento foi planejada justamente para que Isla não voltasse ao seu antigo lar. Na realidade, Orion havia vendido para si mesmo e colocado no nome de sua mãe, no entanto, ninguém precisava saber.

Jamais o venderia sabendo o quanto ele representava para ela, já que Isla morou com os pais e mantinha lembranças boas de sua infância e adolescência. Não pretendia tirar mais isso dela.

Obviamente, ela ficou muito zangada depois que soube o que Orion tinha feito, entretanto, adicionou mais aquele item ao pergaminho que ela colecionava com todas as merdas que ele já tinha feito. Uma mais ou a menos, não faria diferença naquele momento, até porque aquele sim foi por um bom motivo.

Se alguém lhe contasse tudo o que estava passando há alguns meses, ele simplesmente ignoraria a pessoa a chamando de louca.

Sua vida virou de ponta-cabeça em todos os sentidos, mas quer saber? Talvez o lado avesso fosse exatamente aquele que estava precisando e nem mesmo sabia.

Lutar em um conflito contra seus inimigos estava sendo *fichinha* perto de tudo que Isla estava o fazendo tolerar.

Ela conversava e falava com todos daquela maldita casa, o único que ela fazia questão de fingir inexistência era com Orion.

Não o deixava acompanhar as consultas e ultrassonografias, se recusava a fazer as refeições na mesa e sempre que ele a encontrava pela casa – o que era muito difícil, visto que a gravidez era de risco e ela mal saía do quarto –, fazia questão de ignorá-lo.

Foram os sete dias mais difíceis que passou dentro da própria casa. Orion não conseguia se concentrar no trabalho direito, ansiava por notícias toda hora de Isla e, como um babaca, esperava pacientemente pelo momento que ela fosse aceitar ter uma conversa decente.

Ele não queria forçar a situação – mais do que realmente já estava.

Além daqueles dias que Isla permanecia em sua residência, a jovem tinha ficado a semana anterior inteira na terapia intensiva em cuidados vinte e quatro horas, então realmente compreendia o estresse que ela estava vivendo.

Somente com a possibilidade de a gestação ser interrompida, percebia o desespero dela de longe, porque obviamente Orion não estava perto como gostaria para ampará-la. Ela não o deixava ficar no quarto e quando, insistentemente, conseguia adentrar, era como se não estivesse lá.

O jogo realmente tinha virado e o mundo deu meia-volta completa, mostrando-nos como era amar alguém de verdade, mas, ao mesmo tempo, como era difícil ser resignado a ponto de suportar situações que jamais pensou em passar.

Muita coisa havia acontecido naquelas duas semanas. Raul ainda estava sob seu domínio e vivo – porque ele não pretendia matá-lo, não tão cedo –, Orion teve que fechar a Cloud, pois caiu nas mãos dos federais que ela era mantida para lavar dinheiro, sem contar um contêiner de armas vindas do Paquistão que foi apreendido.

Uma avalanche de coisas ruins, uma atrás da outra. Mas Orion não era burro, ele sabia exatamente que tudo aquilo não havia sido uma coincidência e sim um pequeno traidor miserável que deu a letra a polícia federal e apesar de já estar com tudo sob controle, foi desafiador enfrentar tudo junto, enquanto Isla permanecia no quarto ao lado do seu, trancada e enfurecida.

— Orion? — chamou sua mãe, entrando em seu quarto.

Ah, sim! Linda estava em êxtase com a chegada do bebê e tratava Isla como uma filha – nada diferente do que já era antes de tudo acontecer – e como uma boa torturadora, sua mãe se recusava a lhe dar notícias sobre ela.

Então, em certo momento naquela segunda semana maldita de martírio, Orion desistiu de perguntar ou insistir porque não tinha ninguém mais tinhosa e decidida que Linda.

Poderia até apostar que ela estava gostando de vê-lo sofrer, mas preferia acreditar que era apenas fruto da sua imaginação precavida.

— Será que o Cássio pode me levar ao centro? Preciso comprar umas coisas.

— Que coisas? — averiguou ele, querendo qualquer migalha de informação.

Ele estava na sacada e encostou-se ao parapeito esperando Linda se aproximar.

— Vai querer a nota também? — despistou ela.

Ele bufou e virou de frente a paisagem.

— Dê tempo ao tempo — aconselhou sua mãe, aproximando-se um pouco mais. — Sei que sempre foi um homem que teve tudo

o que desejava a hora que queria, nunca ouviu um não ou foi contrariado, fora eu, é claro, que sempre fui uma péssima subordinada.

— Estou no meu limite — disse ele ainda, encarando o nada. — O velho Orion está quase entrando em cena. Talvez assim ela ceda ou a perco de uma vez o que não dá é para ficar em cima do muro.

— Você pode tentar e fazer o que achar melhor. Meu conselho? É que seja você, mas não seu antigo eu, o novo... Aquele que sabe o valor de um amor — disse, paciente e carinhosa com um sorriso nos lábios. — Você não precisa ir de um extremo ou outro, ache seu equilíbrio que somente assim sairá finalmente de cima desse muro.

— Ouvindo conselhos de dona Linda? — disse, irônico. — Estou realmente no fundo do poço.

— Não a estresse — continuou ela, ignorando-o. — Você sabe que a gravidez ainda é de risco, então nada de brigas ou discussões. Mantenha seus ímpetos controlados.

Ficaram alguns segundos de silêncio quando Orion se virou e a encarou, observando no pescoço de sua velha mãe uma cicatriz.

— Não pense nisso — falou ela rapidamente, acompanhando seu olhar. — Passado é passado e já está superado — continuou achando graça, mas ao contrário dela, Orion não riu.

— Sinto por tê-la colocado em risco daquela forma — despejou ele, sincero e comedido.

Foi a primeira vez que ele pediu desculpa à sua mãe.

Orion sabia que Linda era contra qualquer coisa fora da lei, mas isso nunca havia sido um empecilho para ele. Trabalhou e se esforçou para ser o melhor no que fazia e ainda que ela se recusasse a saber, de fato, sobre seus negócios, sua mãe não era inocente e entrando naquele mundo, automaticamente colocou um alvo nela, talvez por isso fosse tão obcecado por segurança e tecnologia.

— Não importa o que você faça, não para mim que sou sua mãe — começou, encarando-o docemente. — Quando seu filho nascer, você entenderá o tamanho do amor que sentimos e irá entender que nada no mundo abalará isso.

— Se algo lhe acontecesse...

— Não aconteceu — interrompeu Linda mais que depressa. — Não sou um anjo de candura, não é? — perguntou, retoricamente, rindo de novo.

Talvez toda aquela situação o tivesse deixado mais receoso de que algo acontecesse a Linda, Isla e seu filho. O fato era que sentia que alguma coisa realmente tinha mudado e mesmo que seu subconsciente o tivesse acusando de ter virado a porra de um sentimental de merda, Orion não se importava.

Aos trinta e quatro anos, estava se reencontrando e conhecendo um lado seu que jamais acreditou existir.

— Não se culpe por coisas que aconteceram no passado — aconselhou sua mãe após um minuto sem dizerem nada um ao outro. — Foque sua energia para organizar o futuro de vocês, porque, como já notou, não será nada fácil.

Orion respirou fundo em concordância.

— Agora, será que Cássio pode me levar ou terei que ir a pé?

— Bom dia, senhor — disse um de seus seguranças assim que adentrou no galpão.

— A sala já está organizada como ordenei?

— Sim, exatamente como mandou — respondeu o jovem.

Orion seguiu seu caminho até a sala que se situava no subsolo.

Quando a porta do elevador se abriu viu os dois miseráveis que lhe causaram tanto sofrimento e toda maldição para aqueles vermes era pouco. Por isso, faria cada segundo da vida deles na terra, pior que no próprio inferno.

Raul estava muito mais magro após tantos dias sendo torturado e quase que irreconhecível. E mesmo que Orion tivesse pegando mais leve com o velhote por conta da idade, seu motivo não era benevolente e fazia isso somente para ele aguentar mais e sofrer o máximo possível.

Somente assim seu interior poderia ter alguns segundos de tranquilidade, como se o sofrimento deles desse uma anestesiada em seu próprio.

Ao se aproximar, viu o outro maldito que ousou trai-lo e que, em sua opinião, era muito pior que Raul porque Calisto era seu braço direito e foi quase impossível acreditar que ele realmente tinha se voltado contra Orion.

Quando conheceu Roger, o homem tatuado já trabalhava para seu padrinho e acabou *herdando* a confiança dele. Mas Orion foi ingênuo em confiar nele... Como não enxergou a inveja transbordando dos olhos daquele maldito?

Ele sempre quis herdar os negócios de Roger e Orion desconfia que a semente da raiva começou a ser semeada naquele momento.

O miserável teve paciência e muito cuidado, mas ia colocando pedras em seu caminho e somente naquele momento ele conseguia enxergar as coisas que Calisto foi capaz de fazer no escuro, sem que ninguém soubesse o real desejo que possuía debaixo daquela carcaça podre.

Foram tantos golpes, tentativa de envenenamento e situação desafiadora que Orion passou, no entanto, jamais acreditou que a origem estava bem do seu lado.

Sua ficha só caiu quando Isla foi raptada e ele começou a meter os pés pelas mãos.

Na primeira oportunidade que Calisto teve em liderar, o homem foi burro e tomou um caminho contrário ao da linha que Orion seguia, achando que ele estava cego, a partir daí sua desconfiança cresceu e também caiu sua ficha de uma grande coincidência: após ter levado Nicolas para a mansão e ter instalado as câmeras, as tentativas de assassinatos cessaram.

Talvez tenha demorado em enxergar com clareza o que estava acontecendo bem debaixo de seu nariz, mas o importante foi que entendeu a tempo.

Ele e Nicolas começaram a trabalhar juntos pelas costas do homem para que não houvesse desconfiança por parte dele e o rapaz teve papel fundamental nisso.

Quando mandou sua mãe para São Paulo com ele, já tinha conhecimento que o maldito tentaria algo, por isso possuía uma equipe de tocaia à paisana em alerta para que nada acontecesse com sua mãe, contudo, tinha que mantê-lo longe para o resgate de Isla, era parte essencial do plano, pois só assim teria êxito.

E mesmo com toda sua cautela, Linda ainda foi vítima de um corte superficial no pescoço assim que Calisto notou que o cerco havia se fechado contra ele. Mas foi tarde, porque desde então, o traidor invejoso estava sob os cuidados intensivos de Orion.

— Por favor... — resmungou Raul.

Mas aquelas lamúrias eram como ópera para seus ouvidos.

Simplesmente os ignorava e mesmo os visitando há quase duas semanas, não trocou uma palavra com nenhum dos dois, apenas os torturava e ia embora.

Tinha dias que não dava para ir, deixava o médico cuidando dos dois *merdinhas* para que estivessem bem alerta para as próximas sessões.

— Me escute — continuou o velho.

Ele era o único que se atrevia a falar.

Calisto era torturado, porém, não falava uma palavra, apenas gritos saíam daquela boca imunda que somente proferiam mentiras.

— Vamos de pente hoje — disse ele a si mesmo encarando seu armário completo de utensílios mais masoquistas que existiam.

Orion estava utilizando as técnicas mais dolorosas e desconhecidas que haviam. Inspirava-se na era medieval e deixava sua mente ir longe a fim de conseguia aplacar um pouco da raiva que o consumia.

Toda vez que encarava Isla vinha a imagem daqueles dois homens na sua cabeça. Se não fosse por eles, ela não havia sido sequestrada, torturada e seu filho não estaria em risco de vida.

Eles não tiveram compaixão por uma mulher grávida, então retribuiria o favor à maneira de Orion Meirelles.

— Já disse que foi tudo culpa dele — acusou Raul sem parar.
— Calisto procurou Caetana, assim como o governador e a mim... Tudo partiu da cabeça dele.

Já estava farto de ouvir as mesmas acusações dia após dia.

Orion já sabia de tudo aquilo, porém, o fato de Calisto ser o cérebro por trás da merda toda não eximia a culpa de Raul, que teve um papel fundamental no sofrimento de Isla, inclusive na morte dos pais dela e o tiro que quase o matou na igreja.

Continuou a preparar o material daquele dia, compenetrado, fingindo que não estava com uma mosca insuportável zumbindo em seu ouvido.

Eles já estavam há quase duas semanas dentro daquele galpão. Ossos foram quebrados, dedos arrancados e vários outros tipos de torturas com a inspeção de um médico, logo em seguida, para garantir que não morressem tão cedo, apesar de saber que hora ou outra isso seria inevitável, mas enquanto pudesse, prolongaria o máximo possível.

— Me desculpe — abriu a boca nojenta novamente Raul.

— Vamos lá — ponderou Orion pegando uma escova de ferro e a deixou em ponto de brasa, quando se sentiu satisfeito se aproximou de Calisto.

Os olhos negros dele o encaravam com raiva. Um sentimento que escondeu durante muitos anos, mas que, por fim, resolveu deixar transparecer.

— Eu ainda vou te matar — falou, por fim, o homem tatuado.

— Depois de tantos dias calado é somente isso que tem a me dizer?

— É o que basta — declarou, ajoelhado com as mãos e pés acorrentados.

— Está bem, mas enquanto minha hora não chega, farei vocês pagarem por tudo que fizeram a mim e Isla — disse Orion, encarando-o sério e irado. — Você, em especial, cometeu um erro gravíssimo. Me subestimou a ponto de se sentir confortável e seguro dentro da minha própria casa, mas acabou.

— Jamais irei desistir — disse em um sopro de voz, babando sangue. — Roger está acertando as contas dele com o diabo e...

— Você é um ambicioso desgraçado de merda, não é? — inquiriu Orion, ao se dar conta só naquele momento que Calisto havia matado seu padrinho.

— Todos nós somos.

Ele se abaixou, deixando o objeto ainda quente em cima de uma mesa de alumínio, visou-se e segurou no queixo de Calisto, obrigando-o encará-lo.

— Existe uma coisa que até mesmo no submundo os homens cultivam, sabe o que é? Honra, e é exatamente por esse motivo que você sempre foi a porra de um empregado invejoso e que jamais sairá deste galpão com vida.

Calisto cuspiu na sua cara, mas ao invés de retrucar ou perder a cabeça, Orion limpou com o dedo indicador e lambeu, fulminando-o.

— É isso que farei com vocês quando restar apenas duas carcaças irreconhecíveis. Vou comê-los só para ter a certeza de que não voltarão.

Orion vislumbrou medo nos olhos de Calisto e era bom mesmo que ele enxergasse com clareza o que estava prestes a acontecer, porque ele não pretendia ser ameno.

Assim que se levantou pegou mais uma vez a escova pesada quando Calisto se manifestou outra vez.

— Não me arrependo de nada. Mataria Roger quantas vezes fosse necessário, Fábio, Raul, sua mãe, Isla e quem mais surgisse em meu caminho...

Orion continuou a esquentar o pedaço de ferro, já que havia esfriado um pouco.

— Você foi tão ingênuo — acusou Orion rindo da desgraça do idiota. — Acreditou que Roger deixaria os negócios dele para você, não foi? — finalizou com o sorriso um pouco mais amplo.

— Não seria o óbvio? Eu era a porra do braço de direito dele e você, apenas um moleque que cheirava a leite.

Orion não retrucou, pois acreditou que o infeliz não merecia nem uma resposta, já que era somente olhar para a posição de cada um naquele momento para saber quem estava por cima e quem estava por baixo.

— Seu maldito — xingou Raul em um fiasco de voz. — Você me usou para sua vingança pessoal... Me fez acreditar em suas mentiras...

— Foda-se todos vocês, quero que vão todos para o inferno — continuou Calisto, decerto desejando que Orion o matasse de uma vez.

Continuou a escutá-lo com atenção, entendendo que tudo não passou de uma inveja cultuada por muitos anos.

— Porra — bradou Raul novamente, inconformado. — Por que não o matou de uma vez, seu filho de uma puta miserável? Tinha que colocar todo mundo na porra da sua invejinha?

Orion sabia a resposta para aquela pergunta, mas até que estava se divertindo com o destempero de Calisto e a inconformidade de Raul.

— Quer fazer as honras? — perguntou Orion, convencido, cruzando os braços.

— A maioria dos negócios desse desgraçado está em nome de uma pessoa que ninguém sabe quem é, nem mesmo eu — começou o homem tatuado sem parar de encará-lo.

Orion continuou de braços cruzados ouvindo Calisto latir. No fundo, estava se divertindo com o desespero daqueles dois.

— O filho da puta nunca deu pista alguma de quem possa ser essa pessoa. Não poderia simplesmente matá-lo sem saber quem era o miserável, caso contrário do que me adiantaria ele morto se o que eu realmente queria estava com a porra de um fantasma?

— Pelo jeito, vai morrer sem saber — despejou Orion. — Não se faz um império sem algumas artimanhas inteligentes. Por isso vocês estão aí e eu aqui.

— Puta merda — falou Raul, como se tivesse ligando alguns pontos em sua cabeça. — Agora tudo faz sentido. Por que não nos avisou da emboscada no armazém, seu merda? Eles mais equipados e preparados que a porra do exército americano — questionou olhando para Calisto.

— Eles me deixaram de fora — respondeu, raivoso. — Já deveriam saber de tudo.

— Sim — confirmou Orion com falso pesar.

— Você deu bandeira, seu infeliz, por seu desespero estamos aqui... — começou Raul ainda inconformado.

— Bandeira? — inquiriu o homem tatuado, embravecido. — Todos os ataques, roubos de carga, tentativa de assassinato fui eu o responsável. Fiquei anos agindo pelas costas de todos sem que ninguém desconfiasse. Foi esse infeliz aqui que deu a letra para você e o boiola do Hugo, além da vadia da Caetana, e o que vocês fizeram? Cagaram no pau — gritou, descontrolado. — Não fizeram porra nenhuma direito. Tive que matar Guilherme, porque logo ele descobriria que eu havia comprado o cartão da Cloud, para mandar a Isla. E em falar nela, aquela *vadiazinha* ainda atrapalhou *meu* médico em terminar o trabalho, uma crise de consciência picou ela e resolveu tomar uma atitude justo quando finalmente iria conseguir o que queria.

— Idiota — xingou o velho. — Você estava desesperado e isso nos fodeu.

— Qual sua moral, seu velho gagá? — quis saber Calisto, irado, remexendo-se para tentar bater em Raul. — Matou o irmão só porque ele era mais inteligente que você e ainda jogou uma mulherzinha para acabar com Orion, já que você mesmo não foi capaz de fazer pessoalmente. Mulherzinha essa que nem mesmo foi capaz de concluir o plano, mesmo eu ajudando na surdina.

— Chega — chamou atenção Orion. — Meu ouvido não é penico, porra.

Orion pegou de novo a escova, daquela vez decidido em ir até o fim, e se aproximou de Calisto.

— Hoje você terá uma sessão de remoção gratuita das suas tatuagens — proferiu, alocando as cerdas de ferro na pele do homem e arrastando sem dó.

O grito estridente e dolorido de Calisto ecoou pelo galpão como jamais tinha visto.

Aquela era uma de suas torturas exclusivas que nunca tinha usado. Estava guardando para um momento *especial*, e nada melhor que aquele para estreá-la.

A pele do homem saía em seu utensílio como se tivesse passando lâmina de barbear em uma região cheia de pelos.

Raul estava apavorado de olhos fechados, sabendo que logo chegaria a sua vez.

— Vá para o inferno — gritou com todo pulmão o homem tatuado. — Maldição.

O tom da voz de Calisto, demonstrava todo o desespero e dor que sentia.

Jamais Orion torturou alguém com tamanho empenho e somente pararia quando sobrasse apenas uma carcaça sem vida, na certeza de que teria muito sofrimento no processo.

— Não aguento mais — disse ele em certo momento. — Seu desgraçado, espero que seu filho morra, filho da puta.

Assim que Calisto proferiu aquelas palavras, um espírito mais maligno encarnou em Orion e ele ficou fora de si.

Deixou seu ex-funcionário totalmente desfigurado. Arrancando cada pedaço de couro que o desgraçado possuía.

Após dez minutos, Orion estava ofegante e banhado em sangue.

O galpão estava imundo e Raul em estado de choque.

Orion o encarou, com um sorriso sádico no rosto e gritou:

— Próximo...

60

Isla estava tentando focar sua energia na própria recuperação para que seu filho nascesse bem e com saúde. Era a única coisa que entrava em sua oração todas as noites, pois era por aquele pedacinho de gente que suportou as coisas que aconteceram nas mãos de Duarte.

Estava em um momento de sua vida bem delicado e com as emoções muito aguçadas. Por isso, policiava-se para que seus sentimentos não interferissem em seu julgamento crítico.

Na frente de todos se esforçava para parecer centrada e bem, mas a verdade era que seu interior estava destroçado, ela tinha certeza de que nada seria capaz de unir aqueles pequenos cacos.

Ter Linda a seu lado era um acalento, pois mesmo que não quisesse, a mulher se tornou uma figura maternal importante em sua vida e foi só por isso que se permitiu ser convencida a estar na casa de Orion.

Somente com menção do nome dele em seus pensamentos, tudo dentro de si esfriava e escurecia.

Ele foi um amor arrebatador que a tirou completamente do eixo, fazendo-a se esquecer de seus próprios princípios e metas. No entanto, foi destruidor na mesma medida.

Isla não era do tipo de pessoa que simplesmente colocava a culpa de todos os males em outras pessoas – nesse caso, em Orion. Grande parte da sucessão de erros e coisas ruins que

aconteceram, foi gerada por ela mesma e isso também a deixava angustiada, pois ela não sabia se um dia seria capaz de se perdoar.

Orion foi aquele homem que entrou em sua vida de forma avassaladora. Isla se esqueceu completamente quem de fato era e se entregou sem pensar nas consequências e, naquele momento, lá estava ela colhendo o que havia plantado.

Isla soube que estava grávida pouco antes de partir e, por isso, viu ali uma excelente oportunidade de sumir de tudo aquilo e criar seu filho longe da podridão que a rondava no Brasil, mas infelizmente foi capturada antes.

Não demorou muito tempo para que Duarte descobrisse sobre a gestação, já que, inconscientemente, levava a mão ao ventre sempre que era açoitada.

Após a descoberta, as torturas físicas diminuíram, mas ela ainda passava fome, sede e tinha privação de sono constante.

Foram os piores meses da sua vida e só aguentou firme pelo bebê que crescia em sua barriga, ainda que não tivesse a certeza de que ele estava vivo, uma vez que não o sentia mexer.

Suas proeminências ósseas não demoraram a aparecer e cada vez mais a fraqueza a consumia. Chegou a um ponto que já não sabia ao certo quando era dia, noite ou quanto tempo passava acordada, ou dormindo.

Tinha medo de morrer naquele lugar sem dar a chance de seu filho viver uma história diferente daquela que percorreu.

Isla chegou a comer alguns insetos e sugar a umidade da parede mofada para que tivesse chance de sustentar o tempo que fosse necessário.

Orgulhava-se da força que surgiu em seu interior e que cresceu em meio ao sofrimento durante aqueles meses, pois nem ela mesma sabia que a possuía. Quando dizem que o amor de uma mãe era algo inquantificável, era exatamente isso. Tudo que fez foi por seu filho, faria mais mil vezes se fosse necessário.

Naquele momento, encarando as montanhas sendo banhadas pela chuva, Isla sentia que tudo tinha valido a pena. Sua barriga já estava bem aparente e as proeminências ósseas tinham diminuído, então aquilo queria dizer que tudo havia terminado bem, certo?

Por que seu interior não conseguia se sentir completamente feliz?

Talvez jamais voltasse a ser aquela antiga Isla inocente e de sorriso fácil. Algo havia mudado para sempre em seu ser e temia que aquilo a deixasse infeliz para o resto da vida.

Quem sabe fosse somente uma fase. Pelo menos era disso que tentava se convencer.

Isla tentava melhorar não somente por fora, mas também em seu interior, pois seu filho merecia isso. Ele tinha que receber todo amor que ela tinha dentro de si e mesmo que ainda tivesse alguns meses para tentar recuperar parte de seu coração, temia não ser suficiente.

Até aquele momento, conseguiu manter-se firme e Orion afastado, mesmo morando na mesma casa.

Por algum motivo inexplicável, ele estava respeitando seu espaço e não forçava a situação, ou talvez estivesse cansado de tanto ser ignorado e maltratado por ela.

Isla não se importava. Nada mais tinha importância, exceto aquele pedacinho de amor que batia forte dentro de seu ventre.

No entanto, mesmo tão machucada, toda vez que ele surgia em sua frente sentia aquele ancestral frio na barriga. Era seu corpo dizendo que Orion ainda fazia algum efeito lá dentro, mas não deixaria o lado sentimental conduzi-la mais uma vez, pois obviamente foi uma escolha equivocada e desastrosa.

Manteria Orion afastado a qualquer custo. Somente assim enxergava uma chance de recuperar seu coração para fornecer tudo que seu bebê merecia.

— Posso entrar? — quis saber Linda, já entrando.

Isla sorriu e se ajeitou na cadeira.

Estava com uma pequena coberta em volta do corpo, de frente à sacada, encarando a linda paisagem fria.

— Trouxe um chá — declarou, ao colocar as duas xícaras na mesa e se sentando na cadeira ao seu lado.

Linda lhe ofereceu o objeto quente. Aquilo era exatamente o que precisava... Um bom chá quentinho era como um abraço confortante.

— Obrigada — agradeceu pegando a xícara.

— Como se sente hoje?

— Cada dia melhor.

Ela sorriu docemente e sempre que ficavam juntas, conversando amenidades, Isla até se esquecia de que ela era a mãe de seu algoz.

Ainda assim, confiava em Linda.

Sabia que ela a respeitava e a entendia. Essa foi uma das condições para estar ali. Tudo que conversavam e dizia uma à outra não poderia ser compartilhado com Orion.

Isla estava de fato decidida em mantê-lo longe, ainda que estivessem tão perto um do outro.

— Acho que chegou a hora de fazer uma pergunta que me acompanha há dias...

— Sim — respondeu, receosa, pois ela não gostava de pensar em Orion, muito menos falar sobre ele e algo lhe dizia que aquele papo acabaria no filho dela.

— O que você pretende fazer? Não estou lhe apertando — justificou-se de pronto. — Mas realmente me preocupo com o futuro de vocês. Eu quero ser uma avó presente, você sabe disso.

— Sei — concordou dando um gole no chá. — Mas você tem que entender que não quero contato com... Seu filho. Assim que o médico me der alta, quero meu canto, Orion não pode me obrigar a ficar aqui para sempre.

— Aqui você tem a mim, não pense nele.

— Não dá para fazer essa segregação, o vejo em todo canto, isso acaba comigo todo dia um pouco, preciso de espaço, de um tempo sozinha.

— Você precisa de apoio, amor, união e sentir que está em volta de pessoas que te amam.

— Sei que gosta de mim...

— Está enganada — interrompeu Linda. — Eu amo você e meu neto, assim como amo Orion.

Isla estava com suas emoções desbalanceadas e somente aquela declaração a fez encher seus olhos de lágrimas.

— Desculpe, Linda, não posso lhe dar o que você quer.

— Claro que pode, aliás, você já dá. Afinal, aceitou vir para cá e me deixou cuidar de você, somente se permita transbordar aquilo que sente. Por mais traumático que tenha sido seu passado, deve encontrar uma forma de deixá-lo lá.

— Não posso, não consigo.

— Jamais repita isso. Você consegue tudo o que quiser, basta querer e se esforçar, mas isso não quer dizer que será fácil.

— Você não entende.

Linda sorriu, compadecida.

— Eu entendo — afirmou, colocando a mão sobre a sua. — Todos nós temos nossas feridas, mas isso não quer dizer que eu as esqueci, apenas encontrei uma forma de deixá-las em uma caixa, de uma forma que não me machucasse mais. Se eu te disser que foi fácil, estarei mentindo, mas valeu a pena e no fim, é isso que importa, não é?

— Só quero que meu filho nasça bem, não quero pensar em mais nada neste momento.

— Orion está sofrendo e vocês precisam conversar sobre algumas coisas.

Foi a primeira vez em duas semanas que Linda mencionou alguma coisa sobre o filho.

Ela seguiu bem à risca a promessa que lhe havia feito no hospital de não misturar as coisas e lhe dar espaço, mas Isla sabia que hora ou outra, o assunto viria à tona.

— Não me importo com o *sofrimento* dele — assumiu com ironia.

Linda sorriu novamente e lhe acarinhou no rosto.

— Não precisa mentir para mim, minha filha. Não estou defendendo as coisas que ele fez a você, mas eu sei, e você também sabe, que cada um teve sua parcela de culpa. Por que não permite apenas que conversem? Nunca o vi desta forma...

— Ele não é a vítima aqui — ponderou Isla, encarando as montanhas.

— Está enganada. Não é só porque lhe amo que concordarei com tudo o que fala. Ele também foi vítima sim, assim como você.

— Como ainda pode defendê-lo? Bom... Por que me surpreendo? Ele é seu filho — declarou o óbvio. — Claro que vai ficar ao lado dele.

— Está sendo injusta e você, no fundo, sabe disso. Me conhece o suficiente para saber que fico ao lado de quem acredito ser correto e, neste caso, vocês dois estão certos e errados.

— Sei disso — assumiu, por fim, ainda sem encará-la.

— Assumir em voz alta já é um começo.

— Mas isso não quer dizer que voltarei atrás — arrematou, decidida. — Fizemos muito mal um ao outro e sei que jamais serei aquela Isla de antigamente. Não quero que meu filho viva isso, não quero que ele seja impregnado com um mundo que não é dele.

— E por que isso aconteceria?

— Como assim, por quê? Não é óbvio?

— Não — respondeu Linda.

— Ele será criado longe desse mundo e não deixarei que o mau que me atingiu o atinja.

— Olha, minha filha, vou lhe falar uma coisa por experiência própria. É um erro colocar nossos filhos em uma redoma, por mais que na infância eles sejam dependentes, com o passar do tempo, eles criam a própria personalidade e junto com elas, as tão temidas asas. Esse — falou, erguendo uma das mãos —, querendo você ou não, é o mundo dele. Inclusive é seu mundo também, mesmo você não aceitando.

— Sou mãe, quero o melhor para ele.

— Eu também sou e sempre quis o melhor para meus filhos, mas em certo momento eles que fazem as próprias escolhas. Acha que queria esse futuro para Orion? Claro que não, mas como uma pessoa de fé, sei que tudo tem um propósito e cada pessoa veio com uma missão na terra e eu acredito que a missão dele é você.

— Eu?

— Orion não sabia, nem aceitava o amor. Foram meses brigando com ele mesmo para finalmente reconhecê-lo. Ele ainda é aquele homem de antes, mas sinto que algo está diferente.

— Isso se chama peso na consciência — justificou Isla.

— Não. Ele não é um homem que sofre desse problema e você sabe disso. A questão é que ele a ama, tanto que está abrindo mão das próprias vontades e impulsos para lhe dar o tempo que necessita. Abra seu olho, porque quando isso acontecer, verá que seu lugar é aqui e que em nenhum outro encontrará tamanho amor.

Isla não respondeu, preferiu guardar o restante de seus pensamentos para si.

E seu silêncio foi suficiente para que Linda entendesse que a conversa havia terminado.

Nada faria Isla mudar de ideia. Ela não se abriria novamente para Orion, não permitiria que aquele mundo cruel que ele vivia interferisse na criação de seu filho.

Desejava que ele fosse uma pessoa melhor, nem que para isso tivesse que abrir mão da própria felicidade.

DIAS DEPOIS...

O relógio da cabeceira da sua cama marcava uma hora da manhã e Orion não conseguia fechar os olhos para relaxar com tranquilidade, afinal, qual foi a última vez que isso tinha acontecido mesmo?

Os dias se passavam e cada manhã que o sol nascia Isla parecia mais fria e distante.

Toda informação que ele possuía era a que o médico lhe passava e mesmo sabendo que ela tinha evoluído muito desde que fora morar em sua casa, aquilo não era o suficiente. Ele precisava de mais, muito mais.

Ficar de escanteio não era algo que o agradava e jamais se prestou a esse papel. Ser morno ou suave não fazia seu estilo, ele estava mais para um prato picante e potente, essa sim era a língua que sabia falar com maestria.

Precisava tomar uma atitude mais ao modo do *antigo Orion*.

Ninguém podia dizer que não foi dado tempo para ela pensar e decidir o que queria, então a hora de ele operar havia chegado e Isla teria que aceitar conversar a fim de chegarem a um acordo e, obviamente, ele contava com seu poder de persuasão para que tudo ocorresse como almejava.

Mas Orion tinha muito mais que isso como trunfo. Possuía um ingrediente que jamais utilizou em sua vida, entretanto, estava começando a se habituar e ver o lado bom dele.

O amor era o principal elemento que tinha verdadeiramente lá dentro e que faria toda diferença naquela conversa.

Ela já estava com a saúde estabilizada e o bebê não corria risco iminente como quando ela havia chegado. Se Isla suportou tudo até aquele momento, conseguindo levar a gestação adiante mesmo com tantos obstáculos, Orion tinha absoluta certeza de que seu filho nasceria bem e saudável. Porque aquela mulher mostrou que era a porra de uma leoa incansável quando o assunto era defender seu filho.

Orion sentia somente orgulho ao pensar em toda trajetória de Isla. Ela era um mulherão em todos os sentidos e faria de tudo para lhe mostrar que seu lugar era ali mesmo, exatamente onde estava, para ser mais específico no quarto ao lado e em sua cama.

Levantou-se irrequieto, pegou seu celular na mesa de apoio, colocou no bolso da calça de moletom e parou em frente ao quarto de Isla e sem pensar duas vezes, entrou sem bater.

Ela estava dormindo tranquilamente com os braços ao redor da barriga.

Era a porra da cena mais luminosa que já viu em sua vida. Ficou parado alguns poucos minutos, somente o suficiente para que seu cérebro jamais perdesse aquela imagem.

Quando deu um passo adiante e se abaixou na altura do rosto de Isla, ela abriu os olhos.

— O que faz aqui? — perguntou, ríspidamente, sem se mover.

— Acho que é óbvio. Você está há um mês me evitando.

— Sim — concordou, virando-se de costas para ele. — Quando sair, feche a porta.

Orion se levantou sem emitir som algum, caminhou até a porta e a fechou, porém, permaneceu ao lado de dentro totalmente imóvel.

Viu o exato momento que Isla movimentou a cabeça para espiar.

— Quanto antes isso acontecer, melhor.

— Eu não quero mais você em nossas vidas — foi direta ao dizer.

— Você quer — contrapôs ele, aproximando-se novamente —, mas entendo que não queria, deu para entender?

Isla, em contrapartida, encarou-o, pois ele definiu perfeitamente o que ela sentia em poucas palavras, entretanto, nada que ele dissesse a faria mudar de ideia.

— Já passei pelas mesmas sensações que você está passando — prosseguiu Orion parando à sua frente, com as mãos no bolso.

Após alguns segundos, em silêncio ele puxou uma cadeira e se sentou.

— Não, não passou — disse Isla, sentando-se, para ficar no mesmo patamar que ele. — Eu não quero meu filho nesse ambiente, nesse mundo...

— Meu mundo é seu mundo também — lembrou ele, a voz suave. — Não vim aqui falar e repetir coisas que você já está cansada de saber, mas quero que saiba pela minha boca que jamais viverei longe do meu filho.

— Isso é um erro — declarou, ao se levantar e caminhar até a porta da sacada.

— Jamais fale que nosso filho foi um erro.

— Não ele — corrigiu Isla. — Isso aqui. — Apontou para os dois.

— Você é a porra de uma ingrata — acusou Orion, fazendo Isla arregalar os olhos com tamanha grosseria. — Você tem tudo aqui e, ainda assim, quer fugir como uma nômade levando meu filho por aí, mas eu não permitirei.

— Não fale assim comigo — retrucou, irritada. — Seu dinheiro não é tudo, na verdade, é o que menos importa nessa história.

— E quem está falando em dinheiro? — quis saber ele ainda sentado e com as pernas cruzadas.

Orion se levantou com a mesma serenidade e caminhou até ela.

— Nesta casa você tem a proteção de uma pessoa que te ama além do que ele pode explicar com palavras. Você tem segurança no sentido literal e prático da palavra, além de outra coisa que você tomou para si e não tem nem mesmo o poder de me devolver.

— Orion...

Isla não queria ficar ali ouvindo o que ele tinha a dizer, pois tinha medo de ceder.

Sempre foi uma mulher mais coração que razão e estar ali encarando-o tão perto e, ao mesmo tempo, ouvindo as coisas que sempre sonhou em escutar... Era surreal.

— Não estou pedindo para que fique aqui pela sua saúde, quero que você seja minha, somente minha — finalizou, possessivo.

Isla o encarou e quando seus olhos se encheram de lágrimas, ela se afastou.

Tinha que pensar em seu filho, não podia abrir mão de seu plano novamente, não quando uma vida inocente estava em jogo.

— O que você pretende fazer? Fugir para que eu nunca mais a encontre? Mentir para ele que o pai morreu?

— Eu não sei — disse, firme, mesmo que a resposta soasse confusa.

Ela realmente não sabia quais seriam seus próximos passos, porque tinha total conhecimento que jamais conseguiria se esconder de Orion, muito menos ocultar seu bebê do pai.

Então estava agindo cada dia por vez, porém, na base do improvisado e naquilo que seu sexto sentido regia.

O futuro somente a Deus pertencia, então não adiantava ela ficar confabulando planos, até porque da última vez que fez isso, não acabou bem.

— Quero te mostrar uma coisa.

Orion pegou o celular do bolso e mexeu em alguma coisa.

Isla estava curiosa, todavia, não deu o braço a torcer e ficou exatamente onde estava.

— Veja — falou ele, estendendo-lhe o aparelho.

De cenho franzido e desconfiada, aproximou-se e quando seus olhos bateram na tela, o chão sob seus pés desapareceu por alguns segundos e ele teve que ampará-la.

A tela reluzia uma foto de seus pais junto com Orion, descontraídos. Isla sentiu seu coração acender com aquela imagem e as lágrimas, que há pouco conseguiu evitar que descessem, voltaram com força.

— Como?

Ela poderia contar nos dedos quantas vezes já tinha visto os dentes de Orion e ali, naquela foto, ele parecia confortável e íntimos de seus pais.

— Não é montagem — falou de pronto, imaginando que ela logo se lembraria do vídeo falso que Raul havia arranjado. — Essa foi a primeira vez que os encontrei. Foi em um evento e apesar de ser muito difícil eu ter afinidade com alguém, seu pai despertou isso em mim, não sei te explicar o motivo.

Isla não conseguia falar, estava em choque e, completamente, surpresa com a nova informação.

Os dois se sentaram na cama e antes que ela pudesse falar mais alguma coisa, ele mexeu novamente no celular e entregou o aparelho de novo a ela.

— Leia.

— Não — negou ela de olhos fechados. — Não posso.

— Está bem — desistiu, levantando-se.

Isla permaneceu com as mãos no rosto e somente ouviu a porta se fechar, mas daquela vez, quando espiou, Orion não estava dentro do cômodo.

Mas ele havia deixado o celular no lugar onde estava sentado.

Encarou o telefone como se fosse um dragão e virou o rosto, decidida a não ver o que quer que Orion quisesse lhe mostrar, porém, a curiosidade falou mais alto e o pegou de uma vez.

Estava aberta em uma página de e-mail e começou a ler.

Boa noite, Orion,

Fico feliz que tenha conseguido meu contato, eu e minha esposa também apreciamos muito sua companhia na noite anterior.

Sobre sua oferta, temo que não possa aceitá-la, apesar de me sentir muito honrado com ela, deixar meu irmão de lado é desonroso e sei que entenderá perfeitamente meu ponto. Mas isso não quer dizer que não possamos ser amigos, ficaríamos felizes da mesma forma.

Quem sabe não possamos unir seus negócios com os nossos, tenho certeza de que ambos seriam beneficiados.

Que tal um jantar em minha casa na próxima semana? Ficaríamos contentes em recebê-lo, desta forma, seria uma ótima oportunidade para conhecer minha filha. Tenho certeza de que se dariam muito bem, pois ela é uma jovem muito inteligente.

Enfim, sinto que podemos formar alianças importantes juntando nossas forças. Certamente Dudu ficará alegre com a possibilidade.

Grande abraço,

Luiz Brandão.

Isla finalizou a leitura com o rosto banhado de lágrimas e não poderia ser diferente. Sentiu que seu pai estava ali, sussurrando o e-mail em seu ouvido.

O jeito ameno de falar, a simpatia e lealdade que eram suas principais características estavam expressos como um carimbo naquelas palavras.

Quando olhou a data, não acreditou que foi enviado há apenas alguns dias antes de sua morte.

Era para eles terem se conhecido na semana seguinte, coisa que somente não aconteceu porque Duarte impediu. Isso a fez ficar em estado de choque por alguns segundos, tentando digerir tudo que seu cérebro computava.

Será que Duarte o tinha visto e por isso matou seus pais? Ou tudo realmente não passou de um ciúme doentio pelo irmão mais

velho?

Muitas perguntas pipocavam em sua cabeça, no entanto, a verdade era que jamais saberia dos fatos porque muito possivelmente Duarte já estava morto e reviver aquela tragédia era sofrimento demais para Isla, pelo menos por enquanto.

Queria mesmo seguir em frente apenas com memórias boas de seus pais e saber que eles conheceram Orion e gostaram dele, mesmo sabendo tudo o que de fato ele era, serviu como um acalento para sua alma.

Isla era, de fato, daquele mundo, como fugiria de seu passado sendo que ele fazia parte de seu presente e, obviamente, de seu futuro?

Levou as mãos ao ventre e fechou os olhos.

— Qual caminho eu escolho? — sussurrou sozinha. — Criar você o mais longe possível disso tudo e ser infeliz longe do homem que amo, ou assumir de uma vez a realidade e encarar?

Talvez fosse o sofrimento mental que passou nos últimos tempos, ou, então, seu subconsciente maluco mesmo, o fato foi que escutou seus pais falarem em seu ouvido para encarar a felicidade sem medo, pois lá morava sua paz.

Naquele momento sentiu seu bebê mexer pela primeira vez e mais uma vez seu rosto foi banhado por lágrimas.

Isla se levantou e mesmo com a visão um tanto embaçada, caminhou até o quarto ao lado. Ao entrar, se deparou com Orion em pé no parapeito da sacada com um copo na mão.

Assim que sentiu sua presença, ele se virou e ergueu uma das bochechas em um leve sorriso. Foi como um convite para mergulhar nos braços fortes e musculosos de Orion, pois não tinha mais dúvidas que ali era seu lugar.

Antes de se mover, viu que no canto do quarto estava seu piano, aquele que tocou inúmeras vezes com seu pai e obviamente foi agregado mais um motivo para suas lágrimas descenderem desenfreadas.

Correu e se prendeu nos braços de Orion, sentindo-se finalmente protegida de tudo.

Deixou do lado de fora todos os momentos ruins que viveram, pois dali em diante, decretou que não havia mais espaço para o sofrimento. Receberia e daria o amor da forma mais pura e sincera possível, sabendo que seria agraciada, também, com o melhor de seu homem.

— Obrigado por me permitir consertar meus erros todos os dias — confessou, segurando Isla com firmeza.

— Também lhe devo um pedido de desculpa por algumas coisas — começou, encarando-o —, fui impulsiva, agi pela emoção quando desliguei aquele aparelho. Desde o momento que apertei o botão eu me arrependi.

— Então... Isso realmente foi grave — começou ele, fingindo tristeza.

— Nós dois erramos e...

— Não foi você — assumiu de uma vez, recebendo uma careta em resposta. — Eu vi as filmagens daquele dia e alguns segundos antes de você entrar no escritório um médico injetou algo na minha veia, foi isso que causou minha parada e não o aparelho desligado, já que ele tem uma bateria reserva. Esse peso, você não precisa carregar.

Isla não respondeu, ficou apenas com a boca aberta, parecendo processar o que Orion havia acabado de contar.

— Ainda que tivesse sido você — prosseguiu ele —, nossos erros nos trouxeram aqui, é por conta deles que teremos a chance de começar diferente. Seu erro foi apenas um, amar demais, enquanto o meu foi justamente o oposto, mas isso mudou.

Orion segurou no pescoço dela e puxou para si, delicadamente.

— Será que seremos capazes de passar por cima de tudo? Eu, sinceramente, estou com medo — assumiu, temerosa. — Foram tantas coisas...

Orion a calou com um beijo cheio de emoções.

— Fazê-la feliz será minha meta de vida e enquanto isso não acontecer, não pararei um segundo. Mesmo ainda sendo Orion Meirelles, aquele que a fez passar por tantas coisas ruins, serei também aquele que mais te dará motivos para sorrir.

Isla sorriu, apoiando o rosto em sua mão convicta de que Orion faria de tudo para que o futuro fosse diferente do que, um dia, já viveram.

TRÊS MESES DEPOIS...

— Ai — Orion acordou assustado com um grito estridente vindo do banheiro.

Olhou para a mesa auxiliar e viu que eram três da manhã.

— Isla? — chamou ele, preocupado, ao se levantar e correr até onde acreditou ser a origem da voz.

Quando adentrou no cômodo viu sua amada deitada no chão do banheiro com uma feição de dor e lágrimas escorrendo pelo rosto.

Ele correu e se sentou, apoiando o corpo dela em seu peito.

— Ainda não cheguei ao oitavo mês — resmungou ela entre lágrimas. — Ele ainda não pode vir.

— Olha para mim — ordenou ele, tentando demonstrar uma calma que estava longe de realmente sentir. — Ele virá no tempo dele, agora precisamos ir ao hospital, está bem? Tudo dará certo, confie em mim.

Foram os quatro melhores meses de sua vida e naquele momento ele compreendia tudo que tiveram que passar para finalmente viverem felizes e bem um com o outro.

Orion jamais achou que fosse se tornar um homem daquele tipo, tão dedicado a alguém como estava a Isla e seu bebê.

Tornou-se um homem diferente dentro de sua casa e em sua vida pessoal, mas isso não queria dizer que o mesmo se aplicava no âmbito profissional, pois ainda era exatamente o mesmo Orion, imponente e determinado quando o assunto eram seus negócios.

Isla o fez ser uma pessoa e homem melhor. Deu-lhe um sentido para sua vida que, na verdade, nem acreditava que precisava.

Tudo parecia igual aos olhos de outras pessoas, mas ele sentia que nada era como antes e jamais seria. Passou a ter um propósito concreto assim como um excelente motivo para voltar para casa.

Raul Duarte e Calisto ainda estavam vivos em seu galpão e por mais que tivessem se tornado pessoas distintas após tantas torturas, Orion estava decidido a colocar um ponto-final naquela página e matá-los de uma vez, e planejava fazer isso o quanto antes, mas queria conversar com Isla sobre o assunto antes de executá-los, pois a opinião de sua mulher lhe direcionaria para um melhor desfecho.

Cada vez menos ia ao galpão *visitá-los*, já que seu foco e atenção estavam todos na retomada de seus negócios e em Isla.

Eles sabiam que o bebê poderia vir antes, mas nada o havia preparado para aquele momento.

— Respira — comandou ele, segurando-a em seus braços. — Vou levá-la para irmos até o carro, está bem?

Isla acenou positivamente com a cabeça e prendeu a respiração no instante em que ele a ergueu no colo.

— Está indo muito bem — incentivou Orion, descendo as escadas com pressa.

Sempre tinha seguranças acordados durante a noite toda e assim que um deles o viu descendo os últimos degraus se adiantou para abrir a porta.

— Vou pegar o carro — disse o funcionário, já correndo para a garagem.

O intervalo de contração estava, em média, de dez em dez minutos. O que queria dizer que ainda tinham um tempo até o hospital, porém Orion não poderia perder tempo, pois queria garantir a saúde de seu filho.

Em menos de um minuto, seu segurança parou com o carro bem na porta de sua casa e ele já foi logo a acomodando no banco da frente e lhe acoplando o cinto.

— Ligue para Heitor, mande ele avisar que estamos a caminho do hospital e que prepare uma equipe para recebê-la — ordenou Orion, ao dar a volta e entrar no banco do motorista.

— Sim, senhor — respondeu o rapaz, pegando no celular enquanto acelerava o veículo portão afora.

— Continue respirando... Tudo dará certo — prosseguiu Orion, estimulando Isla para que ela se distraísse. — Não chore — pediu ao encará-la rapidamente.

Colocou uma de suas mãos na coxa dela e apertou, demonstrando que não sairia de seu lado.

— A dor vai passar...

— Não é isso — falou ela se debulhando em lágrimas. — Não acredito que depois de tudo, nosso bebê irá nascer, teve um momento que achei...

— Ei — chamou atenção Orion sem parar de prestar atenção na rua escura. — Não pense nisso agora.

— É de alegria — finalizou ela, apertando sua mão de maneira carinhosa. — É um sonho estar vivendo tudo isso ao seu lado e, agora, com nosso bebezinho. Ele já aguentou tantas coisas que essa transição para vir ao mundo, será apenas mais uma.

— Não tenho dúvida.

— Que tal Plácido? — sugeriu ela após alguns segundos.

Orion a encarou, desgostoso.

Mesmo após tanto tempo, ainda não haviam chegado a uma conclusão de nome.

Sempre que ela sugeria um, Orion descartava e vice-versa.

Mas antes que pudesse entrar em um novo debate mais uma contração tomou Isla e ela esqueceu-se completamente daquele assunto.

Apertou sua mão com tanta força que chegou a ficar com os dedos brancos.

— Plácido é péssimo — quis descontrair, recebendo um grito estriduloso em resposta.

Após quinze longos minutos, deram entrada na maternidade já com uma equipe em prontidão, inclusive Heitor e o filho, Giovanni, seus profissionais de confiança.

— Começou há quanto tempo? — inquiriu um deles enquanto a deitava na maca.

— Duas horas.

— Tudo isso? — ralhou Orion por Isla não tê-lo acordado.

— Achei que era a contração de treinamento que a minha médica mencionou, mas percebi que ficaram mais intensas e menos espaçadas.

Todos caminhavam juntos para algum lugar que Orion não fazia ideia de qual era, mas não hesitou em segui-los, porque nem a porra do papa o tiraria de perto de Isla.

Foi obrigado a ver um médico tocá-la intimamente e seu lado animal quis avançar no maldito por tocar no que era seu, mas deixou seu sentimento neandertal de lado, repetindo a si mesmo que ele era médico e aquilo fazia parte do procedimento.

Fizeram vários exames, então disseram que a dilatação estava já quase completa e o espaçamento das contrações diminuindo cada vez mais.

Por ser a primeira gravidez, tudo estava indo bem mais rápido que o esperado, sem lhe dar tempo para raciocinar com clareza. E quando fazia trinta minutos que estavam dentro do complexo hospitalar, Isla foi encaminhada para a sala de parto.

O sonho de sua mulher era ter um parto normal, mas a médica já havia lhe falado que talvez não fosse possível, porém, tudo estava caminhando para aquilo e Isla parecia a mulher mais feliz do mundo, mesmo parecendo que ia morrer tamanha era a dor que a acometia sempre que as contrações começavam.

Orion passou a admirá-la mais – como se isso fosse possível –, e seu amor só fazia aumentar por aquela criada que virou seu mundo do avesso, mas que lhe deu as duas coisas mais preciosas que um homem honrado podia ter: um filho e o amor incondicional de uma mulher.

Naquele momento, ao vê-la fazer força enquanto o médico a incentivava para que o menino deles viesse ao mundo, ele se sentiu o filho da puta mais sortudo de todo mundo.

— Vamos, meu amor, você é capaz — ajudou Orion, segurando forte nas duas mãos de Isla.

— Ahh! — gritou repetidamente ela.

— Só mais um pouco — declarou o médico. — Já está vindo.

Uma equipe de peso estava dentro da sala de parto. Ginecologista, pediatras, enfermeiras neonatologistas e fisioterapeutas também especializadas em recém-nascido, além de mais meia dúzia de outros profissionais espalhados e se certificando de que Isla e o bebê teriam todo apoio possível.

Eles sabiam que o bebê possivelmente teria que ficar na incubadora, quiçá na unidade de terapia intensiva, mas ambos tinham esperança de que logo estariam bem e em casa com o pequeno pacote de amor no colo.

Orion estava animado para ensinar ao seu filho tudo que lhe foi ensinado, inclusive sobre mulheres e...

— Aqui está — disse o médico. — A menininha de vocês chegou ao mundo.

Isla franziu o cenho e começou a rir. Já Orion teve que se sentar, pois passou de provedor para fornecedor em questão de segundos.

Menina? Como assim!?

Seus olhos se arregalaram.

— Ele vai sobreviver — ouviu Isla falar, ainda rindo.

Como lidaria com uma princesinha?

Orion era um ogro e ter duas mulheres sob sua responsabilidade era algo surreal.

Aproximou-se da mesa onde a pediatra fazia os primeiros cuidados de sua pequenina e ficou admirando-a.

— Ela está bem — começou a profissional —, mas demorou um pouco para chorar, então vamos mantê-la na incubadora e não sairemos do lado dela, está bem?

Ele não respondeu, estava vidrado na beleza do pequeno ser.

Assim que a profissional terminou, colocou-a na incubadora, e ele dividiu sua atenção à filha e a sua mulher, cujo atendimento estava sendo finalizado.

Após trinta minutos, eles estavam em um quarto especial com o bebê ao lado, ainda dentro da incubadora. No canto oposto à cama, uma enfermeira e uma médica neonatologista estavam de prontidão, uma vez que ele não arriscaria em deixar sua garotinha longe de suas vistas.

— Queria tanto pegá-la — reclamou Isla.

— Eu também, mas precisamos esperar — disse ele, parado entre a cama e a incubadora

— Ela não é linda?

— Sua cara — elogiou Orion. — Não tendo sua personalidade, vai ser perfeita — descontraiu.

Isla fez uma careta e o puxou para um beijo.

— Obrigada — agradeceu, emocionada. — Você me deu a coisa mais preciosa da minha vida. Eu te amo.

Orion acariciou o rosto de sua mulher, apaixonado.

— Prometo que serei o porto seguro de vocês duas — garantiu, ainda encarando-a. — Eu te amo, Isla Maria, e quero que

se case comigo. Você aceita? — pediu tirando uma caixa de veludo preta do bolso e abrindo-a.

— Achei que você não era esse tipo de homem — ela tirou sarro ao se recordar de uma fala de Orion no passado.

— Não era, mas agora sou. Só por você e nossa linda princesinha.

Ela sorriu docemente e deixou uma lágrima escorrer pela face.

— Claro que sim... Mil vezes sim.

Orion a beijou com paixão e colocou o anel no dedo de sua amada. Ela não sabia, mas ele planejava se casar novamente, mas, daquela vez, tendo como base o amor. Um sentimento que até pouco tempo atrás ele desconhecia, mas que Isla fez questão de apresentar de uma forma bem conturbada e inusitada.

— Obrigado por não desistir — sussurrou após finalizar o beijo. — E obrigado ao Senhor — falou olhando para o céu —, por não mandar um menino que que teria a infelicidade de se chamar Plácido.

Após três dias no hospital, finalmente as duas puderam ir para casa, onde foram recepcionadas por Linda e Teodora, ambas com um sorriso que não cabia em seus rostos.

Antes mesmo de o carro estacionar, Isla conseguia sentir todo amor que fluía das duas mulheres.

Fez uma rápida oração agradecendo por chegar à *sua* casa com saúde, com seu bebê nos braços e Orion ao seu lado.

Já considerava aquela casa como sua antes mesmo de realmente ser, então não foi sacrifício algum entender que jamais sairia de lá. Aquele pedacinho do céu era seu lar, era lá que criaria sua menina e seria finalmente feliz com o amor de sua vida.

— Deixa eu ver minha neta — implorou Linda, como se não tivesse passado a manhã toda no hospital.

— Deixe *elas* respirarem — admoestou Orion, ao dar a volta para amparar suas garotas.

— Olha como minha neta é perfeita — disse Linda para Teodora.

As duas mulheres estavam com lágrimas nos olhos e Isla recebeu um olhar da cozinheira que lhe dizia muita coisa, mesmo sem ela abrir a boca.

Teodora acompanhou parte de seu sofrimento e Isla sabia que ela a amava, por isso também se emocionou ao ver tanto amor e entendimento naquele olhar.

— Vamos entrar — pediu Linda.

Todos foram para o quarto da bebê. Mesmo com a cor azul predominante, ninguém se importou, era apenas um detalhe que poderia ser mudado depois.

Colocaram-na no berço e ficaram encarando a pequena perfeição.

— Ainda não conversamos sobre o nome — falou Orion, receoso, pois aquele era um assunto que sempre levava a um bate-boca.

— Pensei em...

— Posso dar minha opinião? — inquiriu Linda, cautelosa.

— Lá vem ela com nome de planetas, galáxias ou signos — resmungou Orion.

Isla deu risada, mas a outra ignorou o filho, encarando a pequenina dormir no berço.

— Esse pedacinho de amor significa um novo recomeço para todos dentro desta casa. É como se tivéssemos chegado ao fim, mas lá descobrimos que existia uma nova chance...

Isla estava dentro do abraço de Orion, escutando atentamente e até mesmo ele parecia rendido ao que a mãe dizia.

— Eva — disse com os olhos brilhando de lágrimas não derramadas. — Segundo a bíblia, ela foi a primeira mulher criada, a

primeira mãe, a que deu vida a todos os homens. Assim como ela — continuou agora encarando o casal —, essa pequena nos trouxe a vida novamente.

Os dois se encararam e não foi preciso nenhuma palavra.

Isla desvencilhou-se do abraço de Orion e caminhou até sua sogra, abraçando-a forte, desejando que aquela mulher, tão pura de coração, sentisse todo amor que ela lhe dispensava.

— Obrigada por estar sempre ao meu lado — começou a sussurrar. — Nunca tive oportunidade de agradecer, mas quero que saiba que eu te amo como uma mãe. Sei exatamente quem lhe enviou para estar juntinho comigo aqui na terra e me protegendo.

— Oh, meu amor — retrucou Linda, emocionada. — Eu também te amo. Você é minha filha de alma e coração, honrarei esse sentimento que tem por mim. Eu sempre lhe disse que na vida nada é coincidência, e sim Deus trabalhando em nossa trajetória. Ele é o início e o fim... Desde o primeiro momento em que coloquei os olhos em você, soube que era a mulher que mudaria a vida de Orion e mesmo ciente de que seria um caminho muito árduo, eu tinha certeza de que conseguiriam encontrar uma forma de serem felizes.

Linda se afastou e olhou em seus olhos.

— Foi difícil, mas vocês conseguiram — declarou, animada e emocionada.

— Você é mesmo uma bruxinha — brincou Isla, sorrindo.

Elas se abraçaram novamente por mais alguns segundos e quando se largaram, Orion as encarava, comovido.

Isla voltou para os braços de seu homem, pois era sempre aquele seu destino final. Permaneceram encarando Eva, que dormia como um anjinho, certos de que não havia nome mais perfeito.

Aquele pequeno anjinho que dormia tantas horas por dia, logo mostrou para que veio e se revelou uma bebezinha chorona e esperta que descobriu bem cedo o quanto era divertido manter seus pais acordados a noite toda.

Os três primeiros meses foram desafiadores e o casal teve que reformular toda a rotina para que se adequasse à pequena ditadora.

Por sorte, Orion nunca foi um homem que necessitava de muitas horas de sono e isso auxiliou bastante naquele período conturbado.

Eva só queria dormir no colo ou entre eles, sentindo o amor e o aconchego de seus pais. Por mais que tivesse sido cansativo e desgastante – como usualmente eram os primeiros meses de um bebê –, eles adoravam ter aquele pequeno ser humano junto e protegido.

A pediatra falava que não era bom acostumar a filha a dormir junto com eles, e repetia incansavelmente que era perigoso. O que eles fizeram em relação a isso? Trocaram de médica.

Foda-se o que ela dizia. Isla e Orion eram os pais e sabiam o que era melhor para Eva.

Resolveram aproveitar cada segundo, pois sabiam que o tempo era precioso demais para desperdiçá-lo com tanto *mimimi*. Correriam atrás do prejuízo depois.

Estavam vivendo uma experiência incrível e aprendendo cada dia mais com aquela pequena geniosa, que embora tivesse a fisionomia da mãe, possuía a personalidade similar à do pai.

Orion não poderia ter imaginado que sua melhor versão apareceria durante privações de sono, choros intermináveis, troca de fraldas sem-fim e mais várias situações insonháveis.

Aquela era a parte da maternidade que poucos relatavam, mas, ainda assim, Isla e Orion não teriam feito nada diferente.

Principalmente porque cinco meses haviam se passado e foi natural o desmame noturno, uma vez que Eva já dormia a noite toda em seu bercinho. Nada mais justo, visto que passaram todos aqueles meses acordados madrugada adentro com cólicas intermináveis.

Para piorar, ele não se aguentava de saudade de sua safada, que há mais de um mês o vinha provocando, com olhares lascivos e camisolinhas curtas. Ela estava tão sedenta quanto ele, mas com a bebê dormindo entre eles, não poderiam fazer nada, e como aproveitavam as manhãs para recuperar as noites perdidas e a tarde para ele trabalhar, era impossível ter alguma intimidade.

Quando se viu subindo pelas paredes, organizou algo especial para a esposa e não via a hora de colocar em prática.

Naquele dia, enquanto ele estava trabalhando, Isla e Eva eram paparicadas por Helena e Joana.

Demorou um pouco para que as duas melhores amigas de sua mulher o aceitassem, visto que tiveram aquele pequeno desentendimento no passado, porém, elas gostavam mesmo de suas meninas e viam o quanto Isla era feliz ao seu lado, o que bastou para que convivessem bem e harmonicamente.

Elas, inclusive, estavam fazendo parte de seu plano para mais tarde. Mas antes de colocá-lo em prática, teria que resolver a situação de Duarte e Calisto.

Sim, mesmo que meses atrás tivesse dito que os mataria, Orion ainda os mantinha vivos com o intuito de cumprir aquela primeira promessa, de fazê-los desejarem a morte todos os dias.

Jamais ficou com alguém por tanto tempo em sua custódia, porém, sua fúria não diminuiu em nada nos longos meses que se passaram. Ainda assim, frequentava o galpão cada vez menos e a conversa que queria ter com Isla acabou não acontecendo, visto que Eva era a prioridade.

Mas Orion sentia que o momento havia chegado.

Sua princesinha estava mais independente e as coisas estavam entrando nos eixos, então permitiria que sua mulher tomasse parte da escolha do futuro daqueles dois ratos miseráveis.

Porque após a finalização do *tal* assunto, realmente não teriam mais nada do passado para os assombrar.

Enquanto Joana e Helena brincavam com Eva na piscina, Orion chamou sua linda esposa até o escritório.

Isla estava com as curvas mais maravilhosas do mundo após a gestação e Orion desejava que nunca mais fossem embora.

Ela entrou no cômodo e teve que se concentrar no assunto, ao invés do minúsculo biquíni que ela ostentava, cobrindo apenas o essencial.

Aquilo tudo era seu! Sua mulher era foda e não cansava de se orgulhar por tudo o que o universo lhe presenteou, mesmo após tudo de mal que fez, estava ali, com sua linda família e feliz como nunca antes.

— Pois não, senhor Meirelles — disse ela, sentando-se em sua mesa e cruzando as pernas sensualmente.

Ele a encarou, rangendo os dentes, mas tinha que ser direto e não deixar aquela bruxinha o enfeitiçar. Guardaria seu rugido animalesco para mais tarde, e não via a hora de isso acontecer, pois estava há muito tempo enjaulado.

— Se continuar me encarando com essa cara, vou te foder aqui mesmo, com suas amigas de testemunha.

Isla olhou para trás e notou que as cortinas estavam erguidas, dando uma visão perfeita das amigas com Eva na piscina.

Ela sorriu travessa e o encarou novamente.

— Deixemos isso para mais tarde, cheirosa da porra — declarou Orion, aproximando-se e beijando seu pescoço. — Na verdade, eu a trouxe aqui para um assunto mais delicado — disse, cauteloso.

— O quê? — quis saber Isla, curiosa.

— Calisto e Duarte ainda estão vivos.

— O quê? — repetiu, incrédula. — Está falando sério? Por que nunca me disse?

— Calma — tranquilizou ele, dando um beijo em sua boca com carinho. — Não falei porque nosso foco era Eva, mas agora acredito que chegamos a um impasse decisivo. Por isso, quero saber o que você gostaria que acontecesse com eles.

— Está querendo que eu decida o futuro daqueles dois malditos?

— Quero apenas sua opinião, deixa que o serviço sujo eu assumo. Não quero que carregue uma culpa...

— Culpa? — inquiriu ela, bem calma. — Não teria problema algum em deitar minha cabeça no travesseiro e dormir tranquilamente depois de acabar com as duas pessoas que mais me fizeram sofrer neste mundo.

Orion franziu o cenho.

— Está dizendo que quer fazer isso? Não acho uma boa ideia — ponderou, criterioso.

— Você veio até mim e agora vai dar para trás? — indagou Isla, mais decidida do que nunca. — Não perguntei sobre eles por quê... Sei lá, no fundo, acho que tinha receio de você dizer que eles estavam soltos por aí.

— De uma coisa você pode ter certeza, eles não ficaram esses meses em uma colônia de férias. Todos os dias os desgraçados imploram para morrer.

— Que tal atendermos a esse pedido? — sugeriu, maliciosa. — Nunca, em sã consciência, desejei a morte de alguém, mas eles despertaram essa ira gigante em mim. Minha filha quase morreu por

conta deles, nós dois quase nos matamos nesse caminho e tudo por uma armação, fora meus pais, é claro — lembrou, entristecida. — Nívia e Luiz jamais terão a oportunidade de ver a filha deles feliz e conhecer a neta que tanto sonhavam ter.

— Não quero te forçar a fazer algo tão fora de suas virtudes.

— Como foi que você me disse uma vez? Está em meu sangue — afirmou, determinada.

Orion a analisou, respirou fundo, torcendo para não se arrepender da decisão que acabara de tomar e disse por fim:

— Está bem. Vamos deixar Joana e Helena com Eva, sob a supervisão da babá, já que aquela amiga loira não bate bem, e vamos resolver isso de uma vez?

— Me dá cinco minutos e estarei pronta.

Dez minutos depois eles já estavam dentro do carro, a caminho do galpão.

Isla, obviamente, omitiu algumas informações das amigas, já que elas não precisavam saber de tudo, e foi em direção à sua libertação.

No caminho ficou um pouco tensa, mas logo esse sentimento foi aliviado pelas mãos grandes e fortes de seu marido, que ficou todo tempo ao seu lado, dando apoio e acalento, como sempre fazia.

Orion se mostrou um homem maravilhoso e Isla apenas agradecia por, finalmente, ter seu final feliz.

Assim que ele estacionou o automóvel em frente a um enorme galpão, ela saiu, determinada.

Orion a alcançou e eles seguiram de mãos dadas portão adentro.

Desceram dois lances de escadas e passavam por vários seguranças para, enfim, chegarem ao buraco em que seu tio e Calisto estavam.

Num primeiro momento, Isla sequer conseguiu reconhecê-los, de tão transfigurados que estavam, além de muito magros e

visivelmente perturbados.

Ambos mantinham os olhos fechados, desacreditados no futuro, e por mais que ela estivesse gostando de ver o sofrimento daqueles dois malditos, ouviu uma voz em seu subconsciente dizendo para que finalizasse com aquilo de uma vez. Ela precisava daquele desfecho para, enfim, se vingar dos verdadeiros culpados da morte de seus amados pais.

Cláp! Cláp!

Suas palmas ressoaram no ambiente e os dois imediatamente ergueram o olhar.

Calisto se manteve inerte, mas Raul arregalou os olhos em surpresa.

— É um prazer estar aqui — começou ela, caminhando confiante e parando diante dos dois.

Orion estava apenas de espectador, então permaneceu encostado em uma das paredes de braços cruzados, observando o desenrolar do show e preparado para se caso ela precisasse.

Nicolas, como sempre, estava ao seu lado, uma vez que já o aguardava lá.

— Vocês dois são o sinônimo de dor e sofrimento em minha vida. Sabe o que vejo quando os encaro? Superação. Olhem para mim — comandou, erguendo os braços.

Calisto abaixou o olhar, contrariado, mas não era de servilismo e sim, desrespeito.

Ela sabia que o tatuado nunca fora com sua cara, mas não poderia culpá-lo, visto que também tinha ranço dele.

— Ei, olhe para mim — comandou, segurando o cabelo de Calisto e obrigando-o a encará-la. — Vocês mataram aquela menina e deram origem a um pequeno monstro — finalizou, intercalando o olhar entre eles.

— Isla — começou seu tio, repugnante, como sempre.

— Não quero ouvir sua voz. Quero apenas que saibam que morrerão pelas mãos da criada subjugada — disse, olhando Calisto

e conseguiu ver medo nos olhos do antigo braço direito do seu marido. Então se direcionou a Raul e completou: — e da sobrinha ingênua e amorosa que passou anos sendo enganada.

Isla se afastou e caminhou até Orion, ouvindo o velho chorar igual uma criança.

— Posso? — inquiriu ela, olhando para a arma na cintura de seu amor.

Orion fez questão de ensiná-la a manusear uma arma assim como alguns golpes para que soubesse se defender, caso fosse necessário.

— Toda sua — declarou, retirando-a do coldre e estendendo a ela.

Isla a posicionou em sua mão e após depositar um beijo na boca de Orion, voltou a sua posição inicial, diante dos ratos que naquele momento estava morrendo de medo.

— Ficar diante a morte é difícil, não é? — disse ela, ressentida, lembrando-se de tudo que passou nos meses que ficou presa. — Eu posso nunca me esquecer das coisas pelas quais passei, mas terei um futuro feliz ao lado da minha família e de pessoas que me amam, já vocês, terão somente a companhia do diabo, lá no inferno, que é para onde os mandarei.

— Pena que seus pais não estão aqui para ver essa sua felicidade — ironizou Calisto, com um sorriso perverso.

— Está enganado — respondeu, firme, não se permitindo cair no jogo do infeliz. Tudo o que Calisto queria era vê-la perder a linha, mas ela não era mais ingênua e conhecia aquele jogo como ninguém. — Eles estão vendo minha felicidade, não se preocupe com isso.

— Quer saber as últimas palavras deles? — provocou o tatuado.

— Cale sua boca — ordenou o homem mais velho.

— Raul me contou e ficaria feliz em te repassar toda a agonia e sofrimento que sentiram antes de morrerem.

Isla se aproximou e ficou na altura de Calisto.

— Guarde para você — ordenou, raivosa, então pressionou a arma contra o pau dele e atirou.

Enquanto Calisto xingava e se contorcia pela dor, ela voltou a atenção para o tio, que fechou os olhos, decerto desejando uma morte rápida, mas ela não pretendia fazer isso, então repetiu o mesmo processo e atirou naquela coisa murcha que ele tinha entre as pernas.

Os dois gritavam e falavam coisas que ela não conseguia compreender tamanho, era o desespero de ambos.

Olhou para trás e Orion permanecia do mesmo jeito, encostado na parede, maravilhoso naquele terno de três peças que lhe caía à perfeição.

Isla sentiu um tesão estratosférico ao vê-lo daquela forma, com um sorriso malicioso em sua direção e parecendo orgulhoso do seu feito.

Seu marido andou até uma pequena mesa, pegou duas rosas brancas e as estendeu para ela.

Foi a vez de Isla rir, maléfica.

Pegou ambas e voltou a atenção para os dois miseráveis. Deu um tiro na coxa de cada um para que sangrassem até a morte. Jogou a rosa em cima deles e caminhou novamente até Orion.

Após devolver a arma para seu amor, ele a puxou para um beijo ardente, unindo aquelas duas almas um tanto sombrias para a eternidade.

64

— Puta que pariu — gritou Joana, encarando um ponto atrás de sua cabeça.

Após uma hora, o casal havia retornado ao casarão e Isla pôde novamente se juntar à suas amigas.

Era estranho estar na piscina, no meio daquele maravilhoso dia de verão, feliz, como se não tivesse acabado de fazer a coisa mais doida e cruel da sua vida.

Mas fazer o quê? Isla tinha sangue mafioso correndo em suas veias.

— O quê? — inquiriu ela, com Eva no colo, dentro da piscina.

Isla se virou e viu seu marido entrar na área externa com um rapaz.

Eles conversavam de forma descontraída e ela não levou mais que um minuto para identificar a figura que o acompanhava. Era Taurus, seu cunhado.

— Ah, sim! — afirmou, animada. — Esse é o irmão de Orion, ele mencionou que viria para nos visitar neste verão.

— Caralho, Isla, como escondeu o amor da minha vida durante tanto tempo? Não irei te perdoar por isso — continuou sua amiga, exagerada.

Helena permanecia com o olhar fixo no cara, parecendo até meio idiota.

Mas Isla as ignorou e saiu da piscina com sua pequena no colo, reclamando por retirá-la da água tão cedo.

— Essa é Isla, minha mulher — apresentou Orion, possessivo, segurando em sua cintura. — E essa é sua sobrinha, Eva.

— Prazer — disse ele com a voz igual do irmão, forte e grave. — Orion falou muito de vocês e estou feliz em conhecer o fogo que derreteu esse coração — finalizou dando um tapa nas costas do irmão.

— Olha o limite, moleque — alertou Orion, como se fosse um ancião.

Ele tinha um sorriso charmoso, de derreter qualquer moça, mas felizmente Isla tinha olhos apenas para seu *badboy* malvado, contudo, precisava admitir que a genética daquela família era boa.

— O prazer é nosso — respondeu, educada.

— E você é uma princesa linda! Parabéns a vocês — elogiou Taurus, cortês, brincando com a pequena, mas nem ele conseguiu tirar um sorriso da marrentinha. — Pelo jeito puxou para o pai — continuou a brincar.

— Nem me fale — retrucou Isla, entrando na brincadeira.

— Oi — disse Joana, intrometendo-se na conversa. — Sou Joana, amiga da Isla e futura madrinha da Eva. Você é...

— Olá! Nossa, mas essa casa é muito bem frequentada — cortejou o rapaz.

Então ficou com o olhar preso por alguns segundos em direção a Helena. Sua feição era diferente da que envergava quando chegou, mas em poucos segundos voltou a sorrir.

— Vamos almoçar? — cortou Orion, prevendo uma confusão se aproximar.

— Ai, que alegria, meus meninos reunidos — falou Linda, aproximando-se. — Felicidade que não cabe em meu peito. Gratidão pela minha família — finalizou, juntando as mãos e fechando os olhos.

Isla se aproximou e beijou a testa da sogra.

— Me dê minha neta, vou mimá-la mais um pouco — declarou pegando Eva de suas mãos e fazendo palhaçada para ela.

— Pelo jeito, as coisas não mudaram mesmo — ponderou Taurus, fazendo todos rirem, mas Joana, em especial, exagerou na reação e riu com mais fervor.

Isla olhou para Orion, sabendo que ambos pensavam a mesma coisa.

A tarde transcorreu muito divertida e animada, ainda que tivesse notado Helena muito introvertida, diria que estava até mesmo mal-humorada.

Quando a noite caiu, todos estavam reunidos, ainda trajando vestes de piscina, envolta do espaço que possuía uma lareira externa.

Era um grupo de quatro bancos redondos com uma lareira aberta no meio. E mesmo no verão, resolveram acender, visto que Campos do Jordão fazia um clima mais ameno durante a noite.

Eles conversavam, riam, enquanto Helena continuava com aquela carranca estranha. Já Joana, não parava de flertar com Taurus, descaradamente, enquanto o restante do pessoal conversava amenidades e assavam marshmallow no fogaréu.

Até mesmo Linda estava se permitindo curtir uma conversa mais íntima com Geraldo. Orion fez questão da presença dele, já que eram grandes amigos.

Isla estava feliz em ver sua família e as pessoas que amava reunidas e enquanto Eva dormia, cansada de tanto brincar na piscina, Orion aproveitou o momento para dizer algumas palavras.

— Olhem — começou alto, chamando atenção de todos. — Não gosto de expor as coisas que sinto, mas neste momento gostaria que todos soubessem que essa mulher — disse pegando na mão de Isla recebendo em troca um olhar apaixonado e já cheio de lágrimas —, aceitou-me da forma como sou e somente a gente sabe o que tivemos que superar para estar aqui com vocês neste momento, então nada mais justo que termos um novo casamento e, desta vez, com todo amor que ela merece.

Orion levantou e fez com que ela também se levantasse.

Todos caminharam sem dizer nada até o jardim de flores e lá, já tinha uma pequena tenda com as cadeiras contadas juntamente com um altar.

O padre estava parado, com a bíblia na mão, somente os aguardando.

— Mas...

— Não importa a roupa que usamos — Orion previu o que Isla diria. — Você é a mulher da minha vida e queria que nos casássemos neste dia. Sabe qual é?

— O dia da minha contratação — completou ela, emocionada.

— Sim, o dia em que dona Linda colocou a mulher da minha vida dentro da minha casa.

Orion limpou suas lágrimas e quando Isla olhou em volta, todos já estavam sentados.

Na primeira, e única, fileira da direita: Joana, Taurus e Helena – nesta ordem hilária – de um lado. Linda, com Eva no colo, Geraldo e Nicolas.

Ele pegou em sua mão, incentivando-a a seguir em frente.

— Vamos? — perguntou ele, puxando-a suavemente no caminho de folhagem.

Eles andaram juntos e de mãos dadas até o pequeno altar, recebendo os olhares carinhosos e todos os poucos convidados. Pois mesmo sendo poucos, eram as pessoas que mais importavam na vida dos dois.

O padre foi sucinto e o casal trocou as novas alianças sobre palmas e choros dos convidados.

— Eu te amo, criada — sussurrou Orion em seu ouvido.

— Também te amo, cão do inferno.

Naquele momento, oficialmente casados pelo amor, pegaram Eva no colo e a beijaram um em cada bochecha gorducha, fazendo-

a abrir os olhinhos e resmungar por terem atrapalhado o soninho gostoso que desfrutava.

— Esse casamento foi... Diferente — disse Isla com um sorriso que não cabia em seu rosto.

— Sim — concordou Orion. — Igual a nós.

Duas da manhã. Essa foi hora que o casal conseguiu fazer Eva dormir depois que ela acordou às onze da noite decorrente da falação de todos na sala.

Isla e Orion faziam questão de estar sempre presentes, mesmo com uma babá à disposição. Dispensavam-na no período noturno, pois sabiam exatamente que a pequena queria os papais e não qualquer outra pessoa.

Enquanto Orion terminava que arrumar Eva no quartinho, Isla foi tomar um banho, com o tesão já na estratosfera depois de tanto tempo sem sexo.

Retirou suas roupas e entrou debaixo da ducha quente e relaxante, encarando o lindo acessório em seu anelar esquerdo.

Sorriu igual uma boba pensando em seu marido e como o desejava. Aquela mesma excitação que sentia quando se conheceram.

Fechou os olhos e permitiu que a água escorresse por seu corpo no mesmo instante em que passava o sabonete líquido por seu corpo todo, formando espuma e deslizando lentamente.

Sua mão parou em seu sexo, já latejando de tanto tesão reprimido e nostálgico, lembrando-se de como era boa a sensação de ter Orion dentro de si e sendo o animal feroz que costumava ser entre quatro paredes.

Começou a mover seu dedo circularmente aumentando o desejo conforme ele deslizava com facilidade. Naquele ponto, Isla

não sabia dizer se era pelo sabão ou por sua própria excitação. Talvez um ajuste delicioso de ambos.

Apoiou as costas no mármore e intensificou os movimentos desejando loucamente que Orion estivesse ali e mesmo que seus olhos permanecessem fechados, sentiu o exato momento em que ele adentrou no cômodo somente pela respiração funda e ranger dos dentes.

Sem abrir os olhos, virou de costas para ele, apoiou as duas mãos esticadas sobre a cabeça e empinou a bunda o máximo que pôde no intuito de que seu homem visse o estado que conseguia deixá-la.

Ele pronunciou algumas palavras que Isla não soube compreender.

— Vem — pediu ela com uma voz sexy, mas ainda de costas.

Orion, em contrapartida, estava hipnotizado com a cena que se desenrolava em sua frente.

Por um lado, queria sair correndo e se juntar a ela, já do outro, poderia ficar o restante da sua fodida vida ali olhando Isla se dar prazer, toda molhadinha e cheia de tesão, que também estava tudo bem.

Mas sua cabeça — de baixo —, implorou para que retirasse a roupa o quanto antes e se juntasse à Isla para meter fundo naquela boceta deliciosa e encharcada.

Orion também estava sedento por sua mulher e morrendo de saudades, por isso obedeceu e em poucos segundos já estava dentro da grande caixa de vidro.

— Preciso de ajuda? — inquiriu ele, ajoelhando-se e tomando a boceta dela em uma abocanhada.

Ela ainda estava em pé, virada para parede e com os braços erguidos. A bunda empinada serviu para encaixar sua cabeça entre os belos montes e chupar o doce mel do prazer.

Orion não deixou nenhuma parte de fora, passou sua língua por toda região e circulou o segundo buraco, fazendo-a gemer alto

de tanto tesão.

Ficou minutos inteiros se deliciando com sua boca ouvindo Isla gemer sem pudor e incessantemente. Cada vez mais ela aumentava o tom, indicando que estava gostoso *pra* caralho. Ele sabia que sim, pois para Orion era tão – ou mais – delicioso do que para sua mulher.

Chupou toda a boceta enquanto seu indicador a penetrava sem dificuldade alguma.

Voltou para o segundo buraco, circulando a língua, e Isla já estava com rosto quase esmagado contra a parede de tanto que se abria para Orion.

Devagar, ele pegou seu outro indicador e começou a brincar, até que Isla estivesse pronta para recebê-lo, mas ele não precisava mais esperar. Sua mulher estava morta de tanta excitação, por isso, enfiou-o docemente esperando a resposta do corpo dela que foi imediata.

Isla gritou, sôfrega.

Como se estivesse perto de gozar, o que lhe deu mais liberdade para continuar e se mover.

Ainda de joelho, sendo a maior plateia daquele espetáculo magnífico, Orion aumentou o ritmo levando o dedo da outra mão até o clitóris de Isla.

Após alguns minutos, ela mesma se encolheu.

— Assim vou gozar — anunciou mesmo contrariando a si mesma. — Quero você dentro de mim agora.

Isla empurrou Orion levemente, fazendo-o se sentar no chão, e subiu em cima dele.

Acomodando aquele pau delicioso em sua entrada, ela desceu o quadril lentamente, torturando-o, e quando foi toda preenchida, soltou um gemido de satisfação.

— Que saudade eu estava sentindo — falou de olhos fechados e sorriso aberto no rosto.

— Não mais que eu — retrucou ele, segurando-a pelo quadril com força.

Ela começou a mover o quadril para frente e para trás, sendo conduzida por ele.

— Gostosa — enalteceu Orion.

Ficaram por mais alguns minutos curtindo um ao outro e se beijando com amor debaixo da água quente enquanto Isla se movia vagarosamente.

— Eu te amo — disse ele, levando as duas mãos para o rosto dela e segurando-a —, mas agora preciso te foder.

Orion se levantou e pegou Isla em seu colo, apoiando as costas da moça na parede, mas sem muita delicadeza daquela vez. Começou a dominar o sexo e estocar forte, do seu jeito. Precisava extravasar o tesão reprimido e mesmo que gostasse de todas as formas de fazer sexo com sua mulher... Naquele instante, tinha que ser do seu jeito.

Empurrava-a contra a parede, gemendo grosso a cada vez que chegava até o fim. Enquanto a segurava pela bunda, aproveitava para brincar com o segundo buraco de Isla e levando-a à loucura dentro daquele boxe.

— Ai, ai — repetia ela, fechando os olhos e se segurando em volta de seu pescoço com força para não escorregar. — Que delícia, Orion.

As palavras saíam de sua boca e enchiam seu peito de amor e seu pau de cobiça, incentivando a não parar.

— Gosta disso? — quis saber ele, retoricamente, enfiando o dedo no segundo buraco dela. — Safada gostosa.

— Gosto — derreteu-se em paixão. — Não para.

— Vou comer seu cuzinho, você vai até desmaiar de tanto *dar*. É isso que você quer?

— Sim, sim, é isso.

— Então é isso que terá — finalizou, estocando com mais força. — Nunca vou me cansar de te comer, minha criadinha.

Aquele apelido pejorativo havia se tornado algo fantasioso para o casal e sempre que Orion tinha oportunidade o usava para provocar sua mulher.

No mesmo instante em que terminou de falar, ele acertou um tapa na bunda dela e outro com mais força logo em seguida.

Isla não parava de gemer e Orion sabia que ela estava próxima do êxtase.

Retirou ela de seu colo e a virou de costas, dedilhando a boceta de sua mulher, enfiando o pau logo em seguida, sem perder tempo.

Isla arqueou o corpo para frente o máximo que pôde, apoiando as mãos na parede, dando àquela visão maravilhosa a ele de seu pau entrando e saindo, todo melado.

Segurou bem firme no quadril de Isla, socando e deixando-a toda vermelha com a selvageria, mas quem estava comandando era seu instinto animalesco e saudosista.

— Goza comigo — pediu ele. — Vamos, goza gostoso no meu pau e deixa ele mais meladinho que já está, sua puta gostosa.

— Orion! — gritou gemendo, no mesmo instante em que sentiu as contrações em seu pau.

— Ai, delícia.

Ele não precisou mais se segurar, libertou o monstro que estava enjaulado e gritou rouco e sôfrego, depositando sua porra inteira dentro de Isla.

— Nossa — disse ela, abraçando-a. — Que recepção magnífica. De volta ao mundo do sexo — brincou, beijando Orion.

— Poderia ter mais mil rodadas como essa que eu jamais me cansaria.

— Eu sei disso.

— Culpa sua por ser tão gostosa, inteligente e com um jeito único que me dobra inteiro, deixando-me ajoelhado e se for chupando sua boceta, melhor ainda.

— Sou tudo isso mesmo — caçoou, passando sabão em seu corpo e começando a ensaboá-lo —, mas você não fica muito para trás. Olha isso — disse, demorando-se nos gominhos em sua barriga.

Orion sorriu jogando os cabelos molhados e deu uma piscadela letal a Isla que se derreteu toda.

— Assim é golpe baixo.

Ela continuou a ensaboá-lo inteiro, devagar e se demorando em locais sensíveis propositalmente. Seu corpo reagiu no mesmo momento em que seu pau começou a ganhar vida de novo.

— Está vendo? Não posso nem ajudar meu marido a tomar um banho inocente que ele já logo pensa em sexo apontando essa delícia enorme para o teto.

Orion a pegou pela bunda e disse:

— Nada em você é inocente.

— Essa sua voz grossa me deixa toda molhada, sabia disso? Desde a primeira vez que ouvi-la eu senti minha boceta latejar. Mas agora — ponderou Isla ajoelhando-se —, é minha vez de vê-lo sofrer. Vou te chupar até não restar mais uma gota de porra.

EPÍLOGO

DOIS ANOS DEPOIS...

— Meu amor — falou Isla, entrando no banheiro enquanto o marido tomava banho.

Mesmo após todo aquele tempo, a chama do desejo que se acendeu desde que se conheceram continuava bem acesa, a julgar pela rodada de sexo que haviam acabado de fazer.

Infelizmente, Isla ainda não tinha conseguido ter mais filhos, e mesmo que quisessem muito, deixaram a encargo do destino essa decisão. Até porque a pequena Eva conseguia suprir bem esse desejo, pois como era de se presumir, a menininha era levada e acima da média para sua idade.

Andou quase dois meses antes de completar um ano, desfraldou logo após o primeiro aniversário e falava mais que uma vitrola descontrolada.

Cada dia ela e o marido se surpreendiam com as peripécias da filha, fazendo cabelos brancos aparecerem na cabeça dele com certa antecedência, provavelmente prevendo o que estava por vir.

— Já está querendo outra rodada? — caçoou ele, passando a mão no tanquinho, propositalmente.

Isla ficou alguns segundos enfeitiçada pelo corpo maravilhoso de seu homem, mas logo caiu em si e se lembrou do motivo de ter ido até lá.

— Taurus ligou, ele chega em uma hora — informou, mudando o foco. — Pode parar de fazer isso? — inquiriu, observando o pau dele ganhar vida.

— Por quê? Não consegue resistir?

— Sabe que não — foi sincera, fechando os olhos. — Eva já deve ter acordado.

— Minha vida, se nossa pequena arteira já estivesse acordada, estaria...

— Mamãe! — ouviram um gritinho vindo do quarto. — Papai!

— Aqui... — Orion terminou a sentença, rindo. — Vá e feche a porta, já me junto a vocês.

Isla saiu do banheiro, rindo, atravessou o closet e chegou ao seu quarto, onde encontrou Eva esparramada na cama deles junto com sua *naninha*, uma mantinha de elefante com qual dormia desde bebezinha.

— Bom dia, meu amorzinho.

— Dia, mamãe — respondeu ela dorminhoca. — Por que o papai toma banho tão cedo?

— Porque ele precisa ir trabalhar — respondeu, sorrindo e se deitando ao lado dela.

— Não *quelo tabaiá* — anunciou Eva.

— Você ainda é criança — declarou, colocando a cabeça da sua pequena em seu braço —, mas quando crescer terá que encontrar algo de que goste de fazer.

— Gosto de *bincá*, comer e *entá* na *pixina*.

— Ai, meu amor — retrucou, rindo mais alto. — Quando for mais velha você pensa nisso. Que tal assim? Hoje o titio Taurus chega.

— Oba! — comemorou Eva. — *Adolo* o tio *Taulo*.

— Taurus, meu bem.

— Foi o que eu disse, mamãe — articulou ela, convencida. — *Taulo*.

— Quem caiu da cama? — quis saber Orion entrando no quarto com os cabelos molhados e usando apenas uma calça jeans. Uma visão dos céus, certamente.

— Quem caiu da cama? — repetiu Eva, preocupada. — Foi você, mamãe?

— É modo de expressão, minha princesa — explicou Orion, deitando-se ao lado das duas. — Está animada com a chegada do titio?

— Sim — respondeu com um gritinho. — As *madinhas* também vão *vim*, né, mamãe?

Eva era muito ligada em suas tias postiças, tanto que as havia apelidado carinhosamente de Leninha e Ana.

A última visita de seu cunhado foi há dois anos e, como havia previsto, ele tinha feito uma confusão na cabeça de ambas, porque Taurus era o maior galanteador que Isla já havia conhecido.

Ele não tinha jeito. Era um conquistador nato e não se contentava apenas com uma, então se lembrava com clareza do tumulto que ele havia deixado para trás.

Inclusive, surpreendentemente, Helena já o conhecia de um trabalho que fez na Europa e havia lhe confessado que eles tinham se desentendido na época, por isso ela ficou tão chocada com a coincidência de encontrá-lo ali.

Ainda assim, foi uma confusão e Isla esperava que o estrago, daquela vez, fosse menor.

— Acho que eles namoram — completou Eva, audaz.

— O quê? — respondeu Orion, assustado com as coisas que Eva dizia. — Isso não é para sua idade, são todos amigos.

— Mamãe, amigos beijam na boca? — perguntou, inocente.

Isla deu risada com os olhos arregalados, mas seu marido não achou a mesma graça.

— Eu ouvi as *madinhas* dizendo que o tio *Taulo* beijou as duas — dedurou sem pudor, meio inconformada mostrando os dois indicadores.

— Acho melhor ele se hospedar em um hotel — ponderou Orion, ainda mais sério.

— Nada disso — falou Isla, levantando-se e mudando o foco. — Vamos tomar um banho, minha princesa? Ele já deve estar para chegar.

— Sim, sim — respondeu ficando em pé na cama e pulando. — *Quelo colocá* aquele vestidinho rosa e verde. Pode, mamãe?

— Vamos ver — respondeu, ao sair do quarto do casal e ir em direção ao da pequena.

Após todos tomarem banho, desceram e foram tomar café da manhã em família.

— Bom dia, Luar da vovó — falou Linda, abrindo os braços e encaixando Eva.

— Titio *Taulo num* chegou ainda?

— Não, mas a vovó está aqui, não serve?

— Não — respondeu a pequena com sinceridade.

Eva tinha puxado a franqueza de Orion. A menina não mentia e respondia o que vinha à sua pequena cabeça fértil, sem filtro ou remorso.

— Magoei — falou Linda, fingindo tristeza.

— Papai, dá um beijinho na sua mamãe *pá* ela *ficá* feliz de novo.

— Mas eu quero o seu beijinho — anunciou com ela ainda no colo.

— Vovó, você *num* pode *foçá* alguém te *dá amô* — disse Eva, dando lição de moral.

— Essa menina é inacreditável — falou ele, colocando uma panqueca no pratinho dela.

— Você tem razão, meu amor — concordou Linda, achando graça. — Você é uma menininha muito inteligente.

— Sei disso, vovó, puxei minha mamãe, meu papai e a senhora também.

Todos se derreteram e Eva ganhou um mega-abraço da vovó coruja.

— Minha preciosidade — falou Isla encarando sua prole, orgulhosa.

Tomaram café da manhã entre risos e brincadeiras e desde a chegada da pequena Eva os dias eram daquela forma dentro do grande casarão, que antes era cinza e sem vida.

Ela trouxe alegria e autenticidade a cada um deles e transformou a rotina da família para melhor, pois nada como uma pequena menina arteira e inteligente para fazer seus dias únicos e divertidos.

Orion ainda era o mesmo homem quando o assunto era seus negócios. Continuava imponente e firme em suas decisões, mas assim que saía daquele escritório transformava-se em um homem de família amoroso e atencioso.

Nunca mais haviam atentado contra sua vida, o que não era de se surpreender, visto que era o maldito do Calisto quem estava por trás de tudo, então, no âmbito profissional, Orion estava mais relaxado e tudo fluía com mais leveza.

Linda, por sua vez, continuava preferindo ficar de fora de seus assuntos, ainda mais depois de ter reatado o namoro com Geraldo. Eles ficavam muito bem juntos e pareciam imensamente felizes.

E por falar nisso, para surpresa de todos, Orion não achou demonizou aquele relacionamento, e mesmo o homem mais velho não tendo nenhum envolvimento com o Condão, ele repetia que o padrasto e Nicolas eram seus dois homens de confiança.

Isla estava cada vez mais interessada e visivelmente havia herdado a qualidade de Luiz, pois estava se saindo muito bem com computadores.

Todos os dias dedicava algumas horas para aprender e se aperfeiçoar no assunto. Dizia que, dessa forma, além de sentir uma conexão com o pai, sentia-se útil ajudando a desenvolver novos sistemas.

— Bom dia — disse Nicolas entrando no cômodo.

— Bom dia — responderam todos em coro.

— Venha tomar café conosco, filho — convidou Linda.

— Obrigado, senhora, mas já tomei — retrucou com um sorriso —, vim avisar que o Taurus chegou.

— Eba! — gritou Eva, saindo correndo.

Todos se levantaram e quando chegaram ao hall, a pequena já estava grudada no pescoço do padrinho.

— Calma, meu amor, deixa o titio respirar — sugeriu Isla, adorando ver a troca de amor entre aqueles dois.

— Eu é que não vou soltar mais essa princesa — respondeu Taurus, esmagando Eva. — Ela vai me implorar para que a deixe em paz.

— Estava com *sodade*, titio.

Todos riram pela forma infantil que a pequena pronunciou a palavra.

— Eu também estava com *sodade* de você — repetiu o irmão de Orion, rindo.

— Eu amo as duas *madinhas*, mas num *quelo* elas hoje não — disse Eva, ciumenta. — Hoje o titio é todo meu.

— Que é isso, gente? — indignou-se Orion, fazendo todos rirem.

Após beijos e abraços saudosos, a família se sentou para colocar a conversa em dia, mesmo sabendo que o caçula passaria um tempo no Brasil.

Uma hora depois, enquanto todos se arrumavam para o jantar, Orion estava no sofá da sala junto com Nicolas.

— Eu nunca te agradei pelo que fez — começou Orion.

— Não há motivo para isso.

— Claro que há — retrucou, sorrindo suavemente. — Se não fossem seus alertas, jamais teríamos pegado Calisto.

— Foi um trabalho em conjunto — disse o rapaz, dando de ombros.

Orion bateu em seu ombro duas vezes em reconhecimento a lealdade do jovem.

— Não foi — assumiu ele. — Estava passando por um momento difícil e você foi essencial para que tudo terminasse bem, então, obrigado.

Nicolas o encarou seriamente.

— Você me tirou de um destino filho da puta. Se tem alguém aqui que deve gratidão eterna, essa pessoa sou eu — falou o rapaz, ciente de que quando Orion o levou para o Condão, ele estava perdido em drogas e só conseguiu se *limpar* por insistência do amigo.

— Estamos quites então — descontraiu Orion e ambos ficaram alguns segundos calados, cada um com sua consciência e lembranças do passado.

— Calisto jamais teria descoberto que Geraldo é, na teoria, o dono do Condão — disse Nicolas do nada, rindo.

— As famosas cartas na manga... — declarou o chefe, rindo e observando o pessoal todo descer a escada, praticamente juntos. — Vamos almoçar.

— Então, quais seus planos? — quis saber Orion, sentando-se à mesa ao lado de Isla, enquanto a babá olhava Eva brincar no parquinho que tinha construído no jardim.

Taurus se colocara ao lado da mãe, e Nicolas, que já era da família, completou a mesa do almoço se sentando ao lado do seu irmão.

— Ainda não sei — disse o caçula, parecendo em dúvida, antes de colocar um pouco da macarronada no prato. — Vou resolvendo à medida em que as coisas forem acontecendo. Mas me contem de vocês... Quais as novidades?

— Nada de novo — respondeu Isla, colocando a mão na perna de seu marido. — Ah, mas nós vimos seu comercial aqui no Brasil — revelou ela, animada.

— Mesmo? Não sabia que passaria aqui — respondeu Taurus, tranquilamente.

— Gratidão — falou Linda, juntando as mãos em oração. — Meus filhos estão felizes e encaminhados. Olha que família linda nós temos — concluiu, emotiva. — Falta apenas meu leãozinho.

Os dois irmãos fizeram cara de nojo enquanto o restante da mesa ria.

— Encaminhados? — falou Orion, após alguns segundos. — Por que não perturba seu filhinho para arrumar uma mulher e se casar, assim como fazia comigo? — provocou.

— Porque ela conhece os filhos que tem — retrucou Taurus mais que depressa.

— Nada disso — intrometeu-se sua mãe. — Existe o momento certo para tudo na vida e, acredite, a hora dele chegará — completou, piscando um olho.

Isla gargalhou junto com Nicolas. Orion também riu, porém, mais contido.

— Não entendi a risada — falou o rapaz.

— Sua mãe é uma bruxa — explicou Isla. — Se ela fala que...

— Deixa — interrompeu Orion —, ele descobrirá sozinho.

Linda sorria com inocência, como se não entendesse o que falavam, mas Orion sabia que sua mãe era um lobinho na pele de um cordeiro doce e gentil.

Sabia, por experiência própria, que, mais cedo ou mais tarde, Taurus passaria por um processo de amadurecimento antes de seu final feliz chegar.

Se ele conseguiu descobrir o amor dentro de si, o irmão também descobriria, mesmo que se esquivasse durante o caminho, já que era um vagabundo assumido.

E algo lhe dizia que Joana e Helena fariam parte daquela trajetória.

— E as dindinhas? — inquiriu Orion, irônico, para quem quisesse responder.

Nicolas fechou a cara na mesma hora e o clima ficou um pouco tenso.

Os lábios do mafioso formaram uma linha fina na tentativa de evitar rir de seu braço direito. O amigo estava de quatro por uma das amigas de sua esposa, mas preferia morrer a assumir.

— Que tal comermos a sobremesa? — sugeriu Isla para desanuviar o clima. — Teodora caprichou.

— Ótima ideia — falou Linda, sorrindo. — Deus é maravilhoso e nenhuma folha cai sem o consentimento dele — falou, enigmática, encarando Nicolas e o filho mais novo.

Daquela vez, Orion não conseguiu se aguentar e caiu na gargalhada.

— O quê? — indagou após receber um olhar reprovador de Isla. — Pimenta no cu dos outros é refresco. Já passei por minha cota de sofrimento e finalmente encontrei minha luz — finalizou, dando um beijo na boca da esposa.

Ele não se cansava de ver o reflexo de seu amor emanando daquela mulher maravilhosa. Sabia que era mútuo e jamais se arrependeria de ter baixado a guarda e seguido aquele caminho.

Descobriu que era, sim, capaz de amar, Isla e Eva lhe provaram isso e não tinha nada que desejasse mais em sua vida do que a felicidade eterna ao lado de suas duas meninas.

— Eu te amo, minha criada insolente — sussurrou no ouvido de Isla.

— Suspeitei disso desde o primeiro momento em que colocou os olhos em mim — envaideceu-se Isla, sorrindo travessa. — Assim

como eu te amo há mais tempo que posso assumir em voz alta.



XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX



XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Por favor, se possível, deixe uma
avaliação escrita na Amazon, é muito
importante saber sua opinião e só
levará dois minutos.

Quem fizer e enviar um print para o
meu e-mail (lalacavinato@hotmail.com),
junto com o endereço completo,
receberá o marcador do livro em casa.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX



XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

lala
CAVINATO

OUTRAS OBRAS

O LEGADO DE TIZIANO

(MÁFIA COMPAGNI – LIVRO 1)

Copyright 2021



Como filho mais velho e sucessor do título de seu pai, Tiziano Pellegrini foi doutrinado desde menino para chefiar a Compagni, maior máfia da Itália, com mãos de ferro.

Quando esse momento chegou, ele criou suas próprias regras e ficou conhecido em todo o submundo, não apenas por alavancar os negócios, mas também por ser implacável.

Agnes Sforza era uma moça religiosa e sonhadora, sedenta por viver uma história de amor igual as dos livros que tanto amava ler. Infelizmente, as coisas não aconteceram como sonhou e ela teve que remodelar seu futuro de acordo com suas possibilidades.

Por um acaso do destino, a doce jovem conheceu o pecado em forma de gente, mas será que Agnes deixaria para trás todas as suas convicções para entrar em um universo contrário a tudo o que ela acreditava?

– DISPONÍVEL NA AMAZON –

A CONQUISTA DE LEONELLO

(MÁFIA COMPAGNI – LIVRO 2)

Copyright 2021



A vida de Leonello Pellegrini nunca foi fácil e, como o mais novo chefe da Compagni, foi obrigado a superar grandes desafios, tanto dentro da organização, quanto dentro de si, mas uma coisa não mudou: era um homem bruto e totalmente avesso à relacionamentos.

Mesmo após conhecer uma linda e espontânea mulher que mexeu com sua cabeça, manteve-se convicto à ideia de permanecer longe, usando todas as suas armas para afastar emoções até então desconhecidas, mas que estavam se tornando cada vez mais frequentes.

A jovem Carmela Bruzzzone chegou à cidade decidida a usufruir de tudo o que lhe foi renegado a vida inteira, porém, no meio dessa jornada, ela encontrou-se de verdade e, mais ainda, se apaixonou como seu coração pragmático nunca imaginou ser possível.

Mas para seu azar, o homem que a conquistou era um mafioso totalmente avesso a sentimentalismos de qualquer espécie e para viver essa história, ambos teriam que superar o passado, ceder e remodelar o que imaginaram para seus futuros.

– DISPONÍVEL NA AMAZON –

O RETORNO DE SIMONA

(MÁFIA COMPAGNI – LIVRO 3)
Copyright 2021



Uma verdadeira boneca de porcelana, esta era Simona Pellegrini. Desde que nasceu, ela foi disciplinada por seus pais para se tornar uma excelente esposa, mas aos cinco anos sua realidade mudou drasticamente ao ser tirada de sua família e obrigada a abraçar uma nova vida.

Entre os estranhos que se tornaram sua referência familiar, conheceu Ruslan Burlak, herdeiro da Gor'kiy, a terrível máfia russa.

O belo mafioso era capaz de mexer com seus anseios mais íntimos, porém, antes mesmo que um relacionamento pudesse se consolidar, a história deles foi subitamente interrompida. Anos depois, eles se reencontram, ambos com muita mágoa enraizada em seus corações. Será que conseguirão dar continuidade àquilo que nunca viveram?

– DISPONÍVEL NA AMAZON –

SUPERANDO TRAIÇÕES

(BASTARDOS APAIXONADOS – LIVRO 1)
Copyright 2022



Augusto Ávila possui uma das mais importantes construtoras do país, porém, nem mesmo começar um império do zero foi suficiente para fazê-lo esquecer o passado e aplacar o principal sentimento que o movia: a vingança.

Cecília Gusmão era a detentora de todos os sentimentos ruins que existiam no coração do belo empresário e ele estava sedento para retribuir tudo que ela havia lhe feito.

Mas o que deveria ser saboroso, tornou-se amargo quando ele ficou frente a frente com ela mais uma vez.

Mágoa, indiferença, saudade e desejo, qual desses sentimentos prevalecerá?

– DISPONÍVEL NA AMAZON –

DOMINANDO A FÚRIA

(BASTARDOS APAIXONADOS – LIVRO 2)
Copyright 2022



Se havia alguém que sentia prazer em arrancar o sangue de seus inimigos, essa pessoa era Maksim Vasiliev.

Após o assassinato brutal de sua esposa e filho, ele se fechou em seu próprio mundo, se afundando cada vez mais no submundo,

Isso até Anastasia Smirnova aparecer com seu jeito espontâneo e indiscreto, virando sua vida de ponta-cabeça e o fazendo desejar que seus caminhos nunca tivessem se cruzado.

Eles deram início a uma guerra onde nenhum dos dois estava disposto a ceder.

Seria possível que aquele pesadelo virasse sonho?

– DISPONÍVEL NA AMAZON –

UMA TAÇA DE CHÁ

(Livro único)
Copyright 2021



O destino reservou a Chiara Grassi duas infelizes surpresas que fizeram sua vida mudar de um dia para outro. O amor pela cozinha e por sua família, contudo, deu-lhe forças para não se entregar à tristeza.

Esperando deixar as amarguras para trás, ela decidiu recomeçar em um novo lugar. Porém, não contava com Paolo, dono da Vinícola Castelli, e seu mais novo vizinho. Lindo e misterioso, ele mexeu com seus sentimentos mais profundos, forçando-a a reconsiderar várias decisões que havia tomado. O que ela não sabia era que Paolo também possuía feridas na alma e um grande muro em volta do coração que ele não estava disposto a derrubar.

O que será que o destino reservou para estes dois corações feridos?

– DISPONÍVEL NA AMAZON –

AMOR & OBCESSÃO

(Livro único)
Copyright 2020



Quando adolescente, Lucy Allen se apaixonou perdidamente por Hector Bullock, mas após uma grande decepção, ela deixou tudo para trás e foi em busca de seus sonhos. Hector, por sua vez, tinha inúmeras responsabilidades e não pôde se dar ao luxo de fazer o mesmo.

Muitos anos se passaram, ambos se tornaram profissionais bem-sucedidos, mas seus corações nunca esqueceram o amor de sua juventude. E isso se torna visível quando eles se reencontram.

Contudo, antes de poderem viver esse amor, precisarão contar com a ajuda da destemida Amber Carter, uma investigadora linha dura que não descansará enquanto não resolver os crimes que surgiram em sua pacata cidade.

– DISPONÍVEL NA AMAZON –

SIGA A AUTORA



[@lala.cavinato.autora](https://www.instagram.com/lala.cavinato.autora)

+ + +

[1] Máfia italiana da série *Máfia Compagne*, da mesma autora.

[2] Protagonista do segundo livro da série *Máfia Compagni*.

[3] Transtorno Obsessivo Compulsivo.

[4] Termo em francês que significa "fazer à disposição". Forma de dizer que está tudo organizado.